

Itaytera

NUMERO 27

ANO - 1983

O Exemplo Edson Queiroz

Epitácio Cruz

A sombra de teus princípios preservaremos a mística do nosso trabalho. Se a tua grandeza não se reencarnou em nós, os exemplos que deixaste servirão de lizeiro à segurança das nossas caminhadas.

Porque de sonhos e desafios juncaste nossa alma, haveremos de atingir distâncias que os teus largos propósitos descortinavam. A eterna lembrança que passou a preencher o vazio doloroso de pranteada ausência é o reflexo da importância que, para nós, significou a tua vida.

Somos testemunhas da singularidade que eras, como amigo solidário que chegava na hora, como chefe justo que se repartia equitativamente, como força de uma geração que constrói os seus próprios êxitos.

Legitimavas o homem simples sem as transbordantes ostentações que descaracterizam a naturalidade. Um coração enorme trabalhava, em ritmo intenso, dentro do teu peito por amor ao próximo, que, algumas vezes, negando-se a si próprio, não compreendeu o sentido dignificante da tua obra imperecível.

Servir à terra, injetando o sangue de iniciativas pioneiras nas veias de sua aspiração desenvolvimentista, era o primeiro mandamento do teu ideário empresarial. E sob a égide de tão empreendedora vocação, construiste um universo de atividades produtivas, reconhecidamente ponderáveis em sua dimensão econômica e social.

Desbravador de méritos inequívocos, pelo teu poder de realizar, transformaram-se em pão os milhares de empregos que semeaste, descruzando os braços de energias disponíveis que buscavam oportunidades de oferta, em diferentes níveis.

Sabemos que a seta da maledicência já tentou lançar os teus sentimentos. Em vão, porquanto, em alguns momentos, lampejou em teu espírito, como centelha de fé, a marmórea sentença que pertence à verdade dos tempos: «Em Deus tenho posto a minha confiança: não temerei o que me possa fazer o homem» (Salmos, 56-11).

As arremetidas do mal ambulante, a serviço da destruição de méritos e valores, nunca acolheram os teus brios, porque não contraíste dívidas com a dubiedade e o medo. Decência e coragem foram dádivas que te legou o berço, por transmissão de respeitável ascendência.

Da nossa parte, continuamos a sentir, orgulhosos, a tua mão estendida sobre os nossos ombros. Que ela nunca deixe de nos guiar para os rumos que a tua confiança e o teu talento nos indicaram. Temos compromissos com a tua memória.

«Se algum dia vocês forem surpreendidos pela injustiça ou pela ingratidão não deixem de crer na vida, de engrandecê-la pela decência, de construí-la pelo trabalho».

12 - abril 1925

08 - junho 1982

Edson Queiroz

INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI
CRATO • CEARÁ



AGRADECIMENTO

Tomaram possível a presente Edição de **Itaytera** as empresas, Bancos e repartições abaixo relacionadas, às quais externamos nosso agradecimento:

Banco do Brasil S/A

Banco do Nordeste do Brasil S/A

Prefeituras Municipais

Cia. Açucareira Vale do Salamanca — AÇUSA

Superintendência de Desenvolvimento do Ceará — SUDEC

Prefeitura Municipal do Crato

ITAYTERA

ÓRGÃO OFICIAL DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Nº 27

— CRATO - CEARÁ —

1983

Presidente do ICC: Prof. Plácido Cidade Nuvens

Diretor de ITAYTERA: J. Lindemberg de Aquino

Redação: Praça Juarez Távora, 950 — CEP 63.100 — CRATO (CE).

Os artigos, estudos e conceitos aqui publicados são de responsabilidade dos autores.

Aceita-se permuta com publicações congêneres.

Os originais não serão devolvidos.

DIRETORIA DO ICC

Período de Outubro de 82 a Outubro de 83

Presidente

— Plácido Cidade Nuvens

Vice Presidente

— Vago

Secretário Geral

— José Huberto Tavares de Oliveira

Secretário

— Jurandy Temóteo de Souza

Tesoureiro

— Antônio Correia Coelho

Comissão da Revista ITAYTERA

J. Lindemberg de Aquino

F. Huberto Esmeraldo Cabral

Raimundo de Oliveira Borges

José Peixoto de Alencar Cortez

Comissão de Ciências, Letras e Artes

Eloi Teles de Moraes

Eneas Fernandes Braga Vieira

Pe. Antônio Teodósio Nunes

Rôndal de Figueiredo Albuquerque

Comissão de Sindicâncias

Bernardina V. Alencar Costa

José Vanderley Landim

Jósio de Alencar Araripe

Antônio Nirson Monteiro

CADEIRAS DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

SEÇÃO DE LETRAS

- Nº 1 — PATRONO — Pe. José Antônio Maria Ibiapina
OCUPANTE: João Lindemberg de Aquino
- Nº 2 — PATRONO — Bruno de Menezes
OCUPANTE: Dr. Raimundo de Oliveira Borges
- Nº 3 — PATRONO — José Alves de Figueiredo
OCUPANTE: Pe. Nery Feitosa
- Nº 4 — PATRONO — Alexandre Arraes de Alencar
OCUPANTE: Edméia Arraes de Alencar
- Nº 5 — PATRONO — Mons. Pedro Esmeraldo da Silva
OCUPANTE: Vaga
- Nº 6 — PATRONO — Dr. Irineu Nogueira Pinheiro
OCUPANTE: Pe. Antônio Gomes de Araujo
- Nº 7 — PATRONO — Antônio Barbosa de Freitas
OCUPANTE: Vaga
- Nº 8 — PATRONO — Álvaro Bomilcar da Cunha
OCUPANTE: Dr. José Newton Alves de Souza
- Nº 9 — PATRONO — Dom Francisco de Assis Pires
OCUPANTE: Prof. Rubens Gondim Lóssio
- Nº 10 — PATRONO — Pe. Emidio Leite Cabral
OCUPANTE: Tomé Cabral dos Santos
- Nº 11 — PATRONO — Raimundo Gomes de Matos
OCUPANTE: Pedro Gomes de Matos
- Nº 12 — PATRONO — Leandro Bezerra Monteiro
OCUPANTE: Gen. Raimundo Teles Pinheiro
- Nº 13 — PATRONO — Dr. Otacilio Macedo
OCUPANTE: Dr. Cláudio Martins
- Nº 14 — PATRONO — Manoel Rodrigues Monteiro
OCUPANTE: Francisco de Souza Nascimento
- Nº 15 — PATRONO — Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona
OCUPANTE: Vaga
- Nº 16 — PATRONO — Pe. Francisco Pitta
OCUPANTE: Aécio Feitosa
- Nº 17 — PATRONO — João Brígido dos Santos
OCUPANTE: Nertan Macedo de Alcântara
- Nº 18 — PATRONO — Raimundo de Monte Arraes
OCUPANTE: Vaga
- Nº 19 — PATRONO — José Alves de Figueiredo Filho
OCUPANTE: Mozart Soriano Aderaldo
- Nº 20 — PATRONO — Senador José Martiniano de Alencar
OCUPANTE: Vaga

SEÇÃO DE CIÊNCIAS

- Nº 1 — PATRONO — Dr. Barreto Sampaio
OCUPANTE: Dr. Napoleão Tavares Neves

Mais um número de Itaytera

ITAYTERA, a vitoriosa publicação oficial do Instituto Cultural do Cariri, circula, mais uma vez, agora no seu 27º número.

Não se pode negar que o fato é sobremaneira auspicioso para as atividades culturais da região, pois enfrentando, este ano mais do que nunca, as dificuldades dos dias presentes, a nossa tradicional instituição saiu a campo, para não faltar com o compromisso de por a sua revista em circulação.

Essa tenaz resistência, essa capacidade de luta, esse espírito indomável dos que fazem a Direção da revista e o próprio ICC, deve servir de exemplo para todas as instituições congêneres.

A cega determinação de fazer circular uma revista de Cultura, no interior cearense, marca bem a expressão em toda a sua grandeza, a obstinação dos que se comprometeram a continuar a obra iniciada por J. de Figueiredo Filho, desaparecido há dez anos.

Há que salientar-se o apoio — sem o qual não seria possível a circulação da nossa revista.

Esse apoio nos veio com as colaborações do Banco do Nordeste, Banco do Brasil, SUDEC, indústrias e firmas comerciais da região, Prefeituras do sul cearense e pessoas abnegadas, que se juntaram a nós para tornar possível a circulação de mais um número de Itaytera.

ITAYTERA não é revista padronizada, obedecendo a conceitos estáticos ou determinismos habituais. Tudo nela é movimento e novidade. Há transcrições, devidamente citadas, quando os assuntos são de interesse documental para o Crato e o Cariri, ou para a historiografia cearense. Muitas dessas matérias, certamente, não são originais, mas estariam condenadas a se perder no cotidiano dos jornais que já envelhecem um dia depois da circulação...

Em ITAYTERA ficam resguardadas de desaparecer.

ITAYTERA é, antes de tudo, a demonstração de um esforço incomum, para não deixar morrer um ideal.

Ideal que vimos sustentando como uma bandeira, na larga batalha do conhecimento humano.

O DIRETOR

Instituto Cultural do Cariri: 30 ANOS

Dentre as gratas efemérides que a cidade do Crato comemora, este ano, está a do 30º aniversário do Instituto Cultural do Cariri.

Essa instituição tem prestado, ao longo de 3 decênios de vida útil e ininterrupta, os mais assinalados serviços no setor da difusão cultural, da pesquisa histórica, alicerçando um movimento cultural de vastas proporções, que dimensionou o Crato nesse setor, e o tornou conhecido em todo o território nacional.

A esta altura da história literária do Crato, há um balisamento indiscutível: antes e depois do Instituto Cultural do Cariri.

O que se fez antes e o que se fez depois.

O 18 de Outubro de 1953, certamente, é um marco histórico, assinando a data de fundação do Instituto Cultural do Cariri.

30 anos decorrem daquela data, neste ano, e os resultados obtidos foram os mais auspiciosos.

Contudo, embora, com poucos recursos — o que é geral, entre as entidades destinadas a desenvolver a cultura — o ICC muito realizou, em favor do novo dimensionamento cultural da região.

A sua revista ITAYTERA, o órgão oficial que circula entre as instituições congêneres de toda a Nação, atinge, neste ano, 27 números anuais, constituindo-se um dos mais ricos repositórios documentais da região.

O Museu do Crato, fundado pelo Instituto, continua vivo e atuante, entregue ao Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal.

O Clube dos Amigos do Folclore é uma realidade, com suas iniciativas e seu arquivo sobre o folclore regional.

A Biblioteca do ICC é uma das mais ricas da região, franqueada ao público.

Atuando, paralelamente, em outras faixas, o Instituto ajudou a fundar o Clube Literário do Crato, composto, na sua maioria, de jovens que perseguem os ideais das letras e das artes. Patrocinou 2 Seminários para o Desenvolvimento do Sul do Ceará, participou de dezenas de simpósios, conferências, debates, etc sobre o desenvolvimento da região. Editou folhetos e cartazes. Patrocinou palestras e conferências, exibições folclóricas, etc.

Os planos são muitos — ainda.

A grande carência de recursos é que não permitiu a concretização do Museu da Rapadura, Museu da Imagem e do Som e Museu de Artes Sacras.

O plano editorial tem sido limitado. Alguns livros foram editados, e poderiam ter sido em maior quantidade.

O Instituto Cultural do Cariri, todavia, sente-se plenamente realizado, ao verificar as 3 décadas de um trabalho intenso e bem direcionado.

Que os bons ventos soprem doravante, para podermos realizar muito mais!

10 ANOS sem Figueiredo Filho

Neste ano de 1983 completam-se dez anos do desaparecimento de J. de Figueiredo Filho, fundador, animador e grande incentivador do Instituto Cultural do Cariri, entidade que presidiu por quase duas décadas.

Se Irineu Pinheiro e Pe. Antonio Gomes de Araujo se destacaram na fundação do Instituto, que o primeiro presidiu de Outubro de 1953 a Maio de 1954, quando faleceu, nenhum dos dois superou a J. de Figueiredo Filho, no amor e na dedicação à instituição.

Figueiredo Filho foi o permanente sôpro de progresso e liderança, a sustentar os ideais do ICC como bandeira maior dos seus ideais.

Ninguém o superou na dedicação diária e indormida pela causa do Instituto.

Buscava ajuda por todo o país e por todo o país representava a causa dos intelectuais da região, deixando, centenas de vezes, o aconchêgo do seu lar e de sua família, ele, que tinha uma saúde, já, de si, abalada —.

Sua ânsia, seu desejo, seu incessante objetivo, era difundir o Cariri,

sua gente, sua cultura, seus costumes sociais, seu folclore, e o fez com rara maestria, na cátedra, no jornalismo, nas conferências, debates e simpósios, nos congressos de que participou, e também em livros.

A conquista da Cadeira 34 da Academia Cearense de Letras foi justo prêmio a esse incentivador de talentos — e lhe abriu as portas para nova e arrojada jornada de trabalho, em que fez aparecer o nome do Crato nos principais quadrantes da Nação.

A 29 de Agosto se farão 10 anos de sua inesquecível partida, nessa marcha incansável do tempo, que não pára, e que vai deixando cada vez mais longe a lembrança dessa figura tutelar da intelectualidade cratense.

No decorrer deste primeiro decênio sem Figueiredo Filho, o Instituto Cultural do Cariri continua, impávido, a marcha que ele encetou, sob os melhores fundamentos de sua inspiração. A tarefa continua a ser cumprida.

Isso é o prêmio maior que podemos dar à sua imprecível memória.

Candidatos do Crato:

Aspectos do Pleito de 15 de Novembro/1982

No pleito de 15 de Novembro de 1982, para a Câmara Federal, resultado final, foi eleito representante do Crato no Congresso Nacional o deputado Ossian de Alencar Araripe. Teve 64.207 votos. Foi o 9º colocado entre os 17 eleitos pela legenda do PDS. É o seu 5º mandato.

O deputado Ossian tem sido dos melhores amigos do ICC, no Congresso.

Para a Assembléia Legislativa do Estado foi eleito representante do Crato o médico Raimundo Coelho

Bezerra de Farias, com 15.545 votos.

Foi o 28º em meio a 34 que o PDS elegeu.

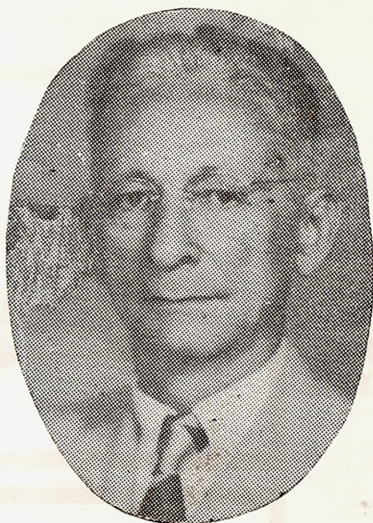
A mesma sorte não tiveram Francisco Ailton Esmeraldo, que obteve 10.411 votos, ficando na 21ª suplência do PDS; Eudoro Walter Santana, que obteve 10.443 votos, ficando na 7ª suplência do PMDB; Wilson Machado, com 12.521, que ficou na terceira suplência do PMDB e Walmir Arraes Farias, que obteve 1.069 votos, ficando na 39ª suplência do Partido.

CARIRI

De muito distante parte o imigrante. Que procura fértil solo, para ver seu futuro. Tornar-se menos intrépido às intempéries, do dia a dia que tanto o amargurou longe daqui. Porém, aquele pobre homem não mais perde a fé. Por trazer dentro de si a esperança de ver. Os verdes campos do paraíso a tanto lhe ocultado. Mas, por isso mesmo lança-se tua procura. E nas andanças ora coberta de glória, ora de derrotas. Sente a cada passo, a cada paisagem, a certeza. Transpõe vales, campos, matas, serrados e caatingas. Avistando ainda muito distante uma linha no horizonte. A marcar o céu e fazendo-o confundir-se com nuvens. Mas que permanece imóvel tal como uma rocha. Desvendando suas opulentas e majestosas elevações. Dividindo e marcando como um milagre a terra esperada. Porém, aqueles retirantes desconheciam o que os aguardava. E acamparam descansando corpos para transpor a chapada. Era como se estivessem movidos pela pura fiúza. Porque apenas tinham ouvido falar dos mistérios além fronteiras. Agora tão somente os últimos raios de sol banha a encosta. Vem a noite, o sono, o descanso e o reinício de uma jornada; que já ao raiar do sol, põe-se rumo a escalada da serra. Não chovia, nem se quer uma gota d'água, porém, sentia-se o cheiro como que exalando perfume de verdejantes matagais. A água era escassa, o alimento racionado, a esperança certa. Se confirmava no topo

plano como tábua. Dando à viva alma impressão de não montanha. E ao audaz e corajoso andarilho fez se adentrar mata a fim. Onde a surpresa seria apenas a confirmação do esperado. E lá do alto os retirantes contemplam o grande vale cuja alegria faz ecoar em todo grupo e a festejar, Sabendo que ali seria a grande morada nordestina. Um oasis em pleno deserto a ofertar vida abundante e agora a descida já não era apressada pelo desespero Mas, cheia de planos de ver florir novos jardins. Este objetivo hoje é contemplado e tornou-se realidade E qualquer um poderá vivenciar esta sensação Tal qual aquele grupo de aventureiros necessitados E admirar e contemplar a bela Cariri cheia de progresso. Onde seu povo hospitaleiro traz a marca da fé, Que nunca morreu e os farão sobreviver à todas intempéries. Por ser acima de tudo um povo cheio de esperança. A notar em cada lar um retrato do grande Mestre. Do Cristo imortal. que também imortalizou o Cariri. Tantas coisas mais se vêem na coragem destes homens. Desde seus verdejantes canaviais as grandes indústrias. Do Padre Cicero que move multidões e peregrinos Levando ao mundo a ver que vós existes Oh grande Campo Que os braços humanos te fez tão querido e cobiçado. Cariri. Cariri se um dia não mais te ver. Nunca esquecerei de ti, mesmo vindo de tão longe. Faço de ti parte do meu mundo: aquele da esperança. Que qualquer um aprenda com teu povo gentil. A mesma maneira original de torná-lo tão belo, formoso e rico.

Itaytera - Uma Revista que traduz o pensamento da CULTURA caririense.



*Desembargador Faustino de
Albuquerque e Sousa – O Homem*

O Centenário do eminente cearense,
Desembargador Faustino de
Albuquerque e Sousa (foto)
Ex - Governador do Ceará, bem
como traços de sua marcante e
fecunda existência, são abordados
na presente edição de ITAYTERA,
que rende homenagem a esse
eminente cearense, exemplo
para todas as gerações.

Muita coisa mudou na cabeça dos nordestinos.

O nordestino não mudou apenas de chapéu

Mudou de idéias

De uma estrutura social arcaica, agravada pela adversidade das condições climáticas, o homem do Nordeste abriu os olhos e a mente para uma nova realidade que se inaugurou a partir da criação de organismos dedicados à superação dos seculares problemas sócio-econômicos da Região

Antes faltavam recursos, trabalho, tecnologia e sobrava desesperança

Hoje a situação mudou, apesar de persistir, no ciclo da seca, um dos maiores obstáculos a plena realização do desenvolvimento

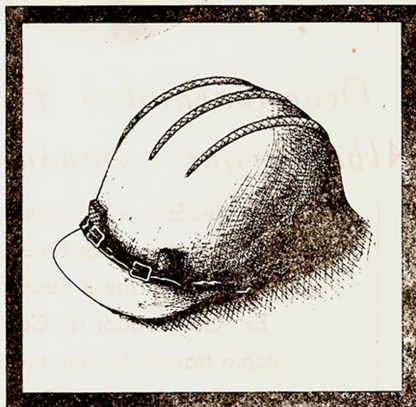
Imbuído, porém, de uma nova mentalidade que identifica na livre iniciativa um instrumento de transformação e reorganização social, o empresário nordestino sobrepõe novas tecnologias às antigas práticas administrativas para elevar o padrão regional de desempenho produtivo

Neste contexto, o Banco do Nordeste vem exercendo um dos mais importantes papéis

Financiando a agricultura, a agroindústria, a pecuária, a indústria, o comércio e a exportação; investindo em pesquisas e no desenvolvimento tecnológico, tornando possível a implantação de uma nova estrutura que atraia capitais para a Região

São realizações que já conquistaram o respeito e o reconhecimento de todos os seus conterrâneos

Que vão, nelas, um caminho seguro para a transformação pacífica da sociedade nordestina



MINISTÉRIO DO INTERIOR

bnb

BANCO DO NORDESTE DO BRASIL S.A.

© Companhia

O CRIME DE CARIÚS

(Com vista à posteridade)

Maranguape, 25 de julho de 1982
Ilustre Confrade e Amigo,
Lindemberg de Aquino
MD. Diretor de ITAYTERA.

Na qualidade de irmão de Carlos Gomes de Matos, com arrimo no direito de resposta que nos é assegurado pela Lei de Imprensa, levando na devida consideração o escrito do Dr. Néelson Carreira em 1949 sobre O CRIME DE CARIÚS e saído, no último número de ITAYTERA (1982), venho, com atenção à posteridade, solicitar acolhimento por parte desse conceituado órgão do Instituto Cultural do Cariri para o que adiante se segue.

POR QUE O DR. NÉLSON CARREIRA MANDOU MATAR CARLOS GOMES DE MATOS?

A explicação que se segue linhas abaixo não foi escrita para o caso SUB JUDICE e sim, muito antes, quando Carlos para desafrontar-se da injúria de uma bofetada que lhe vibrou no rosto o Dr. Néelson Carreira, deu-lhe um tiro.

Trata-se da primeira parte da petição de habeas corpus que, em favor de Carlos, foi impetrado ao Tribunal de Justiça do Ceará, favor que lhe foi concedido por acórdão unânime de 27 de novembro de 1939 no processo de habeas corpus nº 1146, assinado pelos Exm^{os} Srs. Desembargadores: Daniel Lopes, presidente e relator; Abner de Vasconcelos, Olívio Câmara, Faustino Albuquerque, C. Livino de Carvalho, Leite de Albuquerque e Dr. Stênio Gomes, este como Procurador Geral do Estado.

ITAYTERA

Ei-la :

"Os advogados abaixo assinados, com apoio na Constituição Federal, veem impetrar uma ordem de habeas Corpus preventivo em favor de Carlos Gomes de Matos, brasileiro, casado, farmacêutico, residente na cidade do Crato, neste Estado, onde é sócio solidário da Farmácia "Santa Terezinha", que se acha na iminência de sofrer constrangimento ilegal sendo os seguintes os fundamentos do pedido :

O paciente, mudando-se de Assaré para o Crato, donde é natural, o ano passado, onde se associou com a sua prima, a farmacêutica Dra. Adélia Peixoto, encontrou os doze médicos ali residentes, quase todos nascidos no Crato, de relações rompidas com o Dr. Néelson de Queiroz Carreira, médico chegado à mesma cidade há cerca de três anos, procedente da Paraíba, sua terra natal. Os médicos ali residentes são: Dr. Irineu Nogueira Pinheiro, Dr. Elisio Gomes de Matos Figueiredo, Dr. Miguel Lima-verde, Dr. Décio Teles Cartaxo, Dr. Otacilio Macedo, Dr. Darival Teles Cartaxo, Dr. Siebra de Brito, Dr. Antenor Gomes de Matos, Dr. Joaquim Teles, Dr. Macário de Brito, Dr. Joaquim Pinheiro Filho e Dra. Josefina Peixoto. O Dr. Néelson, com seu espírito atrabiliário e maus modos, foi ter ao Crato por impossibilitado de morar na sua própria terra natal, onde conta inúmeros inimigos, a começar pelo seu Interventor Federal Dr. Argemiro de Figueiredo.

No Crato, incompatibilizou-se com os médicos acima citados, sendo que

aos três últimos, Dr. Macário de Brito, Dr. Joaquim Pinheiro Filho e Dra. Josefina Peixoto, chegou a agredir e ofender verbalmente, de forma grosseira e injuriosa, quanto aos seus méritos profissionais, votando-lhes verdadeiro ódio.

A Dra. Josefina Peixoto é irmã da farmacêutica Dra. Adélia Peixoto, e ambas primas legítimas do paciente. Inimigo da Dra. Josefina claro é que a inimizade do Dr. Nélson com a mesma havia de se refletir na farmacêutica Dra. Adélia, sócia do paciente.

O Dr. Nélson sem atender à sua posição, sem corresponder à instrução que recebeu numa escola superior mas obedecendo aos impulsos de seu temperamento violentíssimo, pois gozava da fama de agressor vulgar e ele próprio propalava que era um grande esbofeteador, abriu campanha contra a farmácia "Santa Terezinha", estabelecimento modelar, já pela competência profissional dos seus responsáveis, já por seu crédito nesta praça, Recife e Rio de Janeiro.

O Dr. Nélson procurava qualquer motivo que lhe permitisse agir contra o paciente e sua sócia. Mas, o paciente, moço de bons costumes sem dar importância à sua atitude, procurava manter boas relações com o mencionado facultativo não só para viver em paz, como para o próprio bem da sua farmácia.

O Dr. Nélson mandou, no dia 28 de agosto último, um seu cliente sertanejo, aviar uma receita, de sua autoria a qual foi despachada com a devida técnica farmacêutica, tendo antes recomendado ao seu cliente que procurasse de preferência, a farmácia "Santa Terezinha", isso não obstante existirem ali oito farmácias. Essa recomendação, é lógico, denota o propósito com que ele estava, de provocar um atrito com os proprietários desse estabelecimento. Isso se evidencia quanto mais, isto é, este propósito provocador, quando recomendou ao cliente que lhe fosse mostrar

o remédio e, tal acontecendo, o Dr. Nélson achou de condenar a sua manipulação, tendo declarado no seu consultório, perante várias pessoas, que o paciente errara no aviar dita receita e que o cliente não tomasse tal remédio.

Ordenou a esse que fizesse a devolução do remédio à farmácia e exigisse a devolução do preço já pago. Mas o paciente, convencido de que não errara e, como é natural, para salvaguardar seu conceito pessoal, bem como o do seu estabelecimento comercial, animado da melhor intenção, convidou o referido cliente para o acompanhar à presença do Dr. Nélson.

Em lá chegando, no seu consultório, o paciente com boas formas, na presença do Monsenhor Vicente Sóter, Vigário Geral do Crato e na de Dona Maria Anunciada Marques, Enfermeira do Dr. Nélson, o paciente repete-se, pediu ao mesmo se dignasse de explicar-lhe em que consistia o erro da manipulação do remédio, ao mesmo tempo que lhe exibia a respectiva receita. Respondeu o Dr. Nélson não ter feito absolutamente tal declaração ao seu cliente, acrescentando nunca ter dito que a receita havia sido despachada errada. A essa declaração, negando aquilo que de fato afirmara doze minutos antes, levemente, o cliente que não quis passar por mentiroso revelando certa indignação confirmou, em termos claros que efetivamente, o Dr. Nélson lhe afirmara que a receita fora despachada errada, que não tomasse o remédio, que o devolvesse à farmácia e recebesse seu dinheiro.

O Dr. Nélson, então tartamudeou uma desculpa incabível, em face da qual o paciente lhe ponderou, mas com bons modos, que não lhe ficava bem ele prosseguir, como vinha fazendo, na campanha de desmoralização da farmácia "Santa Terezinha", quando ele próprio, Dr. Nélson, tinha a certeza de que a mesma não era capaz de cometer o erro de ele lhe atribuir.

O Dr. Nélson, num tom de peculiar arrogância, que toca as raías da agressividade, respondeu que, daquele momento em diante ia se constituir um fiscal severo da farmácia "Santa Terezinha" e que farmacêutico com ele, agora, andaria de chôto.

O paciente retrucou: "Nesse caso, eu também tenho competência legal para ser fiscal da atividade médica que o senhor exercer entre nós".

O Dr. Nélson adiantou que ninguém lhe apontaria um erro sequer e desafiava o paciente para que o fizesse. Este, então, disse que vários eram os seus erros, já conhecidos pela numerosa classe médica do Crato, que já os comentava sem reserva, a ponto desses comentários serem do domínio público.

O Dr. Nélson insistiu: "Cite um erro".

O Paciente respondeu: "O Dr. aplicou na minha prima Maria Gomes de Matos uma injeção 914 contraindicada por diversos médicos daqui e pelo Dr. Leão Sampaio, de Barbalha, o resultado foi a morte da mesma, quase repentinamente, dentro de uma hora".

A essa declaração, o Dr. Nélson, que é homem alto, forte, robusto e moço, pesando 89 quilos, vibrou violenta bofetada no rosto do paciente, jovem franzinho, que caiu por cima de Monsenhor Vicente Sóter, ali sentado, e incontinenti sacou do revólver e pôs-se em posição de atirador, como estivesse correndo perigo de vida.

A cena ocorrida no seu próprio consultório, bem como os antecedentes narrados foram assistidos pelo mencionado sacerdote, pela enfermeira citada e pelo cliente referido. O Dr. Nélson, abusando do seu prestígio junto às autoridades, chegou ter a audácia de impor às mesmas a retirada definitiva do paciente do Crato e, desde aquele momento, como é público e notório naquela cidade, as portas de sua casa de residência e do consultório foram guardadas por

soldados de polícia. E começou a andar usando dois revólveres e sempre acompanhado por quatro capangas, expondo-se, assim, ao maior ridículo possível.

Simultaneamente outros capangas vigiavam o paciente. Esses fatos produziram tristíssima impressão no seio da sociedade cratense, que há muito não via o tipo do bandoleiro de paletó e gravata.

O paciente guardou consigo, dentro do seu pundonor, da sua vergonha, a dor da injúria sofrida, sem jamais ter dito qualquer palavra sobre a mesma, a quem quer que fosse, não obstante sua enorme repercussão, pois a notícia do fato foi até publicada por diversos jornais, inclusive "O Povo", de 4 de setembro (documento nº 2), cujo correspondente telegráfico ali, era o advogado Dr. Antônio de Alencar Araripe. Passaram-se os dias e eis que, na tarde de 1 de outubro último, domingo, pelas dezesscis e meia horas, o paciente subia a rua do Comércio, no Crato, quando se defrontou inopinadamente com o seu agressor e ofensor, na calçada do Cinema Moderno, donde o mesmo ia saindo, e aí nesse local, numa bem compreendida descarga psicológica, numa revivescência da tremenda injúria sofrida, num transporte psíquico ao momento inesquecível da bofetada, ou — como diz Freud — numa explosão do recalçamento, sacou de um revólver, o qual passou a usar, mais para se defender dos capangas do que mesmo visando ao Dr. Nélson, e desfechou-lhe três tiros, o último dos quais o atingiu na região torácica.

Embora estivesse completa a carga da arma, o paciente dominando o seu próprio ímpeto resultado de súbita reflexão, e atendendo a que o Dr. Nélson não se defendera, apesar de armado, suspendeu a ação, porque de livre e espontânea vontade quis suspendê-la, pois para isso não houve intervenção alguma.

Nem sequer foram vistos os tais

USINA BEZERRA

Irmãos Bezerra de Menezes S.A.

Comércio e Indústria

Compra e Beneficiamento de Algodão

END. TELEG.: BEMENEZES

Telefones: 521-2722 • 521-2843

28 ANOS

a serviço da comercialização
algodoeira no Cariri!

Avenida Teodorico Teles, 502

CRATO -:- CEARÁ

Por que o Dr. Nelson Carreira foi levado, por duas vezes, á barra do Tribunal de Justiça do Ceará

A ÍNTEGRA DO DESPACHO DE PRONÚNCIA

“Vistos, etc. Nélson de Queiroz Carreira, Osório Olimpio de Queiroga, Celso Holanda Montenegro, Antônio Júlio de Araújo, vulgo Antônio Freire e Ursulino Alves Tranculino, também conhecido por Vicente Maia, foram denunciados como incurso no art. 121, § 2º, alíneas I e IV combinado aos arts. 45, alíneas 1ª e 25 do Código Penal da República.

Diz a denúncia que no dia vinte e nove de dezembro do ano passado pelas dezenove horas, na rua do

capangas, pois ao que consta no Crato, fugiram ao primeiro estampido.” (In “O Crime de Cariús” (Razões de Apelação) de autoria do Dr. Gomes de Matos, pags. 10, 11, 12 e 13 — 1944). Publicação sob a responsabilidade de Pedro Gomes de Matos, residente e domiciliado na cidade de Maranguape - Ce.

ITAYTERA

Comércio, da Vila de Cariús, distrito deste termo, Ursulino Alves Tranculino assassinou a tiros de revólver o farmacêutico CARLOS GOMES DE MATOS, no momento em que o mesmo conversava despreocupadamente, com o empregado da R. V. C. — Sebastião Camilo.

Preso aludido denunciado, confessou sem demora e pormenorizadamente haver praticado o delito e que o cometera a fim de perceber quatro mil cruzeiros (Cr\$ 4.000,00), oferecidos por Celso Holanda Montenegro e a mandado do Dr. Nélson de Queiroz Carreira, inimigo figadal da vítima. Celso solicitara do proprietário de caminhões, de nome Antônio Freire, um homem capaz de executar o homicídio e este o conseguiu por intermédio de seu amigo tenente Osório Queiroga,

Os acusados foram interrogados a

fls. 122 a 140 e após os seus defensores e advogados apresentarem as defesas prévias, de fls. 144 a 155.

Ouviram-se as testemunhas da acusação, em número de sete, a fls. 162 a 210v., sendo que as da defesa inquiridas seis neste juízo e as demais, em outros termos deste e do Estado da Paraíba.

O Ministério Público em longa e fundamentada promoção opina pela pronúncia dos cinco denunciados, exceção de Tranculino, que afirmou efetivamente haver cometido o crime, os outros acusados negam a sua interferência, por qualquer modo, no delito, e em consequência, pedem sua impronúncia o que tudo visto e examinado: A materialidade do delito está plenamente provada pelo exame de necrópsia que se vê às fls. 21-22, exame que não sofreu a menor impugnação por parte dos denunciados e portanto, válido para todos os efeitos.

Quanto à autoria material do crime também o está pela confissão espontânea e repetida de Ursulino. E respectivamente a co-autoria moral, a prova produzida, quer no inquérito policial, quer na instrução criminal, convence plenamente caber aos outros indiciados.

A confissão detalhada de Tranculino e de Antônio Freire, feita perante a autoridade policial, tem todo o valor jurídico. O inquérito policial é uma deslocação de atribuições judiciárias que são conferidas à autoridade policial, pela necessidade de aproveitar as provas mais seguras e urgentes do crime. (João Monteiro, Conf. Jurid. Policial, An. Vol. I, n. 145).

Desde que a confissão seja livre e coincida, como na hipótese com outras provas, mesmo indiciárias fornecidas pelo sumário, tal confissão é válida, tem todo valor probante, ainda que seja feita perante a autoridade policial. (Acórdão do Supremo Tribunal Federal, de 1º de setembro de 1916).

Eduardo Espíndola em seu magnífico Código de Processo Penal, comentando e estudando o valor, que ao inquérito policial se deve reconhecer, na aferição da prova, doutrina: "Embora seja o inquérito policial militar ou administrativo, — uma peça destinada, precipuamente, a instruir a denúncia ou a queixa, o juiz não o despreza na apreciação da prova, ao proferir a sentença. É de considerar que a circunscrição de reconhecer-se valor probante à confissão do réu não apenas quando dada em juízo, mas desde que prestada perante autoridade competente, importava na proclamação em Lei, de que o inquérito também contribui diretamente para o conjunto da prova, levada em conta na ocasião do julgamento. Firmou-se, pois a direção da jurisprudência no sentido de atender ao inquérito, no conjunto por seus elementos, e mesmo aos depoimentos que nele se tomaram, desde que não encontraram a oposição de prova formada em juízo, inutilizando-os. *Obra citada: Vol. 1º pags. 232-233.*

Declarou Ursulino Tranculino à autoridade policial: — "Que é agregado do tenente Osório Queiroga, residente na cidade de Pilar, no Estado da Paraíba, que alguns meses atrás, o declarante se encontrava trabalhando em uma rodagem, nas proximidades de Pombal, quando ali chegou um caminhão, no qual viajavam Antônio Freire, proprietário do mesmo caminhão, tenente Osório Queiroga e outros passageiros e o veículo parando perto do declarante dele desceram o tenente Osório Queiroga e Antônio Freire, sendo que o tenente Osório aproximou-se do declarante e perguntou-lhe se ia bem de serviço ao que o declarante disse que não; que nesta ocasião dissera ao declarante que ali tinha uma pessoa que queria fazer um serviço e se o declarante queria fazer, pois seria bem pago; que dias depois, Antônio Freire, quando de regresso de Campinas,

procurou o declarante e o conduziu até esta cidade (fl. 14); que o declarante conforme as instruções recebidas no dia em que fora convidado, pelo tenente Osório Queiroga, para a execução do crime de Cariús, de que trata este inquérito, quando chegou nesta cidade, no momento em que o caminhão descarregava uma certa parte da carga de batatas inglesas, laranjas e outras mercadorias, Antônio Freire, apresentou-lhe a Celso Holanda Montenegro, na esquina do comércio desta cidade". (fl. 15).

E mais adiante: "Que, no momento que Celso Holanda Montenegro disse ao declarante como havia de manter-se para a perfeita execução do crime, disse mais que para despistar, procurasse ficar trabalhando no caminhão da rodovia". (fl. 15v).

Por seu turno argumentou Antônio Freire na polícia: "Que em dias do ano passado, Celso Holanda Montenegro indo à cidade de Campinas, na Paraíba, solicitou do declarante assassinar, na Vila de Cariús, o farmacêutico Carlos Gomes de Matos, adiantando ao declarante os seguintes detalhes: — "Trata-se de um cidadão inimigo do meu amigo Dr. Nélson Carreira, a quem devo impagáveis favores, o qual me exigiu executar esse assassinato, mas como eu não disponho de elementos, apelo para você"; que o declarante alegou a Celso Holanda Montenegro não se prestar para esse papel, tendo Celso insistido, a ponto do declarante, na qualidade de amigo do mesmo fornecer-lhe um homem capaz de executar o crime". (fls. 23v).

E nesse tom continua a falar Freire, de onde vamos destacar somente a parte em frente: Que o declarante não dispondo de elemento capaz de satisfazer as exigências do Dr. Nélson, viajando com o amigo dele, declarante, tenente Osório Queiroga, mesmo em viagem o cientificou do compromisso assumido por ele com o Dr.

Nélson e passando por um grupo de homens que trabalhava na mesma rodagem, chamou dentre eles um caboclo forte, com quem teve uma conferência particular e voltando depois para o carro, disse ao declarante, apontando para o caboclo, ser aquele o designado para a empresa de que falava o declarante". (fls. 26-26v).

Por ocasião do seu interrogatório em juízo, Tranculino manteve as suas declarações feitas à autoridade policial, exceto a parte em que apontou também os denunciados Nélson e Queiroga, como ligados ao crime. Ora, afirmar ou sustentar a participação de Celso e Antônio Freire, implicitamente ou indiretamente o está fazendo por igual a Nélson e a Queiroga.

A retratação de Antônio Freire, em coisa alguma altera a fé das suas declarações anteriores, ID EST as feitas na polícia, eis que não esclareceu a veracidade do motivo sobre que se baseara como recomendam os tratadistas. Não justificou de maneira a fazer crença porque razão houvera feito as primeiras declarações. Em face da lei, da jurisprudência, impõe-se a prova do inquérito policial, em virtude de estar em harmonia com a prova colhida na instrução criminal.

As testemunhas ouvidas no sumário, com exceção da primeira e da última, ratificaram integralmente os seus depoimentos na Delegacia. As duas exceções justificam-se pelo fato de primeiro ser guiador do caminhão de Freire e o outro por ser um paupérrimo "carregador" ou "chapeado", como se diz vulgarmente, não dispondo de independência para narrar a verdade.

Nos autos, na parte da instrução criminal, se encontra isto: 2ª testemunha: — "Que ouviu dizer estarem implicados no presente crime os denunciados Dr. Nélson de Queiroz Carreira, Antônio Freire, Celso Holanda Montenegro e tenente Osório Queiroga". (fl. 17v). "Que nunca

ouviu de ninguém que a vítima tivesse inimigo ou inimigos na Vila de Cariús, sendo ao contrário, a mesma, ali, muito estimada pela população (fl. 172); que Tranculino ao chegar preso à Vila de Cariús, declarara que também estavam ligados ao crime o denunciado Celso Holanda Montenegro, Dr. Nélson Carreira, Antônio Freire e o Tenente Osório Queiroga". (fl. 172v); 3ª testemunha: "Que também ali soube que o acusado Tranculino, ao passar preso aquela Vila havia declarado ter vindo cometer o crime a mandado do Dr. Nélson Carreira (fls. 177v.) que por ser do seu conhecimento, diz que CARLOS GOMES DE MATOS, não tinha nenhum inimigo na Vila de Cariús". (fls. 178); 4ª testemunha: "Que segundo ouvir dizer na Vila de Cariús, e também por contarem os jornais, também estavam implicados no assassinio do farmacêutico CARLOS GOMES DE MATOS, o Dr. Nélson Carreira, o tenente Osório Queiroga, Celso Holanda Montenegro e Antônio Freire. (fl. 185); que nunca ouviu dizer que a vítima Carlos Gomes de Matos tivesse inimigos neste Estado; 5ª testemunha: "Que o depoente esteve em casa da vítima, após a mesma falou ligeiramente, ouvindo quando ela disse, na presença dos que ali se encontravam, que só podia atribuir ao Dr. Nélson Carreira a autoria intelectual do atentado contra a sua pessoa, que por ser ele, Dr. Nélson, o seu único inimigo". (fl. 193); que a vítima era benquista em Cariús e o depoente não ouviu que ela tivesse inimizade naquela localidade" (fl. 194); 6ª testemunha: "Que depois da prisão de Antônio Freire, o depoente ouviu comentários de que também estavam implicados no crime, Celso Holanda Montenegro, Dr. Nélson Carreira e tenente Osório Queiroga, (fl. 201v); que conhecia a vítima e nunca ouviu dizer que ela tivesse inimigos em Cariús" (fl. 201v).

São também veementes os indícios contra os acusados segundo define o artigo 239 do Código do Processo Penal vigorante, indício é a circunstância conhecida e provada, que tendo relação com o fato, autorize, por indução, concluir-se a existência da outra ou de outras circunstâncias".

Nélson Carreira nega a sua interferência no delito, mas em seu interrogatório, confessou ser inimigo da vítima e mais que entre ambos já houvera vários incidentes, mas que preferia silenciar, isto é, não entrar em detalhes, "por se tratar de fatos dolorosos (sic) (interrog. de fl. 130).

Convém ressaltar ser Celso Montenegro, amicíssimo da vítima, e portanto facilmente se tira a ilação de que o referido denunciado não tinha interesse no desaparecimento de CARLOS, senão na hipótese vertente para resgatar a dívida a um grande amigo (Nélson), a quem costumava dizer: dever a vida, (fl. 133, interrogatório de Celso, em juízo).

Antônio Freire também disse dever a vida ao Doutor Nélson, (vide interrogatório de fl. 128v.), acrescentando ao delegado que somente por esta circunstância se decidira a arranjar o homem capaz de cometer o delito. A ligação é perfeita: Celso e Freire, devedores de suas existências a Nélson, Freire amigo de Queiroga e este patrão de Tranculino.

Perfeito é o entrelaçamento e, por fim, Nélson, inimigo conhecido da vítima. (Vide depoimento de fls.)

E desta maneira, conforme dizem autos, dirigida por Celso Montenegro, foi fielmente executada a trama criminosa e, como resultante — exterminada a vítima. "Pelo art. 25 do novo Código Penal, *in verbis*: Quem de qualquer modo concorre para o crime incide nas penas a este cominadas. O criminalista Jorge Severiano comentando o artigo citado, diz: Pela lei atual, quem de qualquer modo, concorre para o delito, incidirá nas penas a este cominadas".

"Como se vê, não há distinção, nem entre o tempo do concurso prestado (antes, durante ou após o crime) nem quanto a sua natureza. A expressão de lei — de qualquer modo, abraça tudo: promessas, instigação, determinação, ameaça, constrangimento, abuso de superioridade hierárquica, mandato, simples exortação e até a fórmula imaginada por Rivarola, isto é, aproveitamento das inclinações de outrem para a prática do delito". (Autor citado, Comentário ao Código Penal Brasileiro, vol. II, pag. 89).

A defesa dos denunciados, dirigida por advogados de grande inteligência profissional, foi segura e brilhantemente orientada na defesa dos seus pontos de vista mas os elementos apurados no processo, não puderam ser destruídos. Num esforço cíclopico trabalharam no sentido de negar a responsabilidade de seus constituintes, no delito, mas a prova dos autos nos convence do contrário, autorizando a pronúncia dos mesmos.

ACADEMIA PIAUIENSE DE LETRAS

A Academia Piauiense de Letras é dos mais dinâmicos centros culturais e literários do País. Realiza notável trabalho de pesquisas históricas e científicas. Publica livros, patrocina conferências, debates.

Temos recebido todas as publicações, enviadas pelo eficiente Presidente Arimateia Tito Filho. Por sua proposição, o jornalista J. Lindemberg de Aquino, Diretor da revista ITAYTERA, é sócio correspondente da APL desde 30-03-1981.

Recentemente, a APL fez festas para comemorar seu aniversário, dias 17-18 e 19 de Fevereiro último. O nosso Diretor teve convite especial para comparecer a Teresina, só não o fazendo por motivo superior.

O intercâmbio com a Academia do Piauí muito nos honra e enaltece.

ITAYTERA

Homicídio qualificado. O crime foi cometido de emboscada, pois Tranculino esperou a passagem da vítima, postado por trás de um grosso poste de iluminação pública de Carius, de onde alvejou, pelas costas. No modo de ver de Bento de Faria, a emboscada para valer como agravante deve ser com antecipação preparada pelo agente, para mais facilmente consumir o crime que tem em vista. (APUD, Jorge Severiano, Ob. cit., vol. II, pg. 180).

E conforme tem firmado a jurisprudência dos Tribunais do país, aos quais se filia o de Minas Gerais, — "a emboscada como circunstância objetiva, comunica-se a todos os co-participantes do delito, e compreende em si a surpresa". (Acórdão de 27 de março de 1938).

Logo esta circunstância elementar, estabelecida pelo Código citado, estende-se a todos os cinco denunciados, vindo, na espécie Sub Jure, qualificar o homicídio, no art. 121 § 2º alínea IV do citado Código Penal. Ex Positis: — Julgo procedente a denúncia de fls. 2 a 6 para pronunciar, como pronuncio, os denunciados Ursulino Alves Tranculino, Antônio Júlio de Araújo, vulgo Antônio Freire, Celso Holanda Montenegro, Nelson de Queiroz Carreira e Osório Olímpio Queiroga como incurso nas penas do art. 121, § 2º, alínea IV do Código Penal Brasileiro —, sujeitos à prisão e livramento. O Escrivão lance o nome dos réus no Rol dos Culpados e recomende os três primeiros na prisão em que se acham e contra os dois últimos passe o competente mandato de prisão. Custas Ex Lege. Publique-se, registre-se e intime-se. São Mateus, 4 de setembro de 1943. Agenor M. Studart Gurgel".

(IN "O CRIME DE CARIUS" — RAZÕES DE APELAÇÃO DE AUTORIA DO DR. R. GOMES DE MATOS, ADVOGADO DA FAMILIA DO MORTO — 1944).

O Passado em Revista

A Independência do Brasil não foi só o glorioso grito do Ipiranga — “Independência ou Morte” — no dia Sete de Setembro de 1822, às margens daquele célebre arroio, e o seu retumbar triunfal por todos os rincões do imenso e estremecido solo pátrio. Foi também o desenrolar de movimentos nativistas e o deflagrar, em tempos passados, em vários recantos da colônia, de levantes de cunho independentista que valeram como preparação remota à explosão dos sentimentos patrióticos dos seus filhos e do ideal de liberdade que tem suas raízes no coração de todo ser humano.

E a etapa final não foi pacífica.

CRATO AINDA ESPERA SUA “CASA DA CULTURA”

O sonho da implantação da CASA DA CULTURA, em Crato, que seria um complexo de teatro, museu, salões de arte e de amostras, local para lançamento de livros e palestras, exhibições de filmes culturais, etc — continua sendo acalentado pela população cratense.

Diversas tentativas, inclusive com o apoio do Instituto Cultural do Cariri, foram feitas, desde o Governo Plácido Castelo, mas até agora o Estado não teve condições de concretizar a iniciativa.

A união e estruturação dos Museus do Crato, inclusive com a criação das seções de estatuária, pinacoteca, arte religiosa, imagem e som, etc. foi alvo, também de um estudo do Centro de Referência Cultural da Secretaria de Cultura do Estado — mas não se concretizou.

Não foi incruenta como se poderia pensar. A nossa emancipação política não se fez só de palavras. Houve lutas. Houve derramamento de sangue. Foi selada com o sacrifício de preciosas vidas de muitos dos nossos irmãos.

Portugal não iria conformar-se com ver escapar das suas mãos um domínio tão rico que abastecia o seu tesouro. Aqui residiam as suas esperanças. Aqui estava o seu orgulho de manter firme o seu prestígio no concerto das nações. Apoiado neste colosso, falaria sempre grosso no cenário internacional. A perda desta jóia representaria uma sangria fatal na sua economia e o seu declínio humilhante perante os outros povos.

Não era concebível semelhante derrota. Tinha que reagir. E houve a reação. E se travaram lutas sangrentas entre portugueses e brasileiros.

Na Bahia, o Gal. Madeira de Melo tentou sufocar o anseio de liberdade do povo brasileiro. Fez força para manter de pé a dominação portuguesa. E o sangue generoso de Madre Joana Angélica banhou e abençoou o chão baiano onde nascera nossa Pátria.

O Nordeste, todavia, foi principalmente o palco de muitas batalhas e deu provas evidentes da valentia, da intrepidez e do patriotismo dos seus caboclos afeitos a lutas ásperas contra o meio hostil em que vivem e já retemperados nos embates políticos e nos combates frente ao alienígena invasor.

O Major João José da Cunha Fidié, Governador das armas lusas no Piauí e Maranhão, sonhou a retenção daquelas províncias e talvez do seten-

trião brasileiro para a Coroa de Portugal. Com este fito recusou-se a aceitar a independência desta parte da colônia e organizou, no Piauí, a resistência armada para sustentar a implantação ali da nova ordem política instituída no Brasil.

O Presidente do Governo Provisório da província, Manuel de Sousa Martins, envia ao Crato o alferes José de Sousa Coelho de Farias a fim de obter desta Câmara socorros que lhe permitissem enfrentar o Major Fidié, inimigo de nossa independência nacional.

Após se haver consolidado o Governo Temporário do Ceará, constituído do Capitão Mor do Crato, José Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe e outros, foi nomeada a Junta Expedicionária e armaram-se as tropas libertadoras do Piauí e Maranhão.

Entra aqui o papel saliente que desempenhou o Cariri na integração daquelas duas províncias ao território do Brasil independente.

Com efeito, afirma João Brígido; — “Os dias da independência foram os tempos heróicos do Ceará. Homens pobres, sem outros recursos pecuniários que não os do mesquinho cofre da Câmara do Crato, os membros do governo temporário contavam que nada lhes faltaria. Isto sucedeu, pois que durante seu trajeto, de todas as partes, lhes vinham donativos de gados e víveres, que abasteciam a expedição até o seu destino”.

O Capitão Mor Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves foram os heróis dessa gloriosa arrancada de patriotismo do povo cearense. A Pátria lhes é devedora do maior reconhecimento pela colaboração eficiente que deram na preservação do território pátrio. Quebrando a resistência dos portugueses capitaneados pelo Major Fidié incorporaram, assim se pode dizer, o Piauí e o Maranhão a nossa Carta Nacional.

ITAYTERA

Com a sua inteligência e tática militar, com seu acendrado patriotismo e a bravura dos caboclos cearenses, sobretudo dos caririenses, levaram de vencida as tropas lusas reacionárias, forçando-as à capitulação em Caxias do Maranhão em 31 de julho de 1823.

Destaca-se nesta dura peleja, de modo particular, a contribuição do homem caririense. Não faltou quem ajudasse a organizar a expedição libertadora, fornecendo o elemento humano, factor decisivo no êxito da campanha, e recursos físicos, como munição de boca e armas.

Manuseando o tomo XLVIII da Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Brasil, pude observar com que espontaneidade e grande interesse os nossos compatriotas contribuíram para a patriótica campanha de Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves. Ao inteirar-me deste noticiário, despertou-me, ali, a curiosidade a cooperação generosa dos moradores da Comarca de Jardim e do Termo de Milagres, entre os quais identifiquei vários dos meus ancestrais e consanguíneos. Dos ofícios expedidos pelo Comandante em Chefe da Expedição, selecionei alguns que transcrevo aqui resumidamente como prova do apoio integral que deram à causa da independência nacional aqueles bravos sertanejos.

I — Página 264 — Ofício do Presidente da Junta Expedicionária, José Pereira Filgueiras, ao Comandante Pedro Tavares Muniz convidando-o a “até o dia último de abril de 1823 achar-se na vila do Crato, à testa de toda a tropa do seu comando, e bem armados e prontos a dirigir-se à capital de Oeiras”.

Da vila de Aracati, 06-04-23”.

NB. — O Comandante Pedro Tavares Muniz era mauritiense, dono do sítio Araticum de que fez doação a sua sobrinha e afilhada Maria Leo-

poldina Dantas Cartaxo. Foi Capitão Mor do Jardim.

II — Pag. 351 — Officio do Comandante Pereira Filgueiras ao Comandante Pedro Tavares Muniz mandando que, em vez de estar no Crato até o dia 30-04, por determinadas circunstâncias, prorrogasse a sua chegada àquela vila para o dia 10 de maio. Manda arranjar auxilios e tomar as armas dos que ficarem.

Lavras, em marcha, 27-04-23.

III — Pag. 380 — Requisição de gados a Luis Caetano de Figueiredo, Capitão João Martins de Moraes, João Tavares Muniz, Capitão Francisco Alves de Quental, Pedro Martins de Oliveira, João Martins de Oliveira e Capitão Francisco Tavares Muniz.

Em marcha, 02-05-23.

IV — Pag. 391 — Officio de Pe-

REEDIÇÃO DE OBRAS DE ESCRITORES CARIRIENSES

Sabedor de que a Universidade Federal do Ceará está coligindo livros raros e esgotados, de autores cearenses, para novas edições, o Instituto Cultural do Cariri apressou-se em escrever àquele órgão, consultando das possibilidades de serem reeditados os seguintes livros:

MEU MUNDO É UMA FARMÁCIA — de J. de Figueiredo Filho

CIDADE DO CRATO — de J. Figueiredo Filho e Irineu Pinheiro

O CARIRI — de Irineu Pinheiro

CRATO DO MEU TEMPO — de Paulo Elpidio de Menezes

e os folhetos: JOAQUIM PINTO MADEIRA — de Irineu Pinheiro,

NATURALIDADE DE BÁRBARA DE ALENCAR e o CARIRI EM 1817, do Pe. Antonio Gomes de Araujo.

Todos são autores regionais do Cariri e o ICC se dispôs a emprestar os originais, para as reedições.

reira Filgueiras ao Comandante Pedro Tavares Muniz renovando a ordem de se achar no Crato com sua gente até o dia 08 ou 10 de maio. Reconhece justificável a proposta do Comandante Tavares Muniz de se deixar ali uma tropa dada a possibilidade de uma reação de Domingos João Dantas Rothêa, visto que muita gente já não confia mais em marinheiros. Fala num princípio de revolta que já começara a haver no Olho d'Água, talvez creado por cabras que desejam fazer depredações na forma de seu inveterado costume, e que os mesmos já deviam estar presos. Renova a ordem de reunir auxilios, mesmo requisitados, para serem depois indenizados pelo governo". Crato, 06-V-23.

NB. — Domingos João Dantas Rothêa, trisavô materno do autor destas linhas, foi Capitão Mor do Jardim.

V — Pag. 393 — Officio de Pereira Filgueiras ao Comandante Pedro Tavares Muniz. Providencia contra depredações a particulares e apreensão de gados. "Temos presente o officio de V. S. de 02 do corrente, e certos de haver tomado as mais ajustadas medidas, esperamos, como nos anuncia, que a gente do seu comando se ache reunida nesta vila até o dia 12 do mesmo mês, sem falta ou reserva de pessoa.

Desconhecemos a frase, com que V. S. se exprime, quando nos faz ver, que os soldados da sua tropa, que dirigiu contra Domingos João Dantas Rothêa, duvidam restituir-lhe o considerável roubo que lhe fizeram, e que se atrevem a dizer, que, sendo obrigados a isso, não cumprirão mais ordem alguma, porque figura-se-nos, que V. S. está sem liberdade de obrar, e que eles se consideram senhores de obrar arbitrariamente. Se assim é, fale-nos V. S. com a singeleza de seu costume, desenvolva os seus sentimentos, para tal caso, em lugar de irmos contra os inimigos do Piauí, rexacharmos primeiro os insubordina-

dos e perturbadores, que houverem entre nós, visto que nos convencemos de que tais procedimentos são mais filhos da intriga à causa pátria, e do ódio a pessoas particulares que zelo do bem geral.

Uma de duas, ou Domingos João é criminoso por fazer partidos facciosos, ou não. Se o é, sobre a sua pessoa somente deve recair a pena que a lei lhe impuzer, e não sobre os seus bens e sobre a sua família; e se não o é, tanto pior e tanto mais feios esses procedimentos. Domingos João é Europeu, e por isso talvez não adhezo .. causa do Brasil; porém essa simpatia verificada, ou suposta, não dá direito a depredações debaixo de qualquer pretexto que seja, e tão indignos procedimentos envergonham, e desmentem o caráter dos briosos Brasileiros: passe V. S. portanto com maior brevidade a providenciar sobre a restituição desse roubo tão escandaloso, como oposto às leis sociais e aos direitos de propriedade”.

Prossegue o officio falando sobre a requisição de gados no Termo de Milagres e sobre o dever de todos se dedicarem à defesa da causa comum. Crato, 06-V-23.

VI — Pag. 399 — Officio de Pereira Filgueiras a João Tavares Muniz confirmando o elevado conceito que dele já fazia e agradecendo o gado que de bom grado oferecia para a sustentação das tropas expedicionárias, em lugar do dinheiro que generosamente oferecera, o qual é devolvido. Crato, em marcha, 07-V-23.

NB. — João Tavares Muniz, tetravô materno do autor deste breve relato, era pai do Comandante Pedro Tavares Muniz e foi sogro do Capitão Francisco Alves de Quental, por sua vez também sogro de André Gonçalves Dantas Rothéa, filho de Domingos João Dantas Rothéa retro citado.

VII — Pag. 399 — Officio de Pereira Filgueiras ao Comandante Pedro Tavares Muniz respondendo ao seu

officio datado de 06-V-23, dizendo não poder dispensar a sua vinda até o dia 12 de maio ao Crato, com a tropa desse Termo (Milagres), caso a moléstia de que está atacado não o prive, pois precisa conferenciar com ele sobre negócios públicos. O sargento que lhe fora enviado, volta e não pode ser dispensado, pois não se pode dispensar soldado algum a não ser depois da reunião geral e conforme o número de soldados.

Crato, 07-V-23.

VIII — Pag. 407 — Nomeação de Alferes. O sargento de ordenanças de Lavras, Roberto Correia de Araújo Lima, é nomeado alferes, sendo Comandante da mesma Companhia Antônio Correia Lima. Crato, 08-V-23.

NB. — O primeiro Araújo Lima vindo de Recife para o Ceará foi Roberto Correia de Araújo Lima que se estabeleceu no Icó. Daí se originam as famílias Araújo Lima, Correia Lima, Ferreira Lima e Augusto Lima que se irradiaram para diversos pontos do Estado. É o ramo paterno da minha família.

IX — Pag. 430 — Donativos. A pedido de Pereira Filgueiras, em sua própria residência, declararam de viva voz oferecer gratuitamente os donativos pedidos: — em primeiro lugar Francisco Alves de Quental — 100\$000; segue-se longa lista de 50\$000 abaixo e outros donativos. Figuram destacadamente José Dias Alves de Quental, Manuel Antônio de Jesus, Gonçalo de Oliveira Rocha, José Gregório Tavares por seu pai João Tavares Muniz (29 cabeças de gado a 7\$000 = 203\$000), Pedro Martins de Oliveira (14 cabeças de gado a 7\$000 = 98\$000), Francisco Tavares Muniz (31 cabeças de gado a 6\$000 = 186\$000), João Martins de Moraes (38 cabeças a 6\$000 = 228\$000), Tenente Domingos Gonçalves Parente (58 cabeças a 8\$000 = 464\$000) e outros: Por José Dias Alves de Quental assinou José Manuel Alves de Quental.

X — Pag. 434 — Censura à Comarca de Jardim. "O officio de V. S. de 12 do corrente, assim como outro a que já respondemos, e mais arranjos aperecidos nessa vila provam com evidência, que aí existe o foco de egoismo, e que combinadas as autoridades só cuidam dos cômodos particulares, e da sua segurança individual a pretexto de sossego público.

Como é que requisitam V. S. a conservação das tropas dessa vila para contarmos com a segurança da paz, e José da Valentina com Amaro de tal fazem um roubo público e ficam impunes dentro dela? Para que querem V. S. a conservação dessas grandes forças disponíveis, se elas não são capazes de obstar as depredações, insultos e desordens? Quais foram as diligências que V. S. ou as autoridades desse lugar fizeram com essa sua guarda para prenderem os revolucionários que, dizem, tramaram contra funcionários públicos, e os que roubaram com maior escândalo a Domingos João e a Viana?

Estamos entendidos que V. S. julgam a sua vila, o termo, a província e o mundo inteiro seguros, quando não são encomodados; e considerando-se assim já com uma perfeita anarquia entre si, pela intriga que gênios atrabiliários e malfazejos aí têm fomentado, tratam somente de acautelar-se e fazem o seu partido, e nada de medidas a favor da causa pátria! Não duvidamos da atividade do Sr. Comandante e essa mesma salvará a vila e o termo de qualquer insídia.

Senhores camaristas, se os Brasileiros não se unem todos, e não se interessam pela regeneração política, mas tratam, em uma ocasião como esta, de arranjar seus afilhados e de partir contra os de seu desgosto, vai tudo perdido; se não marcham os povos da vila, que estão mais ao fato da justiça de nossa causa, não sabemos quem deva pegar em armas contra o inimigo.

Podem V. S. fazer as representações

que quiserem a Sua Majestade Imperial, porque não nos assustam as calúnias que aí se têm forjado, quando os inimigos que temos desafiado são aqueles que se não têm envolvido a favor da independência e execução das ordens do dito Senho:.

Deus guarde a V. S. — Crato, 15-V-23".

Registram-se muitos outros officios do diário da Campanha expedidos pelo Comandante Pereira Filgueiras. Mas foram tomados aqui apenas alguns que se referem mais de perto ao Cariri e que revelam o valor dos Chefes da Junta Expedicionária do Ceará que barrou a pretenção dos portugueses de fracionar o território da colônia mantendo acorrentados ao Reino de Portugal as províncias do Piauí e Maranhão. Nestes poucos, com efeito, se patenteia a sua valentia, a sua bravura, a sua largueza de vistas e o espirito superior com que encaram o movimento de libertação. Guia-os o conhecimento exato do dever e dos direitos da pessoa humana. Orienta-se o amor da Pátria, o ideal de liberdade, o verdadeiro sentimento de justiça, de civismo e patriotismo.

A Pátria deve ser grata e reconhecida a sua ação patriótica e desintessesada e a História deve guindá-los aos píncaros da glória e immortalizar a sua memória através de um monumento que a torne imperecível.

Tem razão Oliveira Lima ao afirmar: — "Quando Lord Cochrane chegou ao Maranhão em 26 de julho de 1823 já a Junta estava com seus recursos esgotados, o Império fora proclamado nas duas capitânicas do Maranhão e Piauí, e o armistício se achava proposto às forças independentes. Cochrane apenas recebeu os sentimentos de adesão da Junta e fez jus ao titulo de marquês, que mais justamente competeria ao capitão mor do Crato".

Crato, 07 de setembro de 1982.

F. J. Pierre & Irmãos

Variado Sortimento de
Móveis e Eletrodomésticos

ONDE A TRADIÇÃO SE CASA COM
A QUALIDADE DOS PRODUTOS

—Excelentes Preços e—
Condições de Pagamento

RUA SANTOS DUMONT, 60

FONE: 521-0014

CRATO -:- CEARÁ

Café ITAYTERA

SÓ TEM GOSTO DE CAFÉ

Processado e industrializado
sob os mais modernos métodos

Máquina automática para empacotamento
a vácuo compensado, por aquecimento
e impulso, fotocélula e Pannel Elétrico.

Moinho industrial e automático com sistema
de refrigeração e ar gelado, com separador
de impurezas e de montagem horizontal.

POR ISSO ELE É MAIS PURO...
MAIS SABOROSO... MAIS CAFÉ!

Agora, em novas instalações, no
Conjunto Industrial FENELON LIMA

CRATO - Av. PE. CÍCERO, Km. 3 - CEARÁ

Turismo Internacional

Definição: Turismo internacional é o deslocamento de pessoas de um país para outro distinto do que têm residência habitual, por qualquer razão que não seja a de exercer uma profissão remunerada nesse mesmo país.

É turista, portanto, toda pessoa que se desloca para outro país, não só com finalidade hedonística, mas também com objetivo esportivo, científico, religioso, terapêutico, comercial e cultural. (Conferência das Nações Unidas sobre Turismo e Viagens Internacionais, realizada em 1963).

A concepção atual de turismo não é mais aquela que distinguia o deslocamento de pessoas com fins recreativos do deslocamento com outras finalidades.

Os efeitos econômicos desses deslocamentos são semelhantes, motivo por que a Organização Internacional de Trabalho subordinava o deslocamento do homem de negócios e do turista sob a mesma rubrica de estacionais.

Formas: O turismo internacional assume as seguintes formas:

a) intercontinental, quando ocorre o deslocamento de pessoas de um continente para outro;

b) intracontinental, quando o deslocamento se realiza dentro de um mesmo continente, de um para outro país;

c) itinerante, quando o turista percorre um ou vários países estrangeiros, ou realiza périplo internacional, obedecendo a plano de viagem adquirido em agência especializada, ou traçado pelo próprio turista;

d) estacionário ou residencial, quando o turista aluga apartamento ou casa ou alojamentos extra-hoteleiros (legalmente reconhecidos ou não) e aí passa o período de tempo destinado ao lazer no Exterior;

e) individual, quando o plano turístico é organizado pelo próprio turista;

f) agencial, quando o plano turístico é organizado por agência especializada;

g) emissor, quando há o deslocamento de pessoas com destino ao estrangeiro para o exercício de atividades não remuneradas por período de tempo superior a 24 horas;

h) receptor, quando estrangeiros são acolhidos no país para o exercício de atividades não remuneradas por período de tempo superior a 24 horas.

Fatores: Os principais fatores que contribuem para a realização do turismo internacional são os seguintes:

a) prosperidade econômica, pois é a elevação do nível de vida da população com mais alto índice de assistência e segurança social que permite o dispêndio, em viagens turísticas, do dinheiro que, antes, pouparam para enfrentar as contingências da falta de trabalho ou de saúde. É essa a exaltação por que os países de maior renda *per capita*, tais como Estados Unidos e Alemanha Ocidental, são os que mais contribuem para o turismo internacional como centros emissores;

b) propaganda, difundindo o potencial turístico do país no Exterior. No México, grupos musicais e folclóricos visitam constantemente outros países. Há, ainda, intensa atividade

de jornalistas estrangeiros no México relacionadas com o setor. Foi criado o Instituto de Profissionalização de Agentes de Viagem. A mesma linha de conduta é mantida pelos Estados Unidos e Inglaterra, onde se oferecem cursos de nível universitário;

c) regime de férias pagas, podendo exemplificar-se com a França. Antes da Grande Guerra nº 2, com a Frente Popular, foi aprovada a lei de férias remuneradas em 1936. A partir daí, os franceses passaram a gozar férias em outros países. Julho e agosto são os meses de férias. As divisas estrangeiras deixam o Banco de França, retornando a, pelo menos, alguns países de onde vieram. (Gilles Lapouge, *O Estado de São Paulo*, edição de 3 de agosto de 1977);

d) desenvolvimento da tecnologia dos transportes, reduzindo o tempo e o custo da viagem e permitindo a realização do turismo por parte da classe média. Ocorreu a democratização do turismo, quando, antes, o turismo constituía atividade essencialmente aristocrática;

e) emancipação econômica da mulher que vivia enclausurada ou exercendo atividades puramente domésticas, enquanto que, hoje, rivaliza com o homem no desempenho das mais variadas funções.

Obstáculos: Os principais obstáculos ao turismo internacional são os seguintes:

a) A ignorância, falsa imagem e conceitos errados dos agentes de viagem, para a remoção de cujo obstáculo pode seguir-se o exemplo dos Estados Unidos, México, França e Alemanha Ocidental: empresas de aviação se reúnem a cadeias de hotéis e agências de viagens para promover excursões gratuitas a agentes de viagens do Exterior. As empresas aéreas fornecem passagens gratuitas para esse grupo de agentes. Os hotéis proporcionam estada pelo menos a

preços bem reduzidos. As agências de viagens, com veículos próprios, se encarregam de organizar excursões;

b) O terrorismo gerando insegurança, motivo por que os aviões que faziam a linha Buenos Aires-Montevideu voavam quase vazios. O turismo era a maior fonte de divisas do Uruguai. Os constantes assaltos provocaram a implantação do seguro-turismo, que cobre uma inumerável quantidade de riscos. O país, que adota seguro-turismo, tem a sua imagem mais facilmente vendida no Exterior. O seguro pode cobrir os riscos, desde a saída do turista do país de origem até a sua volta ao mesmo local. O seguro pode ser a curto prazo, para o turista que não optar pela apólice em seu país. Na ocasião em que preencher a sua ficha de hóspede, o turista aceita a oferta de um seguro temporário durante a sua permanência na cidade ou no hotel, que poderá escolher ou não;

c) revista nos aeroportos, exame de bagagem, com perda de tempo e aborrecimento. No Brasil, no aeroporto de Congonhas, adotou-se o sistema de exame de bagagem que consiste na utilização de dois canais de acesso ao setor de bagagem — o vermelho (para passageiros com bens a declarar e o verde (para passageiros com bagagens dentro dos limites legais). Há punições rigorosas se for constatada qualquer irregularidade na declaração de bagagem. As dificuldades com passaporte e controle alfandegários variam de país a país. Nos países da área socialista da Europa Oriental, as formalidades começam dentro do próprio país. Deseja-se evitar que sejam enviados para o Exterior grandes somas em moeda nacional, nem produtos que têm preferência de venda em moeda forte no Ocidente. Para aumentar a receita do turismo, deve-se optar entre o moralismo alfandegário, que vê no turista um contrabandista, o dogmatismo ideológico, que vê no tu-

rista um espião, e o pragmatismo cambial, que vê no turista uma fonte de divisas escassas. (Roberto de Oliveira Campos, *O Estado de São Paulo*, edição de 14 de janeiro de 1969);

d) altos preços de hotéis e restaurantes, que podem ser pagos por turistas de países ricos, mas que afugentam os turistas de países menos ricos ou pobres. Hoteleiros alegam que não podem baixar o preço porque a taxa de ocupação é pequena. Os transportadores declaram que não podem levar mais turistas porque os preços são altos e há falta de hotéis. A solução é a construção de hotéis mais baratos com diária mais baixa. Hotéis "decentes, cômodos e baratos" para a classe média;

e) elevados custos dos transportes, motivo por que a ONU, em Conferência sobre Viagens Internacionais, realizada em Roma, em 1963, reconheceu que é indispensável a redução dos preços internacionais em todos os meios de transportes para desenvolvimento do turismo, que considera "atividade humana fundamental". No XVI Congresso da Confederação das Organizações Turísticas da América Latina, foi denunciada a disparidade de tratamento oferecido a passageiros do Atlântico Norte e do Atlântico Sul. As tarifas aéreas na rota do Atlântico Sul são as mais caras do mundo. São responsáveis pelo esvaziamento turístico dos países latino-americanos. Na Europa e nos Estados Unidos, há pelo menos 47 tarifas diferentes, além de vantagens adicionais concedidas aos passageiros que viajam nos dois sentidos durante quase todo o ano. A passagem Londres-Nova York-Londres custa 2,6 a 3,5 cents de dólar por milha, nas tarifas mais baixas. A passagem Rio-Nova York-Rio custa, na classe econômica, 6,5 cents de dólar por milha. (*O Estado de São Paulo*, edição de 3 de junho de 1973). Com a crise petrolífera, as possibilidades do tu-

ITAYTERA

rismo residem no incremento dos "pacotes de turismo", em que o viajante adquire passagem e hospedagem para um grande número de locais de uma só vez. Isso contribui para reduzir o preço dos roteiros turísticos através de convênios entre redes hoteleiras e companhias de transporte aéreo e terrestre. (Claude Kaspar). O transporte internacional aéreo representa fator-chave para o turismo de massa;

f) crises e depressões, que acarretam a queda do turismo. Exemplo disso é a crise petrolífera de 1974, quando a maioria das nações industrializadas realizou o reajustamento de suas taxas de crescimento à nova conjuntura. Ocorre, em 1974, uma perda do turismo de 30 a 40%, provocando crises nas indústrias turísticas de Espanha, Itália e Portugal. A concorrência aumentou, procurando Itália e Espanha afastarem os turistas de Portugal. Assim é que um ministro brasileiro, que passou por Portugal foi vacinado contra cólera ao desembarcar na Itália. Nas estradas que conduziam a Portugal, os espanhóis puseram cartazes advertindo os turistas contra aquela moléstia. (Hermano Alves, *O Estado de São Paulo*, edição de 18 de agosto de 1947). A recuperação do turismo aos níveis anteriores a 1974 dependerá, naturalmente, da recuperação dos centros emissores.

Consequências: As principais consequências econômicas e financeiras do turismo internacional são as seguintes:

a) aperfeiçoamento das práticas creditícias comprovadas com o cheque de viajante ("Traveller's cheque", carta de crédito e cartão de crédito;

b) equilíbrio da balança de pagamentos internacionais com a captação de moedas fortes. A produção interna de bens e serviços requeridos pelo turismo contribui para a capitalização

do efeito benéfico sobre a formação de divisas. Na Austria, o turismo constitui a maior receita de sua economia e cobre o deficit de sua balança comercial;

- c) formação do PIB através do aumento bruto nos recursos fiscais;
- d) preparação de recursos humanos especializados;
- e) criação de mercado de trabalho;
- f) expansão dos transportes;
- g) desenvolvimento regional, suprimindo o Estado as deficiências da iniciativa particular. A sua intervenção tende a aumentar com o planejamento do crescimento do turismo, e ainda porque o objetivo governamental é desenvolver a região para equilíbrio da economia nacional;
- h) melhor distribuição de renda com a geração de empregos;
- i) equipamento de serviços básicos locais;
- j) desconcentração econômica;
- l) proteção ambiental.

Turismo Internacional no Brasil

O turismo internacional desenvolve-se em países capitalistas e socialistas. Todos compreendem que, através dele, podem captar preciosas divisas essenciais ao desenvolvimento econômico.

Para isso, entretanto, não é preciso dispor, apenas, de locais pitorescos. O poster, a paisagem, só é vendido se o país contar com boa organização.

Não basta só recensear o patrimônio histórico, cultural e paisagístico, transportá-lo para os cartazes e ficar à espera do turista. Impõe-se a pesquisa determinando a clientela potencial. A chamada estrutura do receptivo é montada levando-se em conta a pesquisa, que orienta sobre as preferências do ludâmbulo. As providências são tomadas, desse modo, em função da demanda do mercado.

O interesse não é só vender o produto turístico de imediato, mas demonstrar as possibilidades a médio prazo da indústria turística brasileira.

É insuficiente a taxa interna de poupança para atender a essa expansão setorial? Caso afirmativo, é conveniente ou não o engajamento efetivo do empresariado estrangeiro no desenvolvimento do turismo brasileiro? Na construção de hotéis, na infra-estrutura aeroportuária, na assistência técnica na formação de mão-de-obra?

A ajuda financeira externa deve recair sobre a procura. A oferta deve ser de alçada dos capitais nacionais, porque o turismo é poderoso meio de saldar e não de criar dívidas externas. (Domingo Hernandez Pena, Suplemento Turismo do O Estado de São Paulo, edição de 4 de janeiro de 1969.)

"O turismo no Brasil é uma atividade nova e está em fase de implantação. Sua consolidação em termos industriais depende da aceleração de investimentos. Ocorre que a taxa interna de poupança no País é insuficiente para atender, sozinha, as necessidades. O crescimento acelerado previsto para o turismo brasileiro durante os próximos anos exige, portanto, a captação de poupança externa complementar na forma de investimentos diretos no setor por parte de empresários estrangeiros". Miguel Colasuono. O Estado de São Paulo, Suplemento Turismo, edição de 18 de abril de 1980).

Procura-se realizar a ampliação do turismo internacional no Brasil

A Embratur quer transformar o turismo em terceira fonte de divisas para o país, com a receita de 1 bilhão de dólares em 1981. Passa o turismo a ser encarado como processo macroeconômico, de atividade secundária em real fonte de divisas. Decide-se, assim, explorar potencial desprezado.

O turismo vinha sendo visualizado como atividade marginal do desen-

volvimento nacional. Agora, a Embratur quer dar a essa atividade dimensões macroeconômicas e enquadrá-la no modelo econômico brasileiro.

Falta um sistema de estatística turística para melhor avaliação realística e atualizada da situação do turismo brasileiro. Sabe-se que o Brasil se acha em desvantagem, comprovando-se com dados concretos na estatística nacional das operações de câmbio. Em agosto de 1979, a indústria do turismo faturava 55 bilhões de dólares. O faturamento do Brasil representou, apenas, 0,6% do total. (Miguel Colasuonno).

O Brasil é um país importador de serviço de turismo. Não tem tradição turística internacional. Daí o item: Viagens na Balança de Serviços ser sempre deficitário. São mais brasileiros que se destinam ao Exterior do que estrangeiros que vêm ao Brasil com finalidade turística.

Em 1961, o deficit de viagens representa 5,4% do deficit total da B. de Serviços.

Em 1968, o deficit de viagens representa 21,7% do deficit total da B. de Serviços.

Em 1976, o deficit de viagens representa 10% do deficit total da B. de Serviços.

Com a utilização de estatísticas confiáveis, é que se conhece a participação potencial ou efetiva no mercado, sua segmentação, suas tendências. Dispõe-se de indicações sobre os motivos de deslocamento, opiniões e desejos de pessoas que viajam ou permanecem no domicílio.

Na Alemanha Federal e na Áustria, há sondagens especiais baseadas numa larga amostragem da população (Micro-Zensus). Na Suíça, foram os institutos privados de estudos de mercado que, primeiramente, incluíram questões sobre viagens em seus inquéritos gerais. O "Instituto de Turismo e de Economia dos Transportes da Escola de Altos Estudos ITAYTERA

de Saint-Gall" empreendeu, em 1970, estudo intitulado "O mercado turístico suíço" que supriu as lacunas de informação no setor. Foi tão grande a receptividade que os promotores já lançaram cinco edições e prepararam a sexta (1980-1981). (H. P. Schmidhauser, "As férias e as viagens dos suíços", *Bulletin (Crédit Suisse)*, março, págs 8-10, Zurich, 1980).

Conforme afirma Miguel Colasuonno, o turismo não requer um grande volume de investimentos a curto prazo, porque usa o que já tem, sendo por isso antiinflacionário. A Embratur utiliza o suporte físico dos órgãos exportadores para instalação de escritórios no Exterior.

Na ampliação do turismo, serão abertas linhas de crédito para beneficiar os diversos setores de atividade.

Não se pode desenvolver qualquer setor de atividade se não contar com um fundo para subsidiar o crescimento, declara Miguel Colasuonno, acrescentando que a Embratur está classificada como indústria e que luta dentro do BNDE e do BNH para cavar linhas específicas de crédito para subsidiar o crescimento de sua própria infraestrutura. Procura arranjar, ainda, fontes alternativas de recursos para financiar a infraestrutura turística. (Entrevista ao *O Estado de São Paulo*).

A legislação sobre turismo varia de país a país, levando-se em conta o estágio econômico e as dificuldades por que passa a economia do país.

O Perú, diante da grave situação econômico-financeira, a fim de desestimular as viagens de pessoas ao Exterior, baixou leis sem similar na legislação de outro país. Trata-se da criação de um imposto sobre consumo no exterior e que incide sobre a totalidade do valor dos bens e serviços que qualquer residente adquire, recebe ou pague, em conexão com viagem que efetuar fora do país, quer sejam eles adquiridos ou pagos ao país ou estrangeiro, em moeda nacional ou

estrangeira, e qualquer que seja a procedência da mesma. O imposto se aplica ao valor dos bens ou serviços recebidos no exterior em troca de outros bens ou serviços, bem como o valor da passagem e dos serviços terrestres no exterior. Outra lei determina que quem viajar ao Exterior não pode levar joias de uso pessoal de valor superior a 50 mil soles. (Arnaldo Pedroso d'Horta, *O Estado de São Paulo*, edição de 23 de junho de 1971).

O governo brasileiro, em face do desequilíbrio da balança de pagamentos, estabeleceu depósito compulsório para quem viajasse ao Exterior.

Adotando a filosofia da desburocratização, o governo brasileiro simplificou a concessão do passaporte. Diminuiu o número de documentos para a sua concessão. A sua validade passou de 4 para 6 anos.

O Banco Central precisa contabilizar, legalmente, os dólares que entram no Brasil através do mercado paralelo. Esses dólares não são contabilizados, mas permanecem no país, gerando benefícios para a economia. Deixam de figurar nas contas internacionais brasileiras.

O Decreto-Lei nº 1.587, de dezembro de 1977, assinado pelo presidente Ernesto Geisel, tem o objetivo de atrair para o mercado oficial de câmbio grande parcela de recursos, que é vendida no mercado negro.

Foi assinada portaria regulamentando aludido Decreto-Lei pelos ministros da Indústria e Comércio e Fazenda. Autoriza um desconto de 15% nas despesas de turistas estrangeiros no Brasil, desde que as contas sejam pagas em moeda estrangeira. O desconto de 15% se dará nas despesas de hotéis, restaurantes e diversões, no pagamento de serviços prestados pelas agências de turismo no transporte de pessoas, em moeda estrangeira ou através de cartão de crédito emitido no exterior. O turista deve, apenas, apresentar o seu pas-

saporte ou documento de residência fora do Brasil, assinando, em seguida, a nota de venda especial. O proprietário do estabelecimento prestador do serviço obterá um crédito fiscal convertido em dinheiro pelo Banco do Brasil, equivalente a 30% do valor da venda. "Esse incentivo é que o proprietário dividirá com o viajante, sob a forma de desconto no preço das diárias dos serviços, da alimentação, bebidas e quaisquer mercadorias relacionadas com os serviços prestados", explica a Embratur. (*O Estado de São Paulo*, edição de 18 de maio de 1978).

Sugere-se a eliminação prática do mercado paralelo ou câmbio negro por meio da instituição do dólar turístico com uma taxa de 30% acima da cotação oficial, tanto para compra como para venda, sem limite de quantidade. O turista não teria mais necessidade de vender a sua moeda no mercado paralelo.

Outra sugestão é a da criação do cheque de viagem do cidadão estrangeiro que vem ao Brasil. Seria elaborado, distribuído, controlado e garantido pelo Banco do Brasil ou Ministério da Fazenda, e confeccionado em papel adequado com legendas em inglês, numerado e rubricado pela autoridade competente. O talão conteria cheques de Cr\$ 5.000,00 em quantidade equivalente a US\$1.000,00 ou mais, com subsídio de 30 a 40%, taxa oferecida pelo cambista no mercado paralelo. Os talões seriam vendidos no Exterior através da rede bancária brasileira com agências em países nos diversos continentes. No Brasil, balcões instalados pelo governo nos "portões e entrada" venderiam os talões. A moeda em poder do viajante que não fosse dólar seria convertida a esta moeda automaticamente. Ao comprar o talão, o viajante apresentaria o passaporte, anotando-se neste os números das séries dos cheques adquiridos. Resgatar-se-iam os não utilizados às mesmas taxas da data

de emissão. Teria aceitação obrigatória no território nacional mediante a apresentação do passaporte somente pela rede bancária, hoteleira, agências de turismo e passagens, o que restringiria a circulação do papel. O viajante não conduziria somas vultosas. No caso de extravio do talão de cheques, não haveria prejuízos, porque o cheque só seria trocado após a assinatura do titular. Ofereceria a vantagem de eliminar o mercado negro do dólar. O subsídio governamental competiria com esse mercado. Os dólares ficariam no país e não retornariam via mercado negro. O subsídio governamental de 30 a 40% ao cheque de viagem do cidadão estrangeiro contribuiria para a) maior gasto em cruzeiro dentro do Brasil por parte do turista; b) maior gasto em cruzeiro propicia mais impostos (Imposto sobre Renda, ICM, IPI e Imposto sobre Serviço) e isso devido ao aumento da renda de hotéis, compras feitas internamente, etc. Os impostos gerados pelo subsídio anulam o próprio subsídio. (Evahyr Lyra, Suplemento Turismo do O Estado de São Paulo, edição de 7 de março de 1980).

Para a ampliação do turismo internacional no Brasil, impõe-se a correção de distorções das tarifas aéreas.

O custo da passagem aérea de Buenos Aires a New York, em 1972, era mais baixo do que de São Paulo a New York.

A revisão das práticas do transporte aéreo internacional em relação às correntes turísticas com destino ao Brasil visa a uma integração entre os objetivos de desenvolvimento econômico global brasileiro e os objetivos de uma racional política de transporte aéreo, com a predominância dos objetivos nacionais. Países têm feito modificações unilaterais de tarifas aéreas, desvinculando-se das determinações e dos acordos da IATA por julgarem ser mais conveniente aos seus próprios interesses. Não se trata

de guerra de preços, mas, sim, de oferecer condições de atratividade às correntes turísticas, de conformidade com a conjuntura internacional. (Wolfgang Schoeps, O Estado de São Paulo, edição de 23 de janeiro de 1972).

Para contornar o obstáculo das passagens aéreas caras, que decorrem da grande capacidade ociosa com que operam os aviões brasileiros, a Embratur gestionou junto ao DAC e às próprias Companhias Aéreas no sentido de criar-se um sistema de vôos fretados "charter" que permita tornar o avião acessível ao turista de classe média.

Foram simplificados os formulários a serem preenchidos por pequenas e médias empresas hoteleiras ao solicitarem financiamento para os seus projetos. Abriu-se em New York crédito especial para turistas americanos que desejassem visitar o Brasil. O financiamento é feito pelo Banco do Brasil a juros preferenciais da ordem de 20% abaixo dos vigentes no mercado americano. O turista cumpre as formalidades bancárias normais e tem que permanecer no Brasil pelo menos metade do período de duração total de sua viagem.

O desenvolvimento do turismo dá origem à formação de pessoal especializado nos múltiplos serviços. Fundou-se a Faculdade de Turismo do Morumbi, da Organização Bandeirante de Tecnologia e Cultura.

O Prof. Celso Kelly, do Conselho Federal de Educação, defendeu a criação de um Curso Superior de Turismo. Os estudos das condições turísticas, área de localização, pesquisa de mercado, viabilidade econômica e outros dados técnicos que escapam a diferentes profissionais, constituem tarefa dos técnicos em turismo.

O deputado Mac Dowell Leite de Castro apresentou à Câmara dos Deputados projeto dispendo sobre o exercício da profissão de bacharel em Turismo.

"Da mesma forma que a regulamentação de outras profissões como a de Jornalista, Relações Públicas, etc. — a regulamentação da profissão de bacharel em Turismo não pretende fechar as portas aos que não são formados, mas já exercem a profissão com dedicação e eficiência. A exemplo dos casos citados, o bom profissional que colabora com sua força de trabalho no Turismo não será de nenhuma forma prejudicado, pois tem já sua posição assegurada: já está no exercício de sua profissão". (O Estado de São Paulo, edição de 11 de julho de 1980).

O projeto estabelece que o exercício da profissão de bacharel em Turismo é privativo dos diplomados em curso superior oficialmente reconhecido.

Urge a instalação de hotéis-escola por todo o país para treinamento de pessoal. O SENAC já colabora na formação de pessoal destinado aos serviços turísticos.

Estímulos devem ser criados para reintegrar as estâncias hidrominerais no fluxo turístico.

"Vender só Brasil não é suficiente para a comercialização do produto no Exterior". Torna-se possível, porém, "incorporando um ou outro país da América Latina". A Embratur passará a "trabalhar a nível latinoamericano o mais possível", afirma Miguel Colasuonno.

Turismo Internacional do Nordeste

O Brasil deve explorar as suas potencialidades para obter os dólares destinados ao pagamento da importação de petróleo.

Assim sendo, não se pode excluir o Nordeste de um plano de agressiva comercialização do produto turístico no Exterior.

Naturalmente que se não pensa em desenvolver o turismo, abandonando outros setores de atividade. A idéia não é a de que o Nordeste viva de

serviços e abandone ou relegate a plano secundário a exportação de seus produtos.

"O Clima antiamericano reinante em Cuba nos anteriores dias a Castro nasceu em parte do fato de Havana se ter convertido no parque de diversões dos Estados Unidos. Há indícios perturbadores de que o surto turístico na região do Caribe está despertando um ressentimento igual em outras ilhas. Servir os turistas à mesa dá mais dinheiro do que cortar cana, mas não há povo que goste de ser conhecido como um povo de garçons. Para Malta, a transição para uma economia baseada no turismo trouxe consigo uma diminuição de trabalho para operários qualificados nas docas e o aumento de serviço para empregados de hotéis e restaurantes. O pagamento pode ser bom, mas a dignidade do trabalho tende a sofrer". (The Economist, em O Estado de São Paulo, edição de 6 de fevereiro de 1972).

Na Dalmácia, região proverbialmente pobre e desprivilegiada da Iugoslávia, de cada 1.000 habitantes, 600 trabalham, agora, ativamente na indústria turística. (Anthony Sylvester, O Estado de São Paulo, edição de 9 de maio de 1971).

O Nordeste seria um portão de entrada de turistas estrangeiros, atraindo, principalmente, europeus e americanos. Em relação ao sul do país, já oferece a vantagem da diminuição de quilometragem.

Assim sendo, a promoção das atrações regionais não deve levar em conta, exageradamente, os preços das tarifas aéreas, "pois quando o produto é bom, o preço não é tão decisivo". Quando a Alemanha decidiu comercializar o Quênia como produto turístico, o país não tinha qualquer infra-estrutura turística. Foi com o crescimento do fluxo turístico, que o Quênia montou essa infra-estrutura, declarou o Diretor da Kontic-Transur. (Suplemento Turismo, do O Es-

tado de São Paulo, edição de 18 de abril de 1980.

O que nasce primeiro — o ovo ou a galinha? Não há infra-estrutura. Favorecendo, porém, a região, surgirá essa infra-estrutura.

Deve-se notar que a ocupação média dos hotéis do Nordeste é de 50%. Já se pode utilizar, no programa de expansão turística, o que existe. Não requer grandes investimentos a curto prazo, o que é anti-inflacionário. Com a geração de turismo adicional, a Embratur financiará a construção de novos hotéis, obedecendo às características brasileiras. Em Portugal, o sucesso do turismo está nas pousadas, na Espanha, nos paradores. A Turquia obedeceu às formas arquitetônicas locais. (Domingos Hernandez Pena, *O Estado de São Paulo*, edição de 21 de março de 1969).

O turismo gera nova renda na região nordestina, aumentando o mercado de trabalho.

Em julho, agosto e setembro — época de férias — ingleses, franceses, holandeses, belgas e dinamarqueses procuram as regiões ensolaradas da Espanha e Portugal. Esses contingentes de europeus poderiam ser atraídos para o Nordeste, com o estabelecimento de pontes aéreas ligando postos emissores e postos receptores. Seriam instituídas tarifas diferenciadas com preços menores, tendo em vista a menor distância dos polos emissores: Estados Unidos e Europa.

Dada a escassez de recursos, não se pode pensar em definir o Nordeste no seu todo como produto a ser vendido. O pacote não incluirá, por isso, o Nordeste todo, mas uma parte determinada da região, mediante critério seletivo que aproveite a vocação natural para o turismo. Trata-se da organização de circuito.

Alega-se que, não havendo infra-estrutura, não comporta o país a instituição do sistema de tarifas diferenciadas editado por europeus e americanos. O turista compra o ticket

que inclui hotel e refeição. Compra no país apenas bugigangas que nada rendem. Esse tipo de turista, portanto, não interessa. O que interessa não é o turismo de massa, mas o turismo de elite. O turista rico independe da redução de tarifas. Paga o que for cobrado. A distância entre Estados Unidos e Europa é menor do que entre Estados Unidos e América do Sul. Os preços levam em conta a distância.

Tarifas abaixo do custo são estabelecidas na Europa, mas os governos subsidiam essas tarifas. É o que ocorre no Atlântico Norte. (*O Estado de São Paulo*, edição de 5 de dezembro de 1980).

Combate-se a idéia de tarifas diferenciadas com os seguintes argumentos: a) quebra da disciplina do tráfego aéreo no Brasil; b) falta de densidade de tráfego suficiente; c) desvio dos padrões tarifários vigentes desequilibrando as empresas aéreas.

Rubens Rodrigues dos Santos, apreciando os mencionados argumentos, contra-argumenta: Quanto ao item a não se trata de desrespeito das normas do DAC, provocando balbúrdia tarifária no transporte de passageiros e cargas. As empresas, porém, poderiam estudar as possibilidades que surgissem com a adoção de posições mais abertas. Quanto ao DAC, permitindo às companhias de aviação abrirem o leque de suas ofertas, concorreria para que as companhias alcançassem índices cada vez mais elevados de ocupação de assentos sem abdicação da disciplina do tráfego aéreo. No atinente à densidade do tráfego, é evidente que decorre da demanda por parte de passageiros e usuários de avião para transporte de carga. A capacidade ociosa dos aviões seria ocupada, elevando a produtividade desse tipo de transporte. No concernente ao desequilíbrio econômico-financeiro das empresas aéreas, isso não ocorrerá, pois a plena utilização das aeronaves não ameaça

a companhia aérea. Haveria o adequado aproveitamento da infra-estrutura aeroportuária, a popularização da aviação comercial sem a defasagem entre o avanço tecnológico (27 assentos de DC-3 para 500 do Boeing 747) e o uso do avião restrito aos ricos. (O Estado de São Paulo, edição de 5 de dezembro de 1979).

No fundo, a tarifa aérea não deve ser considerada, apenas, em termos de milhas voadas, de engenharia tarifária, em suma, mas dentro de um contexto global e amplo, no qual existe uma condicionante econômica: o interesse e o objetivo de atender mais diretamente a esta ou àquela região, atraindo e beneficiando também os turistas que desejam visitá-las". (Comentarista de "Atualidade Econômica", do O Estado de São Paulo, edição de 7 de agosto de 1979).

As empresas marítimas tradicionalmente dedicadas ao transporte de passageiros defrontava-se com deficits colossais. Algumas encontram no turismo a fórmula mágica, com a programação de rotas de modo mais flexível. Os critérios comerciais foram

adaptados às novas razões para viajar. (Domingos Hernandez Pena, O Estado de São Paulo, edição de 20 de dezembro de 1968).

Vale a pena insistir no turismo. Se 3 mil pessoas entrarem mensalmente no Nordeste em 5 pontos, gastando 60 dólares cada uma por dia (gasto médio de turista médio), numa estada de 10 dias, teremos 1 milhão e oitocentos mil dólares em cada ponto. Se multiplicarmos por 12, teremos 21 milhões e seiscentos mil dólares. Se multiplicarmos por 5, teremos 108 milhões dólares. Esses 108 milhões de dólares gerarão, por ano, volume de investimento igual ao de 14 fábricas de US\$7.500.000,00 cada uma. O que a SUDENE em 18 anos ainda não conseguiu. (Miguel Colasuonno).

Desse modo, justifica-se a agressividade na comercialização do turismo no Exterior para o Nordeste, com a abertura de postos de venda em New York, Frankfurt e Paris. Os financiamentos são feitos às grandes agências de turismo. Pode o financiamento, também, ser feito diretamente ao próprio viajante, diminuindo o custo da operação.

PEDRO BANDEIRA CRIA MOVIMENTO ECOLÓGICO

O poeta e cantador popular Pedro Bandeira de Caldas, Príncipe dos Poetas Populares do Nordeste, criou e vem sustentando um movimento de caráter ecológico, através dos seus programas radiofônicos, que atingem a grande massa sertaneja.

Com um linguajar simples, direto e acessível, ele recomenda não capturar e matar passarinhos, derrubar árvores, fazer queimadas, a proteger os pequenos animais, córregos e regatos contra poluição, fontes, etc.

Pedro Bandeira, com isso, abre nova frente na luta em defesa da ecologia do Cariri e o Instituto Cultural do Cariri lhe manifesta pleno apoio.

CRATO PRECISA DE UM DEPARTAMENTO DE TURISMO

No bôjo da reforma administrativa procedida em Crato, ficou faltando um Departamento de Turismo e Certames, órgão que vem fazendo falta à nossa Prefeitura.

Os eventos principais da cidade precisam de um órgão promotor e divulgador, lá fora e aqui dentro, de modo a atrair mais participantes e visitantes.

Espera-se que a nova Administração seja sensível a essa necessidade.

O Departamento de Turismo e Certames poderia imprimir, e distribuir folhetos, mapas, guias turísticos, etc, "vendendo" melhor a imagem turística de uma cidade e de uma região como a nossa.

Clube

Recreativo

Grangeiro

A Sala de Visitas do Cariri, comunica aos seus associados e à sociedade, em geral, que estão em andamento as obras de sua

«Unidade Náutica», às margens do Açude Inxu, em Crato, mais um empreendimento de turismo e de lazer que engrandecerá o nome de nossa terra.

«Unidade Náutica»-

Administração:

Aldenor Osório de Castro,
um novo símbolo de ação
continuada do CRG.

Thomaz Osterne de Alencar S.A.

Comércio • Indústria • Agricultura

Rádios

Radiofones

Móveis

Material Elétrico

MATRIZ: Rua Dr. João Pessoa, 393/419

FONE: 521-1304

FILIAL: Rua Bárbara de Alencar, 796

FONE: 521-1022

End. Telegráfico: OSTERN

CAIXA POSTAL, 16 — CRATO-CEARÁ

Gen. Dr. Carlos Studart Filho

Designado pelo Presidente para biografar, nesta data, o nosso ex-Presidente Perpétuo Gen. Carlos Studart Filho, procurarei esboçar a sua imagem dentro do tempo fixado no Estatutos para a Efeméride.

Nasceu ele em 17 de junho de 1894, em Fortaleza; era filho de Carlos Guilherme Gordon Studart e de D. Maria Pereira Studart; casou-se em 13 de novembro de 1924 com D. Neusa Dinoá da Costa, que faleceu em 18 de agosto de 1975, nascendo do casal 7 filhos, dos quais 02 são oficiais da Aeronautica e 01 da Marinha. Passou longos anos viuvo (consta que teve vida atribulada, em consequência do permanente precário estado de saúde da sua esposa) e casou novamente com D. Teresa Alves Linhares há cerca de 04 anos.

Estudou no Ginásio Amazonense, em Manaus, no Colégio de S. José, na Serra do Estevão, em Quixadá, na Faculdade de Filosofia e Letras, no Rio, no Colégio Aukentaller, em Lousannê, Suíça, e, finalmente cursou a Faculdade de Medicina do Rio, por onde se formou em 31 de dezembro de 1918 (foi laureado em todo o seu currículo brilhante). Ciñicou na Santa Casa do Rio e em outras instituições Médicas, e, aos 30 de novembro de 1919 ingressou no Serviço do Corpo de Saúde do Exército, no posto de 2º tenente. Desse posto ao de Capitão serviu em diversos Estabelecimentos de Saúde, inclusive no Hospital Militar de Recife (onde frequentou a imprensa), na Comissão de Limites, no Colégio Militar do Ceará e no 23º B.C., quando, em 1926, participou da campanha contra a Coluna Prestes nos sertões do Piauí e Maranhão. Em 1928, no posto de

Capitão, voltou a servir no Colégio Militar do Ceará, quando o conheci melhor: sempre austero e muito exigente no cumprimento dos seus deveres, pelo que amedrontava os seus Clientes meninos, que o procuravam na Enfermaria.

Em 1931 ingressou no Magistério Militar no posto de Major RI e, a partir do ano de 1933, passei a aproximar-me mais dele, pelos contatos na porta da "Livraria do Clóvis Mendes" e no "Banco da Opinião Pública" (Num desses contatos, por volta de 1936 ou 37, aconselhou-me a estudar cedo, com a finalidade de ingressar no Instituto Histórico, ao que respondi: "quem sou eu, pobre marquês"; e, realmente, nunca sonhei merecer tamanha honraria; como jamais imaginei que um dia chefiaria, sucessivamente, as Sub-seções de Estatística, História e Geografia do Estado Maior do Exército, bem como seria representante do Ministério do Exército no Conselho Nacional de Geografia do IBGE).

No Magistério Militar lecionou as cadeiras de História e Geografia nos Colégios Militares do Ceará e Rio de Janeiro e Escolas Preparatórias de Fortaleza e Campinas, exercendo o comando interino da primeira por duas vezes. Em 1955 foi reformado no posto de General de Divisão Professor, e prosseguiu com as suas atividades intelectuais.

Durante a sua permanência no Exército recebeu inúmeros elogios e condecorações, como a de Tempo de Serviço, Marechal Trompowsky e outras, bem assim, já reformado, recebeu as Medalhas da Abolição, de Cultura da U.F.C., Barão de Studart, etc. e participou de Comissões de

Exame de Colégios Civis, e dos Conselhos de Cultura do Estado e de Curadores da U.F.C., ainda, em 1928 ingressou neste Instituto, depois na Academia Cearense de Letras, da qual foi Bibliotecário, Secretário e Primeiro Vice Presidente, e também de outras Instituições Culturais deste e de outros Estados da Federação.

Possuidor de brilhante inteligência e aprimorada cultura especializada e geral, pesquisador incansável, conviveu sempre com as letras, publicando excelentes trabalhos de História, Geografia, Etnia e Antropologia, como: "ABORÍGENES DO CEARÁ", "O ANTIGO ESTADO DO MARANHÃO E SUAS CAPITANIAS FEUDAIS", "ANTONIO DE SAMPAIO", "CAPITANIA DO PIAUÍ",

O P I N I A O

Brasília, 05 de julho de 1982

CT/Nº 0141/82

Ilmo. Sr.

J. Lindemberg de Aquino

REVISTA ITAYTERA

Praça Juarez Távora, 950

63.100 — Crato - Ce.

Prezado Senhor

Recebemos, de nossos correspondentes em Fortaleza, a revista ITAYTERA, nº 26, a qual desconhecíamos e que nos encantou. É um exemplo de luta pela divulgação da cultura, e gostaríamos de divulgá-la no COMPLEMENTO DAS ARTES, que é distribuído às organizações culturais nacionais e demais elementos ligados a arte e cultura.

Gostaríamos também de saber qual a possibilidade de adquirirmos números anteriores, preço do exemplar e procedimentos para assinatura.

Colocamos a PLANARTE ao inteiro dispor e estendemos nossos parabéns a toda equipe da revista.

Atenciosamente,

Flavio Marçolla Lott
Diretor-Geral

"FUNDAMENTOS GEOGRÁFICOS E HISTÓRICOS DO ESTADO DO MARANHÃO E GRÃO PARÁ", "PÁGINA DE HISTÓRIA E PRÉ-HISTÓRIA", "A REVOLUÇÃO DE 1817 NO CEARÁ", "HISTÓRIA DO CEARÁ HOLANDÊS", etc., etc, e frequentou a imprensa com outros trabalhos de natureza crítica e polêmica, verberando a atuação dos sacerdotes progressistas e da permissividade da sociedade atual, tais como: "ARTIGOS DE PODESTÁ RIBEIRO", "TEMAS MÉDICOS E OUTROS TEMAS"; "TEMAS OBSOLETOS", e outros de indubitável valor literário, somando tudo mais de duas centenas de títulos. Por tudo, foi premiado com críticas elogiosas na imprensa deste e de outros Estados, inclusive elogios encomiásticos dos Mestres Tomás Pompeu Sobrinho e José Honório Rodrigues.

Prezados Confrades

Em que pese o seu ego temperamental às vezes rispido; não obstante as possíveis mágoas e cicatrizes deixadas, merece o General Carlos Stuardt a nossa compreensão, o nosso respeito e consideração: pelos denodados serviços prestados a este sodalício durante 54 anos, embora a sua avançada idade, e pela sua reconhecida e proclamada cultura polimática aprimorada. Ele não pode ser esquecido por esta Augusta Casa, da qual foi Secretário Geral e, após, Presidente devotado durante 15 anos.

Desaparecendo do nosso convívio aos 06 de abril deste ano com 88 anos de idade, cabe-nos apagar possíveis ressentimentos e cicatrizes.

Eu, por mim, que sempre fui tratado com cordialidade, presto a minha sincera homenagem à sua cultura multiforme e produtiva e à sua incontestável rigidez de caráter...

Deus o tenha no Reino da Glória.

Fortaleza, 23 de junho de 1982.

(Reconstituição de palestra proferida na sessão ordinária do Instituto do Ceará em 21 de junho de 1982).

Um Episódio da Revolução de 14

(Trecho do livro "Minhas Memórias" em preparo)

Um detalhe que não devo deixar de registrar nestas reminiscências, como passagem indelevel que ficou sendo na minha vida, foi o fato ocorrido com meu pai, quando os rebeldes de Juazeiro regressavam de Fortaleza, depois da deposição do Presidente Franco Rabelo.

Tempos atrás, o celebre José Pinheiro, que já antes da revolução de 14 praticava suas façanhas no Cariri, numa de suas passagens pela velha estrada de Crato a Lavras, três léguas abaixo de Caririacú, ribeira do riacho do Rosário, no lugar Serrote, teve um desentendimento com a mulher que lhe servia de companheira e a enterrou, dizia-se, viva, quase à beira do caminho, um pouco para dentro do mato. Desapareceu. Dias depois, vaqueiros ou caçadores que por ali passavam, sentiram mau cheiro, e, notando urubús pousados em árvores próximas, para lá se dirigiram, encontrando a sepultura meio aberta e o cadáver já em parte destruído pelos animais. As diligências e investigações levadas a efeito pela policia conseguiram identificar sem maior tardança o criminoso, e, descoberto o seu paradeiro, foi ele preso e recolhido à cadeia de Caririacú e enviado depois para a do Crato por medida de segurança.

Meu pai, a esse tempo, exercia ali, no testemunho de meus familiares, as funções de juiz suplente, ou leigo. Foi, justamente, nessa qualidade, que se dirigiu à cadeia local para conhecer de perto o criminoso, tendo ex-

probado, na ocasião, o facinora pelo seu barbaro procedimento, matando indefesa mulher sem motivo justo. Não seria preciso mais para que a fera em forma humana que era José Pinheiro, guardasse na memória a atitude de meu pai, aguardando como cascavel na tocaia o momento azado para um desforço pessoal.

Com a derrota das forças legalistas nos ataques à cidadela dos insurretos e a invasão em seguida do Crato e de outras cidades da região pela hordas desenfreadas, abriram-se as portas das prisões, pondo-se, consequentemente, em liberdade, todos os sentenciados que passaram então a engrossar as fileiras dos rebeldes. Contava-se nesse numero o famigerado José Pinheiro, a quem foi confiada a chefia de um grupo dada a sua valentia e a energia de que era dotado para o comando dos capangas como ele afeitos à criminalidade.

A vila amanheceu num claro dia de domingo repleta de cangaceiros sob suas ordens.

Precisamente à hora da missa, meu pai, incautamente, dirigia-se para a igreja quando, ao penetrar na praça, foi chamado por José Pinheiro que bebia cachaça com os seus cabras numa bodega da esquina. Pressentindo que iria ser agredido, respondeu que poderia servir-se na mercearia com o seu grupo do que quisesse, que depois da missa pagaria. Não foi, porém, atendido e a sua presença foi imposta sob ameaça de morte com os rifles apontados em posição de des-

carga. Disposto ao sacrificio, meu pai penetrou, cabisbaixo, no estabelecimento e fez-se logo em torno dele um circulo de malfiteiros truculentos, cada qual mais sedento de rapina e de sangue.

José Pinheiro puxou então do bolso um maço de bigodes e disse em rito de fera satisfeita que aquilo era o trofeu, a lembrança que trazia dos chefes rabelistas que encontrara no caminho de Fortaleza e que os de meu pai iria também para ali dentro em pouco. E começou o martirologio. Humilhações, ameaças com exhibição de armas, a toda sorte de angustia foi submetido o velho. A certa altura sacou de afiado e comprido punhal e ia vibrá-lo certo quando o meu irmão José Borges interveio corajosa e oportunamente, rogando afflito ao algoz que não matasse o pai, conseguindo assim demover o monstro no lance extremo de consumir o seu funesto intento. José Borges tinha a esse tempo cerca de 14 anos.

O Padre Augusto Barbosa de Menezes, vigario da freguezia, celebrava no momento a missa dominical. Toda a familia, em prantos, sentindo iminente a morte do chefe querido, corria para a igreja pedindo socorro ao celebrante. Este, sem mais delonga, dispensando, certamente, o que era dispensável do ritual sagrado, partiu apressadamente para o local da cena triste, arrancou meu pai das garras do criminoso e o conduziu são e salvo para a sua residencia, conservando-o ali sob sua guarda até quando o perigoso bandido abandonou a vila sobressaltada.

Adversário politico de minha familia, chefe local do partido marrêta, prefeito do município mais de uma vez, e correligionário decidido do padre Cicero, junto ao qual gozava de absoluta confiança, o padre Augusto, não obstante, era antes de tudo o amigo dos seus paroquianos, com a particularidade, no caso, de ser compadre de meu pai, padrinho de

batismo que era de minha irmã Rozinha. Nunca a familia poderia esquecer, como na verdade não esqueceu, esse gesto de grandeza dalma e de humanidade do bondoso sacerdote naquela hora de amargura e de afflicção. De mim sempre tive por ele uma afeição sincera e sempre que tinha oportunidade demonstrava-lhe o meu apreço. Também recebi dele muitas vezes provas inequívocas de amizade e estima. Adoei na Bahia, em 1928, quando ali cursava a Faculdade de Medicina, e, a esse tempo, recebi do bom padre uma carta, que ainda hoje conservo no meu arquivo, na qual me encorajava e procurava levantar-me o ânimo, que sabia abatido ao peso do mal por informação de meus familiares, lembrando-me como estímulo para vencer o desalento o seu proprio exemplo, de estudante doente quando no Seminário, a ponto de, ordenado, escolher para sua residencia a Serra de São Pedro, cujo clima era então indicado pelos médicos como propicio à cura dos doentes e enfraquecidos. Agradeço muito à Providencia Divina ter tido a sorte de encontrar-me na minha terra natal no dia do seu passamento para fazer-lhe o necrológio á beira do seu tumulo, prestando-lhe como intérprete da minha familia e dos meus conterrâneos a ultima e sentida homenagem.

Cumpr-me a esta altura a titulo de illustração fazer um ligeiro reparo, ou corrigir o equívoco em que, involuntariamente, incorreu o apreciado escritor Otacilio Anselmo à página 469 do seu livro "PADRE CICERO MITO E REALIDADE", em torno do episódio acontecido com meu pai e ao qual em traços rápidos descrevi acima.

"Vejam, diz ele, o que ocorreu com José Nogueira de Melo, por alcuinha José Pereira, Prefeito de Carriaciú no Governo Franco Rabelo. José Pereira, que fora vitima de repetidos roubos de gado e cereais no

curso da sedição, terminada a luta, continuou a sofrer assaltos dos jagunços, a título de imposto de guerra. Um dia, porém, resolveu suspender aquela contribuição forçada. Em consequência, foi ameaçado de morte. E numa manhã de Junho daquele ano trágico, um grupo de jagunços cercou-lhe a casa, apanhando-o de surpresa. Avisado do que ocorria, o Padre Augusto Barbosa de Menezes interrompeu a missa e correu ao local, chegando a tempo de arrancar o seu paroquiano das mãos dos bandoleiros, isto depois de ingentes esforços e porque ele, o Vigário, era amigo íntimo e correligionário do Padre Cícero."

A cena, como se viu da veraz exposição que fiz, não se deu com José Nogueira de Melo, também conhecido por José Pereira, mas com o meu pai, Clemente Ferreira Borges. Eu, apesar da pouca idade que tinha então, sete anos, lembro-me bem de tudo e dela podem dar testemunho os conterrâneos que ainda hoje vivem na cidade serrana.

Com o José Pereira, aliás meu tio legítimo, irmão de minha mãe, o que aconteceu foi o que com acerto narra Otacilio Anselmo a seguir, ou seja na mesma página do citado livro, por informação, ao que diz, de Rita Tavares de Souza, Ritinha entre familiares, minha prima segunda e irmã da mulher de José Pereira.

Creio que Ritinha, residindo ao tempo em Barbalha, algumas leguas distante de Caririáçú, recebeu meio deturpada a notícia da agressão sofrida por meu pai, atribuindo-a ao cunhado que, na época, era também alvo realmente de sistemática e pertinaz perseguição por parte dos bandoleiros.

"Temendo novo atentado, prossegue o escritor, José Pereira retirou-se para casa de sua sogra e tia Catarina Maria Nogueira, proprietária de um sítio em Arajara, município de Barbalha. Dias depois, na noite de 3 de Agosto, bate à porta de D. Cata-

rina numeroso grupo de jagunços, a mando de Manuel Chiquinha e do qual faziam parte Bispo Calixto, Sá, Mesias Calixto e Joviniano. A dona da casa, que tinha 4 filhos menores, recusa-se a abrir a porta, mas, sob ameaça de vê-la arrombada, termina abrindo-a, não antes, porém, de esconder o genro. É verdade que os bandidos não chegaram à violência física, mas o que se seguiu só é comparável às cenas de uma busca policial em casa de suposto subversivo. Afinal, para libertar-se da malta de assassinos, a corajosa senhora declarou que José Pereira estava na casa de um parente, situada nas proximidades, sendo, então, obrigada a acompanhar o grupo, de lamparina à mão, ao ponto indicado. Mostrado o suposto homísio do genro, Da. Catarina voltou às pressas à sua residência, de onde se retirou incontinenti, indo refugiar-se na casa de uma irmã, Isabel Alencar (Dedé), levando consigo alguns valores e os filhos, bem como a esposa de José Pereira, Ana Machado Nogueira. E aqui está a parte mais crucial deste episódio. Ana Machado, que se achava em adiantado estado de gravidez, começou a sentir os sintomas que antecedem o parto. Não havia cama, mas o problema foi resolvido com uma porta sobre a qual a parturiente foi assistida pela mãe e pela irmã. De resto, às 8 horas, Da. Ana dava à luz um robusto menino, para quem o destino abriria as portas de compensador e brilhante porvir. De fato, aquela criança, nascida em circunstâncias tão excepcionais, é o Padre José Nogueira Machado, eminente figura do Clero Brasileiro, laureado pela Sorbone e atual professor do Colégio Nóbrega do Recife."

Como se vê, a intentona de Arajara, então Farias, ocorreu, efetivamente, com José Pereira, mas a vítima da de Caririáçú foi meu pai, Clemente Ferreira Borges.

Faço esta retificação histórica, que,

estou certo, o consagrado escritor acolherá com agrado, não apenas porque envolvidos estiveram no acontecimento parentes meus, mas, sobretudo, porque além de ser essencial na história a veracidade de qualquer registro, participaram, direta e indiretamente, do evento de que trato, três ilustres figuras do Clero, dois dos quais ex-vigários de minha terra, os padres Cícero Romão Batista e Augusto Barbosa de Menezes, o pri-

ELOGIOSAS REFERÊNCIAS

Na sua coluna "Publicações sobre a Mesa", o jornal O CATOLÉ, de Fortaleza, edição de Agosto de 1982, nº 46, publicou o seguinte:

6 ITAHYTERA: é a revista oficial do Instituto Cultural do Cariri que tem como presidente o prof. Plácido Cidade Nuvens. O historiador e membro do ICC, Joaryvar Macedo, envia-nos o nº 26 dessa revista que significa esforço, trabalho, teimosia e idealismo de um grupo que está assim, registrando para a posteridade, a trajetória cultural do grande vale caririense.

Itahytera é um verdadeiro livro de 200 páginas de bons trabalhos. Para nós é o testemunho da coragem da gente caririense. Para muitos levar à frente trabalho dessa natureza é puro idealismo, é perda de tempo e é loucura. Infelizmente não sabem esses que o mundo só está melhor, mais equilibrado, porque são poucos os que ainda têm ideal, são poucos os que perdem tempo com a cultura, com as letras, porque são poucos os loucos assim.

O Cariri vai continuar crescendo nas artes e nas letras, na educação e na cultura, porque há os idealistas e porque Itahytera vai continuar fixando tudo isso para as gerações vindouras.

meiro personagem central do livro de Otacilio Anselmo e o segundo amigo cuja memória não me canso de re-ferenciar.

Durante a luta e depois da vitória dos "beatos e cangaceiros", apoiados pelo governo federal, consoante a sentença da história, passada em julgado, estabeleceu-se em toda a região e em quase todo o Estado, um clima de absoluta insegurança contra os rabelistas, espoliados indefesamente dos seus bens pelas hordas descenfreadas dos bandidos e dos aproveitadores.

Lembro-me como se fosse hoje dos comboios de farinha, arroz, milho, feijão e outros cereais que, quase diariamente, os chefes da rebelião mandavam buscar em São Pedro, esvaziando os armazens dos "adversários".

O de meu pai, bem como a loja de tecidos e miudezas que possuía, foram alvo predileto dos saques, salvando-se alguns objetos de mais valor guardados à última hora graças à providência de minha mãe, ajudada por meus dois irmãos Domingos e Afonso Borges na ausência do velho que, depois da agressão de José Pinheiro, passou a viver cautelosamente, fora da cidade em lugar seguro.

Essa precaução, no entanto, foi cedendo diante das medidas repressivas levadas a efeito pelo interventor Benjamin Barroso, que atenuaram pouco a pouco a situação de inquietude e de desordem até então reinante.

Certamente para essas medidas de saneamento contribuiu o Secretário do Interior e Justiça, o então jovem escritor e historiador Gustavo Barroso, que viria enriquecer a literatura nacional até a sua morte de cerca de cem obras valiosas, entre as quais avulta, no genero, "TERRA DE SOL", no consenso da crítica que o recebeu, e que é, na verdade, fiel retrato em grande estilo da nossa terra e da nossa gente.

A Devoção Luso-brasileira a São Gonçalo

Tudo neste mundo passa.

Gonçalo hoje é nome matuto. São Gonçalo não figura mais entre os santos populares invocados ou dados de nome a menino.

Ao fazer um livro de Novenas, eu quis colocar a novena de São Gonçalo; mas nada encontrei a respeito deste santo nem no Missal, nem no Breviário velho nem no livro "Na Luz Perpétua", a não ser uma alusão em letra mini-minúscula e em párvulas linhas sumidas. Aquilo irritou-me.

A seguir, estando em Natal (RN) a visitar um precioso amigo, Dom Antônio Costa, Auxiliar naquela Arquidiocese, o senhor bispo pediu-me subsídios sobre São Gonçalo para uma pregação numa festa de Padroeiro, declarando que nada sabia sobre o santo. Confessei-lhe abertamente minha irritação.

Depois, o Padre José Leite Sampaio, ouvindo-me falar neste desapontamento, fez-me saber que o livro "Ano Cristão", do Padre Croiset, trazia a vida de São Gonçalo. E mandou-me pontualmente o livro.

Em Madalena (Quixeramobim-Ce), eu curava uma capela na fazenda São Gonçalo, sendo porém Nossa Senhora a padroeira. Um dia, vi no altar um santo pequeno, com violão e chapéu. Na reunião do Conselho de comunidade, pedi desculpas por desconhecer aquela imagem e que santo representaria. Seu Noé foi franco em dizer que encontrara aquela imagemzinha no Canindé e comprara, supondo ser de São Gonçalo, por ouvir o

povo falar na "dança de São Gonçalo".

Com certeza a devoção a São Gonçalo foi trazida ao Brasil pelos portugueses e era uma devoção generalizada e popular. Onde a gente chega, há um lugar com o nome de São Gonçalo.

São nove municípios no Brasil com este nome. Trabalhei no Umari - Ce: o padroeiro é São Gonçalo. Em Santana do Cariri há dois sítios com esta designação. Em Madalena, há uma fazenda São Gonçalo e outra perto, já fora do município de Quixeramobim. Perto de Arneiroz - Ce há um sítio São Gonçalo. Fortaleza tem uma paróquia e município "São Gonçalo do Amarante". Crato tem um sítio São Gonçalo. E assim por diante.

A dança de São Gonçalo é do tipo de quadrilha: para a noite toda, com aquele desenvolvimento. Meu irmão Djalma Feitosa já presenciou uma: é cansativa, repetitiva, monótona e penitencial.

A ligação da dança com São Gonçalo fez-se através da lenda e do folclore. O santo mesmo era um simples frade dominicano que nem mesmo teve um período romântico como o teve São Francisco na sua juventude.

Vamos fazer um resumo do que nos conta o Padre Croiset. O livro é uma coleção francesa "Ano Cristão", com tradução portuguesa de 1923 pelo Padre Matos Soares.

A história do santo é colocada no dia 10 de janeiro, dia da morte em 1259, mas o relato acusa: "a sua

Se Deus é por nós, quem será contra nós?

(ROMANOS - CAPÍTULO 8)

Vocês não imaginam a grande alegria que eu senti, quando no dia 1º de maio de 1978, lendo um NOVO TESTAMENTO que me fôra dedicado por um grande amigo, descobri estas verdades ali contidas e, de repente, nasci de novo, exatamente como JESUS falou a Nicodemos em João 3:3-8.

Ali estavam as promessas mais in-

críveis do mundo, feitas por PAULO Apóstolo, sob inspiração divina, promessas que nos libertam de toda inquietação, porque encontrando JESUS CRISTO e o recebendo no coração, como nosso legítimo REI e SALVADOR, estamos salvos de todo o mal.

Porque já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, pois a lei do Espírito da vida em

festa celebra-se a 19 de janeiro"... Parece até um erro tipográfico, de troca do zero pelo nove.

Os pais eram "de esclarecida linhagem" e deram ao filho esmerada educação cristã. Estudou sob a orientação de um sábio e virtuoso sacerdote e fez os estudos de seminário na residência do arcebispo de Braga que o ordenou sacerdote e nomeou pároco de São Paio de Riba-Vizela.

Foi um vigário zeloso, salientando-se na misericórdia para com os pobres.

Depois de alguns anos de paróquia, entregou a paróquia a um sobrinho, foi em peregrinação a Roma e aos Lugares Santos, e nisto demorou-se catorze anos.

Este sobrinho improvisou documentos, deu por certa a morte de Gonçalo, foi nomeado pároco e vivia faustosamente.

Não conhecido nem reconhecido ao regressar, Gonçalo foi expulso e maltratado pelo sobrinho, ainda depois de identificar-se.

Gonçalo retirou-se para a vila de Amarante, onde construiu uma capela e missionava; dedicou a capela à Santíssima Virgem, de quem era ardoroso devoto; grande parte do tempo passava na oração e na penitência.

Desejando vida mais perfeita, fez

uma quaresma com toda a austeridade, pedindo a Nossa Senhora que lhe mostrasse o caminho religioso a seguir. Resolveu ser dominicano, em Guimarães.

Posteriormente obteve licença dos superiores e voltou ao eremitério de Amarante, onde prosseguiu a vida evangélica e caritativa.

Amarante fica perto do rio Tâmega que não dá vau pela maior parte do ano. Para facilitar o acesso à capela, empreendeu a construção de uma ponte, pedindo esmolas para as despesas.

Foi sepultado na capela de Amarante.

Em 1540, D. João III mandou construir, no lugar da capela, um suntuoso templo e um convento. Foi beatificado em 1561.

O livro conclui: "não só na vila de Amarante, mas também em muitas terras de Portugal, é singularmente festejado este santo, honra e glória de Portugal" (pág. 119, 1º vol.).

A história do santo não o liga nem de longe aos festejos da dança que tem o seu nome. A confusão de seu Noé, não distinguindo a imagem de um pastor de lapinha do Natal com a de São Gonçalo, por causa de um violão em punho, fica certamente por conta da lenda e do folclore.

Cristo nos livrou da lei do pecado e da morte.

Que se estamos n'Ele, deixamos de estar sujeitos aos mandamentos, passando a viver apenas sob a lei do Espírito.

Que Deus condenou em seu Filho o pecado, para nos libertar do pecado. Portanto, quando aceitamos JESUS no coração, recebemos com Ele o Espírito Santo, ficando libertos da lei da carne.

Que se Cristo está em nós, o nosso corpo morre por causa do pecado, mas o espírito vive por causa da justiça de Deus.

Que se o Espírito de Deus habita em nós e foi através dele que Deus levantou o Seu Filho do túmulo, assim também nos levantará da morte, vivificando os nossos corpos mortais.

Que todos os que são guiados pelo Espírito são filhos de Deus.

Que já não precisamos temer a morte, nem o maligno, porque agora somos filhos de Deus (e não apenas criaturas, como éramos antes de conhecer e aceitar JESUS CRISTO) e podemos clamar: ABA! PAIZINHO!!!

Que o próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus.

Que se somos filhos, somos também herdeiros e co-herdeiros com Cristo, se com Ele sofrermos, a fim de sermos com Ele glorificados.

Que os sofrimentos do tempo presente nada são, comparados com a glória porvir a ser revelada em nós.

Que toda a criação geme e suporta angústias até agora, aguardando a revelação dos filhos de Deus.

Que fomos salvos na esperança e pacientemente aguardamos a concretização do plano divino.

Que não sabemos orar como convém, mas o próprio Espírito de Deus nos assiste em nossa fraqueza, ajudando-nos e intercedendo por nós, porque só ele conhece a mente de Deus e a sua vontade em relação a nós.

ITAYTERA

Que todas as coisas cooperaram para o bem dos que amam a Deus, dos que são chamados segundo o Seu propósito.

Que primeiro Ele nos conheceu. Depois nos predestinou, para sermos semelhantes à imagem do Seu Filho, a fim de que seja Ele o primogênito entre muitos irmãos.

Que a esses que Deus predestinou, também chamou. E aos que chamou, também justificou. E aos que justificou, também glorificou.

Que se Deus é por nós, quem será contra nós?

Que se Ele não poupou o Seu próprio Filho, antes por nós o entregou, porventura não nos dará graciosamente com Ele todas as coisas?

Quem vai poder nos acusar diante de Deus? É Ele quem nos justifica!

Quem vai poder nos condenar diante de Deus? É Cristo quem morreu por nós e está sentado à direita do Pai! E intercedendo o tempo todo por nós!

Quem nos separará do amor de Cristo?

Será tribulação?.....Não!

Angústia?.....Também não!

Perseguição?.....Jamais!

Fome?.....Nem de leve!

Nudez?.....Nem por sombra!

Perigo?.....Nenhum!

Espada?.....Nem a mais afiada!

Pois em todas essas coisas **somos mais que vencedores**, por meio de JESUS CRISTO, que tanto nos amou.

Por isso, nem morte,

nem vida,

nem anjos,

nem principados,

nem coisas do presente,

nem coisas do porvir,

nem todos os poderes do mundo,

nem altura,

nem profundidade,

nem qualquer outra criatura poderá nos separar do amor de Deus, que está em CRISTO JESUS!

J. Primavera, 23-05-81

A Estética da Recepção

A Estética da Recepção ou Teoria da Recepção é uma corrente de crítica literária nascida por volta de 1966 na Universidade de Constança, na Suíça. No entanto, o terreno mais propício para seu questionamento estava nas universidades onde eram maiores as reivindicações estudantis. Esse clima existia especialmente no ambiente universitário alemão que na década de sessenta foi pródigo em reformas, dados os movimentos contestatórios. Como saldo disso, houve uma maior democratização da instituição universitária, transformação da educação histórica humanista numa formação mais profissionalizante e uma revisão na teoria da ciência presente na concepção caduca da universidade. Com o cenário preparado, duas posições se empenharam no debate da teoria da literatura: a "burguesa" e a "materialista" em escândalos e acusações recíprocas que confluíram através dos menos dogmáticos, na nova estética.

Só em 1979 foi que o ex-estruturalista Luís Costa Lima organizou uma coletânea de ensaios de quatro dos seus principais representantes (Jaus, Wolfgang Iser, Stürle e Gumbrecht). O título dado foi "A Leitura e o Leitor" (Paz e Terra).

Dos quatro ensaístas saxônicos o que se apresenta mais prudente é Iser, ao se preocupar com os vazios do texto. Este argumento é decorrente da constatação de que o processo de comunicação se realiza não através de um código, e sim, através da dialética do que não se diz quando se cala; de que o leitor vendo-se jogado dentro dos acontecimentos, vê-se provocado a tomar como seu

o que não foi emitido. Daí o que foi dito só ser entendido quando calado e os vazios de um texto se tornarem imprescindíveis. Quanto mais vazios, mais necessidade terá o leitor para preenchê-los. Quanto maior for a quantidade de vazios, tanto maior será o número de imagens que o leitor terá possibilidade de construir.

Como se observa, a existência do vazio não implica em prejuízo para a recepção. Daí o conceito de arte dos criadores da Estética da Recepção não ser confundido com o que pregavam os formalistas russos. Para eles a arte é "estranhamento" das coisas; e sua finalidade é prolongar ou dificultar ao máximo, o processo de comunicação. Para a teoria dos formalistas há a agravante de se confundirem os vazios com o que Ingarden chamou de "incompreensibilidades programáticas", pois alguns escritores costumam usar uma pseudo-metaforização porque precisam justificar uma literariedade de que seus textos são carentes.

Esse sintoma é uma constante no grande volume de produção poética no Brasil de hoje. Daí o dilema produção-conteúdo-quantidade. Destarte faz-se necessária uma avaliação da praticidade de aplicação dessa teoria no nosso contexto crítico literário. No entanto, como todo movimento teórico literário que chega ao Brasil, a Estética da Recepção ficou até hoje nos bancos universitários. Mesmo assim parece mais inovadora do que o foi a Nova Crítica e o Estruturalismo. Em primeiro lugar porque é fruto de um momento de contestação e consequente reforma universitária,

depois, porque vem finalmente resgatar de um milena: ostracismo, esse elemento essencial na literatura, que é o leitor. É a crítica se libertando do tradicional eixo autor-obra para chegar ao leitor. Esse comportamento privilegia um leitor ideal porque tem nele um continuador da obra proposta pelo escritor. Escritor que só se efetiva no momento em que ocorre o processo de comunicação criador/recriador.

A Estética da Recepção descobriu o leitor como objeto da ciência da literatura. É bom, no entanto, não confundir esse mérito com a meta do "New Criticism" quando desejava seu "leitor ideal". Isso era possível apenas enquanto a Estética da Recepção se propunha exclusivamente a ser uma "história da literatura do leitor" (Jaus). No entanto a Estética da Recepção vem se preocupando com a constituição do sentido, como produção do texto por parte do autor e a constituição do sentido, como compreensão do texto por parte do leitor. Neste aspecto, a nova moda está muito mais próxima do ponto de vista marxista no conceito de arte, quando se preocupa com as interações entre um autor e seus leitores, pois para ambos, "a ação social do autor é tanto condição para a compreensão do texto pelo leitor, como a ação social, provável dos leitores, age como premissa para a produção textual do autor". (Gumbrecht). Todavia só se deve falar de "interações entre indivíduos", quando sua ação social for tão bem relacionada, que um conheça o conhecimento do outro. Entre essas formas de interação, o caso mais comum é a comunicação verbal. Sua importância está justamente em alterar, no seu momento de efetivação, pelo menos um dos seus constituintes, o emissor ou o receptor. Como o produto destas ações de comunicação verbal é o texto, o conhecimento do produtor do

texto (autor/falante) é um conhecimento fundamental para a motivação. A compreensão do texto é uma alteração do conhecimento. Conhecimento de quem compreende o texto acerca do conhecimento de quem o propôs.

Como se vê, as teorias da nova estética já vão além das proposições iniciais do seu principal mentor. Talvez por ter lançado o manifesto teórico inicial ("A História Literária como desafio à Ciência Literária", 1967) da Estética da Recepção seja Jaus considerado como o pai da nova moda. No entanto suas preocupações iniciais foram com a dimensão histórica das interpretações literárias e com a estruturação teórica das idéias que viriam a reger a nova estética. Daí sua preocupação metalinguística com relação à terminologia usada no seu texto. Esta preocupação existe até mesmo para re-definir as três funções da ação humana na atividade estética. A "Poesias" como o prazer ante a obra que nós mesmos realizamos, a "Katharsis" como o prazer dos afetos provocados pela obra de arte, capaz de conduzir à transformação de suas convicções e liberação de sua psiquê; e a "Aisthesis" como o prazer estético da recepção reconhecedora. E por falar em prazer estético, vem-nos à lembrança, a afirmativa de Barthes de que o mesmo é instrumento da classe dominante e de que se faz necessário um exame a fundo do prazer do consumidor. Aí é onde está uma das características da Estética da Recepção que só tem tratado da literatura de consumo, afinal é no consumidor (leitor) que a nova estética se afirma como ponto de partida. E a afirmativa de Barthes é um respaldo à idéia de que muita coisa já havia sido elaborada como antecedente às teorias de Jaus e seus companheiros. Até o crítico Wilson Martins, aqui no Brasil, advoga para si, os primeiros questionamentos sobre a nova estética. Realmente seu trabalho pu-

blicado na Revista Brasileira de Poesia a 06 de junho de 1953, apesar de se voltar unicamente para a poesia traz passagens coincidentes com algumas idéias de Jaus. Senão vejamos:

"O leitor também é poeta. É o poeta a quem foi dada a poesia mas não foi dado o verso. Ele sente a poesia mas não pode exprimi-la, menos ainda provocá-la nos outros. É, assim, uma alma semelhante à do "seu" poeta, faltando-lhe apenas a capacidade literária de dar às próprias emoções a interpretação humana e universal em que a arte poética afinal consiste." (1)

Com esta afirmativa, não demorou a surgir a reação de outros estudiosos do assunto.

Em primeiro lugar foi José Guilherme Merquior ao apontar Augusto Meyer como antecipador da Estética da Recepção. Para tanto ele cita "A Sombra da Estante" livro que Meyer lançara a público em 1947 apesar de trazer trabalhos já publicados na década de trinta. O precursor apresentado por Merquior já insistia em visualizar o grande escritor.

"em andamento no tempo, avultando ou decrescendo de importância, quase esquecido às vezes, para ressurgir mais tarde, transfigurado à imagem de outras gerações". (2)

Depois de alguém se preconizar como dono da idéia inicial da nova estética era de se esperar a réplica do aclimatador, entre nós, das teorias da Estética da Recepção. E foi por isso que Luís Costa Lima rebateu a teoria de Wilson Martins, para quem a preocupação dos novos estetas era com a literatura (a poesia) já existente na mente dos leitores. Para Costa Lima, e isto pode ser tomado

como a finalidade da nova teoria,

"não é o leitor enquanto figura empírica que importa para as estéticas da recepção e do efeito, mas sim a análise de como ele constitui sua leitura, isto é, a apreensão dos valores estéticos e sociais que põem em cena ao aceitar ou recusar certa obra, ao interpretá-la desta ou daquela maneira". (3)

Como se vê, quanto mais se distancia da sua proposta inicial de dar conotação histórica à Estética da Recepção (Jaus) e se emaranha num exercício de terminologias sofisticadas, produtos de teorias experimentais e academicistas, o que se observa é um distanciamento cada vez maior entre a teoria e a prática. Quanto mais se avolumam as especulações em torno do tema, mais se abastece o verbalismo dos bancos escolares. De todos os "ismos" que povoam a teoria literária nos últimos tempos é a Estética da Recepção, no entanto, a que maior abrangência dá ao fenômeno literário, porque é no receptor onde se conclui a obra de arte e é para esse receptor que, finalmente se volta o pensamento crítico.

NOTAS

1. Trecho de conferência pronunciada no Clube de Poesia de São Paulo cujo texto integral foi publicado na revista e data supra-citadas.
2. Transcrição feita por José Guilherme Merquior para seu artigo "Recepção e Decepção" no Jornal do Brasil, caderno B, pag. 10, 02/08/81.
3. Luís Costa Lima responde a Wilson Martins, Jornal do Brasil, caderno B, pag. 10, 02/08/81.

* Jaus, Hans Robert e outros. *A Literatura e o Leitor*; Textos da Estética da Recepção, Paz e Terra, Rio 1979.

Patativa do Assaré

Amigo da Cultura

Aos 70 anos, Patativa do Assaré recebeu o título de "Amigo da Cultura", no Teatro José de Alencar, das mãos do Secretário de Cultura do Estado, em reconhecimento ao seu trabalho. Como você se sente, Patativa, ganhando tão grande honraria? "Eu me sinto até feliz por ser considerado amigo da cultura. Amigo eu posso ser, mas não, porque me falta a cultura, a minha cultura é pequena".

Modestia, sinceridade ou sutil ironia, a resposta de Patativa, na verdade, encerra um enigma. Qual a real importância deste poeta, que pouco frequentou os bancos escolares, considerado por muitos como a própria encarnação da cultura popular nordestina?

Apesar de ser pouco o título de "Amigo da Cultura" (que caberia melhor para algum mecenas), a homenagem a Patativa ganha maior expressão pela participação de músicos e poetas, que interpretaram canções e poemas dedicados ao homenageado. A promoção, coordenada pelo poeta Natalio Barroso, foi da Secretaria de Cultura do Estado, Centro Acadêmico Patativa do Assaré (Faculdade de Letras da UFC). Diretório Central dos Estudantes da UFC e jornal "Nação Cariri". Contou ainda com a participação dos poetas Rosemberg Cariry, Oswaldo Barroso; e dos músicos Eugênio Leandro, Alcio Barroso e Cesar Barreto, além do próprio Patativa.

Nunca como agora aos 70 anos de idade, Patativa do Assaré esteve tão

ativo. Convidado insistentemente para fazer recitais, o poeta tem viajado frequentemente, não só dentro do Ceará, como também para outros Estados. As platéias para ouvi-lo são sempre numerosas e entusiastas a maior das consagrações.

Patativa, porém, não se impressiona muito com o fato. "Eu tenho observado um grande entusiasmo pela poesia, mas ao mesmo tempo uma falta de interpretação e de julgamento sobre ela, por parte das pessoas. Muitos dos que me convidam para fazer recitais, o fazem mais por vaidade". Diz. E completa: "Vocês acha que eu me sinto vaidoso com o fato do meu livro ser estudado na Sorbone? Estes homens de lá não entendem nada de poesia nordestina".

Pára, consulta a mente e entra para um assunto do seu agrado. Aliás, dois: poesia e agricultor. Patativa tem sempre uns versos novinhos em folha, para dizer na ponta da língua. O poema mais recente, para não variar, fala sobre a situação do pequeno agricultor, este ano, no Ceará.

"Veja a medonha inflação e além disto o desemprego/ porém o pobre coitado/ padecendo a mesma dor/ pequeno agricultor/ este ano está lascado. Falam que vem o "Bolsão"/ mas se o bolsão tem dinheiro/ é só para o fazendeiro/ o felizardo patrão/ o pobre na sujeição/ não pode plantar roçado/ vivendo subordinado/ mais o rigor/ o pequeno agricultor/ este ano está lascado".

Fala em verso e, diante de muita

insistência, fala também em prosa: "Estas "invasões" que estão ocorrendo são por força da necessidade. Foi a falta de experiência como eu digo nos meus versos. Porque se tem no Ceará municípios onde a emergência podia ser cortada, existem outros onde isto não poderia acontecer. Dizem que vão botar um destacamento em cada cidade. Isto é uma grande ignorância. Deviam era ir na casa de cada sertanejo, para ver o que ele precisa".

VIOLENCIA E ELEIÇÕES — Sobre outros assuntos, o poeta do Assaré dá sua opinião, temas mais ou menos polêmicos, que estão na moda, e mesmo na preocupação dos homens. A violência no mundo de hoje, para começar: "Isto causa uma revolta com um misto de tristeza na gente, porque é uma barbaridade sem fim, o cúmulo da ignorância. Eu estou com 70 anos mas nunca atravessei um espaço de tempo como este", e emenda noutro assunto atual, eleições. "até com esta falta de democracia, porque esta forma de votar que inventaram é para tirar o direito do povo, fazer confusão na cabeça dele".

O QUE É SER POETA — Patativa sempre volta para a poesia, se a gente não tiver cuidado ele fala em versos o resto do dia sobre o assunto. Dá sua opinião sobre os poetas numa frase lapidar: "Acho melhor falar errado dizendo a coisa

P A U S A

O mundo passa...

Lá fora existe escravidão.

E nós...

Somos apenas alienados.

Morrer?...

Pra que morrer...

Se o que adianta é lutar!

Antônio Eusébio

certa, do que falar certo dizendo a coisa errada".

Agora fala através de versos, como é próprio dos poetas, dele com mais propriedade; "Ser poeta é ter paixão/ é sentir da dor o espinho/ ter tudo no coração/ e viver sempre sozinho". Por que Patativa, você não vive sempre rodeado de tanta gente, tantos admiradores? Perguntou-lhe um dia alguém. "Porque mesmo no meio de tanta gente, eu estou só comigo, com o mundo do meu pensamento", respondeu.

E lá vem outra: "O poeta é um vagabundo/ que vive vagando além/ procurando neste mundo/ o que este mundo não tem". Volta ao diálogo: O que, por exemplo, falta a este mundo? Patativa responde: "Fraternidade, meu filho, fraternidade".

JUVENTUDE E MULHER — Voltando a assuntos do momento, talvez alguém tenha curiosidade em saber a opinião de Patativa. Juventude primeiro: "Esta juventude atual, ela está sendo olhada com muita indiferença pelos donos do poder. Eu tenho muita pena, porque ela sonha e não pode realizar, até em relação aos seus estudos. Mas eles são jovens e têm coragem, vão transpondo as barreiras pouco a pouco".

Esta simpatia do poeta pela juventude parece mútua. Não foi atoa, que os estudantes de Letras da Universidade Federal do Ceará deram ao seu Centro Acadêmico o nome de Patativa do Assaré.

Passamos a outro assunto bem falado, a mulher. Poeta, como você vê uma participação cada vez maior da mulher na vida da sociedade? "Acolho que a mulher deve também lutar pela vida, ajudar não só ao esposo e à família, mas lutar também pela própria pátria, por uma forma melhor de todos viverem, por justiça e pelos direitos que devem ter.

Eu ouvi uma entrevista da Rachel de Queiroz e perguntaram a ela sobre o assunto. Ela deu o fora, dizendo

que a obrigação da mulher era tão somente cuidar dos afazeres domésticos. Talvez ela pense, que só quem pode ser diferente é ela, porque a Rachel mesmo não faz o que aconselha".

NEGROS, INDIOS E PADRES — "Preconceito contra o negro no Brasil? Existe demais principalmente no Nordeste e ainda mais no Ceará. Na Bahia e no Sul o preconceito racial é menos, aqui no Ceará ainda é grande, talvez porque a presença do negro entre nós seja bem menor. Por isto ele em vez de defender a sua raça, fica acanhado e se choca com a palavra negro".

Como sempre acontece, ele tem um poema abordando o assunto, aí vai uma estrofe: "Vou dar uma prova franca/ falando pra seu doutor/ gente preta e gente branca/ tudo é de Nosso Senhor/ mas tem branco inconsciente/ que querendo ser decente/ diz que o negro faz e nega/ que o negro tem

O P I N I ã O

Brasília, 05 de julho de 1982

CT/Nº 0150/82

Ilmo. Sr.

José Batista de Lima

Rua Mons. Vital Gurgel, 626

Fortaleza - CE

Amigo Batista

Recebi a revista "ITAYTERA", da Fundação Cultural do Cariri, Crato, e fiquei encantado. Não conhecia, e muito agradeço seu envio.

Realmente, é um símbolo da cultura cearense, e tudo tem que ser feito para que haja sua continuidade.

Já entrei em contato com a Fundação elogiando o trabalho e pedindo mais informações, e colocando nosso trabalho à disposição.

Mais uma vez agradeço-lhe a atenção, e conte sempre comigo.

Um grande abraço,

Flavio Lott

toda falha/ não vê o rabo de palha/ que muitos brancos carrega".

Acha graça e arremata com um exemplo: "Eu conheço negro que se ele disser, Patativa me arranje mil cruzeiros, eu dou. E existe branco que me pede duzentos e eu não dou". Quanto ao índio Patativa? "Eu sou o mais revoltado sobre a situação do índio. É um crime imperdoável/ ao índio declarar guerra/ porque antes de Cabral descobrir a nossa terra/ o índio aqui habitava/ vale, sertão, praia e serra". Mistura conversa e poesia e revela: Tenho até um "Pelo Sinal", dedicado aos índios do Brasil". Para quem não sabe, "Pelo Sinal" é uma forma poética popular, em que todas as estrofes terminam com uma citação, por parte da conhecida oração.

Falar em reza, o assunto passa para Padre. Patativa não esconde sua admiração pelos padres e bispos da "Igreja dos Pobres. "Os padres da caminhada", como ele chama. É amigo de muitos, como dom Frago de Crateús, dom Aloisio, de Fortaleza, dom José Rodrigues, do Juazeiro da Bahia, dom Paulo Evaristo Arns, de São Paulo, e principalmente de dom Helder Câmara e do padre Machado, que ele conheceu em Quitauás (distrito de Lavras da Mangabeira), e que atualmente é vigário em Ipuéiras. "Pessoas humildes, populares, amigas do povo, de quem eu guardo a maior admiração", revela o poeta.

Assim também é Patativa do Assaré, homem simples do povo, poeta de sua gente, que incorpora a poesia na sua própria vida. Não apenas um poeta rústico, um cidadão bem pensante, de quanto se passa nos confins mais distantes do mundo. Suas opiniões expressa em poemas. Não precisaria falar de outro modo. É pouco dizer-se ser ele um amigo da cultura. Aos 70 anos, vida e poesia se confundem em sua pessoa, imagem de nossa própria cultura. Poeta maior destas terras brasileiras.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA :

Nós nos encontramos, mais uma vez.

BARBALHA e o I. C. C.

BARBALHA e "ITAYTERA"

Irmanados. Como sempre.

Com um propósito. Um ideal.

Unir o Cariri.

A nossa saudação á intelectualidade regional,
quando, mais uma vez, circula ITAYTERA.

Estamos presentes.

João Hilário Correia

Prefeito Municipal

Iate Clube Canto da Barra

Aos 06 (seis) dias do mês de fevereiro de 1983, às 8 horas da manhã, na cidade de Aracati, Estado do Ceará, na residência do Dr. Abelardo Gurgel Costa Lima, Prefeito Municipal, à Rua Cel. Alexanzito, nº 920, reuniram-se com o mesmo os Srs. Francisco José Pierre, Valdemir Correia de Sousa, Paulo Barbosa Amorim, Leonardo Lima Fontenele, Joaquim Cesar Coelho Alencar, Luciano Figueiredo Gurgel, Antonio Pereira Filho, José David Gadelha, Jurandy Temóteo de Sousa, Antonio Augusto Sales, Aldenor Ozório de Castro, Francisco Zelo Filho e José Alcântara Matos, com a finalidade de criar, fundar e instalar, oficialmente, o Iate Clube Canto da Barra, agremiação social, cultural, desportiva e recreativa, com sede e fôro na cidade de Aracati e instalações próximo a foz do Rio Jaguaribe, no Sítio Jardim, em terreno adredeamente adquirido pelos meios legais.

Abrindo os trabalhos, o Sr. Prefeito Municipal de Aracati disse da satisfação de ver reunidos esses líderes em sua residência e disse sentir que se vivia, naquela hora, um momento histórico para a sua comunidade, que assim se preparava para um grande avanço no setor turístico e recreativo, manifestando sua intensa alegria pelo empreendimento que se iria fundar dentro de mais alguns instantes. Foi dada a palavra ao Sr. Aldenor Ozório de Castro, também filho da cidade, Presidente do Clube Recreativo Grangeiro, da cidade do Crato, com larga experiência em administrar instituições congêneres. O mesmo disse de sua esperança em que a nascente instituição, Iate Clube Canto da Barra, seria, futuramente, uma das maiores no

gênero, no Ceará e alertou a todos para as grandes perspectivas que o Município oferece, no setor turístico, a meio caminho entre Fortaleza e Mossoró, servido por rodovia asfaltada, com clima ameno, praias belíssimas, algumas de fama internacional, dominando a foz do mais importante curso d'água do Estado e ainda carente de um empreendimento do montante do que se iria agora constituir.

Afiçou que todos os que ali se encontravam tinham um propósito deliberado de trabalhar pela consecução da obra, não medindo esforços para a sua rápida e efetiva atividade. Disse que a entidade tem por finalidades proporcionar ao quadro social o lazer em todas as modalidades, em instalações confortáveis, bem como proporcionar o incremento de atividades artísticas, culturais e desportivas, em que o esporte aquático terá prioridade. Frisou que o Clube será construído próximo à foz do Rio Jaguaribe, no sítio denominado Jardim, Distrito de Fortim em Aracati e que providências preliminares haviam sido adotadas, resultante de aprofundados estudos e análises de viabilidade. Os Estatutos Sociais estão sendo feitos por peritos no assunto e está sendo estudada uma bem elaborada programação de lançamento de títulos patrimoniais. O Sr. Valdemir Correia de Sousa, com a palavra, complementou os informes do Sr. Aldenor Ozório de Castro e disse que o Clube vai dispor de restaurante, quadras, salões de jogos e recreação, salão de convenções, chalés, praça de esportes completa, parques, jardins, piscinas, áreas de lazer, camping, aëromodelismo, marina com acessórios indispensáveis à prática dos esportes

A M Ã O

Batista de Lima

Na janela era a mão
gordamente olhar de unha
a derramar-se nua
no sem gente da rua

Na janela era a mão
toda a solidão do mundo
e seu mistério redondo
sonobservando um nada nada

Na janela era o mundo
era sua dor maior
numa mosca pretazul
a confabular no só

Na janela era a janela
boca da mão e da noite
hora toda em tempo todo
a verdade no último ninho

Na janela era a mão
o despencar do futuro
maduro fruto das auroras
a olhar o chão da queda

Na janela era a mão
o olhar na terra terra
poço sem fundo
espelho olhando espelho

Na janela era a mão
além de qualquer mão
com os gritos estridentes
das coisas nos seus silêncios

aquáticos e ainda unidade de apoio na praia de Majorlândia dotada de 08 (oito) apartamentos. Depois de vastamente esplanados todos esses aspectos, com debate sobre as diferentes etapas em que serão atingidos esses planos, o Presidente da reunião, Prefeito Abelardo Gurgel Costa Lima considerou oficialmente fundado o Iate Clube Canto da Barra e procedeu a eleição da Comissão Administrativa, que regerá os destinos da novel instituição, ficando com essa responsa-

bilidade até à eleição e posse da Primeira Diretoria, que ficou deliberada para o dia 05 de junho de 1983 e que, a partir daquela data, regerá o clube por mandatos de dois anos, na forma em que decidirem os Estatutos Sociais.

Como resultado dessa eleição por aclamação, ficou assim constituída a Comissão Administrativa Provisória: Aldenor Ozório de Castro, Joaquim Cesar Coelho Alencar e Antonio Augusto Sales. Uma comissão composta por Leonardo Lima Fontenele, Paulo Barbosa Amorim, Antero Pereira Filho, Valdemir Correia de Sousa e Jurandy Temóteo de Sousa ficou encarregada de elaborar os Estatutos, que deverão estar prontos na Assembleia Geral do dia 20 de março de 1983, para sua aprovação. Ficou oficialmente lançada a primeira série de Títulos Partimoniais para os 100 (cem) Sócios Proprietários Fundadores. Será instalada na cidade de Aracati uma Secretaria Executiva, para os trabalhos iniciais, acertando-se, igualmente, ampla divulgação da nova entidade.

Todos se regozijaram com o histórico passo que haviam dado e mais uma vez o Prefeito Municipal disse da máxima confiança no empreendimento que haverá de redimir o Aracati na área turística, constituindo-se o novo clube um patrimônio do seu povo e o orgulho de sua terra. Antes de encerrar os trabalhos agradeceu a participação e a presença de todos e disse esperar que o trabalho fosse continuado com o mesmo entusiasmo e contagiante esperança, para que os nobres e elevados objetivos fossem alcançados em tempo record.

Considerou, depois, encerrada a sessão oficial de fundação e mandou que fosse lavrada a presente Ata, o que foi feito por mim, João Lindemberg de Aquino, Secretário-Ad-hoc, e que será transcrita em livro próprio e assinada pelos participantes da reunião.

SEM TITULO

meu quarto é pequeno
mas abriga milhões de sonhos
esequizofrênicos
(parapsicologicamente poetando)
meu quarto é pálido
mas 'child in time' confuso blue
sou arpejo livre confuso e livre
na imensidão do meu quarto
(eu, fônico, grito)
contigo estou só
e sozinho estou a dormir
tenho na pele o esforço dos meus
dezessete anos
— quantos ânus você tem?
no meu quarto nas suas paredes
o zeppelin incendeia meus sonhos
esequizofrênicos blues
vejo marx e che (bom dia!)
na minha cama (conforto operário,
uni-vos)
leio bandeira
verde (cor das nossas matas)
amarela (nosso ouro)
azul (nosso céu despoluído)
branca (nosso lacinho de fita)
repasso o passado
e vejo se valeu pedir à paz
— 'por favor, give peace a chance'
urge o guru nu no seu esplendor
o meu quarto é quente
'e eu não sei o que o meu corpo abriga
nessas noites quentes de verão'

carlos rafael das

monjes das metrópoles

os iogues das cidades
são trabalhadores solitários.
vivendo ordinariamente
no seio da multidão.
trabalhando muito
ganhando pouco.
desamado pelo tráfego
desamado pela mulher.
são monjes de uma ordem concreta
que esperam o fim do ciclo
para confundir-se com o todo.

DECA

ITAYTERA

LITERATURA DE UM JOVEM

A gente faz um sensorialismo
o escapismo nos lembra tudo
mas o sonho é uma fantasia
retornando ao passado
do próprio passado do artista
Idealizando a mulher como anjo
os românticos são exagerados
e tem muita crença nele mesmo
Na lingua portuguesa
existem várias regras de crase
mas uma é excessão
talvez nem você conhece
a junção de duas vogais
que forma a crase poética
Somos pessoas místicas
que cremos em Deus
acima de todas as coisas
Somos espiritualistas
porque as coisas materiais
só são úteis na vida terrena
Estou fazendo uso
de uma linguagem
ordenada e exótica
uma obra impessoal
Não façam uma paródia
a composição é séria e literária
porque as visões grotescas
são também de pessoas grotescas
Clássica e bulirada
rigorosa e perfeita
desejamos que assim seja
a Arte Brasileira

autor — Valdenê Tavares

cidade — Crato - Ceará

germinação

eram muitas gotas de vapor
que desciam pela face do mestre.
vindo do oculto tempo oculto
para destruir o templo
e libertar o espaço.
derrubando paredes e tetos,
tirando do exílio a energia universal
e descançando suavemente
no olho do furacão.

DECA

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPOS SALES

Participamos das alegrias do Cariri e de sua pujante equipe intelectual, quando se lança mais um número da vitoriosa ITAYTERA.

Assim se faz a História Regional, no mais amplo sentido. Contribuímos para que as futuras gerações nos conheçam melhor.

José Iris de Morais

Prefeito Municipal

MOVIMENTO SANGUESSUGA

LANÇAMENTO DA IDÉIA

Crato, 1983: Movimento Sanguessuga. Poesia piqui. São Paulo, 1924: Manifesto da poesia pau-brasil — poesia de exportação. Oswald de Andrade. 1928: Manifesto antropofágico.

"Abaixo o ultra-ultra-romantismo. O ultra-concretismo. A poesia marginal não pega mais."

Estamos saturados de importar "escolas literárias".

Pela primeira vez surge na literatura cratense (que até agora não tem tido a mínima importância para a literatura brasileira ou mesmo cearense) um movimento original.

"Entramos agora na literatura brasileira."

Deglutir. Eis a lei do antropófago. "Não por fome, mas com um sentido ritualístico que visava assimilar do outro aquilo que ele tinha de melhor". (1) Então Oswald propunha "devoração das técnicas de composição (estrangeiras) para produzir algo novo". (2)

O Crato é província: com ou sem televisão. O Ceará é província. O Nordeste... (ah! Não falemos nesta admirável e progressista região.)

Nos mandam (sempre por antologias) (3) a poesia concreta, a poesia jovem anos 70.

Alguns estudantes intelectualizantes (4) nas capitais nordestinas, em contato com "novas idéias", trazem quando em período de férias, na mala — o concretismo, a poesia marginal.

E de repente estamos a gritar a poluição contra a poluição industrial, a crescente alienação nas cidades grandes — os mais avançados.

Ainda há os que, sempre saudosistas, sentem-se na década de 60 — e brados contra o sistema, a ditadura, maquinações sombrias de manifestação guerrilheiras.

"Como era bom aquela época —

certa feita disse a estes neo-antropófagos, suspirando nostalgicamente, um poeta de 16 anos.

E peças em defesa dos poetas marginais, "a quem todo espaço tradicional de divulgação é negado" (8). Torquato Neto declarado com furor; as músicas mais antigas de Gil e Caetano; e até romantizações em torno do "poeta maldito pela sociedade, do pobre poeta anarquista e irônico!"

Chega a ser de uma tragicidade cômica — Digna de uma sátira sisuda de Swift.

Ou terrivelmente ridículo — Própria ao verbo cruelmente sarcástico de Eça de Queiroz.

De repente, cem anos depois da publicação de "os Maias", tomazes alencar gritando em prol do romantismo (5), afinal condescendente com o "modernismo" (6), depois de muito esforço dos joões da ega concretistas ou marginais!

Eça, meu caro Graciliano: essa província está impregnada de literatura acéfala.

Manuel Bandeira, no Nordeste (7) não há mais brisa: há sôda-poeira atômica de um provável conflito nuclear entre as potências; o barulho ensurdecador das cidades; "a serra do araripe" não existe mais — é só devastação; os seres gritam em palavras apocalípticas contra o sistema etc.

Chega!

"Todos para a central do meu ran-cor inebriante".

SANGUESSUGAS.

Sugueemos todas as técnicas modernas (ou antigas) de composição.

Autores importantes: Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Drummond, Bandeira e poetas da geração 70.

Poesia exportação. Poesia piqui.

Recriar a realidade cratense, usando as técnicas já citadas.

COMUNICAÇÃO

Há em Crato um movimento literário. Ninguém o sente, mas ele pulsa. Antes uma simples dissidência natural do Clube Literário do Crato, hoje conhecido como Mutart, o Movimento Sanguessuga-Poesia Piqui é agora uma proposta esteticamente definida, com aspirações de fazer verdadeira literatura, não de 'culturalizar o Crato' ou de levar cultura às massas.

Além do ultra-romantismo, aquém da poesia concreta, práxis ou 'marginal' — o Movimento Sanguessuga-Poesia Piqui vai buscar os seus pressupostos teóricos no Manifesto Pau-brasil (1924) e no Manifesto Antropofágico (1928), ambos de Oswald de Andrade.

- 1 — Jorge Schwartz
- 2 — Idem ibidem
- 3 — No Crato não há livrarias. Livros de literatura somente através das bancas de jornais (Literatura comentada etc.)
- 4 — Que querem ser intelectuais
- 5 — Pelo menos, é o que se pode chamar os pastiches sentimentais. Nós do Movimento não desprezamos Goethe, José de Alencar e/ou Álvares de Azevedo. Mas estamos em pleno século XX, década de 80
- 6 — Pseudo-manifestações modernas
- 7 — No Crato
- 8 — Quando poetas marginais lançam seus livros por editoras conhecidas, e a rede globo em uma das suas novelas leva a todos os lares brasileiro a figura de um poeta marginal, romanizada e enlatada.

Crato, 26 de fevereiro de 1983

Dizia Oswald: "dividamos: poesia de importação e poesia pau-brasil, de exportação."

Deglutir era a lei do antropófago, que o fazia não por fome, mas no sentido ritualístico de assimilar o que o inimigo tinha de melhor.

O Brasil naquela época se encontrava em relação à Europa, na mesma posição em que se encontra o Crato, em relação ao resto do Brasil.

O Movimento Sanguessuga é uma nova Antropofagia.

Assim os poetas sanguessugueses se definem no Manifesto da Poesia Piqui: as técnicas de composição nós sugamos do futurismo, de Marinetti e do cubismo. De Sergei Enestein, da sua obra prima 'o couraçado pottemkim' a linguagem cinematográfica. Autores como Oswald, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Carlos Drummond e Concretistas também influem na sua poética.

Porém o material da Poesia Piqui não é importado: A serra do Araripe; suas matas e fontes; a feira livre; os cabarés; os bairros periféricos; mulheres lavando roupa; crianças lamentas jogando bola numa rua também lamenta — tudo é material poético. O primitivo, o regional. Do crato para o mundo.

Copiar a realidade, recriá-la, por na poesia, bem como em outras manifestações literárias, as impressões provocadas pela visão clara ou confusa dessa realidade, bem como do meio — eis alguns pressupostos teóricos do Movimento.

SANGUESSUGAR, é o verbo.

Carlos Rafael Dias
Leonel Araripe
Wellington Marques
Eusébio Teixeira

Crato, 02/MAR/83

UMA COISA QUE NÃO SE PODE ESQUECER :

A DIFERENÇA ENTRE UMA BOA APLICAÇÃO E O RDB DO BANCO DO BRASIL

É O BANCO DO BRASIL

Quem vai fazer um investimento deve, antes, estar seguro de onde quer chegar. E deve também saber escolher o caminho certo, seguro, que não deixa você se sentir perdido no mundo dos investimentos.

Esse caminho é o RDB do Banco do Brasil, que começa a render juros e correção monetária logo no primeiro dia e a partir do investimento de apenas 1 mil cruzeiros.

Mas as vantagens ainda não acabaram.

Você também pode escolher quando prefere receber seus rendimentos: trimestralmente, semestralmente, ou no final do período que você fixar.

RDB do Banco do Brasil: o papel que tem por trás um nome que nenhum outro tem. O nome do Banco do Brasil.

Converse com o gerente.



BANCO DO BRASIL S. A.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTANA DO CARIRI

Uma nova proposta de Administração para uma comunidade consciente dos seus destinos

Nossas congratulações aos que fazem o INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI, quando mais um número de ITAYTERA é lançado, demonstrando a vitalidade intelectual da região

Plácido Cidade Nuvens

Prefeito Municipal

Mosaicos da Independência — A primeira Mãe dos Brasileiros

Comemoramos no mês de setembro a "Semana da Pátria" e nela o "Dia Santo da Pátria" — 7 de setembro — e exaltamos os feitos dos seus promotores e arautos.

É oportuno, portanto, fazermos algumas considerações atinentes ao longo, cruciante e cruento processo que conduziu aos instantes finais da aquisição da nossa Independência política.

Costuma-se escrever e divulgar, e o fizeram abundantemente para a nossa geração e para as seguintes, que a nossa autonomia foi conquistada de forma incruenta, pacífica, amigável.

Santa ingenuidade ou má fé!... Todos os pruridos de reação contra as pressões econômicas e ou sociais e políticas do governo português, no período colonial, fôram reprimidos com violência e derramamento de sangue.

Vejamos. Partindo das origens, mesmo considerando os movimentos locais ou regionais, começaremos a caminhada com a "Revolta de Bequimão" em 1684, desde que classifiquemos a aclamação de Amador Bueno para Rei de São Paulo, em 1641, como "insólita tentativa desprovida de caráter independentista", bem assim o episódio da "Conjuração do Nosso Pai", de Pernambuco, em 1666, contra o tirano e desonesto capitão-general Jerônimo de Mendonça Furtado. A seguir, desde que não consideremos a guerra dos "Emboabas" (1706/1708) de natureza independentista, deparemos-nos com a guerra dos "Mascates", de Pernambuco, em 1711, em que os exaltados, como Bernardo

Vieira de Melo, queriam que fossem proclamadas a independência e a república; no mesmo ano (1711), em outubro e dezembro, foram reprimidos dois movimentos populares na Bahia, originados pela insatisfação das condições de vida. A seguir, registramos o levante de 14 de janeiro de 1720, em Pitangui de Minas, seguido da "Revolta de Filipe dos Santos", em Vila Rica, no mesmo ano, que foi reprimida com violência e derramamento de sangue...

Afirma Toynbee que o tiro disparado pelos fazendeiros americanos em pé de guerra, na ponte de Concord, Massachusetts, em abril de 1775, fôra ouvido em todo o mundo: fôra ouvido na França antes do fim do século XVIII, recolchetiu para a América Ibérica recheiado com as idéias dos Enciclopedistas, e aí ecoou como um trovão, voltando a ser ouvido na Europa continental novamente, na África e na Ásia, até os nossos dias.

Assim, foi ouvido pelos idealistas da "Conjuração Mineira" de 1789, que levou ao patíbulo o líder Tiradentes, cujo sangue foi derramado em 21 de abril de 1792, e foi o único a pagar cruentemente com a vida, o crime de haver sonhado com a liberdade de sua terra. Ainda no século XVII, na Bahia, foi reprimida com enforcamento o movimento de rebelião promovido por um grupo de negociantes, profissionais liberais e militares, que planejaram, em 1798, proclamar a República que, consoante acreditavam, dariam a todos — brancos e negros — igualdade de direitos, tornando-se considerada a pri-

meira revolução socialista brasileira.

A seguir, calcadas nas vagas ideologias dos Enciclopedistas franceses e apoiados na ação da maçonaria, encontramos a Conspiração dos Suasunus e a Revolução de 1817, "esta, marco iluminado do nacionalismo brasileiro, sim, porque em vão procuramos na nossa historia motivo de maior glória; mesmo perdendo, os homens que se levantaram em Pernambuco, definem-se como apóstolos e heróis", na afirmação de Manoel Bonfim, que prossegue: "nem é possível compreender a monstruosidade de um Brasil que se emancipa com a Independência de 7 de setembro, sem buscar referência na revolução essencialmente brasileira de dezessete, e cujas energias foram abatidas pelos sicários do Bragança"...

E não conta o sangue derramado para a consolidação dessa Independência na Bahia, em Pirajá, no Piauí, em Jenipapo, e no Maranhão, em Caxias?...

Analisemos os fatos consciente e friamente, raciocinemos e façamos uso da razão!

Embora todas as rebeliões deflagradas no Brasil colônia tenham conotações econômicas, "revelando heróis e traidores, foram movimentos contra estrangeiros ou contra os desmandos do sistema colonial, e mostravam já uma busca da liberdade" e de unidade da Pátria que, então, se formava, a partir da expulsão dos Holandeses...

"Com Dom João VI o Brasil adqueria praticamente a emancipação política e tomava a rota para uma orientação econômica, contra o que reagem os interesses comerciais da metrópole, prejudicados no seu monopólio, através da Revolução Constitucionalista do Porto, em 1820. A Assembléia revolucionária, reunida em Lisboa no ano seguinte, pretendia dar ao Reino uma Constituição e, paralelamente, exigia o regresso do soberano, ao mesmo tempo que — tentando

superar dificuldades econômicas de Portugal — estabelecia uma gama de medidas que equivaliam à recolonização do Brasil".

Pressionado pelas guarnições portuguesas do Brasil, por funcionários do governo e por Dona Carlota Joaquina, D. João capitula e retorna a Lisboa, deixando antes a Direção dos negócios do Brasil a seu filho D. Pedro, na qualidade de regente.

"Mais decidido que seu pai e possuidor de personalidade autoritária", D. Pedro não se submete a limitações à sua liberdade de decisões e ao cerceamento de sua autoridade, resultando numa situação embaraçosa. Por um lado, de fato, o Brasil surgia como um país dentro do Império e, tendo em vista seus vultosos interesses, não podia submeter-se às medidas provenientes de uma Côrte longínqua; por outro lado, despontava a pressão dos interesses portugueses, não só da Corte, como dos comerciantes estabelecidos no Brasil, do Império, e da dinastia da qual D. Pedro era o herdeiro.

Entre os brasileiros, o que se aspirava era igualdade com Portugal dentro do Reino Unido; excetuados os exaltados e radicais que pregavam a separação entre os dois Estados, o geral, em 1820, era conseguir-se a autonomia das decisões dos mesmos, com instituições políticas distintas, mas não independentes, como se manifestaram, nas Cortes de Lisboa, os deputados brasileiros Vergueiro e Antonio Carlos. Essa tese não foi considerada pelos constituintes liberais, e a exigência do regresso do Príncipe Regente a Lisboa culminou com uma série de medidas desfavoráveis ao Brasil, inclusive a política de recolonização, que colocaram os brasileiros entre as tenazes de um dilema: submissão ou separação. E a declaração da Independência foi a opção, "tomada com muita cautela, dentro da política conciliadora de José Bonifácio que visava, acima de tudo, manter a

ordem, a autoridade e a integridade do Império Nacional que se formava".

E a decisão tomada por D. Pedro, na colina do Ipiranga, de romper os laços com Portugal, expressou os anseios do povo brasileiro, disposto a continuar lutando pela sua emancipação. E para essa solução viril concorreu, sobremodo, a magnífica D. Leopoldina que, consoante Max Fleits foi "a Paladina da Independência e, para o povo brasileiro, bem se pode dizer, a primeira mãe, cujo simile moral em tudo digno de si, só teve paralelo em D. Teresa Maria Cristina, nossa terceira Imperatriz; santa heroína do ciclo da Independência, gofreu também, como Joana Angelica de Jesus, o seu martírio moral pela suprema causa da Pátria".

Para Monsenhor Pinto de Campos, foi ela "a adorável princesa da mais vasta instrução, dos mais extraordinários talentos, da mais severa virtude, do mais delicado trato, dos mais austeros princípios, da mais generosa singeleza"...

Dona Carolina Josefa Leopoldina, nasceu em Viena, Austria, no dia 22 de janeiro de 1797, filha do Imperador Francisco I e de Maria Teresa Carolina de Bourbon, foi a primeira Imperatriz do Brasil. Teve a mais esmerada educação, conhecendo bem o alemão, o italiano, o francês, o inglês e aqui aprendeu facilmente o português, além de ser exímia pintora e pianista, bem como apaixonada pela minerologia, pela botânica, pelo estudo da História e da Geografia do Brasil. Foi ela a promotora da vinda ao Brasil da 3ª missão científica de 1817, encarregada de estudar a nossa flora e fauna, e ainda, da vinda dos cientistas Von Spix e Von Martius. E mais, montava e atirava muito bem.

Aos 20 anos casou-se, por procuração, com o Príncipe D. Pedro no dia 13 de maio de 1817, chegando ao Brasil aos 5 de novembro do mesmo ano, sendo recebida com as mais ruidosas festas de que teve notícias o

Rio de Janeiro; e aqui faleceu aos 11 de dezembro de 1826, sob a consternação do povo que muito a queria e sobremodo a respeitava.

Em 1920 D. João VI, premido pelas Cortes, retornou a Lisboa, deixando seu filho D. Pedro como Regente do Império, com o que não concordaram as Cortes, que queriam a volta de D. Pedro, e, por meio de Decretos, acabaram com o sistema provincial centralizado no Rio, substituindo-o pela centralização em Lisboa. De tudo isso resultou a rebeldia do Príncipe e o celebre "Fico" de 9 de janeiro de 1822, quando se iniciou a luta entre os que apoiavam D. Pedro e os portugueses contrários à sua política. E, dentre os primeiros encontramos a Princesa Leopoldina que, durante a permanência de D. Pedro em Minas e São Paulo, assumiu a regência do Império e o incentivou sobremodo, manifestando sempre, claramente, o interesse pelo futuro político da Pátria de adoção, como declarou o Conselheiro Antônio Meneses de Vasconcelos Drumond: "A Independência teve a ampar-la os carinhos, a dedicação, ternura e nobreza da excelsa Dama. Fui testemunha ocular de que a Princesa Leopoldina cooperou vivamente, dentro e fora do país, para a Independência do Brasil. Dentro deste ponto de vista, o Brasil deve à sua memória gratidão eterna". Escrivendo a D. Pedro em data de primeiro de agosto de 1822, dizia a augusta senhora: "O Brasil está em vossas mãos, um grande País. O Brasil vos quer para seu monarca. Com o vosso apoio ou sem o vosso apoio, ele fará a separação. O pomo está maduro. Colhei-o já!" Admirável demonstração do seu interesse e de amor pela causa que já empolgava os espíritos...

Entre a Princesa e José Bonifácio, que a estimava e lhe admirava sinceramente as virtudes, houve o seguinte diálogo, aos 17 de janeiro de 1822, que assim nos apresenta Viriato

Correia: "O Príncipe meu marido foi muito feliz em nomeá-lo seu Ministro — José Bonifácio teve um movimento de quem não ouvira direito: Em nomear quem? — Vossa Excia. Sr. Conselheiro — Nomear o que? — Ministro da Pasta do Reino, Justiça e Estrangeiros — Eu não sabia disto. Eu não posso ser ministro. Estou velho, cansado, e nada, nada entendo de política — A Princesa não o interrompeu. Só quando ele se calou foi que ela resolveu falar: — Conselheiro, se um pedido meu lhe merece acatamento, eu o faço com o maior empenho: aceite a nomeação. A situação do Brasil é melindrosa. Estamos a preparar a nossa emancipação. Mais dia menos dia estaremos separados de Portugal. Já todos nos sentimos que a nossa independência é inevitável — E, depois de um segundo de pausa: Vossa Excia, melhor do que eu, sabe quanto são difíceis e perigosos esses momentos para um país. É preciso ter homem ao leme, homem que não tenha medo dos temporais e como se faz boa navegação. Meu marido é muito moço. Precisa de um piloto hábil ao leme do barco — E fitando o velho paulista —: E esse homem é V. Excia. Senhor Conselheiro. É V. Excia. pelo saber, pela experiência da vida, pelo equilíbrio que a idade já lhe deu.

F R U T A S I A

Pequeno piqueno piqui
 Aroma gôsto sabor
 Fruta madura típica
 Fruta sabor piqui
 Muitos pequenos espinhos
 Trazem defeitos físicos
 Serve único sabor
 Serve defeitos espinhos
 Cuidado a apenas gôsto
 apenas gôsto
 Atenção perigo espinhos
 perigo espinhos
 Perigo só gôsto.

Eusébio Teixeira

pelo prestígio do seu nome e pelo patriotismo. O meu marido, apoiado por V. Excia., caminhará com firmeza e com êxito. Não lhe negue esse favor. Nem a ele, nem ao Brasil — E, sorridente, com uma centelha de entusiasmo nos olhos azuis: — É preciso formar a Pátria Brasileira. É preciso que o Brasil deixe a sua condição de colônia para ser pátria independente. E, para realizar essa nobre aspiração do povo, o Brasil precisa de tudo quanto lhe queira dar o senhor Conselheiro José Bonifácio de Andrada e Silva — E antes que José Bonifácio, emocionado, conseguisse falar, ela, com um tom de voz de infinita sedução, perguntou: — Posso comunicar a meu marido que V. Excia. será o seu Ministro? — Alteza — respondeu José Bonifácio, comovido até o fundo da alma: — Não tenho forças para resistir às vossas ordens".

Mulher sublime, grandeza de espírito, grandeza de caráter, Paladina da Independência!

Conhecem-na as gerações atuais? Desgraçadamente, não! A nossa patente ingratidão não tem limites...

Pagaríamos essa impressionante dívida, se em praça pública das capitais de cada dos nossos Estados chantássemos uma sua estátua, e no seu pedestral exculpássemos numa lápide, em letras de ouro puro:

Imperatriz Leopoldina

Paladina da Independência

Primeira Mãe dos Brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

- História do Brasil — Bloch Editora — 1972
- Grandes Personagens da Nossa História — Editor Victor Civita — 1972
- Revista do Instituto do Ceará — Tomo Especial — 1972
- Biografia de Personalidades Celebres — Professora Carolina Remó Ribeiro de Oliveira, 10^o Ed. 1971
- O Brasil — Manoel Bomfim — Brasileira, vol. 47 — 1940.

MERCANTIL COMPRE BEM

EUGENIO LEITE & CIA.

UM MUNDO DE UTILIDADES PARA O SEU LAR



PRESENTES, PERFUMARIA,

COMESTÍVEIS, PRATARIA, ETC.



PREÇOS SEM COMPETIDORES

O MAIOR E MELHOR SUPER-MERCADO DO CRATO

RUA DR. JOÃO PESSOA — (Galeria com a SANTOS DUMONT)

CRATO — CEARÁ

CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO

O Poder Legislativo Cratense congratula-se com a intelectualidade caririense pelo lançamento de mais um expressivo e valioso número de ITAYTERA, órgão representativo do nosso adiantamento cultural e cívico.

Waldemar Arrais de Farias
Presidente

Faustino de Albuquerque: um centenário

Nascido nas cercanias azuis da Serra da Picotuba, na bucólica cidade que ainda hoje conserva seu lirismo e sua poesia, aos 15 de dezembro de 1882 — se vivo fosse — estaria completando 100 anos o Desembargador Faustino de Albuquerque e Sousa.

Foi ele um dos homens

ilustres do Ceará. Sério, circunspecto, introvertido, era, todavia, de uma imensa bondade e tinha o que o matuto chama de um «coração de manteiga».

No seu lar humilde recebeu rígida e sólida formação cristã e familiar, que lhe adornou a vida toda, completada com

uma educação esmerada, que o fazia um cavalheiro da melhor estirpe.

Como todo cearense que se prezava, àquela época, cedo emigrou para a Amazonas, à busca de melhores condições de vida, já que a terra, pobre e combalida, sempre castigada por secas periódicas, não oferecia perspectivas duradouras de vida.

Em Manaus trabalhou no comércio, com um português que fabricava bebidas. Dedicou-se ao trabalho e ao estudo. Fez, ali, os chamados «preparatórios» e retornou ao Ceará, onde se matriculou na Faculdade de Direito, então recentemente criada pelo Acioly.

Gustavo Barroso fala dele no livro Liceu do Ceará, em que focaliza aspectos da vida estudantil em nosso Estado. Em 1910, o melhor da classe, concluiu o curso e foi, justamente por ser o melhor, o orador da turma. O seu discurso versou sobre o tema Justiça e Liberdade, o que já delineava o futuro apaixonado pelas causas jurídicas, de marcante presença no foro.

Formado, foi professor de Português da Escola Normal e exerceu as funções de 1º Diretor do Teatro José de Alencar. O ingresso na magistratura não tardaria, desabrochando a vocação que cedo demonstrara. Iniciou a árdua

OPUS I

I

Crato...

Antiga vila do Frei Maria do Ferrara

Hoje cidade de 120 mil habitantes.

Com efeito, o Crato tem 120 mil almas...

— 1/1000 da população do Brasil.

São na verdade 40 mil na cidade

e 80 mil no município...

Ou seria o contrário?

80 mil na cidade; 40 mil no município.

Não, não fica bem: são realmente

40 mil na cidade e 80 mil no município.

II

Crato...

— Capital da cultura, Princesa do Cariri!

Há mesmo muito piqui nesta cidade:

Quinze por cento na serra do araripe!

Oitenta e cinco por cento

nas cabeças dos poetas!

Piqui é fruta oleosa:

Cría bolos de colesterol

nos vasos arejadores do cérebro —

— esse formidável e excelente cérebro —

impedindo o seu perfeito funcionamento

— E o que há, então, de poeta esclerosado

não é moleza!

Leonel Araripe

carreira como Juiz de Barbalha. De Barbalha passou-se para Maranguape. Dali para Camocim. Sempre dando exemplo de lisura, austeridade e escrupulo absoluto no desempenho das funções. Numa época em que a politicalha era pior do que hoje ele presidiu uma eleição com tanta neutralidade, mesmo ameaçado pela Polícia da situação reinante, permitindo aos opositoristas votarem tranquilamente, foi, por isso, posto em

disponibilidade. Por algum tempo atuou no fóro da capital e depois assumiu a Comarca de Baturité, onde o alcançou, nos anos 30, a merecida promoção para Desembargador do Tribunal de Justiça do Estado.

Ali inovou velhas estruturas e no novo regimento fez valer a designação de Presidente da casa, a cada ano, o mais velho da côrte de Justiça e o mais novo como Vice. Uma espécie de ascensão para que

quando o vice chegasse a ter a vez na Presidência, já teria a ampla experiência da administração interna. Organizou e foi o primeiro Presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Ceará. Foi o mais novo Presidente de TRE no Brasil, por duas vezes, e em 1945 foi indicado para o posto pelo Supremo Tribunal Federal, uma honra!

Redemocratizado o País, depois da ditadura Vargas, organizados os partidos políticos, foi indicado candidato a Governador do Ceará, em 1945 sendo eleito em gloriosa campanha, pela antiga UDN. O PSD fez, todavia, maioria na Assembléia Constituinte e a Constituição foi feita à luz da matreira orientação de José Martins Rodrigues. Nela foram inseridos aspectos curiosos: a Assembléia elegeria o Vice-Governador, e o fez, na pessoa do antigo interventor Meneses Pimentel, que cairia meses antes da administração cearense. E as nomeações do Estado passariam pelo crivo da Assembléia, para aprovação ou não, até de gente do chamado hoje «segundo escalão», medida que o Supremo, mais tarde, derrubaria.

Faustino governou, todavia, com certa isenção de ânimo, sob o lema aos amigos, carinho, aos adversários, justiça. Caracterizou-se por sua franqueza rude, sua energia pessoal, sua coragem inexcusável, sua correção, a lhaneza no trato, grande honestidade e pureza de intenções. Combatu a jogatina, como pode. Enfrentou a dureza da oposição, quatro anos, a ponto de não dar vez, um dia sequer, ao vice-governador, de assumir.

OPUS 2

I

Nos bairros da periferia
A vida é outra

Na rua lamenta pivetes se lambuzam
Cadeiras nas calçadas
À uma janela Joana cata piolho do seu marido
Achou um, porque tem as faces contraídos
no esforço (prazer) de esmagá-lo
As casas são pobres em geral
esmagam-se umas às outras
em visível estertor

— No entanto no meio da miséria
algo se destaca:

Um pássaro, um avião?
Enganas-te: um poeta social
colhendo (in loco) material.

II

Praça da Sé
Uma bicicleta passa correndo
Namora-se junto aos postes de iluminação
Uma menina está de mini-saia e tem
(meias muito brancas...)

Vais querer amendoin?
Não, meu amigo, observo apenas
Que horas são?
O relógio da Sé não responde...
No entanto há na igreja algum rumor
missa novena coisa que o valha
— Uma beata de rosto encarquilhado
e véu muito espesso,
suspira: meu Deus!

Leonel Araripe

A ESTRADA DA VIDA

CORREIA COELHO

A longa estrada que vemos à frente,
Cheia de castelos, sonhos e ilusões,
É a estrada da vida, — bem diferente,
No cenário das imaginações.

Suas misteriosas curvas e tangentes
Nos oferecem muitas emoções,
Na caminhada longa e persistente
Que nos dá saudade e recordações.

Nessa viagem assaz obrigatória
Pela estrada da vida, livremente
O viandante marca a sua história.

Mas a realidade ele tem na mente,
Que o seu destino, sempre na memória,
É o destino fatal de toda a gente!...

OPUS 3

I

TEUS

Serra do Araripe!... Verdes e fontes!...

Mas grita o comunista:

—... e granjas burguesas

atulhando o teu sopé...

o socialista:

— Pobres camponeses

no mourejar sol-a-sol...

.....
Inflamado o catolicizante urge
levar Puebla ao povo, "numa revolucionária
Pastoral de juventude..."

.....
(é a geléia geral da cultura cratense)

II

A J. de Figueiredo ausente:

— J. de Figueiredo, que fizeram
com tua cidade?!...

Leonel Araripe

ITAYTERA

As greves estudantis que tentaram levá-lo ao ridículo com a «Chiquita bacana», vaca de Paocatuba, foram enfrentadas com energia e destemor, não se negando ao diálogo. Governou até o fim, não fazendo o seu sucessor, pois lhe seguiu no Governo o jovem e impetuoso Raul Barbosa, da oposição.

Faustino de Albuquerque era casado com D. Flora, mulher e mãe exemplaríssima, recatada e sem mania de grandeza. Humilde ao extremo. Faleceu cercado pela admiração do povo, em 10 de dezembro de 1961. Merece justas homenagens, por parte do Governo e povo, instituições culturais e acadêmicas.

MULHER: PIQUI

Mulheres oleaginosas,
suas peles lustrosas
banham-se nas piscinas
entre piquizeiros carnosos.

Nos frondosos oitezeiros da tua ruinosa praça central,
nas noites de calor, Cariri tropical,
voam ruidosas virgindades das virgens dilaceradas,
entre os estofados de tuas máquinas ofuscadas,
entre o par de pneus, dos pilotos defazados,
nos seus vãs atos, suas pseudos rebeldias.

Esculturalizadas e desculturalizadas,
esquiam-se em suas ruas de lama,
e na gama de teus desejos e ensejos,
sugam teus seios, cortante ao meio
e tu não percebes que na procura dos beijos,
fundem-se as carnes, breve, bem breve criar-se-á o medo.
Tua jambo pele que agora é tua cobertura,
teus pelos que agora são tua quentura,
em breve me despedirão.

Se não queres dividir teu sensual desejo,
com esse pobrelou poeta, problema vosso,
nunca farei questão, nem tese da antropologia sexoeconômica
quanto ao socialismo sexual, mas o bel prazer independente de
suas castas sociais, pois o bom Deus no seu marxismo celestial
a isso previu, e proveu a todos, todos homens e mulheres
a terem seus órgãos sem ideologia.

E se não quiseses, perdes, teríamos muito a trilhar.
Saiba então que esses cavaleiros metalizados
pouco te darão, apenas seus semens cristalizados de seus
corpos mentecaptos.
Não serás mais a minha musa, mesmo com esse sensuado
e moreno corpo, pois não me dais prazer.
Sois a madoma, prostituta corrupta, adolescente in natura
que merece render-se.

Wellington Pasca

Relembrações de Faustino

A morte projeta os grandes homens. Após o desaparecimento físico, como que eles avultam e se tornam maiores, vistos que passam a ser com mais benevolência para com os humanos defeitos e as deficiências, que todos também os possuem. Só o julgamento da história é isento de paixões e, por conseguinte, justo.

Aqui não vim para arrancar aplausos desta instituição tão representativa da inteligência e da cultura do Ceará, cujas portas transpuz sumamente penhorado pelo convite que me foi feito, por iniciativa de meu primo-irmão, professor João Hipólito Campos de Oliveira, para discorrer sobre a personalidade de Faustino de Albuquerque e Souza, cujo centenário de nascimento transcorre. Aqui estou, lisongeado e agradecido para formular o elogio daquele que, antes e acima de tudo, foi um homem simples e austero, com muito mais títulos de dignidade pessoal do que de erudição em qualquer dos ramos da ciência, mas que, tendo exercido os mais elevados cargos dos Poderes Judiciário e executivo do Ceará, neles deixou a marca de sua personalidade, de sua probidade invidiosa, de sua dedicação por inteiro ao cumprimento do dever, do seu zelo para com o que lhe parecia ser o bem público. Mais corajoso e mais reto é difícil encontrarmos.

Faustino de Albuquerque e Souza, de origem da classe média quando era o Ceará muito mais pobre do que hoje, guardaria pelo resto de sua existência, que se finou às vésperas de completar 79 anos de idade, a condição de homem metódico, que viveu para o trabalho e a família, com orçamento contado, sem qualquer ostentação. Sua trajetória na vida não

foi fácil. Nascido em Pacatuba, aos 15 de dezembro de 1882, filho de José Libânio de Souza, coletor federal, e de Crispiana Albuquerque e Souza, virtuosíssima senhora que trabalhava em comestíveis caseiros para venda externa a fim de ajudar ao marido e para melhor poder criar a filharada, pertenceu a geração dos que, ainda adolescentes, se deixaram atrair pela tentação da Amazônia quando a borracha atingia preços astronômicos no mercado internacional. Mas naquela região demoraria pouco. Voltou ao Ceará, em cuja Faculdade de Direito colou grau em 1910, e foi o orador de sua turma.

Primeiro diretor do Teatro José de Alencar, professor de Português e Francês dos melhores estabelecimentos de ensino do seu tempo, estava no entanto, predestinado à magistratura onde pontificou por mais de 30 anos como um grande Juiz, desses que embora sem jactância no comportamento, logo se vêem cercados por uma aura de respeito e admiração. Certa feita, instado a simular uma eleição, para agradar ao Governo, realizou-a de verdade, com risco da própria vida, na cidade de Camocim. Foi por isso punido com a disponibilidade, aplicada através do artifício da supressão da comarca.

Anos mais tarde, voltaria ao serviço ativo e pouco depois chegava ao Tribunal de Justiça do Estado, onde pontificou por 17 anos, sem conhecer outro caminho a não ser o percurso entre sua casa e a corte a que pertencia e da qual foi presidente duas vezes. Presidiu, igualmente, o Tribunal Regional Eleitoral do Ceará, em 1933, quando de sua criação, e novamente em 1945, quando expirava

o Estado Novo e o Brasil voltava aos postulados democráticos.

Em 1947, seria eleito Governador do Estado e iria experimentar a mais amarga das experiências. O bom Juiz se revelaria um mau político, pois sendo um homem de princípios, não sabia transigir. Tinha, só para exemplificarmos, aversão ao jogo e por isso o combateu, indiferente a impopularidade daí resultante. Por economia, extinguiu cerca de mil cargos, à medida em que iam vagando, por entender que era sua obrigação fazê-lo, ainda que contrariando correligionários.

Há um fato, indiretamente ligado a esta entidade, que diz bem quem era Faustino de Albuquerque. O Dr. Pompeu Sobrinho, presidente perpétuo do Instituto, foi quem subscreveu em primeiro lugar um manifesto de intelectuais de apoio à candidatura a Governador do general Onofre Muniz Gomes de Lima, que concorria com Faustino ao Governo do Estado. Pois bem, eleito. Faustino convidou Pompeu Sobrinho para ser seu Secretário de Agricultura e Obras Públicas, cargo que exerceu, prestigiado, até o último dia do Governo. Dos Secretários, Pompeu era o único que despachava com o Governador sem formalismo: os dois se tratando pelo prenome. O Secretário chamava o Governador de Faustino e o Governador chamava o Secretário de Tomaz. Findo um despacho, seguia-se uma conversa descontraída, sobre generalidades, entre ambos. Oficial de Gabinete do Governador, ainda muito moço, lembro-me que certa feita, por volta do mês de novembro, numa dessas conversas a que aludí, o Governador perguntou ao Dr. Pompeu Sobrinho se no ano seguinte teríamos inverno, graça do céu de que ainda hoje muito dependemos.

"Faustino, a gente nunca pode saber com exatidão com certa antecedência, porque a meteorologia, quanto a previsões de meses, ainda engatinha". Assim começou o Dr. Pompeu

uma dissertação sobre clima e o Nordeste, finda a qual, eu, que a escutava um pouco a distância, mas muito atento, exclamei de mim para comigo: "Como é que esse homem sabe tanto!"

Como Governador, Faustino de Albuquerque levava a honestidade a extremos, sem contudo, disso fazer praça, convencido de que apenas cumpriria uma obrigação elementar. Em todo o seu quadriênio, foi custeada do seu bolso a alimentação destinada ao então Palácio da Luz, onde nunca se serviu bebida alcoólica, oferecendo-se às visitas somente cafezinho e, em certas solenidades, cajuína.

Cioso do princípio de autoridade, defendeu-o até as últimas consequências. Lia atentamente todas as críticas e ataques da imprensa ao seu Governo, fazendo anotações para efeito de mandar investigar fatos denunciados. Temperamento forte, e, por vezes, explosivo, era, no entanto, logo contido por sua formação de magistrado.

Na vida privada, foi bom filho, bom marido, bom pai, bom irmão, bom avô, bom parente e bom amigo. Deu, com o seu nome, projeção à família Albuquerque, que muito lhe ficou a dever. Como um de seus sobrinhos e seu protegido, tive o caminho da vida facilitado pelo interesse que por mim sempre demonstrou, desde o dia em que, aos 11 anos, perdi meu pai e levou-me a morar em sua companhia.

Ao abrir-me as suas portas, para que usasse da palavra nesta tarde, o Instituto do Ceará, tão fiel à memória histórica do nosso Estado, se associa às manifestações pelo transcurso do centenário de nascimento do desembargador Faustino de Albuquerque e Souza. Em nome de sua família, expresso agradecimentos por esse gesto de distinção a todos os membros do Instituto, a maioria dos quais creio que conheceu o homenageado, de quem se pode dizer que foi um Homem.

Lojão das CONSTRUÇÕES

O MÁXIMO SOTIMENTO EM MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
E ELÉTRICO, COM TODAS AS FACILIDADES
PARA QUEM ESTÁ CONSTRUINDO.

RUA TRISTÃO GONÇALVES Nº 296

TELEFONES: 521-0301 e 521-1306

ELETRO-JUSTO

MÓVEIS, EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS,
ELETRO-DOMÉSTICOS E NOVIDADES

**RUA DR. JOÃO PESSOA, ESQUINA
COM ALMIRANTE ALEXANDRINO**

TELEFONES: 521-2715 e 521-2716

DUAS GRANDES LOJAS DE **MARCONDI JUSTO**

C R A T O - C E A R Á

PREFEITURA MUNICIPAL

DE

POTENGI - CE.

Nossas congratulações ao
Instituto Cultural do Cariri e ao povo do
Crato, pelo lançamento do 27º número da
vitoriosa ITAYTERA.

Rivaldo Rodrigues

PREFEITO MUNICIPAL

Faustino de Albuquerque, o homem

"Nenhum grande Homem vive em vão.

A história da Humanidade não é

mais do que a biografia dos grandes Homens" —

Thomas Carlyle.

Não tive a feliz oportunidade de conhecer, pessoalmente, Faustino de Albuquerque como desembargador.

Médico pobre recém-formado, com cordão umbilical enterrado nas planícies do Icó, filho póstumo de fazendeiro de Tauá, mas com sangue dos Alencar por via materna, entrei na década de 40 cumprindo um plano que previamente delineara. Durante quatro anos exerceria a clínica geral no interior, praticando o pouco que aprendera, acumulando experiência profissional e a escassa pecúnia que me permitiria demandar os centros científicos mais adiantados do Sul do País, onde me especializaria.

Assim o fiz, com a férrea determinação do sertanejo que sente a tração telúrica do solo ardente onde nasceu, mas que pouco, muito pouco tem a dar em projeção para o futuro aos que alimentam ambições maiores.

Em meado de 45, fixava-me em Fortaleza. E aí começa outra história singular, que comporia uma insossa autobiografia, sem maior interesse.

Desde os meus saudosos tempos acadêmicos, porém, conhecia de nome e muito admirava, pelo extraordinário conceito público de que gozava, o desembargador Faustino de Albuquerque e Souza.

Era um magistrado integral, de toga imaculada, com todas as qualidades marcantes do julgador inato. Sêrio e sereno, possuía o aprumo

natural do verdadeiro sacerdote da Justiça, apenas transpondo o limite rígido de conduta, para explodir num instante de ira mal contida, quando algum político desavisado ou figurão influente tinha o topete de lhe pedir favores inconfessáveis.

Conheciam-no, no Tribunal, como o procurador gratuito e incorruptível dos que batiam às portas daquela Egrégia Corte na defesa de legítimos direitos postergados.

Regressando do Rio de Janeiro em março de 45, depois de quase dois anos de pesados sacrifícios e ingentes esforços, sobraçava uma volumosa carga de "canudos" dos diversos cursos que fizera, mas o bolso vinha vazio como sempre...

Precisava, desesperadamente, de apoio financeiro para instalar minha clínica, de um "gancho" como se chamava então o minguado emprego público que garantia a subsistência.

Dirigia o então Departamento Estadual de Saúde o emérito sanitarista Joaquim Eduardo de Alencar, a instâncias de quem tinha ido ao Rio para submeter-me a pesado concurso de seleção em Manguinhos, cursar por um ano o Instituto e diplomar-me em Saúde Pública, o que me possibilitaria um emprego. Ninguém quisera a prebenda e o Ceará ficaria sem representante, quando todas as unidades da Federação estavam enviando dois ou mais representantes.

Aceitei, fui e venci. Mas quando regresssei e procurei o emprego, nada conseguí.

Apesar do meu pouco interesse na política, à época do então Interventor Menezes Pimentel, era eu um cidadão marcado. Tavorista da velha guarda, vacinado e revacinado, ligava-me àquela tradicional família os meus

avós, trazendo portanto ferro e sinal da oposição...

Joaquim Eduardo de Alencar, entretanto, administrador idealista que sonhava implantar uma nova Saúde Pública no Ceará, com técnicos devidamente preparados, "encostou-me" no seu Departamento, pagando-me modestíssimo salário, às custas da alquimia das pequenas verbas federais, que eram as primeiras transfusões financeiras da União nos Estados.

Permaneci, por certo tempo, nessa espécie de limbo funcional, até que a carência de pessoal habilitado e a insignificância da remuneração oferecida, não ambicionada pelos apadrinhados políticos, levou-me a ser admitido como extranumerário mensalista.

De qualquer maneira, abria-se uma vereda, que em pouco tempo me levaria à estrada aberta de uma carreira, através de concurso do DSP.

Entrosei-me, enfim, no mecanismo da Saúde Pública do Estado.

A política, vencido o marasmo da Ditadura, entrava em franca fermentação, quando um compacto grupo de homens de bem e com poder de liderança, lembrando as qualidades excepcionais e o admirável conceito público de que gozava Faustino de Albuquerque, em todos os quadrantes do Ceará, resolveu apontá-lo como candidato da oposição ao Governo do Estado.

Custoso foi convencê-lo a aceitar o pesado encargo, que envolvia excepcionais responsabilidades, numa época de grande efervescência das paixões populares e explosões de recalques, com a nascente redemocratização do País, e tendo a administrar um Ceará paupérrimo, sem maiores perspectivas econômico-financeiras para o futuro.

Mas eis Faustino eleito e empossado, com difícil tarefa a cumprir, contando com o débil apoio político de vários partidos em coligação, que disputavam vorazmente as posições administrativas.

No Departamento Estadual de Saúde correu um alegrão. Éramos em maioria faustinistas e dele muito esperávamos.

Foi nomeado seu Diretor meu saudoso colega e amigo Dr. Francisco Araújo, homem de excepcionais qualidades, um caráter sem jaça.

Nosso Departamento, na época, era parte integrante da então Secretaria de Educação e Saúde, mas, pelos problemas técnicos específicos que tinha a resolver, gozava de certa autonomia e o Diretor despachava frequentemente com o Governador.

Araújo levou-me quase sempre ao Palácio, como uma espécie de assessor. Desses freqüentes contactos nasceu minha amizade pessoal com Faustino de Albuquerque e cresceu a minha admiração por ele.

Homem sisudo, de seriedade natural, não dispensava, contudo, quando cabível, um comentário chistoso ou uma observação mordaz com relação aos casos ou fatos do seu conhecimento.

Um deles merece divulgação, porque a parte envolvida é da minha especial estima.

Virgílio Távora, naquele tempo capitão, começava a se entrosar na política, como natural sucessor do seu pai e nosso chefe Dr. Fernandes Távora.

Foi a Palácio tratar de qualquer assunto do qual lhe incumbira o genitor.

Recebido cortezmente pelo Governador na sala dos despachos, ali se acomodou numa poltrona, e, sem maior cerimônia, puxou a banquetta de centro e nela descansou os pés.

Faustino fechou a carranca mas continuou a conversa, que foi de curta duração. Saiu Virgílio, depois de despedidas cordiais. E Faustino, virando-se para Aluisio Bonavides, que era seu oficial de Gabinete e permanecia ao lado, comentou, irônico:

— Viu, Bonavides? Viu que capitãozinho mal educado?

Outra característica marcante da personalidade do Governador Faustino de Albuquerque era a honestidade pessoal e pública.

Acostumado a viver dentro das restrições financeiras da magistratura na época, ouvi-o mais de uma vez comentar com estranheza a liberalidade dos subsídios de Governador e Deputados.

Na administração, não permitia sequer falar em malversação dos dinheiros públicos, que tinha como crime imperdoável.

Via de regra, dava mão forte aos que buscavam benefícios para os seus municípios e por isso várias vezes foi logrado.

O inesquecível deputado Perilo Teixeira, inteligência privilegiada e espírito de escol, vivia torturado pela sua Itapipoca, que queria participando das maiores benesses do Estado.

Íntimo de Faustino, ia diariamente ao Palácio e com a sua lábia e facécias sabia como poucos agradar o Governador.

Desejava canalizar água em dois prédios públicos de Itapipoca, dotando-os daquele indispensável benefício. E "pegou", como se dizia na gíria, "pegou" astutamente Faustino.

Num fim de tarde, depois da sessão da Assembléia, como habitualmente o fazia, foi ao Palácio, e, sem mais preâmbulos, falou a Faustino.

— Governador, a minha Escola Normal e o hospital que tenho em construção precisam urgentemente de água canalizada. Não tenho de onde tirar dinheiro para isso. Andei nas Obras Públicas e lá vi um montão de canos furados. Dê-me um cartão autorizando o Argeu a entregar-me esses canos que eu os aproveitarei em Itapipoca.

Faustino, que colocava o bem público acima de tudo, não hesitou. Ali mesmo fez o cartão. E Perilo, que já tinha um caminhão pronto, dirigiu-se às Obras Públicas, e, entregando o cartão ao engenheiro Argeu Romero,

diretor da Repartição, que ficou "de queixo caído", recolheu uma pilha de canos novos que ali estavam para serviços inadiáveis e viajou de imediato para Itapipoca.

Argeu não se conformou com aquilo e foi ao Palácio reclamar:

— Governador, Perilo, com aquela ordem de V. Exa., levou todo o meu estoque de canos para Itapipoca. Como vou reparar, agora, as instalações defeituosas que tenho a reparar?

— Mas ele me disse que eram canos furados, que ia aproveitar em instalações de uma escola e um hospital...

— Não, Governador, eram canos novos, comprados na semana passada.

Faustino fechou a carranca e disse, sem maiores comentários:

— É compraremos outros.

Dois dias depois, Perilo, lampeiro e espirituoso como sabia ser, voltava ao Palácio.

Faustino recebeu-o mais sério do que de costume e foi logo dizendo:

— Então, "seu" Perilo, canos furados, hein? O senhor, meu líder na Assembléia, meu suposto homem de confiança, abusou vergonhosamente da minha boa fé. E Perilo, esboçando um riso amarelo:

— Não, Governador, eu não o enganei. Eram mesmo canos furados. Porventura V. Exa. já viu canos que não fossem furados? Como conduziram a água?

Conheci mais algumas características fortes e marcantes da personalidade de Faustino de Albuquerque: a sinceridade, a firmeza de atitude e a lealdade e boa fé.

Não era homem de "arrodeios". Ia direto ao fato e falava de coração aberto, com a sinceridade dos justos.

Foi mau político, porque não aceitava o bifrontismo das velhas raposas que faziam o jogo das conveniências, nem sabia falsear a verdade, mesmo pagando o pesado tributo das atitudes definidas. A firmeza das suas posições não temia confrontos. Tinha

DONA FIDERALINA AUGUSTO LIMA

Primeira filha de Isabel Rita de São José e do Major João Carlos Augusto, antigo Deputado à Assembléia Provincial Cearense, nasceu Fideralina Augusto Lima na então Vila de São Vicente Férrer das Lavras, aos 24 de agosto de 1832.

sempre postura retilinea e o que prometia, quando podia prometer, considerava dívida a pagar.

Lealdade era uma palavra que tinha verdadeiro sentido para Faustino de Albuquerque. Lealdade associada a boa fé. Cumpria o pactuado e acreditava na palavra empenhada do seu semelhante.

Foi por isso que sofreu tão cruelmente no seu Governo, quando desfeita a coligação política que o elegera e a sua ausência do Estado ensejara a uma das facções em choque, ocupando ocasionalmente o Poder, destituir parte do seu Secretariado.

Regressando e reassumindo o Executivo, não tergiversou em manter os compromissos assumidos e enfrentar de cabeça erguida a tempestade que se esboçava. Exonerou os que de pouco tempo ocupavam os cargos e reintegrou os Secretários demitidos, porque a tanto se sentia obrigado pelo sagrado dever de lealdade aos compromissos assumidos.

Governou, então, num tumulto político contínuo, sofrendo restrições de toda a ordem e descabidas agressões verbais, mas deixou aos pósteros uma inolvidável lição de coragem e um exemplo de inteireza moral que dignificou o Ceará.

Faustino de Albuquerque foi um homem por inteiro. A sua personalidade singular encheu um século da vida política do Ceará.

Espírito famaz e uma das maiores simbologias do mandonismo, era das grandes expressões políticas do Ceará em todos os tempos. Apesar de jamais ter vivido fora de seu município de origem, sua fama de mulher destemida e audaz correu mundos. Dona Fideralina tem sido uma das mais conhecidas figuras da história política do Ceará e um dos nomes mais citados do coronelismo nordestino pela crítica histórica especializada.

Falecida aos 16 de janeiro de 1919, foi casada com o Major Ildefonso Correia Lima, e entre os fatos mais marcantes de sua vida, destacam-se a detenção do poder político supremo de Lavras da Mangabeira e a derubada do seu próprio filho Honório Correia Lima da chefia da Intendência local.

Senhora de vastos domínios territoriais e em torno de quem se geraram muitas lendas, em Lavras estabeleceu residência em casarão localizado na então Rua Grande, hoje Major Ildefonso, e sua vivenda de campo fez-se no Sítio Tatu do mesmo município, ostentando além da casa grande a capela e o engenho, máximos da autonomia do sistema latifundiário.

Vastíssima tem sido a crônica histórica a seu respeito, valendo destacar algumas opiniões emitidas por abalizados conhecedores da nossa história política, selecionadas entre complexa bibliografia que compulsamos.

Em torno de sua pessoa disse Antônio Barroso Pontes: "D. Fideralina, que na sua época dominou toda a região Sul do Ceará." E Joaryvar Macedo: "Mulher forte, D. Fideralina se tornou uma das maiores expressões da política cearense do seu tempo." Assim opinaram Antônio Martins Fi-

lho e Raimundo Girão: "Valente espirito feminino a quem muito interessava a politica cearense". Para Hugo Victor Guimarães foi dona Fideralina uma "mulher extraordinária como expressão de bravura e coragem" e "uma das mulheres que tiveram maior projeção na vida politica do Ceará". Na opinião de João Alves de Albuquerque foi D. Fideralina a "respeitável senhora que durante longos anos dirigiu a politica de Lavras, cuja chefia lhe fora arrebatada pela morte. pois, só assim lhe seria abatido o grande prestígio que sempre desfrutou em sua terra". O poeta Gentil Augusto Lima, em conferência pronunciada na Associação de Imprensa da cidade de Campos, no Rio de Janeiro, deixou expressa a seguinte opinião em torno de D. Fideralina: "Mais brava e de muito mais valor do que Bárbara de Alencar, e ainda do que Anita Garibaldi". O historiador Valdery Uchoa afirmou categoricamente a seu respeito: "mulher notável pelo seu destemor e pela sua bravura". João Climaco Bezerra, em artigo estampado num dos números da revista Manchete, buscando um paralelo para a definição de Marica Lessa que inspirou o romance "Dona Guidinha do Poço", assim se manifestou: "uma dessas mulheres que dominaram os sertões no tempo do império e que passaram ao lendário cearense como Dona Fideralina das Lavras da Mangabeira". Idêntica apologia lhe foi feita por Rachel de Queiroz, em crônica especial sobre sua pessoa, estampada num dos números da revista O Cruzeiro, do Rio de Janeiro.

Em Lavras da Mangabeira investiu-se com todas as prerrogativas no poder local, fez ao seu bel-prazer o jogo dos interesses políticos com a posição da Intendência e, não conseguindo demover seu filho Honório Correia Lima do cargo de Intendente, em 26 de novembro de 1907, retirou o mesmo do poder pela força imperante do bacamarte, embora isto te-

nha ocorrido para que, coberta de luto, se enfurnasse num sitio por muito tempo, sem aparecer na cidade.

Mas a vocação para as coisas da politica foi sempre uma constante em sua vida. O pai, João Carlos Augusto, Deputado Provincial, consigo já trazia do berço os requintes da aristocracia feudal. Além de afilhado de um dos governadores da Capitania do Ceará. Em 1832, ano em que Fideralina Augusto Lima nasceu, a Vila de São Vicente Férrer das Lavras ainda estremecia sobressaltada pela presença das tropas da Revolta do Coronel Pinto Madeira, que por mais de uma vez percorreram as ruas do lugarejo onde um padre liberal, revolucionário e portador de idéias malucas e avançadas para a época, Alexandre Cerebelon Verdeixa, desempenhava o papel de sacerdote, o mesmo Verdeixa que, aos 19 de setembro do mesmo ano de 1932, na igreja matriz de Lavras da Mangabeira, batizou a mesma Fideralina Augusto Lima.

D. Fideralina encarnou na verdade as intuições politicas vigentes em sua época. Ao seu patrimônio de senhora latifundiária somou várias possessões de terras do município e garantiu a sobrevivência do feudo com o trabalho de base escrava, carregado do porão das suas senzalas. Vivendo como viveu, num momento marcado pela presença do banditismo das portas facinoras de cangaceiros, não deixou de manter em torno de sua defesa pessoal, na preservação dos interesses legitimados pelo seu código de honra, homens ágeis no manejo do trabuco como um Antonio Preto ou um Nego Bento, ou ainda cangaceiros destemidos do porte de um Miguel Garra.

Desfrutou, outrossim, as primazias das concessões sociais da época, mas a partir de determinado tempo relegou a segundo plano a regalia das liteiras e algumas formas tradicionais de transporte, fazendo o percurso do Sitio Tatu até a sede municipal nas

costas de possantes cavalos, sempre com um bacamarte atravessado na lua da sela, cena varonil que deixou profundas impressões na mente do bacharel Augusto Dias Martins, que desempenhou as funções de Juiz de Direito da Comarca de Lavras.

Conhecida também por Fidera, a Mãe Didinha, como ainda hoje lhe fazem referências alguns membros da família, o certo é que D. Fideralina Augusto Lima tem presença assegurada na história das transformações políticas por que passou o Ceará nas primeiras décadas da República Velha.

Figura até certo ponto lendária em seu município e em vasta área da região Centro-Sul do Ceará, sua condição de matriarca de uma prole que por diversas razões se tem destacado aqui e além, lhe imprime respeito ao nome.

Em Dona Fideralina, resalte-se mais uma vez, a vocação maior foi sempre a política que recebeu como herança dos ancestrais e que tão bem soube transmitir como legado aos seus descendentes. Três dos seus filhos tomaram assento como Deputados na Assembléia Legislativa Estadual, tendo um deles exercido o cargo de Deputado Federal e outro o de Vice-presidente do Estado. Dois dos seus bisnetos chegaram ao Senado Federal e nele tomaram assento e cinco outros descendentes seus exerceram mandatos de Deputado. Outros muitos membros da sua estirpe tem exercido postos de destaque na vida política, administrativa e econômica do Ceará, bem como no campo das ciências, das letras, das artes e da cátedra universitária. Hoje, pelo menos, trinta médicos são contados entre os seus descendentes.

Tudo isso, agregado a outros fatores sociais, políticos e culturais da época em que Dona Fideralina desenvolveu suas manifestações, lhe assegura uma posição quase que singular em todo o interior nordestino,

principalmente por se constituir a mesma um patrimônio histórico de uma região tão marcada por fenômenos sociais das mais diferentes matizes.

V E R S O S

Um momento poeta,
Antes que seja concluída a poesia
Quero dizer que não faço
Versos por versos.
Faço versos de acontecimentos,
Morte, vida.
Faço versos de pensamentos,
Alegrias, sonhos.
Fazer versos é mais que juntar
Palavras intactas,
Esquecidas, escondidas.
Versificar é propor algo,
É fazer que o mundo,
Pós-eles sejam um milésimo diferente,
Ou mais,
Seja risos, passos,
Olhos, idéias diferentes.
É dizer que a verdade é relativa
Ela flexiona-se ao tempo e lugar,
Ela flexiona-se ao ângulo que observamos;
Mas acima de tudo
A verdade própria rege a vida
De cada um.
É dizer que há pessoas morrendo,
Biologicamente se consumindo,
Ou consumindo-se psicologicamente.
Ah!
Como há fatos e pensamentos
Para relatar através de versos.
Tenho que falar daquela voz,
Que torna-se cada vez mais forte,
«Dentro de cada poeta
há um político.»

PLÁCIDO NUVENS ELEITO PREFEITO DE SANTANA DO CARIRI

O Prof. Plácido Cidade Nuvens, ex-presidente e ex-vice presidente do ICC, foi eleito Prefeito Municipal de Santana do Cariri (CE) no último pleito de 15 de Novembro e tomou posse no cargo a 31 de Janeiro de 1983. Os nossos cumprimentos.

Francisco Zelo Filho

MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO EM GERAL

Canos - Conexões - Torneiras - Material Sanitário

Azulejos - Cerâmica - Caixas D'Água

Tintas em Geral - Grampos - Telhas de Amianto

TUDO PARA O BOM ACABAMENTO DE
SUA CONSTRUÇÃO



Rua São Pedro, 794

FONE : 511-2224

Juazeiro do Norte - Ceará

ASSOCIAÇÃO
DOS
CRIADORES
DO CRATO

Nossos efusivos cumprimentos ao
INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI,
pelo lançamento de mais um número
de ITAYTERA:

TODOS ESTAMOS DE PARABÉNS.

Valdemir Correia de Sousa

Presidente

DISCURSO

(Ao assumir, dia 09.01.83, pela segunda vez, a Presidência da Associação Comercial do Crato, o empresário JOSÉ HUMBERTO DE MENDONÇA pronunciou as seguintes palavras:)

Minhas Senhoras,
Meus Senhores:

Ao assumir, para um segundo mandato, o último, aliás, que os Novos Estatutos Sociais permitem para uma mesma Diretoria, ao assumir, repito, a Presidência desta Associação, dirijo, em primeiro lugar, meu pensamento para Deus, agradecendo toda a Sua imensa bondade em ter-me dado forças para o desempenho dessa missão, e pedindo-lhe mais luzes e inspirações para os dois anos que nos esperam.

No período que passou, esta Associação saiu deste recinto e acostumou-se a falar à Nação. Fomos notícias de Primeira Página de o Globo, e tivemos pronunciamentos publicados no Jornal a Fôlha de São Paulo, sem se falar na imprensa do Ceará, que quase diariamente dão notícias da nossa entidade.

Não é por vaidade que assim o digo, mas por força de uma contingência histórica que deu dimensão nacional à instituição que ora volto a presidir.

Nossos pronunciamentos, a começar pelo discurso de posse, em discurso na FACIC, em discurso na Federação das Indústrias ou na reunião da SUDENE, na Associação Comercial do Ceará e na inauguração do açude público Thomaz Osterne de Alencar tiveram o condão de irradiar-se como palavras de um Nordeste que queria falar mais alto.

No discurso do açude Inxu, com a presença do Senhor Ministro do Interior, voltei a ter aquele posicionamento, chamando a atenção das auto-

ridades federais para o problema de um Nordeste que sempre lutou, sempre aspirou e sempre pediu um tratamento mais justo e mais humano para o seu povo como forma de assegurar-lhe pelo menos, a sobrevivência.

A nossa palavra foi sempre pronunciada com coragem e destemor.

A nossa mensagem foi sempre entendida como contribuição substancial para despertar as autoridades e lideranças econômicas da Nação para o encontro de uma solução definitiva que envolvesse o Nordeste e sua gente numa era de desenvolvimento, sepultando, para sempre, os amargos problemas de seu povo, que já são seculares.

Sentimos, todavia, com real amargura, que a cada dia nos distanciamos dos parâmetros desejados para fortalecimento da economia regional.

As medidas econômicas sempre erradas alvejam como dardos mortais a fraca economia nordestina.

A prolongada estiagem estiola suas melhores iniciativas.

O desempenho de suas atividades econômicas cada vez está mais vulnerável, representado por uma agricultura sem bases sólidas, tipo agricultura de manutenção, com poucos excedentes, um rebanho em regime de dizimação, um comércio combalido por uma política fiscal tirânica e uma indústria à beira da bancarrôta, pela falta de uma tributação adequada e justa, e juros mais coerentes com a nossa realidade.

Não queremos ser cassandras, a prever, eternamente, a derrota da nossa região.

Mas é imperativo da hora presente falar francamente, quando tão graves e fundamentais são os problemas que afligem o Nordeste, cabisbaixo e entristecido, sem atendimento às mais legítimas pretensões, estiolado na sua participação na economia nacional, empobrecido em suas iniciativas.

Asegura-se que um dos condicionantes do F.M.I. para ajudar ao Brasil seria a sua direta participação

no regime de nossa economia interna.

A ser verdade tal assertiva, serão sombrios e mais drásticos os dias que advirão.

Se já não vamos bem com o desempenho de gordos brasileiros na execução da política econômica nacional, pior será com a intromissão indébita de louros estrangeiros, inteiramente dissociados de nossa realidade social, na condução da vivência econômica da Nação!

Forçoso é que se diga que já não alimentamos confiança numa arrancada industrial no Nordeste, por muitos apontada como a tábua de salvação de nossa região.

Temos um exemplo bem frisante, aqui mesmo em Crato: um Distrito Industrial implantado com o oferecimento de máximas oportunidades a quem nele queira se instalar, há 2 anos, sem que até esta data tenha surgido para o mesmo sequer o primeiro investidor!

O fato traduz, na sua mudêz, como anda desamparada a indústria nordestina, que não compele aos investidores se alçarem a novas iniciativas!

Já não nos preocupa o surgimento de novas indústrias mas, tão somente, a salvação das indústrias existentes, poucas, sim, porém ameaçadas de fechamento!

A política fiscal, a carga tributária, as normas institucionais sempre não realistas com o Nordeste, desabaram, há dezenas de anos, sobre a região, empobrecendo-a e aviltando-a, constituindo-se muralha intransponível, a cercar os melhores empreendimentos e cortando as melhores iniciativas, traduzindo-se num empobrecimento cada vez maior do Nordeste.

O que existe é produto de um esforço desesperado, alimentado por uma permanente fé em melhores dias, espírito de eterna esperança do empresariado nordestino tão característico de nossa gente.

Mas esse mesmo empresariado, a cada dia, a cada ano, perde mais a sua resistência, a sua capacidade de

reagir, a sua substância gerencial e empresarial.

O seu principal instrumento de ação, a SUDENE, também foi vítima dessa política discriminatória que vem do alto, e que lhe retirou dos recursos, para outras áreas, que a encurtou nos seus propósitos e a diminuiu na sua capacidade de ação.

E nesta política econômica que não distingue o nordeste, queremos chamar também as atenções do Governo. Para um outro fato: As multinacionais independem de qualquer política econômica. São por conseguinte, as únicas empresas que estão vencendo garbosamente, e serão as únicas a sobreviverem a estas dificuldades que atualmente nos afligem.

O empresariado brasileiro, e em particular o nordestino não são rivais do governo, e sim um grande parceiro, digno portanto da melhor atenção.

O êxodo rural, no Nordeste, deixou de ser uma antológica página literária, de fulgor artístico, para se transformar numa contingência diária a trágica miséria do dia a dia que retira da região as mãos calosas do sertanejo trabalhador e forte, fazendo-o um judeu errante dentro de sua própria Pátria, á procura de melhores pousos, onde sobreviver ás dificuldades!

Todo esse triste arraçoado se transforma num emaranhado de fatos que torna o Nordeste uma zona cada dia mais problemática, onde se geram a insatisfação, a desesperança, a fome, a desnutrição, o inconformismo, o abandono e o desalento.

São 35 milhões de nordestinos sofrendo assim.

O maior bolsão de pobreza do continente.

Uma região á semelhança da Índia ou de um Bengladesh dentro do mapa nacional, a transformar-se, perigosamente, num caldo de cultura para ideologias estranhas e para o aparecimento de líderes carismáticos estranhos á filosofia de sua gente, prontos a manipular tão fantástica aglomera-

ção humana, pobre, infeliz e desassistida, para um conturbado bolsão de revolta popular.

Urgem, pois, medidas saneadoras, urgentes, definitivas, históricas, que acabem com os paliativos até então usados e reformulem, completamente, conceitos e ideais para o Nordeste, e venham em atendimento às reais necessidades do seu povo.

O Nordeste sente que não pode mais esperar.

Retardar essas medidas será encontrar um corpo moribundo, à espera de uma morte inenarrável!

Os que me ouvem haverão de perceber tão sombrias perspectivas, mas que se há de fazer quando a verdade tem de ser dita?

O que não pode é continuar enganando tanto tempo a tanta gente. O que não se pode é esconder a triste realidade dos dias presentes.

O que não se pode é ocultar a ferida que sangra e que espalha a gangrena dos males sociais, num organismo já de si, combalido!

Senhores da Nação, salvem o Nordeste! Ele não pede mais do que isso: a sua salvação, antes que seja tarde!

Meus Senhores:

Após a análise da atualidade nordestina, que se impunha fazer, volto, agora, ao ambiente local, para afirmar que foi produtivo o primeiro mandato desta Diretoria, que agora toma posse novamente.

Tivemos acontecimentos históricos em nossa terra: a inauguração do Açude Público do Inxu, batizado pelo DNOCS com o nome do nosso saudoso e inesquecível Presidente Thomaz Osterne, marcando o fim de uma luta de 70 anos.

Tivemos as festas do cinquentenário da nossa entidade, ano passado, e a reunião da SUDENE, pela primeira vez em Crato.

Nossa Diretoria criou a Bandeira da Associação; Criou o seu clube social, procedeu a uma reforma dos Estatutos, instalou condignamente o
ITAYTERA

Gabinete da presidência e sala de reuniões, dotando-os, inclusive, de ar condicionado; instituiu novamente a Carteira do associado, e endereçou mais de 400 ofícios às autoridades, reivindicando ou reclamando alguma coisa para nossa comunidade.

Na nossa primeira gestão foram criadas as Associações Comerciais de Brejo Santo e Várzea Alegre, foi criada e concedida a Medalha do Mérito Dr. Antonio Teles e foi instalada uma secretaria executiva, com funcionária à disposição do quadro social.

Temos novos planos para o mandato 83-84.

Desejo expressar sinceros agradecimentos às autoridades federais e estaduais, à SUDENE, ao DNOCS, à FACIC, aos diversos órgãos públicos da área estadual, ao Governo do Estado e todos os órgãos estaduais, à Associação Comercial do Ceará, às demais associações, entidades e instituições que nos ajudaram no decorrer do período que passou.

Sabemos, e somos conscientes de que, tem de haver uma conjugação de esforços, de austeridade de todos os segmentos da sociedade.

A coisa pública, essa sim tem que ser o carro chefe dessa austeridade.

Pois quando uma sociedade, não confia nos seus homens públicos, esta mesma sociedade está fadada ao fracasso.

Esta austeridade, nós confiamos, nós desejamos aos futuros dirigentes do nosso município, e do nosso Estado.

Expressamos nossa confiança nos novos governantes que haverão de gerir os destinos do Ceará, sob o comando do Dr. Luiz Gonzaga Mota, cujo dinamismo, espírito cívico e capacidade de trabalho já foram por nós, proclamados.

Com ajuda dos senhores, iremos tocar o barco à frente, na consolidação do prestígio e do renome da nossa Casa.

Manifestamos, igualmente, a nossa confiança no futuro Prefeito, Walter

Saudando a Diretoria da A. C. C.

Vivemos, hoje, um momento resplandescendente da inconfundível vocação desta heráldica cidade do Crato à vivência associativa. De fato, a cinquentenária experiência desta entidade classista — a Associação Comercial do Crato — assegura-nos uma lição de associativismo do espírito cratense, que sabe se unir para encontrar força e fortaleza e, assim, promover suas ideias e seus ideais.

Vivemos, hoje, igualmente, um grande momento de lucidez, pois descobrimos que, além do espírito aberto ao associativismo, o povo cratense tem sabido situar-se com desembaraço e altivez, no tempo e no espaço em sincronia histórica com as aspirações e os anseios profundos do momento em que vivemos. Esta é outra lição que a prática associativista desta Associação Comercial do Crato nos ministra neste ensejo: sabe ela promover a união dos seus associados na defesa e na promoção do seu ideário na mais perfeita sincronia com os reclamos da região e as necessidades do seu povo.

Por isso, ao saudar a nova diretoria desta Associação Comercial, que toma posse nesta solenidade, entendo, por oportuno, tecer algumas considerações

Peixoto. Esperamos que ele saiba transformar o respaldo popular do triunfo eleitoral numa administração fecunda em favor deste nosso povo.

E aos nossos companheiros de diretoria, que me incentivaram e me apoiaram nesta primeira gestão o meu eterno agradecimento.

Ao nosso quadro social, às autoridades locais, clero, sindicatos, imprensa, a todos, o nosso saudar neste início de ano novo, e nossa perene confiança em sua ação e seu apoio, para a grandeza do Crato e de sua gente!

Muito obrigado!

sobre a complexidade da hora presente, apontando alguns aspectos que viabilizem uma atuação mais firme na concretização de um serviço que a Associação Comercial vem prestando à classe empresarial, à cidade do Crato e à região do Cariri como um todo.

Vive o país uma situação marcada pela contradição entre a realidade e a sua aparência. Experimenta a nação um processo de abertura política que faz da participação da sociedade e do voto, instrumento democrático a sua grande novidade, depois de um longo período de discriminação e arbítrio. Experimenta talvez o país a sua mais profunda crise econômica e a situação social — é possível antever-se — poderá ser conturbada por agitações incontroláveis e tumultos indesejados tal é o desequilíbrio entre os diferentes segmentos da sociedade.

E tudo isto pela falta de coerência e pelo indissfarçável temor da efetiva participação da sociedade que se concretiza e se desdobra através de mecanismos como esta Associação Comercial que se faz porta-voz do empresariado e tantas outras modalidades. Por isso, não se concebe, como e por que, num momento de abertura política, o encaminhamento de soluções para a crise econômico-financeira que assola o País seja traçado por burocratas internacionais sem alma e longe do parecer da sociedade civil que conta com recursos humanos abalizados e dispõe de sensibilidade para os problemas sociais e patriotismo necessário para a aceitação dos sacrifícios convenientes ao bem superior da coletividade.

Neste quadro, a situação de nossa região nordestina, pode ser caracterizada como injustiça e discriminatória. Com as negociações do Fundo Monetário Internacional, o Nordeste vai ter mais uma vez que pagar um preço elevadíssimo por uma conta que não fez. Sendo autosuficiente na produção de petróleo e superavitário na

balança de exportações, o Nordeste não contribuiu para a criação do quadro econômico vexatório que o Brasil está vivendo. Não contribuiu, mas vai pagar um elevado custo humano e econômico, a partir das imposições do FMI, principalmente no que diz respeito ao corte dos subsídios, a reformulação da política salarial e limitações nos investimentos públicos.

É neste Nordeste sofrido e castigado que a Associação Comercial do Crato vai desenvolver sua atuação associativista, sob o comando desta Diretoria que hoje se empossa. E o que fazer para ter um desempenho à altura das suas tradições e consentâneo com as aspirações históricas da atualidade?

É preciso aprender as lições da história para cumprir fielmente as inadiáveis tarefas de hoje. E o que nos ensina a história da Associação Comercial do Crato?

A Associação Comercial do Crato nasceu e recebeu o batismo de fogo na terrível seca de 32. E como foi a sua atuação? Ao lado do pequeno produtor rural, em defesa do homem do campo. Hoje, desgraçadamente, o quadro se repete. E a Associação Comercial do Crato tem a obrigação de ir mais longe. Tem o dever não somente de pedir medidas paliativas, mas defender soluções objetivas e eficazes. Neste sentido, a reorganização fundiária é o passo inicial de toda e qualquer política que tenha por finalidade o desenvolvimento rural e o soerguimento do homem do campo. As consequências das secas são maiores no Nordeste porque ele não dispõe de condições próprias para enfrentar uma crise de produção e de emprego, afetando profundamente a vida do pequeno produtor, do trabalhador rural e do assalariado do campo.

A aplicação efetiva do Estatuto da Terra e das leis de tributação existentes seriam formas imediatas de se iniciar um processo de resistência permanente aos efeitos catastróficos

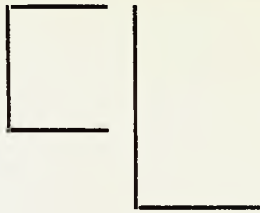
ITAYTERA

da seca. Como ações complementares é preciso recorrer à utilização adequada dos recursos hídricos existentes, ao uso de instrumentais como assistência técnica e pesquisa, instrumentais estes apropriados à realidade local e voltados para sistemas integrados de exploração e nível de unidade produtiva. É preciso igualmente recorrer a mecanismos reguladores de mercado, de modo que o produtor se aproprie dos excedentes que ele produz, além de medidas de permanente qualificação da mão de obra rural tanto a nível produtivo quanto ao nível gerencial. Só assim, haverá uma defesa tenaz da Região, porque estará sendo protegido o seu ponto nevrálgico: sua agricultura, setor responsável pela fração mais expressiva da formação da sua renda.

Outra lição que a história da Associação Comercial do Crato nos apresenta é a luta formidável de suas diretorias pela integração regional. A batalha infundável pela construção de estradas, aeroportos e emissoras de rádio representa muito o bem anseio pela melhoria dos transportes e das comunicações. Hoje, igualmente, é preciso lutar em favor de uma integração mais importante: a integração social, baseada na melhor distribuição da renda e da efetiva participação de todos nos benefícios do trabalho, do progresso e da cultura.

Assim, a diretoria que ora se empossa estará seguindo com descortino e lucidez as grandes intuições de Alexandre Arrais, Antonio Teles, José Horácio Pequeno, Tomaz Osterne de Alencar e Luiz Barreto de Moraes.

São estes os meus votos. E este o meu desejo: ver a nova diretoria palmilhar a estrada luminosa que os pioneiros traçaram. É preciso buscar no associativismo a força da união que remove todos os obstáculos. É preciso situar-se na hora presente para encaminhar soluções adequadas para os verdadeiros problemas que entravam o desenvolvimento da região e do país.



Construtora LEIMO



conceito
aliado ao alto
padrão de construir

Rua Senador Pompeu, 293

FONE: 521-2754

CRATO • CEARÁ

Analogia entre o Homem e os Irracionais

JOSÉ DOS ANJOS DIAS

Sócio do Clube Militar e Clube Beneficente dos Sargentos da Marinha; Academia Anapolina de Filosofia, Ciências e Letras; Inst. Cultural do Vale Caririense; Centro Cultural, Literário e Artístico de Felgueiras-Portugal etc.

O homem é um animal todo excelente por ser dotado de faculdades especiais: inteligência, postura do corpo, linguajar e maneira de andar.

Cada um de nós, por mais educado que seja, sempre deixa transparecer por meio dos atos, tendência a determinado animal, principalmente o homem rústico.

Até no perfil, observamos em determinadas pessoas, traços de parecença com alguns dos nossos irmãos da fauna, como também na índole e maneira de portar-se.

Há pessoas que na sua formação física e postura do corpo assemelham-se ao tamanduá, até na maneira de receber os objetos da mão de outrem, pega-os de modo imitativo aquele animal.

Existe gente com fisionomia bastante acentuada aos simiescos, até no andar imita o macaco, quando este caminha na posição erecta.

Há indivíduos com corpo e semblante sem apresentar característica animal, porém possuem propensão natural às feras, depois de perder as estribelhas são incapazes de controle, passam a agir à maneira do leão e o tigre.

Existem outros inteiramente diferentes daqueles violentos, não há para eles ofensa que os façam fugir à ética profissional, controlam-se

apresentando mansidão: são pessoas de tendência especial ao carneiro que padece e morre sem balir.

Jesus pertencera aqueles de temperamento manso, cognominaram-no de Cordeiro de Deus, por ter recebido o suplicio da cruz sem maldizer-se do prêmio que a aristocracia romana lhe conferira.

Quanta falta de reconhecimento aos benefícios recebidos da parte daquele que fazia o bem por amor à humanidade. Não é por isso que se deixe de ser clemente ao género humano, mesmo recebendo-se recompensa igual à que fora ofertada a Jesus.

Mesmo que queiramos negar o

EX-VICE DO ICC É O NOVO SECRETÁRIO DE CULTURA DO ESTADO

Registramos, com imensa alegria, a indicação do Dr. Joaquim Lobo de Macedo para o cargo de Secretário de Cultura do Estado, na nova Administração Cearense. Ele é natural de Lavras da Mangabeira, ex-aluno do Seminário do Crato, ex-professor da Faculdade de Filosofia de nossa cidade. O Dr. Joaquim Lobo de Macedo já exerceu as funções de Vice-Presidente do Instituto Cultural do Cariri.

nosso grau de parentesco com os irracionais, não podemos por diversas razões existentes e citadas acima.

Acho que não nos traz complexo de inferioridade por existir indício de laços de sangue entre nós e os seres faunísticos, somos sempre hierarquicamente superiores a eles.

O homem é tão inteligente que foi à Lua e voltou ao seu planeta de origem com perfeito resultado.

Brevemente abrirá rota para Marte e sucessivamente aos demais orbes, até localizar nossos irmãos sidéreos que supomos existir.

Imita com perfeição a voz dos quadrúpedes, pássaros e aves. É engenheiro de artefatos mortíferos para ser causa da sua própria destruição.

Não sabendo agradecer ao Chefe Supremo que habita num dos astros da imensidão sideral, que lhe permite viver e desfrutar dos valores sádios que a vida oferece aos que sabem pautá-la.

São Francisco de Assis foi a primeira pessoa a classificar os irracionais como nossos parentes, quando os chamou de irmãos. Admitindo como certo que existe neles as mesmas características existentes na natureza humana.

Os irracionais não são totalmente ineventos de inteligência, Deus deu para cada espécie dosagem de compreensão, sendo algumas mais dotadas de que outras, assim como ocorre ao gênero humano.

O cachorro possui várias maneiras para expressar-se no seu linguajar canino: ao latir com gente, com animal cavalari e gado, com aves e outros animais, para cada caso emprega latido diferente.

Os sertanejos que habitam nas caatingas, quando ouvem seu cachorro latir, distinguem perfeitamente com quem ela está falando na sua linguagem própria para o animal que está sendo acuado.

Assim como nós possuímos a faculdade de sonhar, o cachorro também a tem. Quando ele dorme e

começa a sonhar, observamos que além de rressonar fica latindo baixinho e movimentando as patas. Todo animal tem espírito assim como o homem o possui.

Acima referi que os animais não são totalmente obscuros de faculdade para compreender, vou mostrar alguns casos.

O cavalo, o asno e o jumento, quando tencionam atravessar um rio, cheiram a água da margem em diversas partes, a fim de encontrar um trecho raso para transpor sem ser preciso nadar.

O homem com toda sabedoria que tem não conhece essa modalidade, para saber a profundidade dum rio é preciso sondá-lo.

JOÃO-DE-BARRO, é de uma inteligência admirável, constrói seu ninho inteiramente de argila, com tamanha perfeição que as chuvas não desmancham, sua habitação é composta de sala e quarto, localizando a porta do lado oposto ao vento e às chuvas da região.

Quem teria dado àquela avezinha tanta sabedoria? Acho que foi a Onipotência Divina ao criar os joões-de-barro.

As pombas de arrição são possuidoras de tino primoroso, permitindo-lhes percorrer milhares de quilômetros à busca de lugar apropriado para a postura, voltando ao lugar primitivo sem perigo de extraviar-se.

Também fazem vôo noturno com muita segurança, sem haver possibilidade de chocar-se com as serras.

A orientação, entendimento e precaução existentes nas avoantes, e também habitual aos demais animais, são determinadas pelo instinto?

Dizem que os animais não têm raciocínio, eu sou leigo no assunto e observador dos hábitos de vida dos irracionais, discordo daquele pensamento feito pelos doutos na matéria.

Além da tendência ingênita os animais são raciocinativos e fazem uso da raciocinação, não têm raciocínio desenvolvido tanto quanto o homem.

porém não deixam de o ter em quantidade relativa à espécie.

Evitam o perigo e sabem quando este se aproxima, porque em cada grupo tem um vigia que alarma a aproximação do inimigo, tratam de fugir e ocultam-se nas tocas.

Os pássaros e as aves, quando estão a chocar, o macho fica à parte observando a avizinhação de qualquer inimigo, a fim de salvar a sua companheira.

Ao avistar adversário, avisa-lhe por meio de determinado pio, ela voa do ninho e o macho acompanha, voltando depois para aquecer os ovos.

Se não existisse pequena quantidade de raciocínio nos animais, e só possuissem o instinto, eles não procederiam como acima está narrado.

Os animais são tão ciumentos quanto nós. O macho acasalado trava briga de vida ou morte contra o animal que procura conquistar sua companheira, não permite que outro seja seu sócio.

Já falamos sobre a analogia existente entre o homem e os irracionais, bem assim da maneira como eles atuam. Agora vamos tratar sobre a mulher, seu temperamento e semelhança com os iracionais.

A mulher é o ser mais perfeito da criação divina, pela nobilíssima missão de conceber e também pelo dote de beleza que possui, não dar a aparência que tenha sido formada duma costela de Adão.

Ela apresenta docilidade, meiguice no falar e faceirice no andar, torna-se o braço direito do marido quando ele sabe cativar, guarda-lhe fidelidade conjugal até o fim da vida.

O homem de compreensão não maltrata sua mulher, faz tudo para vê-la alegre e isenta de tristeza. Não devemos fazer dela um animal de carga, por não ter vindo ao mundo para esse mister.

São raríssimas as que se desviam da lealdade para com o marido, só ocorre deslealdade da parte da esposa, quando o esposo procura ser afetuoso

ao lar e à sua companheira pelos trâmites legais, deixando-a à parte para ir usufruir dos carinhos das mariposas humanas, mulheres volúveis que negociam seu corpo por algumas horas.

Ao ser maltratada pelo esposo, não pode ser boa para ele, isso não foge à lógica, está retribuindo o que dele recebeu.

Ao sentir-se ofendida na sua dignidade de senhora exemplar, não pode tolerar do marido irresponsável e sem a menor compreensão ao dever como chefe de família, os atos reprováveis dum esposo que não cultiva o moralismo.

Caso que oferece margem à mulher desviar-se do bom caminho, para tal não realizar-se, é preciso que ela seja controlada e tenha na mente a responsabilidade que lhe pesa, referente aos filhos e sua reputação.

A mulher é uma sofredora desde seu nascimento, na infância é privada de brincar com as crianças do sexo oposto, por causa da malícia que o homem já nasce com ela.

A fim de dar maior assistência aos filhos, priva-se dos passeios que poderiam suavizar seu sofrimento, e os filhos quando crescem não reconhecem o sacrifício que a mãe passou por eles, além da incompreensão do marido também recebe descontentamento dos filhos.

Não devemos tratar nossa esposa com palavras ásperas, isso ocorre da parte do homem sem formação moral e espiritual, que vive como animal selvagem.

A mulher veio ao mundo para ser elevada à suprema dignidade de soberana ou rainha, em reconhecimento aos seus méritos pela prenda de espírito ou formosura.

A mulher é diferente do homem em todos os sentidos, comparo-a com a excelssitude que as flores nos apresentam, não existindo ponto de semelhança entre ela e os irracionais, por ser de natureza igual às flores de cores vivas em perfume e beleza.

Depósito N. S. Aparecida

"O GIGANTE DO CRATO"

de: VALDEMIR CORREIA DE SOUSA

UMA GALERIA INTEIRA DE NOVIDADES...

Artigos para o Lar, Vidros, Cristais, Prataria,
Geladeiras e Móveis de todos os estilos.

TELEFONE: 521 - 1413

RUA DR. JOÃO PESSOA Nº 246

À RUA SANTOS DUMONT Nº 39

CRATO — CEARÁ

AO DEIXAR O GOVERNO MUNICIPAL

"Meus senhores, minhas senhoras:

Concluindo o mandato que o povo do Crato houve por bem outorgar-me, há seis anos atrás, é com a consciência tranquila que me dirijo á comunidade cratense, para expressar-lhe, nesta mensagem de despedidas administrativas, o meu profundo e real agradecimento, pela colaboração de todos recebida, para que pudesse alcançar o fim desta jornada com um saldo altamente positivo.

Ao assumir o comando dos destinos de nossa gente, naquele dia histórico, prometera, antes de tudo, ser o PREFEITO DE TODOS. Com essa afirmação, taxativa e leal, não escondia o ardente desejo de pacificar todas as correntes e alas, unindo-as em torno de um ideal comum — o do progresso e do desenvolvimento da comunidade.

Diz-me a consciência que fui fiel a essa filosofia.

As portas da Prefeitura sempre estiveram abertas para todos, ricos e pobres, da zona rural ou da zona citadina, operários, estudantes, políticos, associações de classe ou associações de bairros, autoridades e representações de todos os segmentos sociais.

Ninguém deixou de ser ouvido.

As portas do diálogo sempre foram as mais largas.

Durante esses seis anos, hoje concluídos, foram substanciais as transformações havidas em nossa cidade. O panorama atual do Crato é dos mais positivos.

Se analisarmos, por exemplo, o setor de recursos, posso informar que recebi a Prefeitura, em 1977, com um Orçamento de 14 milhões 279 mil cruzeiros. Deixo o Orçamento de 1983

na base de 550 milhões, que representa uma evolução de TREZENTOS E NOVENTA E TRÊS POR CENTO, valendo salientar que a Receita própria do Município, nesse período, evoluiu em SEISCENTOS E TRINTA E CINCO POR CENTO, ou seja, mais de CEM POR CENTO AO ANO, repito, de receitas próprias.

Crato é, hoje, o Município que, relativamente, mais tem receita tributária própria, no interior cearense.

O Patrimônio do Município teve um grande crescimento, em meu Governo. Em 1977 era ele avaliado em 9 milhões e 500 mil cruzeiros e em 1982 ele alcançou a expressiva soma de 136 milhões e 100 mil cruzeiros, a preços de aquisição de hoje.

O aumento foi de 143 por cento, revelando o cuidado do meu Governo em aplicar bem o dinheiro público. O resultado líquido da aplicação de 202 milhões, 469 mil cruzeiros, em despesas de capital, ao longo de 6 anos de governo, demonstra nosso zelo em melhorar a comunidade em obras e investimentos.

Muito mais poderíamos ter feito, se não fora o corte de 50 milhões efetuado pelo Governo Federal, no programa de cidades de porte médio, relativo ao período 81-82.

O Fundo de Participação, sofrendo cortes mês a mês, durante 82, também não atingiu a faixa esperada, apesar de superar a previsão inicial em 13 milhões. No final do ano, apresentou, na realidade, uma defasagem, para menos, de 30 milhões, que acarretou, sobretudo, um grande déficit para o cumprimento dos compromissos financeiros do Município, no ano que passou.

A Prefeitura, ainda falando sobre o Programa de Cidades de Porte Médio, assinou o Convênio 490/GM/82, com o Governo do Estado, a SUDENE e a SEPLAN-Ceará, e o Ministério do Interior, para a implantação do PROGRAMA ESPECIAL DAS CIDADES DE MÉDIO PORTE. Esse Programa será ativado através do Banco Interamericano de Desenvolvimento. Os investimentos previstos são da ordem de 2 bilhões e meio de dólares, fruto de trabalhos técnicos de pesquisas, desenvolvidos em Crato sob a minha administração, sobre o aglomerado urbano Crato-Barbalha-Juazeiro do Norte, para a aplicação na infra-estrutura urbana e social desse aglomerado. Esse é um dos maiores programas do setor, em todo o Nordeste. O meu Governo o deixa completamente encaminhado.

A implantação do PROJETO CIATA tornou realidade a arrecadação municipal, antes uma mera ficção de ordem administrativa.

A reforma administrativa feita em Crato condicionou a administração aos tempos modernos, dando-lhe a instrumentalidade necessária ao bom desempenho setorial.

A construção do prédio próprio da Prefeitura e a instalação de seus equipamentos, inclusive central telefônica e de telex, ensejou um novo panorama administrativo. Introduziu-se a computação eletrônica e o cheque-salário, em serviços municipais, iniciativa pioneira no interior cearense.

Reorganizou-se e modernizou-se todo o Arquivo Público, hoje com milhares de informações disponíveis, em poucos minutos. Foi reativada e reaparelhada a Banda de Música Municipal. Foi adquirida uma patrulha motomecanizada, dotada de máquinas modernas e veículos automotores, que possibilitou o incremento no atendimento viário do Município. Foram feitos o Plano Diretor da Cidade, o Mapa da Cidade, o Mapa do Município, antes todos inexistentes, e, com base neles foram rasgadas e construí-

das Avenidas, como a da Perimetral e a do Contorno.

Dentro, ainda, dessa concepção de modernizar e atualizar uma administração que pecava pelo empirismo e pelos métodos superados, coube ao meu Governo deixar uma moderna planta da cidade, dentro de normas técnicas avançadas, que passou a orientar a política do planejamento urbano.

Deixo o Crato substancialmente transformado.

Algumas iniciativas são da própria Prefeitura, como a Praça Presidente Castelo Branco, a Praça Filemon Teles, a Avenida da Petrobrás. Outras iniciativas são do Estado, outras, em convênios com a União. Muitas delas, iniciativas do empresariado.

Mas todas as obras, no conjunto, mesmo que não sejam da Prefeitura, refletem e realçam, sobretudo, um fato: elas vieram pela canalização dos esforços de todos, pela confiança que a administração gerou na livre iniciativa, pelo espírito de UM OUTRO CRATO que se implantou nesta terra.

Se não fôra todos esses esforços conjugados, jamais teríamos alcançado o patamar de progresso e de renome que o Crato desfruta hoje, bem aquinhado de inúmeros investimentos, em todas as áreas, públicas e privadas, todos erguidos na minha administração.

Deixo o Crato com mais 5 praças, com o Mercado da Batateira, com o Mercado Central iniciado, com o colossal Estádio de Futebol, com o Açude do Inxu, com o Banco do Nordeste, com um conjunto de Casas Populares, com a Agência da Caixa Econômica, com a agência do Banco Mercantil, com a Agência do INPS em prédio novo: Com o novo prédio do Café Itaytera, com o novo prédio da Fábrica Fortaleza. Com o novo prédio da Delegacia Regional do Trabalho, com o Centro Social Urbano, com a Escola do SENAI.

Deixo o Crato com o prédio do
REVISTA

Centro de Estudos Supletivos, deixo o Crato com o Colégio Polivalente, deixo o Crato com o Cemitério Público duplicado, com o Colégio Agrícola duplicado, com o Ginásio de Dom Quintino...

Deixo o Crato com o sistema de Monocanais nas sedes dos Distritos e povoados, o novo prédio da Teleceará, dotado dos serviços DDD-DDI.

Deixo o Crato com a duplicação da Avenida Padre Cicero, que nos liga à vizinha cidade de Juazeiro do Norte. Crato dispõe hoje, até de viadutos, que melhoraram todo o sistema de tráfego urbano.

Deixo o Crato com as estradas de Arajara e Santa Fé.

Deixo o Crato com inúmeras escolas rurais, espalhadas em todo o Município, e com um acréscimo de cerca de 2 mil postes nas redes elétricas, em todos os recantos do Município, vilas, bairros, subúrbios distantes, sítios e povoados.

Deixo o Crato com mais de 40 ruas, becos, travessas, praças e estradas asfaltadas, com novas ruas abertas, com novos prédios de Hospitais, com o Terminal da Petrobrás, com quase todos os bairros calçados a pedra tosca.

Coube ao meu Governo a mais organizada e estruturada assistência médico-odontológica e de saúde pública, em nossa história. Vinte e dois mini-postos de saúde na área municipal, kombi odontológica atuante, equipes de visitadoras sanitárias e de assistência social, desenvolvendo um programa pre-escolar e pre-natal, que ia desde o acompanhamento das parturientes até distribuição de enxovais para os recém-nascidos, totalizando, por ano, cerca de 40 mil atendimentos.

Deixo o Crato com o Colégio Municipal ampliado e reformado, com a Faculdade de Direito reconhecida e com várias unidades escolares estaduais que para aqui vieram porque a Prefeitura doou os terrenos.

A Política de incrementar novos

investimentos, mediante doação de terrenos, foi sempre uma praxe em minha administração. Terrenos foram doados para o Centro de Estudos Supletivos, para o Centro Regional Agropecuário, para o Instituto Cultural do Cariri, para o Lions Club do Crato-Siqueira Campos, para a Associação dos Criadores do Crato, para o Rotary Club, para os grupos Getúlio Vargas, Juvencio Barreto, Francisco José de Brito, Raimundo de Norões Milfont, para a Sociedade do Bairro do Seminário, para a Sociedade do Bairro de S. Miguel, para a Sub-Delegacia do Trabalho, para a Agência do IPEC, para o Centro Social Urbano e para muitas outras iniciativas.

Nunca se negou incentivo a quem quisesse se instalar em Crato, fosse qual fosse a iniciativa. Até a confecção do Guia Turístico teve o apoio da minha administração.

Deixo o Crato com convênios para a expansão das redes elétricas, com a Merenda Escolar organizada contando com 2 depósitos, com a catalogação de todos os bens móveis e imóveis da Prefeitura, o cadastramento predial, um eficiente serviço social que atende a mais de 50 por cento da pobreza, serviço de assistência que teve à frente a Primeira Dama Aglaís Carvalho, dinamizado e multiplicado, com inaudito esforço, em 6 anos de atividade.

Só o desejo de ignorar pode dizer que o Crato não está mudado, depois que deixo a Administração. O sol não se pode tapar com uma peneira...

A inflação que vem assolando o País atingiu maciçamente as administrações municipais. A exclusão do Crato do PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AOS MUNICÍPIOS — PAM — os constantes cortes ocorridos nas cotas do Fundo de Participação dos Municípios, além das constantes quedas de arrecadação do ICM, agravados pela longa estiagem que atravessamos — tudo isso obrigou-nos a deixar um débito que vem

se acumulando desde 1981.

Mesmo assim, é escusado dizer do tremendo esforço que o meu governo empreendeu, no sentido de não deixar atrasar o pagamento do funcionalismo público, feito com regularidade até Dezembro de 1982.

Deixo débitos, é bem verdade, para com alguns fornecedores e/ou/prestadores de serviços, e outros, provenientes de obrigações administrativas, todos sanáveis em relativo espaço de tempo, mas que não comprometem o Poder Financeiro da Prefeitura, pois a maioria deles só é liquidável daqui a 3 anos.

Deixo ainda, por ser recebida, a 2ª Cota do ICM do mês de Janeiro de 1983, que deverá ser aplicado pelo novo gestor.

Dentro das possibilidades do que foi possível fazer, foram concedidos sucessivos aumentos para a numerosa classe funcional, a quem agradeço, por oportuno, neste instante, a imensa colaboração recebida.

O setor escolar foi totalmente codificado, dentro das normas técnicas, que foram desde a classificação, catalogação e fichário do professorado, atendentes, merendeiras, supervisoras e serventes, até os cursos de reciclagem, processos de registro de escolas, etc, que demandaram tremendo esforço.

Os eventos turísticos, sociais e culturais tiveram absoluto apoio da minha administração, como os Simpósios e Congressos, à Exposição, o Carnaval, os festejos de incentivo ao folclore, as festas religiosas, o lançamento de livros, a assistência aos Museus e a assistência aos gremios estudantis, sociedades de bairro, equipes desportivas. Dentro das possibilidades do Município, nada foi descuidado e a tudo esteve presente a Administração, desde a reforma da Biblioteca Pública à reorganização dos Museus. A minha administração sempre foi ciosa dos seus deveres.

Crato marchou e cresceu harmoniosamente e para tanto foi preciso que

se despertasse o espírito cívico de sua gente, agora empurrando a cidade para os seus gloriosos destinos.

A serena análise do Crato que encontrei há 6 anos e do Crato que deixo hoje, falará melhor do que as minhas palavras, para comprovar, perante a História, que a administração que hoje se encerra jamais se omitiu e jamais se descuidou dos seus deveres fundamentais.

Prova disso, também é que, em termos de industrialização, lutámos pela implantação de uma destilaria de álcool anidro em Crato e conveniámos com o Governo do Estado para a implantação do Distrito Industrial do Cariri, localizado em terrenos dos 3 principais Municípios da região, Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha.

Meus senhores:

Ao apagar das luzes do meu Governo, quando, por um processo histórico, nova administração vai iniciar seus passos, faço votos de que os novos detentores do poder possam muito realizar e que fecundo seja o Governo que hoje se instala.

Não posso deixar de externar, ao final, sinceros e eternos agradecimentos à minha assessoria, que me acompanhou diretamente no dia a dia administrativo; ao empresariado; ao clero; às entidades e instituições de classe; à imprensa, que cumpriu, livremente, sua missão; às autoridades civis, militares e eclesiásticas; aos diversos Governadores de Estado que passaram pela Chefia do Executivo Cearense, nesses 6 anos, às autoridades federais e estaduais em todos os níveis e escalões.

Devo agradecer à nobre Câmara Municipal, pela sua imprescindível, útil e valiosa cooperação, a todos os segmentos da sociedade cratense, e ao povo, de um modo geral, que sempre estiveram conosco e sempre cooperaram em todas as iniciativas.

Agradeço, por fim, de modo especial, a Deus, todo poderoso, que me deu forças e estímulo, fé e confiança,

Os Alencar / Antão de Carvalho

Narra João Brígido, em um dos seus capítulos sobre a história do Ceará: "Cerca de mil homens, perfeitamente armados, Alencar e seus parentes, Pereira Filgueiras, seu filho e genro, os dois Arrudas, José Francisco de Gouveia Ferraz, Joaquim Antão e seu irmão e muitos outros comprometidos prosseguiram marcha para o Exu". Após referir o fato de Alencar (José Martiniano) ter seguido rumo diverso ao que adotou Filgueiras, e resolvido retornar ao Exu notícia "seu abalroamento com tropas comandadas por Manoel Nunes, que lhe mataram um parente Manoel Antão". ("Antologia, de Jäder de Carvalho, pags. 514/515).

Confirma essa versão, outro nosso provector cronista: "De regresso para o Exu, Alencar encontrou tropa legalista, com a qual teve tiroteio, em que foi levemente ferido e nela caindo morto o seu sobrinho Manoel Antão de Carvalho" ("Rev. do Instituto do Ceará", ed. 1924, pg. 335).

Em trabalho inserto nessa mesma

para chegar ao final desta jornada, com a consciência de que tudo fiz para ser digno da confiança popular, com a certeza plena de espiritualidade, de que tudo foi feito, tudo o que foi possível, e a convicção, serena e inabalável, de que o mandato foi exercido com dignidade e devotamento.

Missão cumprida!

Muito obrigado!"

(Discurso pronunciado ao passar o cargo de Prefeito Municipal do Crato ao Sr. Francisco Walter Peixoto, no Palácio Alexandre Arraes, sede da Prefeitura Municipal do Crato, em 31 de Janeiro de 1983).

publicação (tomo 54, pg. 99), sob o título "Alencares de Sangue e Afins", assim alude ao fato Joaquim Nogueira Jaguaribe: "José Martiniano de Alencar, vencida a revolução de 1824", fugiu para o Exu, acompanhado de seus parentes Pedro Jaime de Alencar Araripe (avô paterno do signatário do presente ensaio), Joaquim Antão de Carvalho (trisavô, por via materno, dos filhos do mesmo signatário), Manoel Antão de Carvalho, João Franklin de Lima (cunhado de Tristão Gonçalves) e mais cem soldados fiéis, com o intuito de hominizarem-se na Bahia".

Em tópico alusivo às relações de família entre o clã alencarino e os Antão de Carvalho, adianta J. Figueiredo Filho, autor da "Historia do Cariri" (v. I, pg. 84): "1803, o casal dona Bárbara capitão José Gonçalves dos Santos casou sua filha Joaquina de São José (nome em moça) no clã dos Antão de Carvalho, de Oeiras", formando-se ali outro "ponto de apoio" da progênie.

Irineu Pinheiro, em duas passagens de suas preciosas "Efemerides do Cariri" (pags. 78 e 359), ratifica os pronunciamentos acima invocados ao afirmar que "vencida a Confederação, fugiu Alencar do Crato, donde estava, mas, nos sertões de Pernambuco, no lugar "Pintada" julgado de Cabrobó em 14 de novembro de 1824, atacaram-no tropas legalistas que quase o mataram e assassinaram uma das seis pessoas de sua comitiva, seu sobrinho criança de treze anos de idade (Manoel Antão de Carvalho).

Joaquina, a filha de D. Bárbara, desposada pelo piauiense Arnaldo Antão de Carvalho, com quem teve os filhos Joaquim e Manoel Antão de

Carvalho, acima referidos, nasceu em Crato a 19/12/1787, ex-vi do que se lê no respectivo assento ali tomado. Arnaldo figura entre os descendentes do casal Valério Coelho Rodrigues e sua mulher Domiciana Vieira de Carvalho, conforme consta de publicação feita sobre o assunto pelo desembargador Helvidio Clementino de Aguiar.

Na "Correspondência Passiva, do Senador José Martiniano de Alencar, /em cartas que noticiam o falecimento de sua mãe. D. Bárbara, há varias referências à convocação dos "herdeiros do Piauí" para participarem do respectivo inventário ("Anais da Biblioteca Nacional, v. 86 pgs. 253, 279, 208, 391, 412, 413).

Os tais herdeiros piauienses por força deveriam ser os filhos de Arnaldo/Joaquina, entre os quais também se contavam os de nomes José, Raimunda e Ana e seus representantes legais, se é que seus progenitores já não sobrevivessem.

Está bem à vista que os rebentos do aludido casal, tronco da formação dos Alencar/Antão de Carvalho, são netos da heroína. D. Bárbara Pereira de Alencar, e consequentemente sobrinhos do filho da mesma. O senador José Martiniano de Alencar, eminente conterrâneo, consagrado "sem favor", consoante expressões enunciadas por Raimundo Girão e inúmeros outros historiógrafos de subido tomo como "o maior dos homens de governo do Ceará, em todos os tempos" ("Pequena História do Ceará" 3ª ed. pg. 184).

Cingimo-nos a trazer à tona, nesta oportunidade, apenas o nome de Joaquim Antão de Carvalho, cuja descendência, em 1891, já se julgava por levantamento feito, montar a 295 membros. Casado, a primeira vez com Cristina, filha de Alexandre Bartolomeu de Carvalho, nos sertões de Jaicós, Piauí, com a mesma teve os filhos: Libânio, José, Carolina, Ana Maria e Laurinda Maria. Do segundo, celebrado com filha do Capitão Felipe, da fazenda "Peixe" no dito

Município, procede o filho Severiano, da terceira núpcia com Maria Pereira de Carvalho (filha de João Pereira de Carvalho) nasceram: 1) João Pereira Antão de Carvalho, 2) Maria Pereira de Carvalho, 3) Joaquim Antão de Carvalho Filho, 4) Elvira Maria de Carvalho, 5) Jolvino Antão de Carvalho, 6) José Antão de Carvalho Alencar, 7) Ana Matutina de Carvalho, 8) Aurora Matutina de Carvalho, 9) Israel Antão de Carvalho, 10) Jacob Antão de Carvalho, 11) Josias Antão de Carvalho, 12) Izac Antão de Carvalho.

Ana Matutina de Carvalho (7ª) nascida em 1868 e casada em 1885, com Inácio Gomes de Alencar, deixou numerosa prole, através dos filhos: Thomás, Maria Matutina de Carvalho, Ana Matutina de Carvalho Alencar (que com seu esposo Jósio da Franca Alencar, de Crato, constituíram-se avós maternos dos filhos do autor da presente resenha genealógica), Domiciana Matutina de Alencar, Maria Matutina de Alencar, Joaquim Antão de Alencar, Odon Gomes de Alencar, José Gomes de Alencar, Ozias Gomes de Alencar, Judith, Augusta e Áurea.

A essa mesma linhagem de família profusamente disseminada pelo interior do Piauí (município de Pio Nono, Fronteira, Jaicós, Picos, Oeiras, e Floriano entre outros), se filiam como quarto natos de D. Bárbara o desembargador Aderson Antão de Carvalho, do Tribunal de Justiça de Pernambuco, seus irmãos Antônio Carvalho, chefe da firma Carvalho Dutra, da Junta Comercial, e do Clube dos Lojistas, do Recife, Anísio e José oficiais das forças armadas, Abdias, inativo do Ministério do Exército, Vicente, engenheiro agrônomo e outros.

Por si, os Carvalhos que se entrelaçam com os Barbosa, os Coelhos Rodrigues, os Sousa Martins, os Araújo Costa e outros agrupamentos da família, constituem um dos mais avultados clãs de Oeiras e municípios circunvizinhos.

c o d e m a

COMÉRCIO DE MADEIRAS LTDA.

- T A B U A S
- C O M P E N S A D O S
- F Ó R M I C A
- C I M E N T O
- F Ô R R O
- F E R R O
- A R A M E F A R P A D O

M A T R I Z:

Rua Bárbara de Alencar, 661 / 683

Caixa Postal, 84

Fones: 521.2544

521.2645

521.2948

521.2949

CRATO — Ceará

F I L I A I S:

Rua São Pedro, 869

Fones: 511.1311

511.0773

511.0058

JUAZEIRO DO NORTE — Ceará

Praça Francisco Sá, 171

Fones: 711.1140

711.1859

IGUATU — Ceará

PETROBRITA

Antonio Primo de Brito & Cia.



Fabricação de Brita
para construção em 4 tamanhos

Completamente industrializada

QUALQUER QUANTIDADE
PARA PRONTA ENTREGA!

Rodovia CE-55 • Km. 12 • Sítio Juá

CRATO —:— CEARÁ

Luiz Gonzaga Mota:

O Novo Governador do Ceará

Luiz de Gonzaga Mota é natural de Fortaleza, nascido a 9 de dezembro de 1942, filho de Fernando Cavalcante Mota e Maria Helena F. Mota, casado com a senhora Mirian Fontenele Porto Mota, integrante do Banco do Nordeste do Brasil, onde exercia chefia naquela entidade financeira antes de ser convidado para a Secretaria do Planejamento do Governo Virgílio Távora, onde prestou grandes serviços, sendo um dos principais elaboradores do PLAMEG II, Plano de Metas do Governo. A íntegra do seu "curriculum vitae" é a seguinte:

1. DADOS PESSOAIS

Nome: LUIZ DE GONZAGA FONSECA MOTA

Nascimento: 09 de dezembro de 1942

Local do Nascimento: Fortaleza-CE.

Filiação: Fernando Cavalcante Mota e Maria Helena F. Mota

Carteira de Identidade: Secretaria de Polícia e Segurança Pública — Ce. — nº 143.535 CPF: 11329763-34

Profissão: Economista

2. CURSOS

2.1 Secundário (1º ciclo): Colégio Cearense do Sagrado Coração

2.2 Secundário (2º ciclo): Colégio Cearense do Sagrado Coração

2.3 Superior: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará.

ITAYTERA

3. CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

3.1 Superintendência do Desenvolvimento Econômico e Cultural. Duração: um mês — Disciplinas: Matemática e Estatística (1947)

3.2 Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB) — Duração: um mês e meio — Disciplinas: Análise Econômica e Elaboração e Avaliação de Projetos (1966).

3.3 Banco do Nordeste do Brasil S. A., (BNB) — Disciplina: Técnicas de ensino — Carga Horária: 40 horas /aula — 1973.

4. CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Estudo de Pós-Graduação em Economia do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas — Rio de Janeiro (RJ). Duração: dois anos (1968/69) em regime de tempo integral.

5. APROVAÇÃO EM CONCURSOS

5.1 Para estagiário da Superintendência do Desenvolvimento Econômico e Cultural (SUDEC) — 1964;

3.2 Para professor de Geometria Analítica e Trigonometria do Curso de Pré-Vestibular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará — 1964;

5.3. Para estagiário do Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB) Concurso público de âmbito regional — 1966;

5.4. Para participar de um Seminário sobre Desenvolvimento Econômico na Universidade de Harvard — EE. UU. Concurso Público de âmbito nacional — 1966;

5.5. Para cursar a Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas. Concurso público de âmbito nacional — 1967;

5.6. Para professor do Departamento de Finanças e Economia Aplicada da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará — 1970;

5.7. Para Técnico em Desenvolvimento Econômico do BNB. Concurso público de âmbito nacional — 1971.

6. ATIVIDADES TÉCNICAS

6.1. Estágio na Superintendência do Desenvolvimento Econômico e Cultural (SUDEC), no período de 01-06-64 a 31-12-65;

6.2. Estágio no Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB)/ETENE), no período de 10-01-66 a 15-12-67;

6.3. Membro da equipe técnica da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará. Janeiro de 1970 a maio de 1971;

6.4. Técnico em Desenvolvimento Econômico do BNB, a partir de junho de 1971;

6.5. Assessor Especial da Presidência do Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB) — 1975;

6.6. Coordenador Técnico da Coordenadoria de Planejamento Integrado do BNB. Julho de 1975 a Janeiro de 1978;

6.7. Chefe do Departamento de Assessoria do Banco do Nordeste do Brasil S. A. (BNB) — Janeiro a agosto de 1978;

6.8. Coordenador da Comissão Técnica de Planejamento da Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento — ABDE — (1977/78);

6.9. Coordenador Geral do Plano de Governo do Estado do Ceará

para o período 1979/82. Setembro de 1978 a março de 1979;

6.10. Secretário de Planejamento e Coordenação do Estado do Ceará de 15-03-79 a 10-02-82.

7. PARTICIPAÇÃO EM CONSELHOS

— Foi membro do Conselho de Política Administrativa, social e Econômico-Financeira do Ceará — CONPASE.

— Como Secretário de Planejamento e Coordenação participou como Membro Nato dos seguintes Conselhos e Comissão:

. Presidente do Conselho de Desenvolvimento Econômico do Ceará — CONDEC

. Presidente do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia — CECT

. Secretário do Conselho Diretor do POLONORDESTE

. Presidente do Conselho Técnico Administrativo da Comissão Estadual de Planejamento Agrícola — CEPA

. Presidente do Conselho de Administração da Fundação Instituto de Planejamento do Ceará — IPLANCE

. Presidente do Conselho Deliberativo da Região Metropolitana de Fortaleza

. Presidente do Conselho de Articulação do Projeto Ceará

. Secretário do Conselho Diretor do Projeto Ceará

. Presidente do Conselho de Administração da Fundação Núcleo de Tecnologia do Estado do Ceará — NUTEC

. Membro da Comissão de Programação Financeira e Crédito Público do Ceará — CPFPC

. Presidente do Conselho Deliberativo do Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa do Ceará) — CEAG

— Participou, ainda, dos seguintes Conselhos:

. Presidente do Conselho de Administração do Banco de Desenvolvimento do Ceará — BANDECE (eleito em Assembléia Geral)

. Presidente do Conselho de Administração da Cia. Cearense de Mineração — CEMINAS (eleito em Assembléia Geral)

. Membro do Conselho de Administração da Cia. de Desenvolvimento Industrial — CDI (eleito em Assembléia Geral)

. Membro do Conselho de Administração da Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor do Ceará — FEBEMCE (nomeado por Ato do Governador do Estado)

8. PARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS TÉCNICOS

8.1. Como estagiário da SUDEC:

8.1.1. Pesquisas de campo visando a instalação de Centros de Abastecimento nos seguintes municípios do Ceará: Aracati, Russas, Jaguaribe, Ipaumirim, Brejo Santo, Jardim, Juazeiro do Norte, Varzea Alegre, Crato, Campos Sales, Tauá, Senador Pompeu, Quixadá, Canindé, Crateús, Ipu e Sobral.

8.1.2. Pesquisas e levantamentos de dados econômicos, necessários aos estudos dos estabelecimentos de preços promovido pelo Grupo Executivo da Intervenção ao Domínio Econômico do Ceará.

8.2. Como estagiário do BNB/ETENE:

Pesquisas sobre o consumo de produtos industrializados, para as seguintes cidades: — Fortaleza, Natal, Teresina, Salvador e Aracaju.

8.3. Como aluno da Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas:

8.3.1. Plano de expansão para o Porto de Vitória;

8.3.2. A influência da inflação nos resultados das empresas;

8.3.3. O aproveitamento da Piritá do Carvão de Santa Catarina;

8.4. Como membro da equipe técnica responsável por uma pesquisa de caráter socio-econômico na Bacia do Rio Acaraú — Convênio SUDECNE/UFC — Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas.

8.5. Como membro da equipe responsável pela elaboração do plano de Desenvolvimento da Faculdade de Ciências e Administrativas da Universidade Federal do Ceará, no período de 1972/76.

8.6. Coordenador Adjunto Regional (Ceará, Piauí e Maranhão) da pesquisa sobre a Conta do Setor Público — Convênio "IPEA/MINIPLAN/CAEN — Universidade Federal do Ceará — 1071.

8.7. Analista de Projetos do Departamento Industrial e de Investimentos do BNB — Jun/71 a Jun/74).

8.8. Membro da equipe técnica da Coordenadoria de Planejamento Integrado do BNB (COPIN), a partir de junho de 1974.

8.9. Membro da equipe responsável pela elaboração do I Plano Quinquenal do BNB, para o período 75/79.

9. PARTICIPAÇÃO EM TRABALHOS PUBLICADOS

9.1. Consumo de Produtos Industriais (Cidade de Teresina) BNB/ETENE;

9.2. Consumo de Produtos Industriais (Cidade de Fortaleza) BNB/ETENE;

9.3. Consumo de Produtos Industriais (Cidade de Natal) BNB/ETENE;

9.4. Consumo de Produtos Industriais (Cidade de Aracaju), BNB/ETENE;

9.5. Consumo de Produtos Industriais (Cidade de Salvador) BNB/ETENE;

9.6. Diagnóstico Sócio-Econômico do Vale do Acaraú — Ceará;

9.7. Plano de Desenvolvimento da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará;

9.8. Programas de Desenvolvimento do BNB;

9.9. I Plano Quinquenal do BNB — 1974;

9.10. I Plano de Desenvolvimento do Ceará (PLANDECE) — Revisor Técnico;

9.11. Plano Administrativo do BNB — 1975/76.

10. TRABALHOS PUBLICADOS

10.1. Exercícios de Moeda e Bancos — Curso de Ciências Econômicas da U. F. C. (1975) (Mimeografado).

10.2. Noções sobre Taxas de crescimento — Curso de Ciências Econômicas da U. F. C. (1971) (mimeografado).

10.3. Operação de "underwriting" — Curso de Ciências Econômicas da U. F. C. (1972) (mimeografado);

10.4. Noções sobre Balanço de Pagamento — Curso de Câmbio promovido pelo BNB (1974) (mimeografado);

10.5. Introdução à Análise Monetária — Editora Atlas (1979).

11. EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO

11.1. Professor de Geometria Analítica e Trigonometria do Curso Pre-Vestibular da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Ceará — 1964/65;

11.2. Professor de Introdução à Economia na Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro) — 1969;

11.3. Professor de Moeda e Bancos da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará, a partir de março de 1970;

11.4. Professor de Teoria Macroeconômica do Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste (CAEN) — 1970/1971;

11.5. Professor de Teoria Microeconômica do Programa de Reciclagem para doente da Faculdade de Economia do Norte e Nordeste — 1971;

11.6. Professor de Política e Programação Econômica nos II, III e IV Cursos de Desenvolvimento Econômico e Administração do BNB (DECAD) — 1972/73;

11.7. Professor de Macroeconomia

do V curso de Desenvolvimento Econômico e Administração do BNB (DECAD) 1974;

11.8. Professor de Introdução à Economia do Curso de Formação de Gerente do BNB e do BASA — 1973;

11.9. Professor de Microeconomia no Curso de Seleção de Técnicos para o Sistema Nacional de Planejamento (MINIPLAN/UFC) — 1973;

11.10. Professor de Comércio Internacional (Balanço de Pagamentos) no Curso de Treinamento em Operações de Câmbio para funcionários do BNB — 1974;

11.11. Professor de Planejamento Nacional no Curso de Desenvolvimento Regional do CETREDE — maio/1975;

11.12. Professor de Teoria Monetária no Curso para Executivos de Alto Nível de Instituições Financeiras — CERTA — jun/jul — 75;

11.13. Professor de Comércio Internacional no Curso de Treinamento em operações de Câmbio para Funcionários do BNB — 1975;

11.14. Professor de Macroeconomia do VI DECA, Curso de Desenvolvimento Econômico e Administração do BNB — jan/76;

11.15. Professor de Macroeconomia dos VII e VIII Curso de Desenvolvimento Econômico e Administração do BNB (DECAD) jan e nov/77.

12. SEMINARIOS

12.1. Seminário sobre Instituições e Desenvolvimento Econômico na Universidade de Havard (EE. UUI) — 1966;

12.2. Seminário sobre Operações de "underwriting" — Banco do Nordeste do Brasil S. A. — Fortaleza — set/1972;

12.3. Seminário sobre "Marketing" Bancário — Banco do Nordeste do Brasil S.A. — Fortaleza — dez/1973;

12.4. II Seminário das Sociedades de Capital Aberto — Associação Brasileira das Sociedades de Capital

A Epopéia de Santa Rosa

Hoje, 31 de Outubro, é data que assinala um dos acontecimentos de maior repercussão na vida política do

Aberto (ABRASCA) — Brasília/outubro de 1974;

12.5. Seminário sobre "Planejamento Empresarial" — Banco do Nordeste do Brasil S. A. — Fortaleza/março de 1975;

12.6. Seminário sobre Planejamento em Bancos de Desenvolvimento — Associação Brasileira de Bancos de Desenvolvimento (ABDE) — Fortaleza/outubro de 1977.

13. ESTAGIOS

13.1. Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) — Abril de 1972

13.2. Banco de Investimento do Brasil (BID) — Maio de 1972

13.3. Agência Especial de Financiamento Industrial (FINAME) — Fevereiro de 1973;

SÃO SEUS FILHOS: Antonio José, 14 anos, Luis Fernando, 12 anos; Mirian, 10 anos e Luis Gonzaga Mota Filho, seis anos.

SÃO SEUS IRMAOS: João Thouribio, bancário do Banco do Brasil, Maria Dolores, casada com o major Augusto Borges, Fernando Cavalcante Mota, militar reformado e empresário, no Rio de Janeiro; Maria Helena, casada com o empresário Valdir Diogo Filho, um dos proprietários da Construtora Valdir Diogo; Henrique Antonio, médico; José Antunes, economista; Maria de Fatima, casada com o engenheiro Antunes Edisio Façanha, Francisco José, advogado; Antonio Glauco, doutorando em engenharia civil.

ITAYTERA

Ceará: o combate de Santa Rosa, em que, há 150 anos atrás, perdeu a vida Tristão Gonçalves, o Presidente da República do Equador.

Tristão Gonçalves, nascido em Brejo da Salamanca (então de Crato e hoje de Barbalha) é filho do português José Gonçalves dos Santos e de sua mulher a heroína D. Bárbara Pereira de Alencar, e adotava o sobrenome de Pereira de Alencar, depois substituído pelo de Alencar Araripe.

A propósito dessa mudança de sobrenome, em trabalho relativo à Independência do Maranhão, inserto da "Revista do Instituto do Ceará", v. 27, pg. 254, anota seu filho, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe: "Este cidadão assinava-se, então com o nome de Tristão Gonçalves Pereira de Alencar. Depois que regressou da campanha de Caxias suprimiu o apelido Pereira, e tomou o de Araripe.

João Brígido confirma terem sido adotados, a esse tempo, os sobrenomes: Araripe, Mororó, Ibiapina, Supcupira, Buriti, Anta e outros, que lembrassem alguma cousa do país e traduzissem adesões à Independência ("Antologia", pg. 180).

Assim explica a ocorrência o escritor Gustavo Barroso: Naquele tempo, os patriotas, a fim de se diferenciarem dos corcundas ou marotos, dos reacionários, apunham aos seus sobrenomes outros de procedência tupi ou de significado nacional. Era uma afirmação pública de nacionalidade, ou melhor, de brasilidade. Daí os Alencar Araripe, os Pessoas Anta, os Gonçalves Mororó, os Carapinimas, os Ibiapinas, os Jês Acaiabas de Montezumas e quejantes. (A Margem da História", pg. 186).

Sobrenomes "arrogantemente nativistas", "assim os classifica Gilberto Freire ("Casa Grande e Senzala", ed. 16, pg. 452). Tristão Gonçalves era, portanto, do Cariri, a região de onde procede, segundo observação de João Brígido "a gente belicosa do Ceará", em cuja história reponta, diz José Aurélio Câmara, "incontido espírito turbulento e irrequieto". Tomara ele parte saliente na denominada "conjura" republicana de 1817, em cuja relação de implicados, com seu irmão José Martiniano, figura entre os "infames cabeças".

Há quem opine que tal "conjura" não passou de mero "motim" (barulho, desordem, revolta local, manifestação armada de pouca monta e sem grandes lances de heroísmo). Para alçar-se à categoria de "revolução", teria de ter por destino objectar-se, a mudança violenta das instituições fundamentais do Estado. Entre os motivos pelos quais se considerou "deficiente", a exposição do historiador Pereira da Silva, a propósito da revolução de 1917, figura o fato de a ter considerado "em proporções pouco elevadas, não lhe conferindo o verdadeiro caráter e sentimento patrióticos, que trouxe ao movimento feições menos acanhadas do que as de simples "motim" militar ou desenfreado popular". Salienta o precitado Conselheiro Tristão: A idéia da independência nacional, suprimindo o domínio português, deu alma e sentimento a revolução. Essa idéia generosa não sobressai nas considerações do ilustrado historiador. A dignidade do caráter pernambucano fica em sombras e não nobilita o entusiasmo, de que, então, se apoderou a população de quatro Capitanias para só deixar transparecer a idéia de deslealdade dos súditos de um rei pacífico (Rev. do Instituto, cit., v. 27, pg. 262).

O ESPIRITO DA REVOLUÇÃO DE 1817

A torrente dos que, com ponderá-

veis fundamentos, desautorizam a ingloria tentativa de por esse modo descaracterizar o movimento de 1817, é de tal vulto que chega a admirar ainda haja quem insista nessa errônea orientação. José Honório Rodrigues, com apoio de Capistrano de Abreu, sustenta que não se negam, nem se podem negar, as características da Revolução de 1817 como movimento de reivindicação social e nacionalista, que incorpora agravos seculares de classes oprimidas ("Aspirações Nacionais", 4ª ed., pg. 13). O nosso eminente Barão de Studart insurge-se contra os que consideram dito movimento, rompimento inesperado, acontecimento imprevisível, ao invés de ocorrência política e social, que vinha há anos preocupando ("Rev. do Inst. do Ceará, v. 37 pg. 208).

Múcio Leão corrobora essa linha de pronunciamentos: "A revolução republicana de Pernambuco, em 1817, é um dos movimentos mais gloriosos da História do Brasil. É a única revolução brasileira digna desse nome — dela disse Oliveira Lima. E o nosso eminente historiador explica porque assim pensava: Foi instrutiva pelas correntes de opinião que no seu seio se desenharam, atraente pelas peripécias e tocante pelo desenlace. Foi um movimento a um tempo demolidor e construtivo, como nenhum outro, em grau superior na América Espanhola. Oliveira Lima tem toda razão. A revolução de 1817 é, na realidade, um movimento bellissimo, de fato vitorioso, desde que perdurou por mais de dois meses, quando o Brasil foi República ("Itaytera", v. III, pg. 231).

Rodolfo Garcia, considera "sereno e justo esse julgamento", do qual também participa Costa Porto no prefácio a "História da Revolução de Pernambuco de 1817". De igual modo se manifesta Nilo Pereira, em seus "Ensaio de História Regional", quando avança que a revolução de 1817 só não é revolução nacional — maior

que a Conjuração Mineira — porque é pernambucana e regional” (pg. 233).

Manoel Bonfim, de quem se disse ser “o mais perfeito historiador interpretativo do Brasil”, não difere na apreciação da matéria, conforme o evidencia o seguinte tópico: Não caberia, aqui, refazer a história do “Dezessete”, quando o apostolado heroico se santificou em martírio; nem seria preciso, quando os nossos intuítos são, apenas, assinalar o valor dos que entraram na revolução, e foram sacrificados; mostrar, no que os revolucionários fizeram, o espírito político em que se inspiraram; verificar que aquele espírito de “dezessete” deve subsistir, apesar de tudo, pois que ele é a própria alma do Brasil; reconhecer, na política ulterior ou bragantismo, o empenho contra essa mesma alma nacional brasileira, a ameaça suprema para o Bragança; constatar, finalmente, a mísera condição de Pernambuco, que se revolta, e a Justiça da Revolução (“O Brasil, ed. 1940, pg. 129/30).

UM PUNHADO DE BRAVOS

Belmiro Valverde, nos “Aspectos da Vida do Brasil”, acentua que esse movimento, por ele qualificado de “monumental epopéia” (pg. 142), foi a mais bela e prodigiosa demonstração de patriotismo nacional para se libertar da tirania portuguesa (pg. 68).

Entre os componentes daquela geração de homens, que bem se julga representarem “toda a grandeza do pensamento brasileiro e toda a energia do nosso idealismo”, destacou-se José Martiniano de Alencar, irmão de Tristão Gonçalves e um daqueles “rapazes” de cujos “inspiros” e “adiantamento”, se deveriam cuidar — consoante os termos da célebre cartatamento dirigida ao padre Ribeiro Pessoa, com que faleceu o sábio e patriota Pe. Arruda Câmara. Vindo de Pernambuco com a missão específica de fazer eclodir o movimento no

ITAYTERA

Ceará, onde pertence à “numerosa e muito importante família das extremas”, e onde sua mãe, “mulher varonil e muito popular, era muito influente” (João Brígido, obra cit. pg. 459), aquele agente revolucionário conseguiu êxito, embora transitório, em sua melindrosa tarefa, graças ao ostensivo apoio de familiares e amigos, inclusive o Pe. Miguel Carlos. Não é de admirar, portanto, que tão somente ao clã alencarino se atribua, como o fez em reiteradas e expressas menções o autorizado Barão de Studart, a proclamação da República, a 3 de maio de 1817, no Crato (“Rev. do Inst. cit. v. 37, ps. 205/209). João Brígido também dá seu testemunho de que “raros, bem raros, foram os secretários da perigosa idéia (da proclamação da República em Crato): os “unidos individuos que se pronunciaram francamente foram o diácono José Martiniano, sua mãe, irmãos e parentes, entidades principais” (obra cit. pg. 173).

Ocupando a tribuna da Câmara dos Deputados, a 26 de agosto de 1942, o deputado José Lino da Justa, ao justificar requerimento de felicitações ao Presidente do Ceará pela passagem do centenário da adesão do Estado à Confederação do Equador, afirmou: “No Ceará foi a alma da revolução o denodado patriota Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, que antes, com seu irmão José Martiniano de Alencar, tomara parte no movimento de 1817 e padeceu, então as agruras do cárcere na Bahia. O nome de Tristão Gonçalves já avultava nas crônicas do tempo em fulgurante relevo pelas vitórias conquistadas ao lado de Pereira Filgueiras, na campanha contra a perfídia, ficando por estes feitos triunfantes assegurada a independência do Maranhão e do Piauí” (In Rev. do Inst. cit. v. especial 1924, pg. 672).

José Aurélio Câmara, exímio escritor e estudioso dos fatos de nossa História, indica que o precitado már-

tir da República esteve sempre "a serviço de uma granítica coerência política e ideológica", constituindo-se, a esse respeito, entre os que figuraram nos quadros das agitações político-militares processadas no Ceará de 1817 a 1826, como "única magnífica exceção" ("Fatos e Doc. do Ceará provável, pg. 171).

No tocante a Tristão, o cronista Eusébio de Sousa afirma ser "o vulto mais proeminente da agitação no Ceará, e de quem se pode dizer que maior foi o seu martírio, quem primeiro foi na vida vítima de sua própria audácia, de seu destemido arrojo, deixando-se matar para não capitular", quando, reconhecida a inutilidade de seus esforços no combate decisivo de Santa Rosa, viu desfeito o seu máximo ideal republicano. Tristão enumera-se, adiante o padre Antonio Gomes, entre os heróis da revolução cratense de 1817, da implantação da Independência no Piauí e no Maranhão, da revolução cearense de 1824, que lhe deu a presidência provisória da Província, posto em que tombou heroicamente, como autêntico lutador: foi comparsa no estabelecimento, no Ceará, de uma nova ordem política instalada no Brasil a 7 de setembro de 1822 (Itaytera, III, pg. 17).

Escolhido presidente provisório em substituição a Costa Barros, a 26 de agosto de 1824, dirigiu a sessão do grande Conselho de 450 eleitores, quase todos notabilidades da Província, do qual participaram as Câmaras de Fortaleza, Aquiraz, Mecejana e do interior, estas representadas por procuradores, clero, chefes de corpos militares, nela se decidiu o rompimento com o governo imperial, opressor encarniçado, que não respeitara os foros de liberdade do Brasil, quando despoticamente aboliu a Assembléa Geral Constituinte da Nação e se submeteu à aprovação, obtida unanemente de um plano de "nova forma de governo", consubstanciada em 12

artigos, ratificados por aclamação geral. Assegurado o apoio à Confederação do Equador, que é a união das quatro províncias ao norte do cabo de S. Agostinho e as demais que para o futuro se forem unindo debaixo da forma de governo estabelecer a Assembléa Constituinte, e confirmada a eleição de Tristão para presidente, e do pe. Mororó para secretário, foi arvorado o novo estandarte da liberdade, de antemão preparado, cantou-se solene Te Deum e se tomou o juramento aos Santos Evangelhos aos eleitos (Rev. Instituto, cit. 1924, pgs. 151/153).

A REPÚBLICA DO EQUADOR

Tristão Gonçalves à frente das tropas, resolveu, depois, partir para o Aracati, a fim de dar combate aos imperialistas insurrectos da região, substituindo-se, no governo, por José Felix de Azevedo e Sá, 3º signatário da referida Ata do Grande Conselho, o qual, amedrontado com a presença de Lord Cochrane, Marquês do Maranhão, diante da cidade, aceitou-se, sem protesto, a anistia oferecida e passou a servir à contra-revolução. Sendo homem cujo ânimo "não comporta traições, nem pactos com adversários" (Barão de Studart, Rev. cit. v. 37, pg. 217), aquele invicto patriota, traído, embora, por muitos adeptos, resolveu tentar a sorte nas armas, que tanto lhe parecia, como afinal o foi, desfavorável.

Margeando o Jaguaribe, em busca de uma possibilidade para ir ao encontro de Pereira Filgueiras, ao se aproximar do povoado de Santa Rosa, teve de dar combate as tropas adversas, chefiadas por Manoel Antonio de Amorim e José Leão da Cunha, quando foi atingido por um tiro de bacamarte, desfechado por Venceslau Alves de Almeida, facinora que procurava fazer jús ao premio de dez mil cruzados e do dinheiro da caixa militar dos revolucionários, prometidos a quem aprisionasse seu chefe su-premo, em proclamação de 1-11-1824.

pelo titular oficial em apreço (Rev. cit. v. 27 pg. 270). É assim que se conta a história da forma pela qual se pôs termo à vida de um patriota erigido em legítimo herói a martir da República, o qual nos últimos estertores, ainda recebeu punhaladas e teve a orelha decepada, conservando-se insepulto, para se não disservir à tirania, até que mão piedosa lhe recostou o cadáver a uma jurema preta.

Anos depois, ironia do destino, o próprio governo imperial, em decreto de 20-6-33, que concede pensão à viuva do herói tombado, o qualifica de "benemerito" e salienta os "relevantes serviços por ele prestados, com singular patriotismo, a bem da liberdade e da independência do império, em diferentes províncias dele, com total prejuizo da sua fazenda e último sacrificio de sua pessoa".

Acha o historiador José Honório Rodrigues, no livro "Conciliação e Reforma no Brasil", que ninguém ofereceu mais sangue pela defesa da integridade territorial que o Nordeste e o Rio Grande do Sul. Naquele setor do país aí estão, para atestar a veracidade de tal asserto, as lutas de 1817 da independência do Piauí e do Maranhão, e as da Confederação do Equador, em 1824, que vozes autorizadas (Felisberto Freire e J. F. Carneiro, "Psicologia dos Brasileiros") julgam constituir "o berço histórico da Federação."

A heroína Barbara, que com a família tanto sofreu as agruras dos "grilhões aos pés e das correntes ao pescoço" (Rev. do Inst. cit. v. 74, pg. 90), nos encarceramentos, perdeu dois filhos, — Tristão Gonçalves e pe. Carlos — um irmão, Capitão de Ordenanças e Juiz Ordinário de Jardim, Leonel Pereira de Alencar, um neto, Manoel Antão de Carvalho, e, entre vários outros parentes próximos, o sargento-mor Antonio Geraldo de Carvalho, Inácio Tavares Benevides e Raimundo Pereira de Alencar. Lê-se, em tal sentido, na "Revista do Insti-

tuto do Ceará", de 1942: "Os republicanos, especialmente os Alencares, são perseguidos por toda parte, pelos que se diziam defensores do trono do Altar, aos quais o povo chamou de "Corcundas", e mais 13 parentes, por consaguinidade ou afinidade, de Leonel, são assassinados, inclusive seu cunhado Inácio Tavares Benevides que, preso nas caatingas de Pernambuco, e trazido para o Jardim, depois de amarrado e martirizado a pauladas, foi lançado semimorto em uma fogueira".

"Gente brava, lutadora, heroica e idealista: os Alencares, os Araripes, sei lá: eles muito que fizeram por esta Pátria, os nordestinos, francamente, mereceriam um pouco mais de amor da parte de seus irmãos do sul, que governaram e governam a Nação". Essas expressões, devidas à pena do inesquecido editorialista Aderson Magalhães, o All Right do "Correio da Manhã", ainda hoje se tornam dignas de serem rememoradas. O "pouco amor" dos irmãos do sul para com os do Norte-Nordeste do País ainda está por se verificar, até mesmo quanto a merecida glorificação histórica dos que realmente aqui deram até a própria vida pela causa da independência e da liberdade.

Cabem muito bem, como fecho dos presentes rabiscos sobre o sesquicentenário da República do Equador, o que escreveu, em justo assomo de justiça, o marechal Tristão de Alencar Araripe: "Tristão Gonçalves, seus irmãos e parentes, ao contrário dos mártires mineiros, que não chegaram a assumir atitudes de franca rebeldia, e que não passaram de confabulações românticas e idealistas — foram emancipacionistas decididos e de ação, deram a vida, desassombadamente, pela emancipação política do Brasil, foram mártires e heróis genuínos da Nacionalidade".

IMPRESSOS ?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI

MENSAGEM DO CRATO

A PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO rejubila-se e sente-se orgulhosa pelo lançamento de mais um número da Revista ITAYTERA.

É, inquestionavelmente, uma publicação que honra o Crato e leva bem longe a fama de nosso desenvolvimento cultural.

É uma amostragem sincera dos nossos esforços em favor da cultura, da documentação histórica e artística, da pesquisa e da valorização sociológica da região.

Nosso preito de admiração aos que fazem ITAYTERA, pedaço bem vivo de um Crato que pulsa mais forte, na consolidação de sua caminhada para o futuro.

Francisco Walter Peixoto

Prefeito Municipal do Crato

Literatura de Cordel - O Problema de Identificação de Autoria

O universo da literatura de cordel é um mundo surpreendentemente fascinante, onde se mesclam o sonho e a realidade, a fantasia e a verdade, onde o poeta ora é um mágico fabricante de utopia, ora um contador de histórias, um cronista, atento observador das coisas que o cercam, tecendo considerações sobre fatos remotos ou atuais, ora, ainda, um repórter, registrando e comentando acontecimentos do dia-a-dia.

Desde que começou a florescer entre nós, a partir da segunda metade do século XIX, com as primeiras versões rimadas de histórias tradicionais, de romances de amor ou de cavalaria, de contos de fadas, de histórias de Trancoso e de reinos encantados, a chamada literatura de cordel tem-se constituído numa das mais expressivas formas de manifestação do pensamento popular.

Acha-se hoje o mundo do cordel constituído de cerca de vinte e cinco mil títulos de folhetos, de cujo complexo universo constam os mais variados temas e gêneros, tais como amor, aventura, bravura, cangaço, encantamento, fanatismo, desafios e pelejas, discussões, gracejos e presepadas, exemplo e crítica de costumes, religiosidade popular, profecias, animais, bichos que falam, propaganda (folhetos de promoção), reportagem ou registro de acontecimentos (folhetos de acontecido, de épocas ou circunstanciais) e tantos outros gêneros e temas com que a criatividade dos poetas enriquece o nosso romanceliro e nutre a imaginação popular.

Joseph Maria Luyten, pesquisador e estudioso de cordel, em recente trabalho publicado na revista **Cadernos do Terceiro Mundo** (nº 49, outubro/novembro/82), admite que "hoje em

dia os folhetos de cordel tratam de todos os assuntos pelos quais se interessa o povo" e reconhece que "a literatura de cordel expressa (...), fielmente, a opinião popular a respeito de qualquer assunto."

Tão fascinante quanto complexo, o universo da literatura de cordel oferece a quantos se disponham a penetrá-lo com propósitos de estudo e pesquisa o intrincado problema de identificação de autoria, especialmente no que se refere a folhetos antigos, tradicionais, cujos direitos de reprodução e venda já passaram das mãos de seus autores para o domínio de diferentes proprietários ou editores proprietários, expressões essas que parece terem sido, quase sempre, tomadas como capazes de tornar dispensável a indicação do verdadeiro autor da obra nas sucessivas edições dos folhetos, iniciando-se aí um confuso processo de atribuição ou presunção de autoria.

Homens simples, excessivamente confiantes no próximo, preferindo realizar suas pequenas transações de maneira informal e baseadas no princípio da confiança mútua, muitos dos nossos poetas populares não cuidaram de assegurar a identificação e o reconhecimento de seus nomes como autores de centenas de folhetos.

Casos de verdadeira usurpação de autoria também ocorreram. O mais famoso deles é o do folheto (romance, pelo gênero e pelo número de páginas) **O Pavão Misterioso**, da autoria de José Camelo de Melo Rezende, que seu parceiro de cantoria, João Melquiades Ferreira da Silva, publicou em seu nome. Em que pese à reação de José Camelo de Melo, fazendo, inclusive, publicar a versão original do romance do **Pavão** com

estrofes introdutórias esclarecedoras do desagradável episódio, não houve como impedir que João Melquiades Ferreira passasse à história como autor dessa que é uma das mais belas narrativas da literatura de cordel. Eis algumas das estrofes com que José Camelo tentou desmascarar seu desleal amigo :

"Há muitos anos versei esta história, e muitos dias, fiz uso d'ela sozinho em diversas cantorias, depois dei a cópia dela ao cantor Romano Elias."

"O cantor Romano Elias mostrou-a a um camarada — A João Melquiades Ferreira, e este fez-me a cilada de publicá-la, porém, está toda adulterada."

"E como muitas pessoas enganadas tem comprado a diversos vendelhões o romance plagiado, resolvi levá-lo ao prelio para causar mais agrado."

"Portanto, eu vou começar a história verdadeira na estrofe imediata, e no fim ninguém não queira dizer que ela é produção de João Melquiades Ferreira."

Lamentavelmente, a história verdadeira não causou maior agrado. E o mérito da produção continuaria, por muito tempo, creditado a João Melquiades Ferreira, cujo nome ainda aparece, até hoje, na maioria das muitas reedições do **Romance do Pavão Misterioso**. É que, ao plagiar a história criada por Zé Camelo, Melquiades a "enxugara", tornando-a mais leve, no sentido de obter melhor comercialização. A versão publicada pelo **Cantor da Borborema** fora, de imediato, consagrada pelo gosto popular. Só muitos anos mais tarde,

graças ao dedicado esforço de pesquisadores mais cuidadosos, é que vem sendo restabelecida e divulgada a verdade sobre o assunto.

Felizmente, não são muitos os casos semelhantes ao do **Romance do Pavão Misterioso**, registrando-se, entretanto, diversos outros fatores que se vêm somar às causas do emaranhado problema de autoria do cordel. Dentre eles, destacamos o que nos foi referido, recentemente, pelo poeta popular, horoscopista e editor de folhetos, Manoel Caboclo e Silva, proprietário da **Folhetaria Casa dos Horóscopos**, em Juazeiro do Norte.

Relata Manoel Caboclo que tem sido prática bastante comum a solicitação, por parte de poetas que escrevem seus primeiros folhetos, no sentido de que autores ou editores já conhecidos os publiquem como sendo de sua autoria. Informa que a prática decorre, geralmente, do fato de não ter o autor da história condições financeiras que lhe permitam arcar com as despesas de publicação, ou, ainda, por entender que o "livrinho" terá maior aceitação se assinado por um poeta já conhecido do público.

O próprio Manoel Caboclo, segundo declara, recorreu a essa prática, ao iniciar suas atividades poéticas. E hoje, poeta e editor de nome reconhecidamente consagrado, é, com frequência, procurado por neófitos, que lhe pedem que assine e publique seus primeiros folhetos.

— "Muitas vezes, vem aqui, na minha casa, poetas que são até pais de família. Chegam aqui com alguns originais e me pedem: 'Seu Manoel, eu escrevi esta historinha e queria botar num folheto. Trouxe aqui pro senhor ler. Se achar boa, publique. Mas bote seu nome, porque eu não tenho nome nem dinheiro.' Então, para ajudar aquele coitado que quer começar na literatura de cordel, eu publico. Boto meu nome e publico. Depois dou a ele os folhetos pra ele apurar."

Outra prática que muito contribuiu

para o agravamento do problema de identificação de autoria dos folhetos é a que adotavam antigos proprietários de folheterias ou gráficas editoras. Esses editores, que geralmente eram também poetas conhecidos, tinham em torno de si, a seu serviço, gráficos e folheteiros que também eram bons poetas, os quais o ajudavam a escrever versões rimadas de histórias tradicionais, de contos, de romances e de livros famosos, às vezes até da Bíblia, assim como de gracejo, de crítica de costumes, de sátira social ou de fatos históricos, remotos ou da atualidade.

Sobre o assunto, parece oportuno invocar o testemunho do pesquisador, poeta e xilógrafo Franklin Maxado (Maxado com "x" mesmo, conforme faz questão de acentuar, para, entre outras razões, melhor se identificar com a escrita errada do povo e evitar a dificuldade que certamente teria em talhar o "ch" nos tacos de xilogravura com que ilustra as capas de seus folhetos). Informa Franklin Maxado, em seu livro *O Que é literatura de cordel?* (Rio de Janeiro, CODECRI, 1980), que "quando havia fatos de grande repercussão, dava ensejo de se escrever o folheto rapidamente. Reuniam-se os poetas da folheteria e era dado o tema. A melhor história era a publicada. Mas às vezes o dono-mestre fazia uma espécie de compilação e acrescentava seus versos, publicando o folheto em seu nome."

Alguns poetas populares, dentre estes, Leandro Gomes de Barros, José Camelo de Melo Rezende, Luís da Costa Pinheiro e os contemporâneos Francisco Sales Arêda e Inácio Francisco da Silva (Inácio Carioca), para citar apenas alguns exemplos, adotaram a prática acauteladora de encerrar suas narrativas com estrofes em acróstico, possibilitando, dessa forma, a identificação da autoria mesmo após ter sido o folheto objeto de sucessivas transações e transferências de direito de propriedade. Assim é ITAYTERA

que ainda hoje encontramos edições de cordéis cujas últimas estrofes apresentam os respectivos acrósticos: LEANDRO, JOSÉ CAMELO, FSALES e INÁCIO. No caso de Luiz da Costa Pinheiro, registre-se a ocorrência de acróstico com o seu nome em composição variada nas estrofes iniciais de algumas de suas histórias.

É verdade que em algumas edições de folhetos registraram-se adulterações ou supressão de acrósticos, casos em que as estrofes a eles correspondentes foram, conseqüentemente, alteradas. O poeta e editor João Martins de Athayde costumava suprimir, das obras cujos direitos de publicação adquiria, o nome e o acróstico de seus autores. Assim, ao ser editado ou reeditado, o folheto já não trazia o nome do seu autor, mas somente o de João Martins de Athayde, algumas vezes sob a indicação de editor **proprietário**, outras, sem qualquer indicação esclarecedora de seu envolvimento com a obra, o que levava à imediata pressuposição de autoria.

José Bernardo da Silva, ao adquirir, por compra, o enorme acervo que constituía o patrimônio editorial de Athayde, seguiu-lhe o exemplo: manteve a adulteração e/ou supressão dos acrósticos. E mais: conservou o nome de seu antecessor nas capas dos folhetos, passando a fazer constar da primeira página o seu próprio nome, agora novo **proprietário** ou **editor proprietário**. Face a esse estranho procedimento, o nome de João Martins de Athayde passava, quase sempre, a ocupar, mais do que antes, o espaço reservado ao verdadeiro autor do folheto.

Indagado sobre os motivos que levavam a editora Lira Nordestina, de Juazeiro do Norte, a fazer, até hoje, vinte e três anos após a morte de Athayde e dez anos após o falecimento de José Bernardo da Silva, sucessivas edições de folhetos com clichês antigos, ainda comprados à editora de João Martins de Athayde, respondeu-me o poeta Expedito Se-

bastião da Silva, chefe das oficinas gráficas daquela folheteria do Juazeiro, que "é para manter a tradição, conforme seu Zé Bernardo vinha fazendo, e também para não mudar os clichês, com os quais o povo já está acostumado." Segundo Expedito, o povo geralmente recusa o folheto, ao notar qualquer alteração no clichê que ilustra a capa.

Mesmo conhecida a explicação de Expedito Sebastião da Silva, restam-nos muitas indagações. Por que determinados procedimentos por parte de alguns editores de folhetos, e até de alguns poetas? Por que determinadas práticas que à primeira vista só podem ser tomadas como irresponsáveis?

Estudiosos do assunto oferecem algumas explicações. Duas delas merecem apreciação especial. A primeira nos é revelada por Átila Augusto F. de Almeida e José Alves Sobrinho, no Volume 1 de seu *Dicionário Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada* (João Pessoa, Editora Universitária/UFPb, 1978). Segundo esses dois estudiosos, "a eliminação de nomes e acrósticos, ao lado da declaração ostensiva de editor proprietário, visava eliminar as atividades de editores clandestinos mais ousados para publicar obra de morto do que de proprietário vivo."

A segunda explicação vem através de revelação feita por Orígenes Lessa e posteriormente referida por Franklin Maxado no seu já citado livro *O Que é literatura de cordel?*, e envolve o poeta Olegário Pereira Neto. Este, ao editar o folheto de Luiz da Costa Pinheiro, *O amor de Emília e a ingratidão de Eduardo*, fez imprimir na contracapa, após suprimir o nome do autor, a seguinte observação: "Ninguém se admire da minha firma nos livros de Luiz da Costa Pinheiro, porque comprei e registrei". Esse procedimento, longe de retratar atitude desonesta ou irresponsável, parece espelhar, isto sim, a ingenuidade e até a ignorância dos

nossos poetas populares e de alguns editores, que, em sua simplicidade, entendiam, como ainda entendem alguns, que a compra dos direitos de propriedade (direitos de reprodução e venda) conferia-lhes também o direito de assumir a autoria da obra.

Tudo isso tem contribuído para criar e agravar problemas de identificação de autoria dos folhetos de cordel. Tanto que ainda hoje circulam (e até continuam sendo feitas) edições de folhetos sem a necessária indicação do nome do autor, figurando na capa os nomes do ex-proprietário e do atual editor proprietário, algumas vezes sem as indicações esclarecedoras dessas condições. Assim é que para muitos leitores, e até para alguns estudiosos menos indagadores, o autor dos folhetos *História da Princesa da Pedra Fina* e *História do Soldado Jogador*, por exemplo, é João Martins de Athayde, pois é o seu nome que ocupa o espaço reservado à indicação do autor, à semelhança do que acontece com dezenas de títulos, dos mais diferentes autores, que passaram ao conhecimento do público como sendo da autoria de Leandro Gomes de Barros, João Martins de Athayde, José Bernardo da Silva e de outros poetas e editores menores.

A agravar o problema, temos ainda o procedimento natural dos catalogadores de títulos da literatura de cordel, os quais, como parece óbvio, registram o folheto com as características e os elementos neles contidos. Citemos como exemplo o trabalho realizado pela hoje Fundação Casa de Rui Barbosa, de cuja fidelidade catalogadora das peças apanhadas resultam conseqüentes indicações incorretas de autoria, que só vêm sendo reparadas muito posteriormente, a longo prazo, através de metucioso trabalho de "restituição de autoria", na medida em que isso tem sido possível.

Some-se, finalmente a esse elenco de fatores o registro às vezes apresado, ou algumas vezes fundamenta-

do na tradição oral, na informação distorcida ou nos próprios dados catalogados, sem o necessário cuidado da investigação, o que tem levado organizadores de astologias de cordel ou de simples coletâneas de textos a atribuir, indiscriminadamente, a autoria de determinados títulos a autores consagrados.

Egídio de Oliveira Lima, em seu livro *Folhetos de Cordel* (João Pessoa, Editora Universitária / UFPB, 1978), relaciona, dentre outros, na lista dos "cem melhores folhetos de Leandro Gomes de Barros", os seguintes títulos: *Interrogatório de Antônio Silvino*, de Francisco das Chagas Batista; *As Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima (autor do texto básico, de 8 páginas, ampliado, em 1948, para 32 páginas, na editora de João Martins de Athayde); e *História de D. Genevra*, de José Galvão da Silva Duda.

É ainda Egídio de Oliveira Lima quem informa, no mesmo livro, ao falar do Cego Aderaldo (depois de justificar que "o motivo que influiu para falar em seu nome, nesta crônica, procede do estudo feito sobre editores e escritores de cordel"), que "a peleja do Cego Aderaldo com José Pretinho do Tucum (grifo nosso) foi escrito (sic) e editado, em Recife, com data de 12 de março de 1932, na Tipografia "Casa Ataíde" e exposto à venda à Rua Nogueira, 167". Acrescenta Egídio que "no dia 8 de junho de 1948, Firmino Teixeira do Amaral tirou uma edição do mesmo folheto, modificando algumas estrofes."

Desconhecia, o respeitável mestre Egídio, que a *Peleja do Cego Aderaldo* com *Zé Pretinho do Tucum* fora escrita por Firmino Teixeira do Amaral, possivelmente por volta de 1916, no Pará; que a "Casa Ataíde" não a escreveu, mas apenas reeditou, em 1932, seis anos após o desaparecimento de Firmino, seu verdadeiro autor; e não atentou para o fato de que a edição de 8 de junho de 1948,

que não poderia ter sido feita por Firmino, então falecido há cerca de 22 anos, foi feita em Juazeiro do Norte, provavelmente por José Bernardo da Silva, então proprietário da Tipografia São Francisco, naquela cidade.

Muito teríamos ainda que escrever, se pretendêssemos relatar os inumeráveis fatos e registros que têm contribuído para agravar o tão complicado problema de identificação de autoria que envolve os folhetos da literatura de cordel.

Em meio a tanto desencontro de registros e informações, cumpre aplaudir, entre outros, o bem propositado trabalho de "restituição de autoria" que vem sendo feito, meticulosa e pacientemente, pela Fundação Casa de Rui Barbosa, do Rio de Janeiro. Aplausos merecem também os estudiosos da literatura de cordel, Prof. Átila Augusto de Almeida e José Alves Sobrinho, na Paraíba, que através de seu *Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada*, vêm, com esmerado empenho e abalizados conhecimentos, oferecendo valiosa contribuição para a identificação de autoria de centenas de folhetos. Louve-se ainda, entre alguns editores atuais, o dedicado Manoel Caboclo e Silva, proprietário da *Folheteria Casa dos Horóscopos*, de Juazeiro do Norte, por sua atitude correta de colocar, nas capas dos folhetos que edita, a indicação expressa do nome do autor, ao lado do seu nome como **editor proprietário**.

Resta-nos esperar que a Academia Brasileira de Cordel, agora proprietária do maior acervo editorial de folhetos do País, encare de frente o problema de identificação de autoria, ou restituição de autoria, e tome a seu encargo, de maneira apropriada e inteligente, a tarefa de restabelecer a verdade, não só a respeito dos títulos de sua propriedade, mas, na medida do possível, de todos os folhetos que compõem o universo da literatura de cordel.

APANHA DO FOLCLORICO

Não faz muito tempo, ocupei esta coluna de folclore com algumas memórias pessoais sobre a medicina vegetal, desde a época em que, ainda criança, testemunhei experiências de minha mãe com seus chás de folhas, seus lambedores, suas infusões e as variadas aplicações de folhas ou raízes de plantas consideradas medicinais.

Por considerar útil o que eu puder aqui dizer sobre o assunto, não importa o pouco tempo, desde aquela "crônica" e o cumprimento da promessa de, ao tornar, oferecer algo sobre o alho, que uns adoram, outros, não.

A Enciclopédia Delta Larousse, a esse respeito, dá o seguinte recado: "ALHO — s. m. Bot. — Planta hortense, da família da liliáceas (*Allium Sativum*) cujos bulbos, chamados cabeças, constituídos por vários dentes, são utilizados como condimento em culinária. // FOLC. Nosso populário registra a crença européia de que o odor desse diaforético afasta todas as feitiçarias e perigos, bem assim os entes fantásticos, como lobisomens, mulas-sem-cabeça, saxis e caiporas."

Devo confessar que a conotação folclórica que me permito ao alho é bem menos pretensiosa do que a européia. E só chamo de folclóricas as minhas observações, porque não são nem um pouco científicas, nem fruto de qualquer tipo de pesquisa, mas tão-somente da sabedoria popular, que recomenda o uso do alho como remédio.

Desde que me entendo, tenho apelado para o chá de eucalipto com alho, para tentar abortar uma gripe. Nos últimos tempos, porém, procurei aperfeiçoar esse "receituário". E, quando me sinto presa de gripe, com a clássica febre e dor no corpo, eu tomo as seguintes providências: esmigalho dois dentes de alho no fundo

de uma xícara e, sobre isso, uma boa dose de gin (ou cachaça) e mais açúcar e limão. Antes de ingerir essa coisa, ponho-a em banho-maria para ganhar calor. Quando começa a fumaçar, tomo essa "caipirinha" como suador, embaixo de uma grossa coberta. Meia hora depois dessa heróica transpiração, não me diria curado, mas já estou sem febre e sem dor. Para não complicar, troco as vestes por outras bem secas, e pronto. Se, no dia seguinte, ainda sentir algum resquício dessa chatíssima enfermidade, repito a dose. Garanto que funciona.

Outras memórias a tal respeito, eu as traço através dos depoimentos de duas pessoas que considero idôneas.

No Crato, onde vivi, de 1947 a 1958, eu conheci uma respeitável senhora, já de avançada idade, mas de boa saúde e grande lucidez, e que me relatou sua experiência com o ALHO. Contou-me D. Maria Emilia Sampaio Filgueiras (de Barbalha), que, quando jovem, na fazenda em que morava, foi picada, no pé, por cobra venenosa. À falta de socorro científico, urgente e apropriado, uma pessoa, de casa mesmo, apelou para essa medicina que estamos chamando de folclórica, e obrigou Dona Maria Emilia à ingestão de uma garrafa de aguardente, com bastante alho triturado. Quando essa senhora me narrou esse fato, ainda pôde me exibir grandes manchas escuras dispersas em sua perna, o que me levou a admitir serem tais manchas uma prova do bloqueio do alho contra a progressão do veneno que sabemos perigosa, a menos que o bicho consiga a proeza de inocular a peçonha num vaso sanguíneo, o que não é impossível, mas muito, muito difícil.

Meu irmão Edilson, que ainda vive no Crato (e onde se o conhece mais como Satisfeito), contou-me que,

certa vez, ao chegar à sede de uma fazenda, uns duzentos passos antes da casa, pisou involuntariamente num escorpião, que não perdeu a chance e picou-o no pé. (Bem feito! Quem manda caminhar no mato de chinela?...) Pois bem. Na primeira dezena de passadas, em direção à casa, já sentia dormência em toda a perna. A pessoa que o recebeu, naquela ocasião, sabendo do ocorrido, não conversou. Esmigalhou um ou dois dentes de alho e aplicou aquilo, em fricção, no exato local da picadura. Em poucos minutos, todo o incômodo desapareceu por completo.

Por falar em picadura, tomem nota. Não conheço melhor solução para ferroada de inseto, especialmente do maribondo, que o suor axilar. Falo por experiência própria, e tal me foi ensinado por meu saudoso amigo Dr. Tadeu de Paula Brito (também no Crato). A prova não demorou muito. Viajando, logo depois, para batizar um menino em Santa Fé, quando (a bordo do festejado carro de praça, um automóvel FORD-48, preto e caprichado, do meu amigo Antonio Pagé) em plena serra, um maribondo-de-chapéu acertou o dorso da minha mão esquerda. O Dr. Tadeu funcionou maravilhosamente. Foi só desabotoar a camisa, umedecer os dedos nessa "fonte" e friccionar o ponto central da ferroada. Em segundos, sumiram a dor, a irritação e o inchaço. Não se preocupem os leitores, porque, depois da picada de um bom maribondo, não faltará suor em nenhuma parte do corpo, quanto mais no suvaco.

Felizmente, nos nossos dias, o alho começa a ganhar prestígio, ou melhor dizendo, a recuperar o prestígio, pois a história de outras civilizações já nos informa de uma aplicação tradicionalíssima e efetiva das saudáveis propriedades desse bulbo, inclusive contra a senilidade em geral e até mesmo a impotência (já pensou?!...)

Naturalmente que sem essa preocupação vinculada, mas apenas pelo

interesse de dar sua colaboração à minha crônica, meu co-cunhado Lindolfo Freitas (cearense do Canindé, radicado em Santos-SP), mandou-me um trabalho do Dr. Wladir Dupont, publicado na Revista NOVA, sob o título "ALHO — A Nova Maravilha Secular."

O título, mesmo que a ilustração, (pela postura física e mental da figura feminina) já insinua, à saciedade, a destinação que alguns procuram à prodigiosa "competência" do ALLIUM SATIVUM, PER OMNIA SAECULA SECLORUM, AMEM (para aproveitar o latim).

O primeiro importante tópico do Prof. Dupont diz assim: "De fato, desde o ano 1.000 a. C (antes de Cristo), as qualidades curativas do alho eram apregoadas da Índia ao mundo árabe. No Egito, há 4.500 anos, usava-se a planta na alimentação dos operários que construíam as pirâmides, pois acreditava-se que o alho lhes proporcionava maior resistência à fadiga muscular e principalmente às epidemias que provocavam verdadeiras devastações na época — como o tifo e a cólera.

Depois de referir-se a um dos grandes apologistas e concededores mundiais do alho, o Dr. Tadashi Watanabe, japonês e autor de "ALHOTERAPIA," já em 3ª edição, no Brasil, diz mais o Prof. Dupont: "Todos esses propagados poderes do alho se explicariam, por outro lado, pela sua privilegiada composição — fundamentalmente vitaminas e minerais em grandes quantidades. Entre as primeiras, estão a vitamina C (ácido escórbico), a vitamina B2 (riboflavina), a vitamina P (niacina) e alguns traços de vitamina A. Dos minerais, o manganês é o mais abundante, mas nele existe também o enxofre e o ferro, além de proteínas, carboidratos, gorduras e óleos essenciais. Um desses óleos, responsáveis pela guerra às proteínas dos germes causadores de doenças, é o alicin, produto incolor da enzima alinase (de

AGRADECIMENTO IRREPRIMÍVEL

Recebi com emoção, há alguns meses, carta do jornalista Lindemberg de Aquino, transmitindo a notícia de que, por iniciativa sua e do prefeito Ariovaldo Carvalho, a Câmara dos Vereadores do Crato dera a uma das ruas daquela cidade, memorável por tantos episódios históricos, o nome de Paulo Elpidio. E somente agora, dias depois de meu sumário agradecimento, começo a sofrer a tristeza da saudade que a espontaneidade que o gesto me provocou.

No Crato de Meu Tempo, meu pai relatou o que fora sua infância e início da adolescência, órfão em casa de tios mais ou menos ligados àquele ativo patriciado rural das faldas das serranias do Araripe. Suas páginas, porém, tinham o tom diferente da maior parte dos memorialistas: não visavam exaltar origens genealógicas ou episódios insignes que enriquecem a tradição daquelas plagas que, mesmo de longe, ele tanto amou.

O livro é repassado de saudade pela cidade de seus dias e pelos velhos costumes, lendas folclóricas, recordação de algumas bravias cenas de política local. Páginas escritas na força de sinceridade inextinguível nascida de um caráter que se retemperou na frágua de uma vida de lutas.

onde vem o cheiro do alho) com um aminoácido, na presença de oxigênio. Isolado em 1944, o alicin, com efeito de antibiótico, tem potência equivalente a 15 unidades-padrão de penicilina.

O que, nos Estados Unidos, já é moda, tal o consumo do alho em comprimido, leva-nos a acreditar que, em sua próxima fuga do folclórico e o seu reingresso na medicina moderna, o ALHO tem mesmo muito de verdadeiro e de maravilhoso, no combate aos variados males do homem que estiver perdendo a saúde.

Desde a orfandade infantil à formação em Direito (que se alongou no exercício, por quatro décadas, na Procuradoria Fiscal do Estado, cargo em que se aposentaria), correu longo período que, aos olhos dos descendentes, representa a melhor lição de coragem e dignidade. Basta dizer que o livrinho, cuja segunda edição ainda ambiciono fazer, pela vivacidade de suas páginas, arrancou de José Américo de Almeida uma carta de calorosa admiração (creio que o original está em mão de seu neto e meu filho Vladimir), que o Velho, desatento a opiniões lisonjeiras, guardou-a carinhosamente nos seus papéis e no seu coração.

"Vindas de quem vêm, estas palavras valem muito" — disse ao dar-me para lê-la.

Crato de Meu Tempo resultou de uma série de artigos escritos ao longo da nostalgia de seus oitenta anos, publicados inicialmente no jornal de Jáder de Carvalho — Diário do Povo — onde a secretária D. Margarida, esposa de Jáder, dispensava carinhosa acolhida àquele desfiar de memórias desprezenciosas. Diga-se entre parênteses: O Velho dedicava a Jáder grande afeição, não só porque sempre lhe admirou a corajosa combatividade em prol do interesse coletivo como via nele o filho do casal quixadaense Adolfo e Ritinha, que conhecera ainda no idílio de seu romance de amor, evocado numa de suas crônicas de então...

Lindemberg de Aquino: aqui fica, de público, amavelmente consignada a gratidão do filho por sua lembrança; fez-lhe V. a mais tocante homenagem que poderia aquecer o coração daquele velho e bravo cariense, que morreu aos 92 anos, sem a prática de um ato que quebrasse a linha de coerência e integridade de sua vida.

"O POVO", Fortaleza, 26-12-1982

Cem Anos de Benemerências!

A História da Humanidade sempre foi uma linha sinuosa, com curvas e retas, com altos e baixos.

Aqui, um Francisco de Assis, modelo de bondade e humildade, ali um Al Capone, protótipo da maldade humana, tão diferente no comportamento, mas ambos frutos do mesmo gênero humano.

Quem quer que contemple o panorama do mundo através da sua história pregressa ou atual, sentirá que a Humanidade baixa à sarjeta ou se eleva aos pináculos edenais do Infinito sem que se saiba ao certo porque razões invisíveis o fez.

O mundo que deu Domingos Sávio deu Gen Gis Can também!

Por que é tão diferente o destino dos homens?

Razões de Hereditariedade? De Genética?

Influência do mundo?

Ditames da Educação?

Talvez um misto de tudo isto.

Mas, deixemos as divagações sobre os destinos do homem, sempre interrogações e retrocedamos um pouco no tempo na citação de um fato concreto:

PADRE FRANCISCO MARIA DA CRUZ JÓRDAN foi um dos pontos altos da trajetória da humanidade!

Por isto é que aqui estamos a reverenciar-lhe a memória e a exaltar-lhe a obra imorredoura, memória que atravessou os tempos, obra que ultrapassou as fronteiras do Velho Mundo, saltou a imensidão dos oceanos e chegou até nossa Barbalha, inicialmente pelo Padre Afonso de Oliveira Lima S. D. S., hoje Bispo de Brejo, no Maranhão e, por uma feliz coincidência, irmão do nosso atual Vigário, Padre Eusébio de Oliveira Lima S. D. S., que preside esta solenidade.

Lançando os olhos para o passado, ITAYTERA

vamos encontrar o Século XIX com seus desafios e conflitos na gloriosa Alemanha que se debatia na Revolução Cultural de Bismark, com o Estado indevidamente se intrometendo na vida da Igreja.

Tremenda ebulição de caráter cultural, social e religioso com repressão e confinamentos, com o Estado querendo tudo tutelar, inclusive o Pensamento e as liberdades individuais!

Em meio a tanta balbúrdia, no entrevero dos choques, um jovem idealista, João Batista Jórdan, via em tudo aquilo um desafio para si e um apelo de DEUS exigindo resposta pronta e enérgica.

Sendo de família pobre, conhecia como poucos a dureza do trabalho, familiarizando-se desde cedo com o sofrimento e a cruz, desenvolvendo o espírito de responsabilidade, iniciativa e perseverança nas dificuldades.

No torvelinho dos entre-choques forjava-se ali a têmpera de um Santo na magia divina de um binômio: **CONHECIMENTO E ENVOLVIMENTO!**

Sim, conhecer em profundidade a Doutrina da Igreja e com ela envolver-se até as últimas consequências.

Foi exatamente o que fez o jovem e impetuoso Jórdan, humilde e altivo a um só tempo, plantando com isto a semente da Sociedade do Divino Salvador, com o sinete da perenidade.

Sim, conhecimento das verdades do Evangelho, pois só se ama aquilo que se conhece bem!

O conhecimento pleno traz a convicção que, por sua vez, leva à ação.

No dia 8 de Dezembro de 1881, na Capela de Santa Brígida, em Roma, Itália, era oficialmente fundada a Sociedade do Divino Salvador, popularmente conhecida como Ordem Salvatoriana; mentalmente estruturada na repressão religiosa da conturbada

Alemanha Bismarkeana.

Já lá se vão CEM ANOS de serviço, doação e benemerencias que ora aqui comemoramos aos pés do Altar de Santo Antônio.

Em 1883 João Batista Jórdan toma o nome religioso de Padre Francisco Maria da Cruz Jórdan, não por acaso e sem razão de ser:

FRANCISCO, em homenagem a Francisco de Assis cuja vida assombrava o mundo incrédulo;

MARIA, pelo fervor á Excelsa Mãe de Deus;

CRUZ, pela cruz do Cristo em nome de quem tudo aquilo estava sendo feito!

Em 8 de Dezembro de 1888, portanto, 7 anos depois da fundação da Ordem Salvatoriana, era fundado o ramo feminino da mesma Ordem, com a Irmã Maria dos Apóstolos no comando, ela da nobreza germânica cujos faustos supérfluos deixara pela solidão dos conventos num franciscano desprendimento que já lhe valeu a beatificação pela IGREJA!

MEUS AMIGOS!

O Ideal Salvatoriano é universal e abrangente: Proclamação da Glória de Deus entregando-LHE a vida e pelo testemunho de vida, manifestar ao mundo as maravilhas de DEUS!

O Conhecimento leva ao ENVOLVIMENTO e este ao COMPROMETIMENTO que conduz á LIBERTAÇÃO que é a SALVAÇÃO!

O Ideal Salvatoriano vê o homem sem latitudes ou longitudes, sem côr ou classe social, sem limites geográficos, o HOMEM filho de DEUS e cidadão do mundo, morador deste imenso país que se chama UNIVERSO e com uma alma imortal a ser salva para CRISTO, fale ela que lingua falar!

UNIVERSALIDADE GEOGRÁFICA!

UNIVERSIDADE ÉTNICA!

UNIVERSALIDADE INSTRUMENTAL!

Em outras palavras: CRISTO não distingue país nem côr nem raça e

todos os meios licitos devem ser utilizados para atingi-LO na meta derradeira que é a SALVAÇÃO DA ALMA — o que sobra de tudo para o NADA!

“Não retenhais nada do que é útil, para anunciardes a todos a Doutrina de Deus, publicamente e de casa em casa”, dizia Padre Jórdan, já em 1884!

E aduzia: “O cristão só é cristão autêntico, na medida em que conhece, de fato, sua fé e na medida em que se engaja ativamente na vida e ação da comunidade eclesial”!

Pois bem, há 100 anos os Padres Salvatorianos lutam por esta VERDADE, cumprindo fielmente a missão iniciada e deixada por seu grande fundador também já no caminho da Canonização pela IGREJA!

No Brasil sua chegada data de 1896, portanto, 85 anos.

Em Barbalha chegaram em 1946, há 35 anos, portanto, como presente do Centro de Melhoramentos de Barbalha através de iniciativa de Antônio Costa Sampaio.

Hoje eles são 2.954 religiosos dos dois sexos em cinco Continentes, sendo 391 no Brasil, 2 dos quais em nossa Barbalha, cuidando da Paróquia e do Colégio Santo Antônio, sempre no rastro e no roteiro da caminhada inicial do Padre Jórdan: evangelizando, educando, catequizando, distribuindo os sacramentos, difundindo as verdades evangélicas, proclamando as maravilhas de Deus, beneficiando jovens e velhos, sadios e moribundos.

Nesta hora solene poderíamos imaginar um imenso arco-iris do Sul da gloriosa Alemanha, em 1881, ao Sul do Ceará, em 1981, e sentirmos no colorido do espectro solar 100 anos, de benemerencias!

Um século de bons serviços é uma Eternidade de tempo!

Vale a pena comemora-los e saudá-los!

MEUS SENHORES!

O Ideal do Padre Jórdan está aqui bem vivo nesta Matriz tão limpa e

A CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Epopéia de Heróis que sonharam com a Republica

A participação do Ceará - Cearenses que se imortalizaram!

A "Confederação das Províncias Unidas do Equador" foi proclamada a 2 de julho de 1824, no Recife, pelo Presidente Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que havia recusado — acintosamente — a passar o governo de Pernambuco ao Presidente Francisco Paes Barreto, nomeado pelo Imperador Pedro I.

O Padre José Martiniano de Alencar (pai do romancista do mesmo nome) e Tristão Gonçalves de Alencar Araripe eram filhos da revolucionária Dona Bárbara. (Revolução

de 1817). Este foi morto no dia 31 de outubro de 1824, pelas forças imperiais, ao mando de Manuel Amorim, no lugar Santa Rosa, município de Riacho do Sangue — hoje Solonópole — onde deixaram o seu corpo exposto por muitos dias, estando sepultado na capela do povoado. O local onde tombou o bravo revolucionário que resistiu à voz de prisão é, hoje assinalado por um monumento levantado por iniciativa do Instituto do Ceará. O seu irmão, Pe. José Martiniano de Alencar, depois Senador e Presidente

tão bem cuidada, sempre repleta de fieis!

Está igualmente ali mais á frente na Casa dos Anciãos, nos cabelos brancos e nos trôpegos passos dos velhinhos que lá vivem!

Está acolá mais adiante na gárrula juventude do Colégio Santo Antônio, cheia de energia, esperanças e vitalidade!

Está lá nas amplas enfermarias do Hospital-Maternidade São Vicente de Paulo, no gemido de dor dos que sofrem e no vagido de esperanças dos que nascem assistidos por Deus no Ideal Beneditino aqui atraído pelo Ideal Salvatoriano pioneiro!

Está ainda nas humildes capelinhas dos Distritos e sitios tão bem cuidadas, apesar de escondidas nas dobras onduladas das colinas ou nos ermos recônditos dos pés de serra!

Aquí a universalidade do Ideal Salvatoriano é realmente geográfica, étnica e instrumental!

Minha própria presença aquí agora prova a sua instrumentalidade, laica no caso.

O CERTO É QUE O IDEAL SALVATORIANO PERENIZOU-SE POR SI MESMO E POR SEUS FRUTOS!

Vamos, pois, louva-lo e sauda-lo, bendize-lo e homenagea-lo, como força criativa, como instrumento de integração, como motivo maior do nosso aperfeiçoamento espiritual, indispensável á construção da nossa grandeza de comunidade adulta!

**SALVE SOCIEDADE DO DIVINO SALVADOR CENTENARIA!
MUITO OBRIGADO, POR BARBALHA!**

Barbalha, 08-12-81

da Província foi preso na Fazenda "Pintado", em Pernambuco, a 14 de novembro do mesmo ano e enviado para o Rio, onde foi recolhido à Fortaleza de Santa Cruz. Mandado para Fortaleza a 14 de dezembro de 1825, foi absolvido pela Comissão Militar, integrada pelo Ten. Cel. Conrado Jacob de Niemeyer Presidente, Bacharel Manuel Pedro de Moraes Mayer — relator, Major José Gervásio de Queiroz Correia, Capitão Luiz Maria Cabral de Teive, João Sabino Monteiro e João Bloem.

Foram fuzilados, no Campo da Pólvora — hoje Passeio Público — o Padre **Mororó** (Manuel Inácio Gonçalo de Albuquerque **Mororó**), no dia 30 de abril de 1825, pela manhã, por não ter sido encontrado um carasco para enforcá-lo; Pessoa Anta (João de Andrade Pessoa), Francisco Miguel Pereira Ibiapina (manhã de 7 de maio de 1825); Luiz Inácio de Azevedo (Manhã do dia 16 de maio de 1825) e Feliciano José da Silva **Carapinima** (manhã do dia 28 de maio de 1825). Note-se que os revolucionários adotaram nomes brasileiros: Araripe, **Mororó**, Ibiapina e Anta e **Carapinima**.

Um "Decreto Imperial" de 23 de julho de 1825, mandou suspender as sentenças de morte proferidas contra os revolucionários Frei Alexandre da **Purificação**, Antônio Bezerra de Souza Menezes e José Ferreira de Azevedo, comutando as penas em degredo.

O Governo Imperial convocou uma Assembléia Geral Constituinte que se instalou, no Rio de Janeiro, a 3 de maio de 1823. O objetivo era a elaboração da primeira Constituição do Brasil. A oposição ao Imperador era violenta, pelos debates acalorados e, em razão disso, Sua Majestade a dissolveu no dia 12 de dezembro do mesmo ano.

Os deputados, constrangidos pela força, deixaram o recinto da Assembléia e os mais exaltados foram presos. Dentre estes encontrava-se o nosso representante Pe. José Marti-

niano de Alencar que foi posto em liberdade dias depois.

PEREIRA FILGUEIRAS E TRISTÃO GONÇALVES ADEREM

Vindos do Maranhão, Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves logo souberam dos acontecimentos que resultaram na dissolução da Constituinte. Chegados ao Crato a 9 de janeiro de 1824, logo comunicaram a grave ocorrência a todas as Câmaras do Ceará. Acendeu-se o espirito de revolta em algumas Províncias do Norte do Império. Era tensa a situação.

A CÂMARA DE QUIXERAMOBIM DECLAROU DECAÍDOS O IMPERADOR E A DINASTIA DOS BRAGANÇAS

No mesmo dia 9 de janeiro de 1824, a Câmara de Campo Maior de Quixeramobim, em agitada reunião, declarou decaídos o Imperador Pedro I e a dinastia dos Braganças, sugerindo a organização de um governo republicano e a nomeação de Pereira Filgueiras para comandante de todas as forças da Província. Com esse intuito enviou o Pe. Gonçalo Inácio Loiola Albuquerque e Melo (mais tarde conhecido como **Padre Mororó**), Belarmino de Arruda Câmara e Antônio Francisco de Queiroz à Câmara de Icó que logo solidarizou-se com o movimento. A Câmara de Icó enviou delegação às Câmaras de Russas e Aracati com o mesmo objetivo de adesão ao movimento republicano. A Câmara do Crato igualmente hipotecou solidariedade à nova República.

A ATUAÇÃO DO PE. JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR

No início de dezembro de 1823, o Pe. José Martiniano de Alencar vindo

da Corte passou por Recife, com o propósito de levantar, no interior do Ceará, o movimento de rebeldia contra o despotismo do Imperador. Em Pernambuco encontrou o movimento subversivo levantado contra o Governo Imperial. A 2 de julho de 1823, o Presidente da Província de Pernambuco, Manoel Paes de Andrade, fez publicar violento manifesto, convidando as Províncias do Norte a unirem-se em torno da **Confederação do Equador**. O Pe. José Martiniano de Alencar tomou parte da reunião do Grande Conselho que elegeu Paes de Andrade Presidente de Pernambuco e seguiu para Fortaleza, onde chegou a 15 de fevereiro de 1824, partindo para a vila do Crato a 8 de março.

A PRISÃO DO COMANDANTE CARVALHO COUTO

Pereira Filgueiras e Tristão Gonçalves, no regresso do Maranhão, encontraram o governo provisório coagido pelo Comandante Carvalho Couto. A dissolução da Constituinte representava um golpe de morte para a facção chefiada pelos dois ilustres cearenses que teriam de passar o comando político da Província ao partido adversário.

Demoraram-se alguns dias no interior e depois rumaram para Fortaleza em fins de fevereiro, onde restabeleceram a autoridade do governo provisório e prenderam o Comandante Carvalho Couto. Concluíram aliança com o governador republicano de Pernambuco, saindo a 1º de abril o primeiro jornal que se publicou na Província, o **Diário do Governo do Ceará**, sob a direção do Pe. Mororó.

A 8 de abril foram eleitos conselheiros, pelo corpo eleitoral da Província, Tristão Gonçalves, o coadjutor Joaquim Paula Galvão, o coronel José Félix de Azevedo e Sá, o Pe. Antônio José Moreira, o coronel José Ignácio Gomes Parente e o Pe. Manoel Pacheco Pimentel.

ITAYTERA

COSTA BARROS, O PRIMEIRO PRESIDENTE NOMEADO PELO IMPERADOR

A 14 de abril de 1824 chega a Fortaleza, na corveta *Bela Americana*, o Tenente-coronel Pedro José da Costa Barros, o primeiro Presidente da Província do Ceará, nomeado pelo Imperador Pedro I. Não estando o governo provisório no propósito de dar posse ao Presidente Costa Barros, a Câmara de Fortaleza, reunida em sessão, considerou extinto esse governo e empossou o presidente nomeado, no dia 17 de abril de 1824.

Não concordando, o governo provisório retirou-se para Arronches (Parangaba). Acompanhou o governo provisório o comandante das armas Pereira Filgueiras, a quem aderiram as tropas e ali passou a organizar a resistência.

O Presidente Costa Barros, ciente de tudo, dirigiu-se pessoalmente a Arronches, onde conferenciou com os amotinados, obtendo a volta destes a Fortaleza. Pereira Filgueiras reassumiu o comando geral das armas.

A reconciliação não foi definitiva, durou pouco. Boas notícias vinham de Pernambuco e não havia confiança no Presidente Costa Barros. Filgueiras e Tristão retiraram-se para Aquiraz, onde restabeleceram o governo provisório. No dia 25 de abril de 1824, Filgueiras iniciou a grande marcha sobre Fortaleza. Acamparam em Mecejana. Daí, Filgueiras mandou o comandante do 1º corpo de linha, Luís Rodrigues Chaves entrar em Fortaleza e efetuar várias prisões, principalmente a do Ouvidor Marcelino de Brito. Na mesma ocasião e pelo mesmo portador, enviou ofício a Costa Barros intimando-o a transmitir o governo a Tristão Gonçalves. O Tenente Chaves prendeu o Ouvidor Marcelino de Brito, no dia 26 e recolheu-o, com outros presos influentes, a bordo da galera inglesa *Jubilee* que se encontrava no porto.

No dia 28 os revolucionários vindos de Mecejana ocuparam Fortaleza, onde convocaram a Câmara. O Pe. Estevam da Porciúncula leu manifesto de Pereira Filgueiras propondo a deposição do Presidente Costa Barros. Este, convidado a comparecer à reunião, protestou com violência e, não obstante, abandonou o cargo. Tristão Gonçalves, em razão disso, foi eleito Presidente temporário da Província, assumindo imediatamente o exercício do cargo. Nomeou o Pe. Mororó para secretário do governo e embarcou o Presidente deposto para o Rio de Janeiro, a bordo do navio inglês Matilde, fretado para esse fim.

A preocupação agora era conseguir armas para dar combate aos que se opusessem à República do Equador. O tenente Luís Rodrigues Chaves foi a Pernambuco, com esse fim, mas, na Paraíba, foi aprisionado pelas forças contrárias, a elas aderindo e voltando ao Ceará para promover a contra-revolução. Em junho, o governo provisório recebeu, dos Estados Unidos, armas que havia mandado comprar: 29 peças de artilharia, 800 granadeiras e 350 espadas.

A ANEXAÇÃO DO CEARÁ À CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Tristão Gonçalves conclamou o povo da Província a aceitar a causa de Pernambuco e convocou o Grande Conselho que se reuniu em Fortaleza no dia 26 de agosto de 1824, no Palácio do Presidente, com o comparecimento de 455 pessoas representando todas as Câmaras do Ceará, representantes do Clero, dos Corpos Militares e dos Colégios Eleitorais. O Congresso foi presidido por Tristão Gonçalves que declarou, na oportunidade, "que à vista dos perjúrios de D. Pedro, príncipe de Portugal (chamado Imperador do Brasil), estava roto o pacto social, tantas vezes assegurado por ele, e outras tantas vio-

lado publicamente à face da Nação, em afronta daqueles mesmos povos, dos quais de moto-próprio havia senão um opressor encarniçado..."

E prosseguiu Tristão mostrando o perigo que se achava a pátria brasileira, fazendo-se "necessário salvá-la do cativoiro, apesar de todos os sacrificios da parte de seus filhos, pelo que o Conselho deliberasse, lançando mão dos meios mais prontos e enérgicos e mais plausíveis da sua regeneração." Em seguida, Tristão apresentou "um plano de nova forma de governo, para ser discutido livremente com imunidade de pessoas e de opiniões e ser ou não aprovado pelo Congresso". A aprovação da proposta importava em anexar o Ceará à Confederação do Equador, o que se deu por unanimidade. Em seguida, procedeu-se à eleição do presidente e secretário do Grande Conselho, sendo eleitos Tristão e o Pe. Mororó.

Terminada a reunião, dirigiram-se para o quartel da tropa de 1ª linha onde encontraram os vereadores com o novo estandarte. Hastearam, então, a bandeira da República da Confederação do Equador. Seguiram para a igreja matriz onde foram bentas as bandeiras e realizado um solene Te Deum em ação de graças.

No dia 27 de agosto foi jurada fidelidade à Confederação do Equador que reuniu as quatro Províncias: Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. No dia 28 reuniu-se mais uma vez o Congresso para escolher os deputados cearenses à Assembléia Constituinte que deveria reunir-se em Recife. Foram eleitos o Pe. Martiniano de Alencar, José Ferreira Lima Supupira, Pe. José da Costa Braga Jaguaribe, João da Costa Alecrim, Luis Pedro de Melo César, José Francisco de Gouveia Ferraz e o Pe. Manoel Pacheco Pimentel.

(Do livro HISTÓRIA DO CEARÁ, de José Cláudio de Oliveira, 2ª edição, Editora do Brasil, São Paulo — esgotada. Páginas 26 e 27).

MAIS UM POETA NO CARIRI

1

Vivendo sempre a estudá,
Constantemente a pensá,
Mesmo com força incomum,
O que estuda inda não nota
O que a Natureza bota
Por dentro de cada um.

2

Jurgá pelas esperança
É farta de intigença,
É falá contra a razão;
Cada quá sabe o que sente,
As coisa do conciente
Vai batê no coração.

3

Qué na guerra e qué na paz,
Só mesmo o dono é capaz
De conhecê o seu eu.
Nestas palavras que eu digo,
Me refiro a um amigo
que um livro me ofereceu.

4

É o livro de um dôto
De critero e de valô,
De morá e dipromacia.
Não tinha quem maginasse
Que o dôto Gêso lançasse
um livro de poesia.

5

Porem Deus é o nosso guia
E tudo tem o seu dia,
Seu minuto e sua hora;
Um dia lhe disse a Musa:
Porque é que você se iscusa?
Bote os seus verso pra fora!

6

Foi feliz momento aquele
Que a Musa falou pra êle
Como a estrêla de bonança
E o seu livro têve o tito
Bem adequado e bonito:
De Sempiterna Esperança.

7

Se o leitô sabe jurgá,
Sabe vê e intrepetà,
Veja e leia arguma coisa
Em Sempiterna Esperança
Do dôto de confiança,
Gêso de Arbuquerque e Soisa.

8

Leia o livro atentamente,
Sentindo o que o dôto sente
E preste bem atenção,
Pois nele o perfume isala,
Neste livro o autô fala
Com a voz do coração.

9

Dôto Gêso, agradecido,
Eu tenho lido, relido
E vivo a saboreá
A sua verdade estrema,
No seu bonito poema
"Paciência de Esperá".

10

Sei que o dôto tem razão
E nesta composição
Sôbe bem filosofá:
Nunca pode vivê bem
A pessoa que não tem
Paciência de esperá.

11

Paciência de esperá
Faz a dô amenisá.
É um dos nosso devê,
Quem sem paciência espera,
Com certeza desespera,
Omentando o padecê.

12

Doutor Jefferson, meu caro amigo,
Com grande atenção lhe digo,
Junto á prova positiva
Da referência que faço,
Vai um cordial abraço
Do poeta Patativa.

Serra de Santana-Assaré

CORONÉIS

Ontem,

morreu um « coronel »,
dono de engenho,

de muitos filhos,
todos encarreirados,
seguindo as mais diversas profissões
que o nosso tempo propicia.

Trabalhador.

Honesto.

Servidor.

Prudente.

Lembrei-me,
então,

dos « coronéis do sertão ».

« Coronéis » de antes de trinta,
de antes da revolução.

« Coronéis »

que não frequentaram academias,
nem escola superior cursaram.

« Coronéis »

que não foram cadetes de ninguém,

nem tenentes,

nem tiveram outras patentes.

« Coronéis »

que,

contudo,

tinham,

cada um,

o seu « exercito de jagunços ».

Eligiam

entendentes,

deputados,

presidentes.

Tinham poder politico,

e gostar dele,

gostavam.

Uns aos outros auxiliavam,

« cabras » emprestavam

para o poder tomar.

Mas,

não o regateavam,

percentualmente.

Para eles,

ou tudo,

ou nada.

17-03-82

Jefferson

PACATUBA

No sopé daquela serra
(além da qual, muito além,
segundo Alencar
a índia Iracema nasceu),
a minha cidade natal encravada está.

Se a cidade é pequena,
gentil,
pacata
a serra é airosa,
verde,
formosa.

Ainda não a afeia
a devastação da mata que a veste,
enfelta,
(Se a Aratanha mulher fosse,
naturalmente,
morena ela seria).
Não faz muito,
fui ve-la.

Fui ve-la para
o hoje com o ontem
comparar,
recordar,
parentes e conhecidos
reencontrar.

Com os parentes eu dei,
recordar, recordei.

Recordei
o trem-de-passageiros parando,
na estação demorando.

Recordei

o pregão dos meninos :

“ bacupari !... ”

“ bana-sêca !... ”

“ pão-de-ló !... ”

“ cajá-embú !... ”

Recordei

o papagaio do agulheiro chamar :

“ Alfredo !... ”

“ Alfredo !... ”

“ Alfredo !... ”

Recordei

a festa-do-carmo,
com procissão acompanhada de banda-de-música,
com moças vestidas-de-festa.

Recordei

a missa-do-galo,
as festas do Natal :

reisado.

bumba-meu-boi.

Visitei

a matriz,

a igreja do Carmo,

as praças bem cuidadas.

as escolas,

os bancos.

Tambem fui ao banho-das-André,
ao açude Piripáú.

Então,
atenhei :

ontem

ou

hoje,

Pacatuba é ordeira,

acolhedora,

progressista.

É terra de fortes,

de bons,

de bravos.

Terra de gente idealista,
de lendas,
de poetas,
de sonhadores.

JEFFERSON
REVISTA

PATRIOTISMO

Amar o seu país
sem afanismo.
Amá-lo pelo que é,
sem exageros nacionalistas.
Querê-lo pela sua potencialidade,
pela capacidade,
coragem
e
trabalho de seu povo,
vendo nêlo o "país do futuro".
Ser contra o "ame-o ou deixe-o",
ser contra partidos políticos préfabricados;
contra o favorecimento às grandes multinacionais;
contra os que usurpam o poder político
e
nele se eternizar pretendem.
Ser por um país democrático,
democracia sem adjetivos para armar efeito.
Exaltar os que lutaram,
os que lutam,
por uma nação maior.
Glorificar os heróis
de 1817 e 24;
os que forçaram o 7 de setembro;
os tenentes de 22;
os que resistiram em 24;
os revolucionários de 30,
os paulistas de 32.
Isto,
há alguns anos passados,
era ser patriota.
Hoje...
hoje,
neste país,
patriota é palavra sem conteúdo,
acoberta
astúcia,
egoísmo,
menosprezo ao sentimento do povo.

JUBILEU SACERDOTAL

Comemorando, neste ano de 1983, o seu Jubileu, como vero sacerdote de Cristo e da Igreja, o estimado Padre José Gonçalves Sobreira. Ordenou-se em 1933, em pleno Crato, quando o Seminário daqui tinha todos os graus, inclusive o poder de ordenar padres. Procedeu a sua elevação ao sacerdócio o saudoso Dom Francisco de Assis Pires, segundo Bispo do Crato.

Do Livro "Sacerdotes da Diocese do Crato" extraímos os seguintes dados: "Nasceu Pe. José Gonçalves Sobreira em Juazeiro do Norte a 13 Janeiro de 1906, batizando-se a 25 de Fevereiro daquele ano, filho de Moisés Sobreira de Andrade e Bernardina Gonçalves Sobreira. Primo do Pe. Azarias Sobreira, um dos expoentes do clero do sul-cearense.

Concluiu seus estudos sacerdotais no Seminário S. José do Crato, depois da seguinte escalada: Primeira tonsura a 3 de Abril de 1932, leitorado em 22 de Maio, exorcistado em 25 de Setembro, com o acolitado, subdiaconato em 17 de Dezembro, diaconato em 1º de Janeiro de 1933, presbiterato em 6 de Janeiro de 1933, celebrando sua primeira missa em 08-01-33.

Exerceu o cargo de professor no mesmo Seminário S. José, de 9 de Fevereiro de 1933 a 1935. Lecionou no Colégio Diocesano até 1937. Em 26 de Março de 1938 foi nomeado

vigário de S. Mateus, hoje Jucás, cargo que exerceu até 30 de Abril de 1941, quando foi nomeado vigário substituto. A 7 de Junho de 41 foi transferido para Cedro, onde ficou até 30 de Abril de 45. Renunciando á paróquia, foi residir, com licença da Diocese, no Rio de Janeiro. Sua incardinação naquela Diocese se deu em 51".

Em depoimento, nos dias de hoje, disse o Pe. Sobreira:

"A primeira grande lembrança dos meus primeiros anos de Pe. foi, precisamente, ter ficado como professor no Seminário onde estudei. Fiquei tão feliz que procurei cumprir, devotadamente, essas atividades, primícias do meu sacerdócio.

Depois foram chegando convites especiais para novas atividades. Lecionei á noite na Escola de Comércio e dei aulas de religião no Grupo Escolar Cratense. Foi desse tempo o início de minhas atividades na imprensa e no púlpito do Crato. Chamado pelo Bispo, fui Diretor Interno do Ginásio do Crato e integrei seu corpo docente. Ali fundei o Centro Tristão de Athayde e dei nova feição á revista da Casa.

Registro o voo de pássaro noutros serviços prestados á causa do ensino. no limiar do meu sacerdócio. Curso intensivo de português ás normalistas do Santa Teresa, curso de apologética na Catedral. Tais exercicios e funções se gravaram á agua forte da retina, de tal modo que, relembrados agora, irrompem em meu peito com a força das grandes recordações, com uma duradoura e inesquecível saudade..."

Padre Sobreira é hoje figura brilhante do clero carioca, honrando as tradições de inteligência do bom cariense.

IMPRESSOS ?

TIP. E PAPELARIA DO CARIRI

Tudo o que há de melhor
em serviços gráficos

Telefone : 521 - 1223

Rua Dr. João Pessoa 380/386

CRATO — CEARÁ

100 ANOS DE MORTE

No dia 19 de Fevereiro de 1983 se completou 100 anos do falecimento de um dos mais notáveis vultos da história religiosa do Ceará e do Nordeste o Pe. José Antônio de Maria Ibiapina.

Faleceu ele na Casa de Saúde de Bananeiras, pequeno hospital por ele criado e improvisado á maneira das antigas Casa de Caridade, que suas mãos benditas espalharam por todo o Nordeste, na mais fulgurante ação social de que se tem noticia.

Sobralense de origem — nascido em 1806 — de familia ilustre e cheia de vultos notáveis, pai, tio, irmão foram revolucionários e sacrificados ás hordas vingativas do Rei, Ibiapina tem uma história curiosa, cheia de multiformes facêtas, cada qual a destacar, sempre, o homem viril e realizador, empreendedor e constante, a ser guiado por um ideal de vida que perseguiu até o final de sua tormentosa existência.

Advogado, Juiz, professor, em cada missão que desempenhou, com real brilhantismo — antes de se tornar o Missionário dos sertões ressequidos e cheios de desesperanças — Ibiapina teve o sinete da grandeza e a aura dos grandes homens.

Bem o estudaram o Mariz, do Rio Grande do Norte, e, por último, o nosso Reitor Sadock, de Sobral, que se debruçaram sobre essa formidável personalidade humana, tão digna de ser melhor conhecida dos cearenses.

Com efeito, o que se tem do Padre Ibiapina em Fortaleza, por exemplo, a não ser uma Avenida, cremos que de menos de 1 km de extensão?

O que já fizeram as autoridades para tentar reaver retratos, objetos, cartas, depoimentos, a bibliografia,

ITAYTERA

cousas de uso pessoal, para a formação de um Museu com o seu nome, ou, pelo menos, para abrir no Museu Histórico do Estado uma secção só com sua pessoa?

A luminosa esteira de realizações pessoais, a fantástica ação social que nenhum Governo conseguiu igualar, traduzida em quase centena de obras destinadas á pobreza, em seis estados do Nordeste, dão ao Pe. Ibiapina um merecimento inigualável, entre os seus conterrâneos.

As vezes me pergunto: qual terá sido o maior cearense?

Alencar, na fulgurante atuação no Senado e na vida pública? Moura Brasil no campo médico? O Senador Pompeu? Thomaz Pompeu Sobrinho? Humberto Castelo Branco? General Tibúrcio? General Sampaio? Cônego Ulisses Penaforte?

Não sei. Analiso um por um mas Ibiapina, no meu conceito pessoal, sempre tem algo a superar esses illustres conterrâneos!

Foi ele uma estrela de rara luminosidade no panorama humano da Terra que já — si, tem a luminosa e brilhante sina de ser a Terra da Luz.

De onde teria o Pe. Ibiapina conseguido esse gigantismo espiritual, que lhe armou a rica personalidade e lhe deu resistência mais que heroica, de percorrer, incansavelmente, os sertões, semeando o bem, pregando o Evangelho, plantando sementes de hospitais, casas de caridade, pensionatos, perfurando pôços, fazendo açudes?

Gilberto Freyre já o afirmara — em que pese o seu bairrismo pernambucano, que "do ponto de vista do catolicismo ou cristianismo social (foi o Pe. Ibiapina) a maior figura da

"OS MAIA": Retrato de uma Grande Família

Acreditamos que, pela primeira vez, a numerosa e destacada família Maia esteja retratada num livro sobre a sua genealogia.

É o caso do livro OS MAIA, de Lourival Maia Lima, distinto oficial do nosso Exército, integrante desse numeroso clã familiar, nascido em Crato, em 17 de Março de 1909, tendo ingressado no Exército em Novembro de 1930 e depois de longa carreira, entrando para a reserva em agosto de 1955.

Paciente pesquisador, por mais de 30 anos ele coligiu dados, buscou arquivos, fez viagens, entrevistas, anotações, etc, por todo o Nordeste,

descobrimo as diversas ramificações de seu tronco familiar.

Concentrou-se, principalmente, no Crato, onde a família se desdobrou em mais de 200 casais, tornando-se das mais numerosas da região. O livro dedica-se, com especialidade, aos Maia do Crato.

Trata-se de um volume de responsabilidade do Autor, publicado nas Oficinas Gráficas da Fundação Casa da Criança, em Olinda.

Como apêndice, apresenta, ainda, 30 páginas sobre a genealogia de sua parte materna, vinda das famílias Sisanando Batista e Ferreira Lima.

Evidentemente que incursionar pelo

Igreja no Brasil".

Não ficaria atrás Celso Mariz, ao considera-lo "uma das maiores figuras apostolares do Brasil", adiantando que "foi, de certo, o maior que até hoje lutou no Nordeste por um ideal de trabalho e de fé".

O Cônego Sadock de Araujo diz, por outro lado, que "Pe. Ibiapina é da estirpe dos Anchieta, dos Dom Bosco e dos Francisco Xavier" e diz, numa análise cintilante:

"Dominava-o a visão luminosa da aurora do novo mundo social que nascia, marcado pelo ideal do trabalho livre e pelas influências do processo de urbanização que crescia".

Esse extraordinário cearense que completou suas primeiras letras no Crato, para onde o havia trazido o Pai — tabelião e escrivão de correições, frequentemente viajando pelo interior.

De Olinda, onde iniciara os estudos superiores, voltou ao Ceará por problemas de família, e chegou a se apaixonar por Carolina Clarence, filha de Tristão Gonçalves — amor que não deu certo. Depois retornaria a Olinda.

Na legislatura 34-37 foi o deputado mais votado do Ceará para a Assembleia Nacional, e ainda teve atuação como advogado e magistrado, até que resolveu deixar tudo e ingressar no Seminário, onde fez cursos brilhantes, ordenando-se Pe. em 3 de Julho de 1853.

A fantástica ação que desenvolveria, até o dia de sua morte, a 19 de Fevereiro de 1883, constituiu-se um dos mais fascinantes capítulos da história social e apostólica do Nordeste.

Lembra José de Alencar Bezerra, piauiense, que Pe. Ibiapina esteve no Piauí e ali contruiu as Igrejas de Pio Nono e Picos, e o folclore popular daquele Estado ainda o recorda numa trovinha que corre, ainda hoje, os sertões:

"Ibiapina deixou

Dois pés de árvores plantados,
o terço á boca da noite
e o ofício nas madrugadas".

Que o Governo do Estado, as autoridades e as instituições não deixem de prestigiar a grande data de 19 de Fevereiro, realçando para os mais novos outros aspectos desse extraordinário Filho da Igreja.

FREUD E A MITOLOGIA

Com a ausência do Latim de nossas escolas de grau médio, hoje quase não se fala nas fábulas. Há cinco ou mais anos, qualquer aulista de ginásio sabia quase de cor — pois de cor era o ensino da língua mãe — a história da "raposa e as uvas", do "leão e a ovelha", apesar de, geralmente, não lhes perceber a profunda filosofia. É bem verdade que, no chamado se-

dificil ramo da genealogia leva qualquer autor a cometer anos ou a incorrer em pequenos deslises. Lourival Maia reconhece e proclama isso com humildade e pede, sinceramente, a colaboração de todos os seus familiares para as correções que se fizerem necessárias.

Partindo, no caso da família, em Crato, do célebre Coronel José Francisco Pereira Maia — Cel. Mainha — varão bíblico, que teria deixado 79 filhos de várias mulheres, inclusive de 4 irmãs da mãe do Pe. Cicero, que ficou, assim, seu parente próximo, o autor faz um estudo sobre esse antigo deputado provincial do Crato e ramifica cada um dos seus filhos, netos, bisnetos, trinetos, com respectivas esposas e descendentes.

Encontra-se, a partir daí, muita gente ilustre, como o ex-governador do Amazonas, Álvaro Maia, o atual Reitor Paulo Elpidio, da UFC, o Pe. Juvenal Colares Maia e outras personalidades. O livro é, sobretudo, bem intensionado.

Sem ser definitivo, oferece um roteiro seguro, balisando fronteiras familiares até então desconhecidas e tornando mais fácil um estudo posterior, dentro das normas científicas da genealogia.

O trabalho do Tenente Lourival Maia Lima, por isso, ganha em autenticidade, em valor e em importância, pela pesquisa da realidade, merecendo parabéns por essa iniciativa.

gundo ciclo, ou, mais exatamente, na segunda série do 2º grau, ainda consta do programa de Literatura um ponto sobre Folclore. Infelizmente, porém, não se verticaliza o ensino. Os mestres, como ocorria no tempo das fábulas latinas, deparam aos discentes apenas os "comos" e os "porquês" da demopsicologia — como gostam de chamar a novel disciplina os preciosistas ou nominalistas — sem aprofundar no que há de belo e significativo em cada uma de nossas lendas e de nossos mitos. Que adiantará ao jovem de hoje, que tem a mente nos astros e os pés nos aceleradores dos mustangues, saber que o povo acredita na "mula-sem-cabeça" e na "iara"? Pouco se lhes dá se a gente gaúcha já acreditou no "negrinho do pastoreio", se não se faz um estudo mais sério e mais profundo à luz da ciência moderna. Aos moços de nossos dias só impressiona o que se parecer com Robô ou com Sputnik.

Talvez pensando assim, é que já estão aparecendo autores na Europa que procuram aproximar as fábulas da psicanálise. E elas terão novos encantos sob a óptica de Freud.

A reflexão dos filósofos ou, antes, dos psicólogos contemporâneos, já se exerce sobre os mitos. Aos olhos de muitos deles — sobretudo de psicanalistas — a fábula afigura-se como o lugar por excelência onde deviam refugiar-se sublimações e símbolos. Para eles, a mitologia seria um verdadeiro subconsciente — id — dos povos antigos, em que se esboçariam suas aspirações e fobias; esteriótipos, tudo enfim o que a moral consciente recusava horrorizada.

Reflexionando bem, há, de fato, nos mitos um número de aventuras imorais, de incestos, de assassinios, suficiente para satisfazer ao mais destemido dos seguidores de Freud. Não importa muito que tais aventuras

se situam num tempo anterior ao estabelecimento das normas que fazem incidir semelhantes ações numa proibição moral. Nem por isso deixam de revelar a alma humana, cujos pesadelos e cujas aspirações tomaram corpo.

Do que afirmamos é exemplo bastante convincente o Complexo de Édipo de que tanto se fala hoje em dia. E muita gente talvez nem conheça o mito na sua beleza primitiva. Amor incestuoso, proibido ou ódio à mãe, ódio ao pai (*Electra*) ou, bem ao contrário, desejo inconfessável de suas ternuras e de suas atenções. Tudo isso está, sem dúvida, incluído nos velhos — mas eternos — mitos lendários, porém sob forma secreta ou disfarçada, como em toda consciência humana.

Mas deixando a mitologia grega e voltando-nos para a nossa realidade, façamos algumas observações, posto que perfunctórias, da mais atual e moderna de nossas lendas — O Chapeuzinho Vermelho. Não lhe vamos descobrir a gênese, nem tratar das suas quase quatrocentas versões em todo o orbe das terras, como diziam os latinos. É nossa mira lembrar, apenas, algumas de suas facetas mais curiosas.

Qual o conteúdo freudiano da simpática fábula tão do gosto de nossas mestras de curso primário, e que faz o encanto da nossa petizada nas suas festinhas de encerramento de curso? Nada mais é do que uma variante do conflito macho — fêmea encontrado na trilogia edípica e no mito da criação.

Poupamo-nos o inútil trabalho de reproduzir a fábula por demais conhecida e frisaremos, tão-somente, os seus pontos altos.

A maior parte do simbolismo desse conto de fadas é facilmente compreendido. O chapeuzinho de veludo vermelho — atente para a cor — é, no dizer de Eric Fromm — um símbolo perfeitíssimo do CATAMÊNIO. A garotinha, de cujas aventuras nos

falam, tornou-se adulta e vê-se defrontada com angustiante problema do sexo.

Quando recebe a advertência de não sair da trilha para não cair e quebrar a garrafa, é porque os mais velhos, os tios e os pais, querem preveni-la contra o perigo do sexo e não a querem ver seduzida.

O apetite sexual do lobo (que representa o macho) procura seduzir a inocente menina, sugerindo-lhe que olhe em torno e veja como a vida palpita no cantar dos pássaros e na beleza das folhagens.

Que faz "chapeuzinho"? Aceita a sugestão do lobo e aprofunda-se no bosque, encantada com o que via. Apesar de desviar-se do caminho reto (do "caminho ou virtude"), ela o faz com satisfação e segura de si própria, porquanto reflete que sua avozinha ficaria muito contente com as flores que a netinha levasse.

Até aqui o mito parece deparar-nos um único tema, simples e altamente moralista: "os riscos do sexo". Mas, na realidade, é mais complexo do que isso.

Qual o papel do homem em toda essa história e qual a figuração do sexo?

O "macho" é representado pelo lobo, implacável e astuto, e o congresso sexual — descrito como um ato de antropofagia ou canibalismo em que o macho devora a fêmea.

Mas, no final da fábula, o ódio e o preconceito contra os homens por parte das mulheres — são expostos muito claramente. E o macho é ridicularizado. Como? O lobo tenta representar o papel de uma mulher grávida, portanto seres vivos dentro do ventre, engolindo a pobre velhinha (uma vez mais) como bomito babilônico, temos de recordar que a superioridade da mulher consiste em sua capacidade de gerar criança. E, finalmente, o "macho" sofre a suprema humilhação por ter usurpado o papel da mulher. Quando? No momento em que "chapeuzinho", terri-

TABELIÃO

JOSÉ FIGUEIREDO

Nasceu na cidade de Crato, Estado do Ceará, na Rua Santos Dumont, nº 35, antiga Rua Formosa. Seu nascimento ocorreu no dia 01-11-1910. Filho legítimo de Joaquim André de Figueiredo e Vidolina Bantim de Oliveira. Ele da cidade de Juazeiro do Norte e ela de Santana do Cariri.

José Figueiredo era o quarto filho de uma família composta de oito irmãos.

Foi batizado na Sé Catedral pelo Revmº Dom Quintino, então Bispo Diocesano de Crato, sendo padrinho o Revmº Pe. Azarias Sobreira.

Cursou a 2ª Classe que correspondia ao Primário, no Colégio Diocesano do Crato que funcionava ao lado do Seminário, lado direito de quem entra. (de 1924 a 1925).

No ano de 1926, o Padre Pita, transferiu o Colégio para uma casa antiga na Rua da Liberdade, hoje Rua Duque de Caxias. Entre os alunos que acompanharam o Padre Pita nessa mudança, consta o nome de JOSÉ FIGUEIREDO, matriculado com o nº 18 no Colégio Diocesano e que, no ano de 1927, tomou o nome de "GINASIO DO CRATO".

No ano de 1927, foi matriculado no "Ginásio do Crato" com o nº 67,

velmente vingativa, lhe enche o ventre de pedras, o mais perfeito símbolo da esterilidade.

É a mais alta expressão do antagonismo profundo contra os homens e o sexo.

O mito do "lobo mau" tão difundido pelo mundo e tão pouco compreendido pelas gerações narra o eterno conflito macho — fêmea: é a descrição freudiana da "vitória" das mulheres que "detestam" os homens, exatamente ao contrário do mito edipiano, que deixa o macho sair triunfante dessa peleja.

ITAYTERA

onde cursou o 2º Ano.

Durante seus estudos, seus Pais moravam em Campos-Sales e ele viveu sob regime de internato. Aproveitava suas saídas para ficar com seu tio Dirceu Figueiredo na cidade de Juazeiro do Norte e as férias com seus Pais em Campos-Sales.

Aos dezessete anos saiu de Campos-Sales para Recife, empregando-se na Firma Portuguesa "Franco Ferreira e Cia, onde chegou a ser Despachante da Alfândega.

Em julho de 1930, por coincidência, assistiu a morte do Governador da Paraíba, Dr. João Pessoa, no interior da Casa de chá e Sorveteria Gloria, em Recife (entrevista dada a Tribuna do Ceará, em 14-11-77).

Em 1933, casou-se com Nadege Fulco de Figueiredo. Ele com vinte e três anos de idade, ela com dezesseis anos, descendente de família Italiana. Tiveram como padrinhos de casamento: Dr. Antonio Romano, Chefe da Seção de Ordem Política e Social; o Desembargador, Liberalino de Almeida e o Dr. Demócrito de Sousa, criminalista. Contava com vinte e quatro anos quando nasceu seu primeiro filho Geraldo e depois Alberto, Lúcia e Célia. Voltou a residir em Campos-Sales, onde nasceu filha caçula Leda.

Assumiu o cargo de tabelião público (1º Cartório de Campos-Sales).

No ano de 1959, voltou a residir em Crato, primeiro na Rua Nelson Alencar, 160 e depois na Rua Senador Pompeu, 448, exercendo o Cargo de Tabelião do 3º Cartório. Acometido de câncer, internou-se no Hospital Regional Manuel de Abreu, no dia 25-11-79, sob os cuidados dos médicos, Dr. Cori e Humberto Macário de Brito. Faleceu às 3 horas da manhã do dia 10-02-80. A missa de corpo presente foi celebrada pelo Revmº Pe. Clairton Alexandrino. Seu sepultamento saiu da Capela do mencionado Hospital para o cemitério local. José Figueiredo deixou 5 filhos e 5 netos.

Laboratório

de

*Análises Clínicas
do Crato*

Exames Especializados

RUA TRISTÃO GONÇALVES, 584



CRATO • FONE: 521 - 0426 • CEARÁ

Ordens de Penitentes

Eles dizem que num doi,
mas nós é quem sente a dor.
Ó que dor no coração...

(canto de penitente)

É comum no Nordeste, desde o séc. XVII, a existência das Ordens dos Penitentes. São grupos religiosos populares formados por camadas marginalizadas da população agrária e dirigidos por um Decurião que têm sobre os "irmãos de penitência" autoridade moral e os reúne durante certas épocas do ano, para martirizarem-se nas estradas e cemitérios abandonados. A autoflagelação é prática religiosa comum a muitos povos e que nos foi legada pela igreja medieval. Na história dos santos muitos são os exemplos de autoflagelação. São Francisco apertava um cordão com nós ao redor da cintura até estes se enterrarem na carne. São Felipe Neri comia apenas pequena porção de pão seco por dia e açoiava-se, derramando sangue do corpo. Santo Inácio de Loiola afastava as tentações do corpo rasgando as costas com chicotes e São Bruno andava vestido de cilícios. São Pedro de Alcântara afastava as suas culpas flagelando-se e Santa Teresa ciliciava-se, deixando o corpo em chagas. São Luiz de Gonzaga penitenciava-se três vezes por semana com objetos cortantes, já Santa Catarina de Sena disciplinava-se com correntes de ferro e São Domingos de Gusmão, o célebre inquisidor, chegava a martirizar-se várias vezes numa mesma noite. (1) Condenada no séc. XIV pelo Papa Clemente VI, a autoflagelação continuou a ser praticada nos conventos, transpondo depois os seus muros e se popularizando, principalmente nas épocas de peste e fome, quando mul-

tidões doentes e miseráveis perambulavam, em procissões e romarias aos lugares sagrados, pedindo a piedade dos céus e purificando-se dos pecados através de martírios aplicados ao corpo. Batista de Lima argumenta que, na Idade Média, a inquisição surgira com a finalidade de que os homens pagassem os seus pecados neste mundo. Os nobres compravam as indulgências e os servos, como não possuíam bens para redimir seus pecados, penitenciavam-se (2). Em Lisboa, no ano de 1820, ainda se tem notícia de uma procissão de flageladores.

Intactas, as práticas e os rituais de penitências chegariam ao Brasil, aqui sofrendo modificações pela contribuição do negro e do índio. Em fins do século passado, os negros da Bahia, nos seus rituais religiosos, adotavam a flagelação, a que denominavam "inhame novo" e era executada nas sextas-feiras, como tributo a Oxalá. (3) No Nordeste, a penitência popularizou-se com as Missões; os padres falavam às massas camponesas, pobres e abandonadas, das provações do mundo e dos horrores do inferno, incutindo nas almas incultas e crentes a necessidade do sacrifício e da penitência para se conquistar os reinos dos céus. Euclides da Cunha, com linguajar forte e preciso, assim posiciona-se: "É ridículo e é medonho. Tem o privilégio das bufonarias melodramáticas. As parvoíces saem-lhe da boca trágicas.

1 — Getúlio Cesar, *Crend. ces do Nordeste*, Irmãos Pongetti Editores, Rio de Janeiro, 1941, n. de rodapé, págs. 131 a 136.

2 — Batista de Lima, *Fanatismo e Cangaço*, Edição do Autor (mimeografado), Fortaleza, 1980, pág. 13.

3 — Getúlio Cesar, ob. cit. pág. 132.

"Não traça ante os matutos simples a feição honesta e superior da vida — não a conhece; mas brama em todos os tons contra o pecado; esboça grosseiros quadros de torturas; e espalha sobre o auditório fulminado avalanches de penitências, extravagando largo tempo em palavrear interminável, fungando as pitadas habituais e engendrando catástrofes, abrindo alternativamente a caixa de rapé e a boceta de Pandora...

"É alucina o sertanejo crédulo; alucina-o, deprime-o, perverte-o (4).

No ano de 1850, os sertões do Cariri se viram agitados pelos "serenos", nome que indica "companhias de penitentes que à noite, nas encruzilhadas ermas, em torno das cruces misteriosas, se agrupavam, adouadamente, numa agitação macabra de flagelantes, impondo-se o cilício dos espinhos, das urtigas e outros duros tratos de penitência. Ora, aqueles agitados saíram certo dia, repentinamente, da matriz do Crato, dispersos, em desalinho — mulheres em prantos, homens apreensivos, crianças trementes — em procura dos flagícios duramente impostos. Dentro da igreja, missionários recém-vindos haviam profetizado próximo o fim do mundo. Deus o dissera — em mau português, em mau italiano e em mau latim — estava farto dos desmandos da terra..." (5) No Cariri, a Sociedade dos Serenos era conhecida por "Chios" e os seus membros, segundo Otacilio Anselmo, constituíam numerosa borda de penitentes, tão terríveis quanto os famosos "Cerca-Igrejas", grupos de fanáticos da Serra de São Pedro que, armados de paus, facas e bacamartes, tentaram substituir a imagem da Padroeira da Igreja por uma prostituta que atendia pelo nome de Úrsula. Tais grupos foram dispersados, depois de renhidas lutas, pelo Capitão-Mor José Pereira Filgueiras. Os "Chios" se autoflagelavam nos cemitérios, pediam esmolas e quando não as obtinham praticavam roubos. O presidente da Província

do Ceará, Dr. Inácio Francisco da Silveira Mota, ordenou sistemática perseguição aos "serenos", que haviam fugido do Cariri. (6) "E os desvaierados foram pelos sertões afora, esmolando, chorando, rezando, numa mandria deprimente, e como a caridade pública não os podia satisfazer a todos, acabaram — roubando", (7).

Dataria, portanto, de 1850, o aparecimento dos primeiros penitentes no Cariri, mas a primeira Ordem dos Penitentes só seria fundada no ano de 1893, em Juazeiro do Norte, pelo mulato Manuel Palmeira, e atingia uma centena de associados. Penitenciavam-se nos cruzeiros do Horto e nos cemitérios, cantavam benditos e rezavam o terço pelas almas que sofriam no purgatório. (8). A serra do Catolé era chamada de Horto por ser comparada pelosromeiros ao Horto das Oliveiras, analogia feita a partir de uma fotografia do Horto, litografada nos diplomas da Irmandade do Santo Sepulcro. (9) Em artigo publicado no jornal "Nordeste", o padre Manoel Macedo tem os penitentes do Horto como um "grupo de homens perigosos e temíveis, sobretudo pelo caráter secreto e misterioso da irmandade, verdadeira maçonaria, que nem o Dr. Floro, queimando cruces e prendendo gente quando lhe convinha, jamais pode acabar" (10).

As Ordens dos Penitentes, a maioria de caráter pacífico, espalharam-se pelo Cariri. Os próprios padres davam

4 — Euclides da Cunha, *Os Sertões*, Editora Paulo de Azevedo, 26ª edição, Rio de Janeiro, 1963, pág. 129.

5 — Idem, pág. 130.

6 — Otacilio Anselmo — *Padre Cicero — Mito e Realidade*, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1968, pág. 9.

7 — Euclides da Cunha, ob. cit. pág. 130.

8 — Abelardo F. Montenegro, *Fanáticos e Cangaceiros*, Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza, 1973, pág. 59.

9 — Idem, *ibidem*.

10 — Idem, *ibidem*.

exemplos de penitências: o pároco Félix de Moura fazia sermões como os missionários das Missões e a tal ponto chegava o seu arrebatamento místico que certa vez, quando fazia um sermão, na igreja matriz do Crato, baixou as vestes até a cintura e flagelou-se até o sangue. (11). Este padre era diretor de uma Sociedade de Penitentes que se reunia nas igrejas e nos cemitérios para os rituais de martírios. As vestes eram as mesmas que até hoje são usadas na região. Compunham-se de capuzes e capas, chamadas "opas", com aplicações de cruces e corações de Jesus. Perambulavam pelas ruas e estradas cantando benditos e à meia-noite iniciavam os ritos de autoflagelação, desnudando-se e batendo impiedosamente nas costas. Para ferir a carne usavam a "penitência", cordéis grossos ou correias de couro cru, com objetos cortantes, em forma de afiadíssima lâmina, na ponta. Era comum também o uso do "maxixe", objeto confeccionado com "um pouco de cera de abelha de uns seis centímetros de comprimento, a que dão forma ovalada, cheio de pequenos estilhaços de vidros cortantes como navalhas, ou então, de pedaços de chumbo a que prendem tachas de ferro pontiagudas (12). Estas ordens religiosas populares reúnem geralmente doze membros, a exemplo dos apóstolos do Messias da Galiléia (13). O Decurião é o mestre do ritual e o único que se penitencia sem capuz, tornando conhecida a sua identidade. Em algumas ordens, os próprios membros não chegavam a se conhecer, mas isto era raro, pois os membros sempre se conheciam e mantinham enorme solidariedade interna. Às mulheres eram proibida a participação nos rituais e tinham que guardar segredo quando descobriam que seus maridos eram penitentes. Estes grupos ciliciavam-se não apenas para purgar os seus pecados e alcançar a salvação, mas também para influir na vontade divina, exigindo o controle das forças

ITAYTERA

naturais, para combate às secas ou invernos rigorosos (14)". Iniciavam os rituais na quaresma e em frente às casas, nas fazendas e sítios cantavam, penitenciavam-se e pediam esmolas. A família punha na sala uma refeição composta, regularmente, de café, tapioca, rapadura e bolo de puba. Abria-se a porta e os penitentes entravam. Havia a crença de que quem olhasse pelo buraco da techadura ficava cego" (15). O "Cearense", na edição do dia 29 de abril de 1877, noticiava que o vigário de Icó convidara o povo "para o acompanhar numa procissão de penitência, a qual teve lugar no dia 9, principiando a percorrer as ruas da vila às 8 horas da noite e concluindo às 10. Pra mais de mil pessoas acompanhavam e mais de 200 se açoitavam de um modo horrível. Quem não se cortava com disciplina conduzia grandes pedras, e todos descalços... O sangue corria a jorros pelas ruas desta vila". (16) Os penitentes provinham geralmente das camadas mais baixas da população rural, eram os deserdados e as vítimas dos latifúndios, que tentavam, através de sofrimento ampliando, interceder junto a Deus para que intervisse na sua miséria crônica. O que é inútil, mesmo quando ciliciavam-se com tanta força que o sangue tingia a terra e o Decurião viu-se obrigado a arrancar a disciplina das suas mãos. Djacir Menezes, referindo-se aos penitentes nordestinos diz que estes zurziavam-se com disciplinas à feição dos antigos monges ou de flageladores eslavos" (17).

11 — Ralph Della Cava, *Milagre em Joazeiro*, Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1977, págs. 38 e 39.

12 — Irineu Pinheiro, cit. in Abelardo F. Montenegro, ob. cit., pág. 24.

13 — Batista de Lima, ob. cit., pág. 14.

14 — Getúlio César, ob. cit., pág. 134.

15 — Juarez Aires de Alencar, cit. in Abelardo F. Montenegro, ob. cit., pág. 24.

16 — Abelardo F. Montenegro, ob. cit., pág. 25.

17 — Djacir Menezes, *O Outro Nordeste*, Editora Artenova Ltda., 2ª edição, Rio de Janeiro, 1970.

Sobrevivente ainda hoje, na era da cibernética e da conquista do espaço, as Ordens dos Penitentes flagelam-se durante a quaresma na região do Cariri. Juazeiro do Norte, Missão Velha, Barbalha, Brejo Santo, Jardim, Várzea Alegre, Farias Brito e Cedro são cidades onde ainda ocorrem com frequência os rituais de autoflagelação. Em Juazeiro da Bahia os grupos de penitentes têm características diferentes dos outros grupos nordestinos, entre elas o fato de aceitarem mulheres nos rituais. Elas vestem-se de branco, encapuzam-se e nos cemitérios entoam benditos para alimentar as almas, daí o nome de "alimentadeiras de almas", e incentivar a autoflagelação dos homens (18). Na ilha de Rodeadouro, no Rio São Francisco, ainda são comuns os rituais de penitências na Semana Santa e tal prática se mantém desde o séc. XVIII, na região. Ao contrário do que acontece no Cariri, onde a igreja tenta esmagar todas as formas de religiosidade popular, em Rodeadouro o padre de Petrolina benze "os chicotes usados no ritual e um cruzeiro que os penitentes costumavam rodear em procissão" (19). Afirma o padre que a prática da penitência, mesmo exagerada, trata-se de uma manifestação de fé. Tenta assim manter a Ordem de Penitentes sob o controle da Igreja, temendo que afastados possam incorrer em práticas e ritos sacrílegos. Mais de mil homens, ao longo do rio São Francisco, segundo a folclorista Isabel Marques de Souza, derramaram sangue em autoflagelação durante a Semana Santa. Fora desta data, o ritual só acontece quando morre um "irmão" da ordem. Os grupos de penitentes, tal qual acontece nas diversas regiões nordestinas, são constituídos por setores pobres e marginalizados da sociedade: barraqueiros, pequenos agricultores, vendedores ambulantes, agregados e pescadores. Purgam os pecados com os cilícios e repetem no corpo a paixão do Messias da Galiléia, que veio ao

mundo para sofrer e morrer pela salvação dos homens. Guardam um caráter secreto e é "possível identificar entre a solidariedade e o segredo de seus rituais um jeito de maçonaria primitiva" (20). Fazem procissões cantando benditos, acompanhados por assobios e bater de matracas, cobrem os rostos com toalhas brancas, vestem saias e retalham as costas nuas até as vestes tingirem-se de vermelho. Só os homens com mais de 18 anos podem participar dos rituais, aos adolescentes é permitido ficarem como observadores e pouco a pouco, irem se iniciando nos segredos e ensinamentos da irmandade.

Considerados irmãos, todos iguados na mesma condição, os membros da Ordem de Penitentes levam uma vida moral rigorosa, proibidos que são de beber, jogar, dançar, fumar e fazer desordens. "Qualquer desobediência a estas regras é passível primeiro de advertência, depois de suspensão e finalmente de expulsão do grupo" (21), o que o afasta do convívio social com os cujos membros da ordem. Se a função religiosa da penitência é a purgação dos pecados dos homens e o refrigério das almas do purgatório, como forma de purificação dos vivos e dos mortos, tem por outro lado uma função de controle social da comunidade, concorrendo uma manutenção da ordem e da harmonia social nos pequenos povoados. A penitência "constitui uma das maneiras de se obrigar os indivíduos a terem os comportamentos julgados mais desejáveis pela comunidade. Sua importância maior está justamente nesta inculcação de condutas e em seu papel de controle, promovendo a existência de acordo com

18 — Revista Veja, Editora Abril, 15/03/1978, pág. 54.

19 — Idem, 29/04/1981, pág. 48.

20 — Idem, ibidem.

21 — Maria Isaura Pereira de Queiroz, O Camponato Brasileiro, Editora Vozes, 2ª edição, Petrópolis, 1973, pág. 173.

determinada concepção moral. Constitui, pois, um dos meios de se promover a harmonia interior da comunidade, pelo afastamento de maneiras de ser consideradas nocivas ao bem-estar social". (22)

Outro aspecto importante e que merece ser abordado é o fenômeno da penitência como forma de dominação imposta pela classe dominante. Isoladas geograficamente, usadas como mão-de-obra semi-escrava, sem educação e sem serviços médicos, sem quase nenhuma participação nos destinos sócio-político econômicos nacionais, as populações rurais nordestinas sofreram um retardamento no seu processo civilizatório. A religião católica oficial ou burguesa, desde o início da colonização, foi um instrumento usado pela classe dominante para impor uma ideologia que justificasse a opressão. Muitas vezes o povo tentou revirar esta ideologia, usar a religião como forma de contestação e até como catalizadora de lutas armadas, tal como aconteceu nos movimentos messiânicos populares (Canudos e Caldeirão do beato José Lourenço, por ex.), mas permanecem signos e cosmovisões impostas ideologicamente. É nos vastos impérios dos latifúndios que brotam as ordens de penitentes, frutos da miséria e da exploração. O camponês nordestino é homem marcado pelo sofrimento, a terra lhe é hostil, e sua dívida, através das relações de trabalho, é a fome e a morte. As secas periódicas ceifam o verde das árvores e a seiva da vida, sem que o camponês tenha condições de transformar a realidade possível de ser transformada. O latifundiário, explorando a força de trabalho do camponês, marca-lhe o destino e sela-lhe a desgraça. As ordens religiosas populares tornam-se elementos de solidariedade grupal e é reunindo-se nestes rituais de morte e expiação, nos grupos messiânicos e nos movimentos de religiosidade rústica, que o camponês toma conhecimento, de forma trágica, da sua mi-

ITAYTERA

séria e da sua opressão. Esta religiosidade que, dentro de princípios marxistas, é "produto da perversão do Estado e da Sociedade em sua forma concreta, imperfeita, injusta e desumana", torna-se uma das poucas armas que resta ao oprimido e, contraditoriamente, muitas vezes é com ela que ele passa a sentir a vida e enxergar sua condição de explorado. Se a propriedade semifeudal havia dispersado e subjugado o camponês, o "seu único elemento congregado só podia ser as seitas semibárbaras que abraçavam, como uma réplica à religião dominante. Esta, a serviço das classes dominantes, constituía um fator dispersivo, pois o que mais temiam os senhores de terra eram possíveis ajuntamentos fora de seu estreito controle" (23). O termo "fanático", empregado para classificar os membros das ordens de penitentes ou dos grupos religiosos populares, é apenas uma máscara de um problema maior, porque toda miséria religiosa é, no pensar de Marx, por um lado, a expressão da miséria real e, por outro lado, protesto contra ela.

As ordens de penitentes rareiam no Nordeste, isto não indica que tenham diminuído nas opressões, as condições miseráveis e quase insustentáveis de vida do campesinato, mas diagnostica que os camponeses procuram, ainda timidamente, encontrar mecanismos mais eficientes na sua luta para transformar a realidade opressora. Sentem que reunidos nos sindicatos rurais, nas organizações de classe e nas comunidades de base organizadas por setores progressistas da igreja católica desencadeiam processos mais eficazes de transformação do que ferir a carne magra com as afiadas "disciplinas", nos rituais de expiação, em noites de trevas e assombrações. Este povo já sabe que pode traçar o seu destino e, grávido de amanhecer, luta.

22 — Idem, pág. 175.

23 — Rui Facó, **Cangaceiros e Fanáticos**, Editora Civilização Brasileira, 4ª edição, Rio de Janeiro, 1976, pág. 44.

Laboratório de Análises Clínicas

CÂNDIDO SANTOS

Direção { Técnica: Dra. MARIA BERNIDETE CANDIDO SANTOS
Administrativa: ANTONIO AUGUSTO LIMA SANTOS

TODOS OS
EXAMES LABORATORIAIS
DENTRO
DAS MELHORES
E MAIS
MODERNAS TÉCNICAS

RUA DR. MIGUEL LIMA VERDE, 550
CRATO • FONE: 521-0905 • CEARÁ

MOVIMENTO CULTURAL MUTART:

ARTE LIVRE,

SEM NOMENCLATURAS

E não se pode negar. De repente, enquanto as primeiras réstias ejaculadas do sol, desvirgina o silêncio oculto da madrugada, um grito ecoa e vibra pelo mais longínquo esôfago inorgânico: corredor do mundo. Desatrelando das inenarráveis entranhas, das sonecas engraçadas, o corpo grávido e incansável da nossa mãe nação.

É o Movimento Cultural Mutart que se afirma a cada gozo do sol. São os jovens libertando-se da inércia 'Geração 80'.

Arte sem moldura. Abaixo todas as manifestações de arte que bitolem a capacidade de criar e gerar o espontâneo. Sem nomenclaturas estéticas.

Arte vôo sem ar. Pois soltas ao léu, de todas infinitas pontas transcendenciais, a arte explode em desvarios, arrancando do tempo, a magia do acordar sem sono.

Arte resistência. Pois na teimosia poética, na insistência do pincel, se concentra o artista, livre e inalienável na luta proposta. A liberar excreções por um dreno comum: resíduos putrefatos de uma indigestão nacional.

Do regionalismo bravo à arte para todos os tempos e espaços, o MUTART se faz presente, impelindo o ente mágico da arte.

Ontem, Clube Literário do Crato. Hoje, Movimento Cultural Mutart. No crescimento progressivo, o reconhecimento. Mudamos de nome para melhor expressarmos o que queremos: mutação da arte, mutação nos valores culturais. É participação e consciência.

ITAYTERA

ESTÉTICAS

É a tentativa de um rompimento do marasmo reinante nesta "provincia".

Criticamos uma situação e mostramos consistência. Crítica pela crítica não é arte pela arte. E apesar das incoerências (Gritos egocêntricos megalomaniacos) e críticas insustentáveis, que insatisfeitas, tentam desvalorizar nosso trabalho, o MUTART cresce, buscando a hora e a vez do artista.

Realizamos a I ExPoeArt, onde abrimos espaço para a poesia, desenho, teatro e música. No Parque Municipal (feirinha), a exposição de mais de oitenta trabalhos entre poesias e desenhos, música da terra, por gente nossa. E a presença do poeta maior, Patativa do Assaré, que rompeu o tempo com seus versos. No Teatro Rachel de Queiroz, a estréia do nosso Grupo Teatral Torquato Neto que encenou a peça "Poemato ou do Lado de Dentro à Margem" de Rogerio Proença e Teo Leite. A peça teve um caráter informativo, a fim de mostrar alguns aspectos do que foi o movimento dos poetas marginais e, a partir daí, estabelecer uma relação entre o 'ontem' e o 'hoje', propondo assim uma nova tentativa de luta contra os valores culturais estanques. Em nenhum momento propôs a poesia marginal como alternativa, e além do mais, ser marginal é uma condição imposta, e não uma escolha como alternativa. ➡

A peça contou com a participação de Cristina Brito (poetisa), Vicente de Paulo, o fuisca (poeta), Cael (poeta), Hildegardes e Wilson Marques (guardas), Wilson Bernardo (o palhaço), Ramom (padre), Edelson, Luzineide, Roberto Bezerra, Idelcília (jovens estudantes) e Oto (homem da muleta). Teve como responsável da sounoplastia, Júlio César. Sob a direção de R. Proença e firme apoio de toda a Equipe Organizadora da I ExPoeArt.

Além da I ExPoeArt, realizamos também o I Festival de Poesias, debates, encontros semanais, noites literárias, exposições semanais da feirinha, lançamentos de boletins informativos e uma exposição de Artes Plásticas no calçadão. Tudo ainda aberto na memória.

E enquanto houver sol, haverá uma nova gestação. Enquanto houver presente, o Movimento Cultural Murtart continuará tentando. Se as portas se fecharem, nós abriremos porões. Se o tempo deixar de existir, quem sabe a arte não descobre um novo jeito de continuar? sempre é tempo.

A E Q U I P E

Vicente Teixeira, Fernando Barbosa, Rogerio Proença, Carlos Sérgio (Cael), Teo Leite, Wilson Bernardo e Eusébio Teixeira.

C O S M U N A I O S

Na imensidão do cosmo
A poesia liberta e vive
Essências de verdade
Luta para firmar-se
Pé descalço estrela
Poesia em ondas
Alimento estados mentais
Descargas interioranas
Chama incandescente do ser

Na turbulência da mente
Vida em devaneio
Na cosmosidade do ser
Permanece...

Fernando Barbosa

" H O L A N D A "

Holanda!
Triste Holanda
Teus moinhos reinam
Ao amanhecer.
Os mares invadem
Teus campos, morrendo
Antes da colheita.
Triste Holanda
Vive sobre as ondas.
Teu povo lamenta
E eu contemplo
Holanda!
Holanda!
Ímpacta Holanda
Reina sobre as ondas
gritando os moinhos
No horizonte.
Holanda!
Holanda!

Wilson Bernardo

FARRAPOS DO PODER

Hoje eu estou cercada,
e não posso fazer nada,
pois o circo está pegando fogo.
Ao meu redor, estão milhões de lobo
querendo me devorar.
As flores se despetalaram,
os pássaros se calaram,
como se com isso quisessem me salvar.
As nuvens surgiram no firmamento,
e neste momento,
não se pode mais cantar,
mas as balas de canhões
continuam zunindo no ar.
Eu perco o controle de tudo,
mesmo assim quero ficar.
O chicote da natureza desce
sobre mim,
eu quero fugir, mas não posso,
tenho que esperar o fim.
Titumbeio, esperneio, me irrita,
mas ninguém me ouve.
E assim morro nas chamas
do meu próprio egoísmo.

Maria Ferreira

REVISTA

VERSOS

Um momento poeta,
antes que a poesia
seja concluída,
quero dizer que não faço
versos por versos.
Faço versos de acontecimentos,
morte, vida.

Faço versos de palavras,
mas antes brinco e jogo
com todas as letras;
corrompo e degrado
o sentido gramatical
para no fim
dar um sentido de vida,

Faço versos de choro,
mas antes me banho e limpo
de todas as lágrimas;
seco e desligo
cada desprezível pingo
para no final
transformar a dor em sorriso.

E no término do poema
falo de uma voz, que dentro de mim,
torna-se cada vez mais forte:
**DENTRO DE CADA POETA
HÁ UM POLÍTICO.**

Vicente Teixeira

B R A B O S O L

BRASIL
PETROBRAS
BRAS
BR
BRASIL
SILÊNCIO
SOL
SOS
SOLIDARIEDADE
SO-LAMENTO
SOLEVANTAR
SONO

I LOVE BRAZIL

Carlos Sérgio (CAEL)

ITAYTERA

LUZES E CORES

Tem coisas sem fim
No mundo das formas.
Criar é preciso.
O tempo é de rebotalhos
De velhas formas intrínsecas.
Dou de ser a imaginação.
Engendrar é recriar.
É interpretar o que se vê.
Engendrar, digo, poeticamente.
(Há mais poesias
do que se possa
pressentir).
Ser poeta é ter ofício.
Rebuscar uma forma que foi esquecida
Aquela que antanho foi tentada.
Se não mais árvores existem
Sei de luzes e cores.
E com essa rutilância cromática
Faço um verso
Como uma luz no morro escuro.
Mesmo que este verso
seja torto.

Fábio Cavalcante

CONTOS DA AMÉRICA

Quando criança
quis ser rei.
Mas roubaram-me a coroa.
Foi horrível estrangeiro
Não poder sonhar!
Mas ao amanhecer acordei adulto
E percebi que o tempo havia passado.
— O que era mato
Virou civilização.
América!
Continente dos desgraçados.
Brasil!
Nação dos condenados.
Agora compreendo porque
Minha coroa roubaram.
Desta terra e desse povo
Rei. Jamais.

Wilson Bernardo

TITÂNICA

I

Teu oceano já foi verde.
Verde e cristalino.
Hoje nem sei se é cinzento...
Ou se ainda existe,
Também não sei se algum dia houve
Oceano.
...Ou pescador num oceano cinzento.
Ou peixe em oceano algum.

II

...E um coral é sedimentar.
E eu em cima do mais alto recife
Via tudo à minha volta.
Via além mar.
...E um coral é sedimentar.
Quanto mais via a erosão me
Dominava.
E olhei para o coral.
Havia bons e maus.
E o coral era um "Universo".
OBS.: Aos nossos tempos.

Gilson de Souza

NUMURO

vi uma baioneta correndo
pelo tempo sessenta e quatro
tempo trapó
vi uma fonte jorrando sangue e um [menino
mijando verde azul amarelo branco
e ergueram no infinito mastro podre
a desfacelada bandeira latina
que latrina
e o hino ao estúpido zumbido
de aviotanquonavionaveloucas
viva os palhaços deste palco brasileiro
que escorram
para nunca mais
já que no amanhecer serenou
a história que não foi contada

Rogério Proença

NOSSA ERA

Vida sem esperança...
Um cansado ancião
Uma rua a atravessar
Quantos dariam sua mão?
Muitos! jamais podemos afirmar,
Primeiro pensam passar.
Já não têm tempo
Seus objetivos estão em primeiro lugar
Persistem no lema, "cada um por si".
Mas no fundo do seu cérebro
[podemos encontrar
O verdadeiro espelho da vida.
A humanidade nunca enxergará
Que um coração amigo
É uma fonte que jamais secará.
Que para subir mais alto
E descer mais fundo,
Triunfar com menos aspereza,
É preciso contar...
Sempre com ajuda de alguém e
[compartilhar.
Cada gesto seu será, uma flor que
[nascerá
No canteiro da vida e crescerá.
Não somos iguais
Apenas devemos praticar o bem
[semelhante
Apesar de encontrarmos em flagrante.
...mais existe outra fatal escolha
Que teima seguir adiante.
Isso porque, lá dentro, no domínio
[do coração
Há uma sociedade parcialmente
[desequilibrada
Sem meios e ação
De ser controlada.

Leneide Cabral

REVISTA

SEME A DOR, ORA ESSA!

Sou a semente do semeador
Sempre vou viver assim
Dando muita vida
Hoje sou a semente
Amanhã serei fruto
Portanto vou lutar
Para continuar progredindo
Um pé me esmaga
Sobrevivi nasci
Continuarei...

Washington Barbosa

PENSO — PENSAR AJO — AGIR

Num brado,
Alto e forte,
Palavras...
Sem nexo para alguns,
Vazias para muitos,
Algumas, com sentido para uns.
Escritas ou clamadas,
Todas frenadas,
Por motivo do poder,
que a muitos faz sofrer.
O pensamento,
Se a tempo,
Não for frenado,
O caminho bloqueará.
Livre ou preso,
O pensar deve permanecer.
É este o verdadeiro
VIVER.

Fco. Roserlândio

DIVIFUT LOUCURA

Vidas soltas
Grito só
Devaneios
Morte
Posteridade inútil
x x x
Baionetas à mão
Rostos desfigurados
Sentimentos abalados
E no front
Sangue mortes

Fernando Barbosa

A R T E

(Realismo sobre a nossa arte)

A arte de mendigar
para a Arte
É mendigar da Arte
para mendigar.
ou
A arte de mendigar
É mendigar da Arte.

Eusébio Teixeira

A V E T E R R A

Rapadura é dura e doce
A verdade é assim.
O verão pousou na paisagem
Deixando no ar brilho
intenso
A intenção
De que não veio apenas
Salpicar de sons...
Ave nave terra mãe vaca
A casa de todas as cidades.
Um raio de vida
Se apaixonou por mim.

Geraldo Urano

P R O C U R A

Sentado no meu quarto
Estou correndo para me encontrar,
Nessa busca constante tentando achar.
Indo com um pensamento vazio
Luto e prossigo minha caminhada.
Canso-me por não me descobrir,
Fugir agora é impossível
Acordo e percebo que não estou aqui,
Mas lá onde devo estar?
Me bato, mesmo assim inútil,
Não me encontrei dessa forma.
Já estou suado e muito cansado,
Minha mente por um instante esquenta
Quando percebo que estou no meu
[quarto.

Eusébio Teixeira

REVISTA

V I B R A Ç Õ E S

O momento tornou-se um momento
O momento parou no tempo
O tempo tornou-se o nada
O nada gerou o momento

O poeta caminhou ao nada
Pois o nada já é
O momento superou o poeta
E o seu verso louvou o momento

Ambos buscavam o mesmo intento
O momento buscou o tempo
O tempo buscou o momento
O poeta buscou o momento e o tempo

Momento poeta tempo
Uniram-se no universo da imaginação
O poeta viveu o tempo
E o momento transformou em poesia.

João Ernesto (Djavan)

O V O - L U A

Ovo-lua
No ninho branco e dourado
Em pleno ar.
Oh! não te posso levar
Para aquela
Menininha do harlem brincar.
Pepita negra a brilhar.
Meu coração mergulha
Num cha cha cha cha.
Criança é grande como mar.
O mar tem um jeito infantil.
São bem parecidos
Menina e mar
Mar e menina
Terra galinha linda.
Ovo-lua.

Geraldo Urano

C A N Ç Ã O

Primeiro eu não tinha a mente,
mas veio a vida e
eu fiz os raciocínios.
depois não tinha os olhos,
mas veio a luz e
eu fiz o rosto.
Estava sem mãos,
mas veio os atos e
eu fiz os braços.
E de vida, luz, atos e muito mais,
eu fiz um ser dotado
de sentidos e sentimentos.
Nada é longe, basta querer.

Vicente Teixeira

um ecologista pisa na grama verde
do central park
new york é um saco
prefiro pisar na grama seca da
praça da sé
e/ou
na cética gramática
e/ou
na nostálgica tentação:
— noites de domingo
festa da padroeira
comícios políticos
natal
etc.
procuro há muito tempo
o x s
i
x s
da questão
(ah! nostálgica tentação...)

carlos rafael

Tip. e Papelaria do CARIRI

Dr. João Pessoa, 380 - FONE: 521-1223 - CRATO-Ce.

onde a sua
IMPRESSÃO
causa uma boa
impressão...

ALIANÇA DE OURO S. A.

MATERIAL DE CONSTRUÇÃO
— E MATERIAL ELÉTRICO —

DISTRIBUIDORES DA:

Cia. Siderúrgica Nacional
CHAPAS PRETAS E GALVANIZADAS

Cia. Goodyear do Brasil
Produtos de Borracha: CORREIAS
MANGUEIRAS para todos os fins.

Implementos agrícolas e industriais: Tratores e
Motores AGRALE • Carretas • Arados • Sulcadores

MATRIZ: Rua São Pedro, 379

Fones: 511-1888 — 511-1470 — 511-0344

FILIAIS: Rua São Pedro, 839

Fone: 511-1709

Com Máquinas OLIVETTI, Mecânicas, Eletrônicas, para
Escrever e Calcular — Móveis para Escritório, etc.

POLICULTOR CEMAG — Um novo conceito
em equipamentos de tração animal.

Rua São Francisco, 311 • Fone: 511-2753

JUAZEIRO DO NORTE — CEARÁ

Flávio Barreto,

uma jovem liderança no comando do setor pesqueiro cearense!

A frente da Superintendência do Desenvolvimento da Pesca no Ceará, desde 1976, e sendo talvez um dos mais jovens representantes estaduais da autarquia federal, José Flávio Barreto de Melo tem conseguido manter um estreito relacionamento com os empresários do setor pesqueiro, a fim de consolidar cada vez este segmento econômico que hoje responde com um índice considerado satisfatório no Produto Interno Bruto. Com livre acesso nos gabinetes de Brasília, e largo conceito na esfera federal Flávio Barreto tem conseguido manter o Estado numa condição privilegiada ante a execução dos Programas, principalmente do PROPESCA (Programa Nacional da Pesca) que já conseguiu beneficiar várias empresas do setor, e o mais importante — é atualmente uma das principais fonte de recursos capaz de estruturar e diversificar a área pesqueira cearense (só para se ter uma idéia dessa forte participação de Flávio Barreto o Ceará foi o primeiro Estado a ser beneficiado com o PROPESCA e continua sendo o 1º em investimento do Programa).

ITAYTERA

Engenheiro Agrônomo, formado pela Universidade Federal do Ceará, e Bacharel em Administração Pública pela Universidade Estadual Flávio Barreto mesmo como acadêmico foi se interessando pela pesquisa na área agrícola, mais especificamente na pesca. Participando como estudante de diversos Seminários, reuniões e outros eventos ligados ao setor.

ENTROSAMENTO

A amizade e o entrosamento com a classe de pescadores, fizeram com que Flávio Barreto recebesse em 1978 o título de Sócio Benemérito conferido pela Colônia de Pescadores Mucuripe Z-8. Mesmo contrariando o pensamento dos empresários no cumprimento da Portaria da Sudepe, em que fixava a paralisação da pesca em três meses, e depois passando para sessenta dias, Coordenador local sempre defendeu a tese que a Sudepe estava disposta a negociar com os armadores para melhor preservar a lagosta — considerado o produto mais nobre da pesca. E, em todos os programas de incentivo a pesca José Flávio tem sido o porta-voz incansável entre empresários e Governo sempre no sentido de carrear mais recursos para o Ceará, que hoje torna-se o Estado de maior representação de divisas no setor pesqueiro no País, participando com quase 50 por cento do total exportado no Brasil.

Como profissional José Flávio Barreto de Melo realizou treinamento sobre o combate a praga de algodão;

Rômulo Oliveira

A DIFÍCIL ARTE DE RETRATAR

A arte de Rômulo Oliveira será mostrada pela primeira vez aos cearenses na individual a ser realizada ainda este mês nos salões do Ideal Clube. São 50 quadros, óleo sobre tela, abordando o tema "o circo", além de uma mostra à parte de 30 trabalhos escolhidos entre os 600 retratos pintados pelo artista. A individual se constitui, portanto, em uma repassada no trabalho feito nos últimos três anos, onde a arte de retratar caminhou lado a lado com a criação

livre. Paralela a exposição no Ideal, Rômulo já pensa e planeja a próxima mostra que deverá se realizar em Brasília.

Cearense da cidade do Crato, Rômulo Oliveira, desde cedo, sentia fascínio pela pintura. As influências vieram por parte de um tio pintor e da mãe retratista. "Durante horas ficava observando meu tio debruçado sobre a tela. Nos meus seis anos de idade a pintura já exercia sobre mim um estranho fascínio. Retratar figuras foi

promoveu cursos sobre a Criação e Manejo de suínos aos suinocultores; ministrou vários cursos como extensionista quando integrando aos quadros da EMATER-MA; foi diretor de Estudos e Pesquisas da SUNAB-CE e Assessor Técnico de EMATER-CE, a qual é vinculado até hoje. Além de ter proferido, já como Coordenador estadual da Sudepe, várias conferências, enfocando sempre o tema — O Desenvolvimento da Pesca no Ceará, podendo-se aqui citar como placas de suas palestras, a UFC, a Associação Comercial do Ceará, a 10ª Região Militar, o Curso de Eng^a de Pesca, o Compase, dentre outros.

Entre os seminários que já participou destacam-se o I Encontro Nacional de Pesquisa Pesqueira, realizado na Sudepe; V Simpósio Latino Americano sobre Oceanografia Biológica — realizado em São Paulo; I Semana sobre Ecologia e Preservação de Recursos Naturais promovido pelo DNOCS/Universidade Federal do Ceará e Sudec.

Participante do I Simpósio sobre Cultivo de Camarão, Natal — RN, Curso Pré-Serviço em Extensão Rural, em Recife-Pe, Curso de Comercialização e Financiamento Agrícola pela Fundação Getúlio Vargas — Rio-RJ, Cursos de Refrigeração na UNICAMP, Campinas-SP, participou de diversos Congressos de Agronomia, de vários Simpósios sobre pesca e piscicultura como também na área da administração pública.

O Coordenador da Sudepe no Ceará, foi também promotor do I encontro de Pesca Artesanal do Ceará, do I encontro de Pesquisa Pesqueira do Estado e do I encontro de Piscicultura da Região Nordeste realizado em Fortaleza, afora ter tido participação juntamente com a CEPA/CE, na elaboração do capítulo pesca do PLAMEG II.

(*) EMATER-MA; foi diretor de Estudos e Pesquisas da SUNAB-CE e Assessor Técnico da EMATER-CE, a qual é vinculado até hoje.

"O POVO" 16 de outubro de 1983

um processo que chegou muito tempo depois, apesar de ter recebido desde criança influências da minha mãe, uma verdadeira retratista". Porém a definição pelo processo de retratar pessoas, veio quando pintou o retrato da escritora cearense Rachel de Queiroz, de quem recebeu muito estímulo para prosseguir.

RETRATAR

Pintar retratos, entretanto, não se constitui no forte de Rômulo. É um processo desgastante para o artista. As pessoas retratadas exigem muito, querem que o artista realize verdadeiros milagres de embelezamento na tela, "dentro desse aspecto vivencial", Rômulo tem muitas histórias a contar sobre o "discreto charme da burguesia". Os tiques, as manias de cada retratado, chegam mesmo a se tornar engraçadas. "As pessoas fazem sempre muitas exigências quando estão sendo pintadas. Uma hora é para tirar uma ruga, na outra, mudar o tom do batom, o modelo do vestido e por aí a fora. Certa vez fui retratar uma senhora dos seus quarenta anos que queria aparentar uns 16, com todas as rugas, papadas e mil plásticas".

E as histórias vão desde a mulher que pretende ser retratada nua e o marido fica de plantão ao lado dela, até a mulher miope que fica esfregando o rosto na tela e perguntando se ficou parecida. Histórias a parte, Rômulo no momento de retratar as pessoas procura sempre captar seu interior, para ter um certo conhecimento da pessoa que convive dentro do seu processo de criação. Mas o artista tem também as suas manias, por exemplo a música no ambiente de trabalho é indispensável, e só pinta descalço.

Pintar não é fotografar, por isso o artista deve ter uma sensibilidade muito aguçada para não perder nenhuma nuance da figura pintada. Rômulo chega a compor um quadro por dia, embora o ideal para ele

fosse o prolongamento do tempo que daria um maior rendimento ao trabalho. Naturalidade é essencial e o artista precisa que o quadro depois de pronto tenha "respiração". "A minha arte é uma coisa sentida, um pedaço de mim. Pode ser que ninguém goste, mas eu gosto".

ESTILO

Sem muito apego ao estilo acadêmico das escolas de arte, Rômulo tem, entretanto, um estilo definido na marca pessoal dos seus traços, o que faz qualquer peça de sua obra ser reconhecida. Preocupado, no momento, apenas com a liberdade de criação, o artista vai se soltando no seu processo artístico e procurando fazer uma pintura que transmita alguma mensagem para as pessoas. Dividido entre a criação livre e a arte de retratar, Rômulo pinta na proporção de três quadros e um retrato. Uma forma de compensar o desgaste da retratação que castra um pouco a desenvoltura do artista.

Voltando do Rio, onde morou 15 anos e passou por uma fase em que a pintura tornou-se apenas um hobby, ele começa a explorar o mercado de arte de Fortaleza. Um campo para ele bastante promissor. Explorar o circo, a princípio, é uma proposta de retorno a infância e ao mundo do circo com tudo que ele representa para as pessoas. As mudanças que vão ocorrendo na vida do artista levam ao enquadramento numa pintura de contraste, de denúncia social que sirva como "um tapa na cara das pessoas", além de entrar numa fase em que as cores e os tons assumam uma proximidade com a transparência.

Os sonhos são muitos e variados. Entre eles, dois muito especiais; a fundação de uma creche que atenda a crianças carentes e um dia poder retratar a Fafá de Belém.

Diário do Nordeste — 24-04-1983

(Odusva'do Portugal Paiva)

SARGENTO GETÚLIO

uma narrativa cômica e dramática, que culmina em três fantásticos monólogos do Sargento, quando este entra definitivamente em processo de loucura". Sob a direção de Hermano Penna, Lima Duarte teve absoluta liberdade de criar, como explica o diretor: "Sou daqueles diretores que

UMA PROFUNDA VISÃO DO HOMEM NORDESTINO

* O FESTIVAL DE GRAMADO

Com uma recepção consagrada do público, da crítica especializada e do júri, o filme Sargento Getúlio, do cearense Hermano Penna, foi o grande vencedor do XI Festival de Cinema de Gramado (Rio Grande do Sul), o mais importante festival de cinema do País. Lima Duarte, ator principal do filme, recebeu o prêmio de melhor ator e Orlando Vieira, o de melhor ator coadjuvante. Visivelmente feliz, mas demonstrando muita modéstia, Hermano Penna falou, em entrevista coletiva à imprensa: "Fiz Sargento Getúlio com uma visão de documentarista. É um documentário sobre o livro de João Ubaldo. Esse filme me ajuda numa guerra pessoal contra o preconceito em relação a um certo cinema ligado ao Homem do campo, que ninguém quer financiar, garantindo que um tema rural não interessa ao mercado". Abordando tema marginalizado, com pouco dinheiro, o jovem diretor realizou um grande filme. No debate realizado após a exibição de "Sargento Getúlio", ocasião em que a platéia aplaudiu de pé, todos foram unânimes em considerá-lo o melhor filme do Festival e um resgate de emoção e brasilidade no Cinema Brasileiro. Lima Duarte comoveu a todos "com

acredita piamente na liberdade do ator e confiava plenamente no Lima Duarte. Neste sentido, embora tenhamos feito um trabalho brechtiano, na maneira de condução de todo o trabalho, demos inteira liberdade a Lima Duarte". Afirma ainda que "a violência enfocada pelo filme, embora situada na década de 40, ainda é presente na realidade brasileira" (Vide o coronelismo nordestino e os esquadrões da morte urbanos). João Ubaldo, autor do romance, a partir do qual foi criado o roteiro do filme, interveio durante o debate para afirmar: "Lima Duarte estragou meu romance, eu sempre ficava imaginando como seria esse meu personagem, que rosto, que feições teria. Agora só consigo imaginá-lo com o corpo e a voz de Lima". Já o Lima Duarte, aplaudido onde chegava, falou sobre o "Sargento Getúlio": "Ele não é um sujeito totalmente mau. Tem seu código de honra, sua responsabilidade. Ele também é uma vítima; matador profissional, capanga a serviço dos coronéis, ele se depara, ao cumprir uma missão, como as modificações que se operam na política do sertão. Perde suas referências e enlouquece. No novo quadro de valores e poder, ele fica marginalizado". Prossegue: "Resolvi ali ser um ator brasileiro, porque os sotaques de escolha estran-

geiros me incomodam muito. Ocorre que, como mineiro, me interessei desde cedo em aprender as várias pronúncias da fala brasileira, e isso me foi muito válido para Sargento Getúlio". Grande Otelo, presente ao Festival, emocionado, exclamou: "Este é o melhor caminho para o cinema brasileiro conquistar o mercado internacional, na hora em que perde crescentemente o mercado interno, por culpa da censura, do comodismo dos espectadores e da inépcia de alguns realizadores".

"Sargento Getúlio" ganhou ao todo seis prêmios neste Festival, recebendo no seu encerramento o troféu Kikito, símbolo do certame, e um cheque das mãos do governador Jair Soares, que levou uma vaia ao subir ao palco para entregar o prêmio a Hermano Penna. Coisas que acontecem. Além dos vários troféus, "Sargento Getúlio" foi comprado por seis milhões de cruzeiros para exibição no Uruguai (resta saber se a censura de lá vai liberar o filme para exibição) e convidado para participar de vários festivais internacionais. Tem sua estréia nacional marcada para a segunda quinzena de abril, inaugurando uma das novas salas do Cine Belas-Artes e será, depois, com distribuição da Embrafilme, exibido em todo o País.

* O LIVRO DE JOÃO UBALDO

"Sargento Getúlio, o romance de João Ubaldo, é um clássico da literatura brasileira ao lado de "Grande Sertão — Veredas", de Guimarães Rosa, "Os Sertões", de Euclides da Cunha, e "Vidas Secas", de Graciliano Ramos. Profunda e contundente visão do Homem nordestino. Jorge Amado escreveu: "Agora temos em nossa frente um romance que exige grandes adjetivos: um senhor romance. Um romance duro, dilacerante, por vezes terrível, de extrema humanidade. A figura de Sargento Getúlio se levanta com uma força de criação raras vezes alcançada no romance brasileiro". Com sucessivas

edições no mercado editorial brasileiro, o romance de João Ubaldo, traduzido, firmou-se em vários países, onde alcançou imediato sucesso. Algumas críticas: "Um Romance esplêndido" (Revista Newsweek), "Livro de uma vez só; seu tom poético e apaixonante assombrou-me: li-o então uma segunda vez" (Bárbara Salamon, do "New York Times"), "O mais vital, impetuoso, vibrante e atraente herói pan-americano" ("Los Angeles Times"), "Obra espantosa, violenta, exacerbada, terra-a-terra, dolorosa, fantástica. Revelação, em suma, de um grande escritor" (Editora Gallimard, França). O Diretor do filme compara a obra de João Ubaldo a "Macbeth, Iliada e Dom Quixote. João Ubaldo projeta-se como um dos mais talentosos e inovadores escritores brasileiros, com uma obra enraizada para o Homem universal. Sua obra "Sargento Getúlio" já foi cogitada para ser filmada por Glauber Rocha, Rui Guerra e Rui Polonah, o que não chegou a ser concretizado, cabendo a Hermano Penna esta tarefa, que, inclusive, já comprou os direitos para cinema do próximo livro do autor.

* O FILME

"Sargento Getúlio" foi realizado, no sertão sergipano, no ano de 1978. A Blimp Filmes, que na época fazia adaptações para cinema da moderna literatura brasileira, convidou Hermano para dirigir um longa-metragem. Com roteiro realizado juntamente com Flávio Porto, a pequena quantia de Cr\$ 2 milhões, poucos atores e uma pequena equipe técnica, Hermano inicia a difícil tarefa. Sinopse do filme: "Nesta história, o Sargento Getúlio leva um preso, inimigo político do seu chefe, de Paulo Afonso a Aracaju. O velho carro crivado de balas bamboleia na péssima estrada do sertão sergipano de fins dos anos 40. Amaro, o motorista, e o preso escutam o falar sem-fim do velho sargento. À viagem segue até o mo-

mento em que emissários vindos da capital informaram a Getúlio que as coisas mudaram. Uma reviravolta completa no panorama político. O preso torna-se incômodo para seu chefe. Sem entender as mudanças, obstinado na lealdade ao chefe, não aceita as contra-ordens. Perseguido e abandonado, Getúlio luta contra tudo e contra todos. Ao mesmo tempo, viaja em seu interior procurando respostas para seu drama. Vê na confirmação da viagem seu único sentido de existência. Olha da Barra dos Coqueiros a pacata Capital. No horizonte, em sua direção, a tropa imensa. Um aboio de morte na beira do mar". Já com vasta experiência em filmes de curta e média-metragem, para Hermano realizar "Sargento Getúlio" foi "a descoberta de um reencontro com o profundo de minhas raízes, sou do sertão do Ceará". O filme narrado como uma saga épica, é um profundo mergulho no inconsciente do Homem nordestino. O jagunço é uma das faces do beato e vice-versa. Destino de bicho brabo como a segura das pedras lambidas pela língua do sol. Sargento Getúlio é ao mesmo tempo carrasco e vítima, herói e anti-herói; destino forjado nos carrapichos do drama e antideestino do Homem que não compreende a trama e dinamicidade da história. Carrega o preso, cumprindo ordens, jagunço é a única coisa que aprendeu a ser. Como soltar o preso? O sargento não compreende a complexidade das situações políticas. Não recebera ordens de levar o preso até Aracajú?

O sargento se rebela, tortura o preso com indizível raiva, enquanto derrama a sua memória num falar sem-fim... sua história, sua vida, sua dor, linguagem de água barrenta em fúria de enxurrada. Um Dom Quixote ao avesso, um Prometeu caboclo encarnando uma tragédia grega nordestinada, a descoberta do fogo da fúria no dilacerante aboio que arranca

como vísceras do seu inconsciente coletivo. As tropas do governo avançam sobre ele e sua presa na Barra dos Coqueiros, a poucos metros da capital, onde se cumpriria sua missão de entregar o preso, que torturado o torturava, e pesava na alma como um fardo de cardos e afiados espinhos. O terrível e humano aboio.

Hermano fez um cinema avançado, com estética e conteúdo integrados na mostra do real/ficção, a partir das valiosas contribuições do "cinema novo". Rompeu com o chamado "filmão", com a imbecilização colonizada das chamadas produções hollyveracruz (no dizer de Firmino Holanda). Realizou um filme descolonizado e descolonizador, aponta necessários caminhos. Conseguiu, com uma máquina 16 mm, um gravador Nagra, talento e competência, atores e técnicos unidos numa mesma busca, mostrar, com arte e emoção, as contradições, as fraquezas e as forças do Homem nordestino: jagunço e camponês espoliado, vaqueiro e boi, algoz e vítima, nos vastos currais dos latifúndios, onde vida e morte se fundem num mesmo canto e os "coronéis" até hoje imperam e mantêm o povo acorrentado a relações de trabalho desumanas e semi-feudais. Fala Hermano Penna: "Fazer o filme. Sergipe, Sergipe, uma viagem da caatinga ao mar. O encontro com Lima Duarte, que já trazia uma paixão furiosa pelo livro de João Ubaldo. Sentir a película materializar as emoções criadoras, quando alguém fala Câmara. Ação. Atores. A câmera de Walter desliza para documentar a ação criada pelos atores. Ao meu lado, um gato se espicha. É Mário Masetti, fazendo som direto.

"Silêncio sagrado. É um filme sendo feito. Álvaro está pelas ruas superando a fraqueza de recursos".

"Montagem. Laércio, corta e cria tempos".

"A música é como diz José Luiz Penna: 'Estava no rosto de Lima, no

chão de Sergipe, na memória de João Ubaldo'. Ela é um dos componentes fundamentais da escritura do filme. Sua concepção vem lá das experiências mais válidas do distanciamento brechtiano. Ela abandona a idéia corriqueira de suporte dramático para empatia da cena. É irmã e retoma experiências do cinema brasileiro".

"A unidade de todas estas emoções criadoras, realizaram esta fábula **narrada em popular. Uma manifestação desbragadamente popular.** Que finalmente, vai dar o seu grande salto. De filme para cinema. Isto é, levar o filme para ser recriado pela consciência e pelas emoções de uma plateia". Antes, porém, de o filme ser premiado em Gramado e poder agora passar "pela consciência e pelas emoções de uma plateia", durante quatro anos o cineasta lutou pela ampliação do seu filme para bitola de 35 mm. Bateu nas portas da bu(rrice)rocracia brasileira e era sempre despachado com a alegação de que o seu filme "não daria bilheteria". A nova diretoria da Embrafilme enxergou mais longe, apostou no filme e na inteligência, financiando a ampliação do filme nos Estados Unidos da América. Vitória de todos, do Hermano, da Embrafilme e, principalmente, do espectador brasileiro, que poderá agora assistir a um dos maiores filmes brasileiros, antes condenado (por preconceito de bitola) ao circuito alternativo dos cine-clubes.

* HERMANO PENNA — BREVE TRAJETÓRIA

Cearense, filho do Crato, região do Cariri, onde se gravaram em sua mente as imagens dos primeiros filmes vistos nas projeções do velho "Cine Cassino": "Cinema-ação se confundindo com o engolidor de fogo da feira, o trapézio do circo, os espetáculos da Semana Santa. Enredos e feitos do sertão. Vaqueiros das vaquejadas..." Depois de rápida passagem por Fortaleza, arribou para Salvador, onde já se discutia, se fazia

e se brigava por cinema. Barroco-afro, também sertão/caboclagem, sangue/cangaço/ misticismo se derramando no Atlântico. "Cinema da Bahia, ação cultural, consciência do Brasil. Consciência do Cinema". Sangue mestiço ardendo nas veias, fome/destino de caminhos, Hermano aporta nas asas da ave do planalto central, fazer cinema em Brasília. Estudos de xilografatura e desenho, cursos de fotografia e teatro, Instituto Central de Artes. Inicia-se no cinema, faz de tudo: carregador de tripé, assistente de cenografia, electricista, maquinista, técnico de som... Dirige os primeiros curtas e fotografa filmes de amigos. Inicia as filmagens de "CPI do Índio", sobre o genocídio dos povos indígenas, interrompido pelo Al-5. Matulão cigano, alperga cariri/tapuia. São Paulo é o grande Quilombo, encontro de muitas raças, muitos sonhos, muitas tragédias. Complexo universo onde mergulha. "profeta da fome", com uma idéia na cabeça: fazer cinema. Diz Hermano, falando sobre seu trabalho: "Profissão: cinema. Jorge Bodansky; co-produção, co-direção, co-argumento (Iracema, por exemplo). Gente da Blimp Filmes. Cinema e televisão: Direção de documentários — **A Mulher no Cangaço, Raso da Catarina, África-Mundo Novo, Lei dos Estrangeiros** etc. E tudo continua, **Ori de Raquel, Tatus, Noites Paraguaianas...** fotografias, roteiros. Os filmes do Cariri: **Dona Cixa, Patativa, Pe. Agio.** Outros filmes: "O Outro Olho de Lampião", "Salve Yemanjá do Brasil". Projeto: "Caldeirão", histórias dos sertões de onde vim".

* HERMANO E O CEARÁ

Muito tempo nas terras do Centro-Sul. Na década de setenta, Hermano volta ao Ceará, para trabalho, integrando as equipes de Escorel e Geraldo Sarno, que realizavam filmes sobre a cultura popular do Cariri. Em 1979 vem fotografar, em Juazeiro do Norte, "Dona Cixa do Barro Cru".

dirigido por Jefferson Júnior. 1980 — Jefferson Júnior, Rosemberg Cariry e Jackson Bantim fundam a Cariri Filmes. Realização de vários curta e média-metragens em super-B. Firmino Holanda dá a maior força. Hermano é convidado para fotografar os filmes "Músicos Camponeses" (direção de Jefferson Júnior, assistência de Rosemberg) e "Patativa do Assaré — O Poeta do Povo" (de Jefferson e Rosemberg), realizações em 16 mm para posterior ampliação em 35 mm. A equipe se integra, alguma coisa no ar. Hermano passa a integrar o conselho editorial do Jornal "Nação Cariri". As idéias fervem inovadoras, surge o projeto do I Panorama do Cinema Cearense, realizado no mesmo ano, numa promoção conjunta da Associne (hoje ABD) e do Cinema de Arte Universitário/ UFC. Hermano mostra os filmes "Mulher no Cangaço", "África, Mundo Novo", "Raso da Catarina", "CPI do Índio" e "Sargento Getúlio", filmes em 16 mm. Reúne para debates cineastas cearenses, sem preconceitos de bitolas,

e propõe a criação da Associação Brasileira de Documentaristas — ABD — seção Ceará. Funda-se a ABD: Francis Vale, Marcus Guilherme, Firmino Holanda, Régis Frota, Nirtton Venâncio, Heliomar Abraão, Rosemberg, Jefferson, Robson Azevedo, Gil Grangeiro, entre outros. Hermano Penna defende um cinema descentralizado, descolonizado, de baixo custo, voltado para os interesses reais do povo brasileiro. Filme real/ ficção, resgate da memória cultural, avanço a partir do conhecimento histórico e da realidade contemporânea. Muitos projetos e realizações. Vieram os prêmios de Gramado. Hermano tornou-se conhecido nacionalmente, a imprensa do Sul já fala da participação de "Sargento Getúlio" nos festivais de "Cannes", "Moscou" e "Veneza". Novos prêmios com certeza virão. Hermano tem planos de realizar filmes no Ceará, trabalhar nesta região periférica chamada Nordeste. Breve estará aqui conversando com os cineastas da terra. Aguardem a estréia de "Sargento Getúlio".

PREFIRA PARA SEUS SERVIÇOS GRÁFICOS A Tip. e Papelaria do CARIRI

UMA TRADIÇÃO QUE SE IMPÕE!

Preços Módicos, Perfeição
e Rapidez fazem da

Tip. e Papelaria do CARIRI

a mais criteriosa empresa gráfica do Cariri

Rua Dr. João Pessoa, 380 - FONE: 521-1223 - CRATO-Ce.

O conceituado artista plástico SÉRVULO ESMERALDO foi recentemente comentado pelas revistas ISTO É, VEJA e VISÃO — dentro de um mês, depois foi a São Paulo receber o PRÊMIO NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS, como o ARTISTA PLÁSTICO DO ANO.

O "Diário do Nordeste" também a ele se referiu, em judicioso comentário.

Vejamos o teor desses comentários:

Beleza sólida, sem emoção

Quem vai hoje em dia a Fortaleza encontra pela cidade diversos monumentos moderníssimos, assinados por Sérvulo Esmeraldo. São o resultado da lua-de-mel que esse artista cearense (nascido em 1929) vive com sua terra, desde que voltou, há cinco anos, da Europa. O monumento mais estranho é uma espécie de "V" muito aberto, feito com tubos de esgoto de imensas dimensões. Com esse material pouco ortodoxo, Sérvulo conseguiu criar uma obra rigorosamente construtiva, em que a força da estrutura geométrica e a concepção inteligente predominam sobre a expressão de emoções. Aliás, expressar emoções não é, definitivamente, o propósito de Sérvulo quando faz arte. Ele prefere oferecer ao espectador uma experiência visual objetiva, sóbria, equilibrada, à qual — independentemente de sua contemporaneidade — se poderia aplicar o termo "clássico".

É claro que, até chegar a esse ponto de equilíbrio, Sérvulo percorreu um longo itinerário. Na verdade, quando se mudou, em 1957, para a França, ele era um gravador. Mas mesmo na obra gráfica já deixava transparecer seu esprit de clarté, seu

ITAYTERA

Sérvulo
Esmeraldo

fascínio pela luminosidade e lucidez, pela clareza de intenções e resultados. tudo animado por um pensamento cartesiano e organizado. São essas as características do temperamento de Sérvulo Esmeraldo que vêm mais vigorosamente à tona em suas recentes esculturas. Construções geométricas muito simples (embora resultem de uma pesquisa evidentemente sofisticada e complexa), elas são feitas em chapas metálicas pintadas de preto, que formam sólidos de múltiplas arestas. Não há nenhuma concessão. Curiosamente, as peças dão ao mesmo tempo impressões de leveza e concretude. Marcam sua presença legitimamente escultórica, até quando têm pequenas dimensões. E são sempre imponentes, sem nenhuma imposição. Nunca sua limpidez é decorativa. E, se essas obras acabam sendo belas, não é porque o artista tenha pensado nelas com um agrado aos sentidos. Muito antes, seria porque existe uma beleza implícita em tudo o que é fundamentalmente ordenado. Da mesma maneira, são belos os cristais, as moléculas, os organismos marinhos e o próprio movimento impecável dos astros. A emoção que a escultura de Sérvulo acaba provocando não tem nada a ver com sentimentos. É a emoção de vislumbrar a harmonia inerente ao universo.

OLIVIO TAVARES DE ARAÚJO

"Isto é" 17-11-82

A rigorosa geometria de

Sérvulo Esmeraldo

Quando o cearense Sérvulo Esmeraldo chegou a Paris, em 1957, contemplado com uma bolsa do governo francês, a regra geral ainda eram os quadros com grandes manchas dos Tachistas e as pinceladas irregulares. Isto não chegou a interessá-lo. À época trabalhando com a gravura, procurou enveredar pelo uso de formas simples e bem definidas. Ao longo dos anos, Sérvulo transformou suas imagens em relevos, em quadros-objetos que chamou de "excitáveis" — porque continham pequenos objetos que se moviam estimulados só pela eletricidade estática contida nas mãos de um observador que se aproximasse — e agora finalmente chegou às esculturas. Sua exposição na Galeria Skultura (SP), com 26 peças em folhas de aço, é a melhor prova de que há longo tempo sua produção ansiava por uma explosão no espaço.

Ao que parece, o retorno ao país fez bem a este conservado cearense de 53 anos, que trocou Paris por Fortaleza há pouco mais de dois anos. Ao chegar, precisou adaptar-se à tecnologia local. Mas descobriu que, com folhas de aço e a laqueação usada para rodas de automóvel, era possível conseguir esculturas com o acabamento cuidadoso que gostava de exigir, nas oficinas francesas.

Sua grande conquista atual entretanto são as aventuras no espaço. Na cidade de Fortaleza, conseguiu fazer várias peças em escala monumental e já tem planos para novas invenções. Mesmo com as peças menores — como as da exposição, que chegam a um máximo de 2 metros de altura —

é fácil intuir que elas certamente irão ganhar dimensões cada vez maiores. "Gostei de voltar a Fortaleza", confessa. "Mas as cidades mais novas precisavam formar um acervo de arte dos nossos dias. Além disso, era preciso que lá também já houvesse uma escola de artes."

CADERNOS NA MÃO — É difícil imaginar, ao ver a atual vitalidade de Sérvulo Esmeraldo, que em 1948 começava a fazer exposições. Ainda hoje conserva sempre consigo pequenos cadernos, bem à mão, para marcar fórmulas geométricas, esboços ou ângulos inesperados. "Escolas de arte fazem muita falta", insiste. "Tivemos a Bial a partir dos anos 50 mas nunca tivemos uma grande escola de arte."

Em Paris, apesar disso, o seu gosto pelas formas muito simples não foi compreendido por seus primeiros professores. Depois foi sucessivamente fustigado pelas correntes que mudavam a produção artística. Primeiro, abstratos informais e cinéticos, interessantes no movimento. Escapou dos virtuosismos da Optical Art e logo depois resistiu à Pop Art e à Nova Figuração. Nessa época, quem não aderiria às novas tendências realmente ficava isolado. "Eu tinha exposição em Veneza, em 1964, na Galeria Il Canale", lembra Sérvulo com um sorriso, "quando o americano Robert Rauschenberg ganhou a Bial de 1964 naquela cidade e invadiu a Europa com a Pop Art dos Estados Unidos."

Lentamente sua obra tornou-se respeitada por galeristas e colecionadores europeus. Em Paris, tornou-se um dos poucos brasileiros aceitos no mercado de arte, como é o caso do gravador Arthur Luís Piza ou do escultor Sérgio Camargo, que também já voltou a morar no Rio de Janeiro. "Agora, nesse momento, acho que sou mais útil em Fortaleza", admite. "Além disso, meu trabalho pode viajar para a Europa." Sua geometria, que sem-

ESCULTURA —

Depuração da

Forma

A escultura de Sérvulo Esmeraldo é o desaguar de seu grafismo exigente, redutivo, construtivo e minimalista, em que a forma tem o papel central como personagem que representa e é representado.

Depois de tornar-se um gravador reconhecido no exterior, notadamente na França, onde viveu por 25 anos, Sérvulo Esmeraldo segue o caminho de sua inquietação formal. Ele procura torcer a linha, criando uma emoção racional em suas esculturas delgadas, elegantes, verticais. Isso, que já existia nas dobraduras de seu grafismo, é agora feito em aço — uma

projeção da criatividade do artista no espaço tridimensional, sem perda do rigor formal de seu trabalho.

Um aspecto importante da obra atual de Sérvulo Esmeraldo é que todas as esculturas partiram de uma só matriz — um módulo —, confirmando que as peças tridimensionais constituem um "braço de mar" de seu grafismo. A estrutura de aço recebe camadas de cores escuras — marrons e pretos —, dando quase sempre a impressão visual do positivo e do negativo pela incidência da luz na superfície dos prismas.

Há uma pureza formal de linhas e de planos que torna a obra límpida, de cunho construtivo — uma rigidez realçada pela ausência de cores vivas e que contrasta e dialoga com a base de madeira. Exposição de cunho internacional, a ser vista.

ALBERTO BEUTTENMULLER

Visão, 22 de novembro de 1982

Itaytera

A
Cultura do Cariri
em REVISTA

pre foi dosada com cuidado, agora tem algumas ousadias. São triângulos que se juntam, se confrontam ou se desdobram em muitas harmonias. A cor, quando deixa o preto, oscila por noucas variações. Mas cresceram as formas e os ângulos e tantos desdobramentos nunca ficam monótonos.

Ao contrário, demonstram que, numa escultura, não é só a massa que conta mas o espaço que ela dinamiza. Aliás, é este o ponto fundamental de seu trabalho e o que torna mais interessante na exposição. Suas peças não valorizam a matéria mas acentuam a qualidade da forma. "Realmente, a matéria é apenas o meu meio de expressão", ele confessa, "a maneira de trabalhar as minhas formas." Estas

ITAYTERA

podem sugerir direções no espaço: formar pirâmides justapostas ou provocar sombras e diagonais sobre o aço. Chega a ser fascinante a capacidade de abstração da matéria em suas peças. Tanto as grandes colunas como as pequenas pirâmides sobre pedestais têm a escala monumental da escultura, mas com uma leveza e uma limpeza nas formas que apenas parecem pousar no espaço. Ele oferece essa lição de justas medidas com segurança. Se foi preciso manter uma frugal dieta de formas para obter qualidade tão alta, hoje Sérvulo Esmeraldo está recompensado.

Casimiro Xavier de Mendonça

"Veja" 24-11-82

A Arte na Praça

O sol, o vento e, principalmente, a luminosidade de Fortaleza são elementos que dão vida a escultura de Sérvulo Esmeraldo. Fincada na praça Murilo Borges, recentemente inaugurada em frente a agência metropolitana do Banco do Nordeste do Brasil, a escultura dá continuidade a uma tradição histórica interrompida há mais de meio século, quando obras de arte eram colocadas em praças públicas. Esta foi a proposta do presidente do BNB, Camilo Calazans, quando convidou Sérvulo para fazer a escultura: uma forma de fazer valer uma tradição talvez até já esquecida.

Antes, as praças ao serem construídas, ostentavam uma obra de arte como se vê, por exemplo, os leões de cimento esculpido, na praça General Tibúrcio. Após 50 anos, a escultura de Sérvulo Esmeraldo dedicada a cidade de Fortaleza, reaviva a memória do povo e conscientiza sobre o valor da tradição das obras de arte em lugares públicos. Segundo Sérvulo, já existe uma proposta de se criar uma Lei Federal determinando 2 por cento do orçamento global da construção de um prédio público, para obras de arte vinculadas ao projeto. Por enquanto nada foi acertado, mas para Sérvulo Esmeraldo, a idéia do deputado Paulo Lustosa é bastante viável.

NATUREZA

Sobre a escultura, Sérvulo explica que o preto permite reflexos e sombras que se modificam a cada instante dependendo do curso do sol. À noite, com a iluminação da lua, das estrelas e dos refletores, a escultura tem outras sombras. O preto, então, funciona como um captador de sombra e luz. Sérvulo pensa muito, calcula

e com muito jogo mental, faz tudo simétrico e lógico. Nada de aberração, o cuidado é tanto com a estética que ele estudou as condições da praça e percebeu que jamais caberia uma escultura horizontal. Isso porque o enorme prédio do BNB se destaca pela massa de concreto, dominando a extensão da praça.

A escultura moldada em aço é discreta, não agride o grande espaço e se adapta às vibrações do vento, oscilando de acordo com a sua intensidade. Mas a posição permite uma pequena vibração, o suficiente para dar vida à escultura, pois Sérvulo quer uma integração da obra de arte com a natureza. Dessa forma, a escultura necessita da luminosidade para ter contornos diversos e do vento, para ter mais vida, "ela é viva como o coqueiro" — diz Sérvulo.

CLARIDADE

E foi justamente por causa do excesso de luminosidade de nossa terra que, em 1975, quando veio de Paris, Sérvulo entrou em nova fase na sua arte. Aqui, ele percebeu que o jogo de sombras e reflexos permitiam obras de valor, aproveitando os próprios elementos da natureza. Mesmo já tendo obras de arte coloridas, como é o caso da escultura cinética em frente a loja Aldeota dos Armazéns do Sul, Sérvulo diz que sempre foi fiel ao preto e branco. "Com a luminosidade de Fortaleza, as cores são menos percebidas nas suas nuances do que em outros lugares, como em São Paulo, por exemplo" — explica.

Crato é a sua terra natal, porém durante cerca de 25 anos Sérvulo morou em Paris. Se define como artista construtivista — "deliberadamente" — enfatiza. Quando pequeno se inspirava nos caramujos e imaginava como seria sua carapuça do lado interno. Sérvulo tem uma preocupação muito grande com a organização, gosta de simplificar o que, parece ser difícil e quer sempre uma leitura

Intelectual Baiano Enaltece ITAYTERA

Correspondência do CARIRI

A propósito de notas publicadas nesta coluna sobre o último número da revista Itaytera, órgão do Instituto Cultural do Cariri, com sede no Crato, Ceará, recebemos do seu diretor J. Lindemberg de Aquino, correspondência que transcrevemos parcialmente:

"Para nós, que, com tanto esforço e inauditas dificuldades, mantemos essa revista em pleno Interior, sem recursos oficiais, é gratificante e confortador elogios como o seu, que primam pela espontaneidade e ganham mais valor e ressonância porque não constituem matéria paga, coisa tão usual, hoje, na imprensa tupiniquim. Nem foram encomendados e nem pedidos (...) Fizemos divulgação dos mesmos pelas emissoras locais, vamos transcrevê-los na próxima Itaytera e ainda os jornais da terra os reproduzirão".

Coluna: Livros do Nordeste —
Nelson de Araujo.

Jornal da Bahia, 2-9-82

fácil. Um dia pensou em ser arquiteto, porém, não chegou a cursar nem o primeiro ano da universidade. Em tempo descobriu que não era exatamente isso o que queria. Hoje, com o título de melhor escultor de 82, Sérvulo sente-se bem com o caminho que escolheu e já começa a preparar uma exposição que fará no próximo ano em Paris.

REGINA LUNA

Diário do Nordeste — 29.3.83

ITAYTERA

O Sr. Nelson de Araujo, responsável pela coluna literária do "JORNAL DA BAHIA", publicou o seguinte sobre a revista ITAYTERA, editada em Crato, na edição de 5 de Agosto de 1982:

"Revista ITAYTERA figura, hoje, entre os mais conceituados periódicos culturais do País, em sua qualidade de órgão do Instituto Cultural do Cariri. Editada na cidade do Crato, apareceu pela primeira vez em 1955 e agora vem à luz em seu 26º número, correspondente ao ano de 1982, sob a direção do jornalista e escritor J. Lindemberg de Aquino. Foi o seu principal animador o prof. J. de Figueiredo Filho, em vida um dos nomes de maior evidência nas pesquisas e estudos do folclore do Nordeste.

O editorial de apresentação deste nº 26 de ITAYTERA enumera as dificuldades que a revista tem encontrado para manter-se viva, mas é, por outro lado, um manifesto de confiança em sua importância e do seu desejo de não interromper os esforços para que continue sendo a voz cultural de sua região. "ITAYTERA é assim — observa o editorial — como fênix que se reaviva e renasce a cada ano, mais vigorosa e atuante, em benefício da documentação literária e histórica do Cariri".

Com efeito, o periódico leva a todas as partes o retrato de uma vida cultural variada, extensa e vigorosa. a do Cariri, guardando um caráter intermediário entre a revista noticiosa e de estudos, que, a nosso ver, não deve perder. Assim como conserva o amor à tipografia sem ter sido, ainda, tocada pelo mau gosto duvidoso do off-set multinacional, responsável pela morte da frágil tradição gráfica brasileira. Excelentes a impressão e a tipagem do texto desse novo número, que, com prazer, voltaremos a examinar, em seu conteúdo, em nova nota."

Plano Especial de Cidades de Porte Médio

SUGESTÕES DO CRATO

1 — SANEAMENTO

Sistema de abastecimento de água :

- 1.1. Cidade — * Novo Plano de construção de outros reservatórios
* Revisão total do sistema atual.

1.2. Distritos —

Revisão Adultoras
Ampliação Mananciais
Distribuição
Administração

2 — SISTEMA DE ESGOTAMENTO SANITARIO

- 2.1. Cidade * Revisão do projeto existente
* Conclusão do Canal do Grangeiro

2.2. Distritos Ponta da Serra

— Sist. de esgot. sanitário

D. Quintino
Santa Fé

3 — SANEAMENTO URBANO — Geral

3.1. O lixo — seu problema

- * Educação da população
- * Coleta: residências — ruas
- * Transporte
- * Tratamento e destinação final
- * Aterro sanitário:
 - * doméstico
 - * rural e urbano
 - * Usina de ind. lixo p/ as 3 cidades

3.2. Os dejetos

- * A carência de fossas
- * Educação do povo
- * Normas oficiais de construção.

3.3. Localização dos focos de moscas e muriçocas

- * água estagnada
- * canal do Grangeiro
- * vala da Tristão Gonçalves
- * esgotos domésticos

3.4. Atenção especial ao bairro Batateira:

- * Saneamento
- * Privadas
- * Filtros
- * água
- * grande reservatório
- * chafarizes

ao Alto da Penha:

- * Eliminação de favelas
- * Aberturas de ruas

À Misericórdia

- * Pavimentação
- * Saneamento

-
- * Privadas
 - * Drenagem de águas pluviais

Urbanismo

4 — PLANO DIRETOR DA CIDADE

- * Urbanização
- * Lazer, balneários
- * Crescimento, expansão, novas avenidas
- * Transito — Entrada e saídas da cidade

Distritos:

Proteção do morro do Seminário

Acesso aos morros — Seminário, Misericórdia/outros

5 — ELETRIFICAÇÃO RURAL

- * Carás
- * Riacho Verde
- * Palmeirinha dos Brito/outros

6 — ESTRADAS MUNICIPAIS

- * Crato/Santa Fé/Nova Olinda
- * Asfaltamento Crato/Riacho Fundo
- * Melhorias das estradas dos distritos

Ligação das estradas:

- * Grangeiro a Lameiro
- * Lameiro/Guaribas

Construção da estrada Santa Fé/Monte Alverne

Asfaltamento da estrada do algodão ao açude Inxu

Estudo da possibilidade de ligação da estrada de Arajara/ ao Grangeiro, pelo plano de Av. Sopedânea.

Nota: A Av. Sopedânea tem por objetivo descongestionar as ladeiras do Joquinha, Luis Teixeira e outras e o acesso fácil á cidade, pelo alcance que terá ás novas avenidas.

* Rever o projeto Felipe Ribeiro da Silva — que é um esboço do Plano Diretor, com muitas sugestões boas.

7 — COMUNICAÇÕES

A) Integração dos sitios em cada Distrito, ao serviço monocal respectivo.

B) Integração das áreas periféricas da cidade do Crato e do Distrito do Murity e do Distrito do Lameiro, ao sistema telefônico da cidade.

8 — OBRAS NECESSARIAS

- * Matadouro
- * Forum
- * Mercado Central/Mercados de bairros
- * Extinção do atual Mercado da Carne.

"Jornal da Bahia" Volta a Focalizar ITAYTERA

Na sua secção LIVROS DO NORDESTE, mo Jornal da Bahia, edição de 12 de Agosto de 1982, o intelectual baiano Nelson de Araujo voltou a focalizar a revista ITAYTERA, editada em Crato, e afirma:

"Voz de uma Região.

Em nota anterior, a propósito do nº 26 da revista ITAYTERA, chamávamos a atenção para o teor noticioso do conhecido periódico, órgão oficial do Instituto Cultural do Cariri, impresso no Crato. Efetivamente, a essa parte, bem próxima do jornalismo, é que transforma ITAYTERA em eficiente porta voz do movimento cultural da importante cidade cearense e de sua região.

Nas 200 páginas do seu número de 1982, porém, ITAYTERA insere grande número de artigos assinados, em sua maioria de autores e temas da região, juntamente com importantes documentos históricos e culturais de permanente interesse. Entre os estudos, vale destacar os seguintes:

Uma colaboração de Antônio de Alencar Araripe estuda, em profundidade, a personalidade do Almirante

Alexandrino de Alencar, ao passo que Livio Xavier aborda o problema da "Repulsa ao recrutamento" do Nordeste brasileiro, visto do ângulo histórico. Um aspecto muito pessoal da vida da cidade cearense é examinado por Amarilio Carvalho, em "Banda de Música do Crato", enquanto o massacre do bando de Lampião é examinado por José dos Anjos Dias em "A Tragédia de Angicos".

J. Lindemberg de Aquino, o Diretor da Revista, relembra, em artigo, a figura cratense de Fenelon Bomilcar. De muito bom nível o ensio de Francisco de Assis Souza Lima, sobre o romance tradicional "Faustina", assim como o estudo de Abelardo Montenegro sobre Irineu Nogueira Pinheiro. De Rosemberg Cariry merece ser mencionado seu trabalho sobre o beato José Lourenço.

Estes são apenas alguns dos artigos e ensaios assinados, que Itaytera leva aos seus leitores, e seu novo número. Uma revista que é motivo de orgulho para o Crato, o Ceará e o Nordeste, uma lição de esforço cultural para outras regiões brasileiras."

9 — SAÚDE

- * Desenvolver unicamente ações de Saúde Pública
- * Integração com o Estado

10 — EDUCAÇÃO — Integração

- * Consolidação dos Ginásios existentes
- * Criação do Ginásio de Santa Fé
- * Profissionalização dos estudantes

Idem dos motoristas oficiais, eletricitistas, datilógrafos

Ações de Educação Sanitárias nas Escolas primárias.

(Sugestões apresentadas pelo Prefeito Francisco Walter Peixoto e sua equipe técnica, para o Programa Especial de Cidades de Médio Porte 83/84).

LEVANTAMENTO DA OCORRÊNCIA DA SÊCA DA MANGUEIRA NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE

1. POPULAÇÃO ESTIMADA DE MANGUEIRAS NA REGIÃO:

MUNICÍPIO	Nº DE PLANTAS	ÁREA PLANTADA (ha)
Jardim	15.000	600
Missão Velha	950	38
Juazeiro do Norte	1.500	60
Crato	4.800	192
Barbalha	2.800	112
Caririáçu	2.200	88
Brejo Santo	1.800	72
Milagres	640	25
T O T A L	29.690 Mangueiras	1.187 ha

Obs :

a — As mangueiras existentes na região são todas de pé franco e pertencem às variedades: "Jasmim, Rosa, Itamaracá e Espada". A variedade que vem se mostrando mais susceptível a "Seca da Mangueira" é a "Rosa".

b — Os dados referentes à população de mangueiras foram todos estimados por técnicos da EMATER-CE.

2. DADOS COLHIDOS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO:

Dados colhidos junto a 26 propriedades inspecionadas por técnicos do SERDV na Região do Cariri, nos municípios de Crato, Barbalha, Missão Velha, Jardim, Juazeiro do Norte, Milagres, Caririáçu e Brejo Santo, mostraram o seguinte quadro:

3. OCORRÊNCIA DA SECA DA MANGUEIRA "NA REGIÃO DO CARIRI CEARENSE"

DISCRIMINAÇÃO	Nº DE PLANTAS	%
Plantas inspecionadas	3.705	100,0
Plantas sem sintomas da doença	2.324	62,7
Plantas mortas pela doença	1.230	33,0
Plantas com sintomas da doença	151	4,3

Obs: Dentre as plantas inspecionadas, poderão ou não existir algumas infectadas pelo *Ceratocystis fimbriata*, porém não apresentando sintomas da doença, haja visto que todas as plantas apresentaram sinais de ataque da Broca, principal agente favorável à penetração do fungo, levantamos a hipótese por não termos efetuado exames laboratoriais das plantas inspecionadas.

A causa da morte das mangueiras já é conhecida, e tem como agentes um inseto e um fungo que são; o *Hipocryphalus mangiferae* e o *Ceratocystis fimbriata* respectivamente.

O fungo penetra na planta através de ferimentos ocasionados por ferramentas ou ataque do inseto. A broca da mangueira (*Hipocryphalus mangiferae*), que ataca os ramos, galhos e tronco, também é principal intro-

dutora da doença no interior do vegetal.

Se é assim, a importância deste mal está diretamente ligada à população dessa broca existente na região. Quanto mais brocas houver, mais plantas doentes aparecerão.

Sintomas da doença: O principal sintoma do mal, consiste no amarelamento, murchamento e posterior seca das folhas ficando estas aderidas aos galhos, apresentando cor cinza.

No local em que a broca penetra no ramo verifica-se uma exsudação de resina.

O fungo vai descendo através do sistema vascular da planta, deixando o lenho enegrecido, o que é facilmente visto, se retirarmos a casca da porção afetada. O mal alastra-se de galho para galho, uma vez que o agente causador se propaga através dos tecidos internos da mangueira.

4. MEDIDAS DE CONTROLE:

1 — Fazer os tratos culturais em plantas jovens com cuidado, pois os ferimentos constituem uma porta de entrada para o fungo.

2 — No pomar de mangueiras adultas, fazer uma poda de limpeza, eliminando todos os galhos secos, existentes nas plantas ainda boas, quemando-os imediatamente. Como também eliminar árvores mortas do pomar.

3 — As feridas ocasionadas pela retirada dos galhos, devem ser pintadas com a seguinte pasta:

- . 1 kg de Aldrin 40% PM
- . 1 kg de fungicida à base de Benomil
- . 10 litros de água.

No Nordeste Brasileiro, a manga é fonte de alimento às grandes populações pobres da zona rural e pequenos centros urbanos.

Observa-se, que os mangueirais, há tempos existentes, produzindo mangas em abundância, já não são mais frequentes, isto em razão da morte de muitas árvores, ocasionadas por pragas e doenças e como também pelo corte indiscriminado desta fruteira tão valiosa.

Se seguirmos as instruções destas medidas de controle, ora mencionadas na presente instrução, já estamos contribuindo bastante para preservar os mangueirais ainda existentes, que outrora foram plantados pelos nossos antepassados, já que a prática de plantio desta fruteira em nossos dias pouco se faz.

Fortaleza-Ce. 1981

(Trabalho da Delegacia do Ministério da Agricultura no Ceará).

A "DISTRIBUIDORA MAIA" de Livros e Revistas

tem a disposição dos leitores as melhores revistas nacionais e estrangeiras.

Em todas as BANCAS da cidade as mais recentes edições do que se registra no Brasil e no exterior.

Rua Dr. João Pessoa, 400 - FONE: 521-0055 - CRATO-Ceará

DOCUMENTOS HISTÓRICOS DO CRATO

ESCRITURA DE COMPRA, PELA PREFEITURA, DAS TERRAS DA HIDRELÉTRICA DA NASCENTE

LIVRO Nº 2 CERTIDÃO FLS. 27 v

Primeiro Traslado de Escritura Pública de Compra e Venda do Sítio "Saco dos Correias" deste termo:

SAIBAM os que o presente instrumento de escritura pública virem que, aos seis dias do mês de dezembro do ano de mil novecentos e trinta e nove (1939) nesta cidade de Crato, Estado do Ceará, em meu cartório, perante mim Tabelião, compareceram partes entre si justas e contratadas a saber: de lado, como outorgantes vendedores Doutor Elisio Gomes de Figueirêdo, médico, e sua mulher dona Maria de Jesus Belém de Figueirêdo, José Gonçalves de Souza Rolim, farmacêutico; e sua mulher dona Lília Gomes de Figueirêdo Rolim, todos brasileiros, domiciliados e residentes nesta cidade; e do outro lado, como outorgado comprador o Município do Crato, representado legalmente nesse ato, pelo cidadão Alexandre Arraes de Alencar, Prefeito desta cidade, em pleno exercício, brasileiro, casado, domiciliado e residente nesta cidade, todos pessoas do meu conhecimento e do das duas testemunhas presentes, adiante nomeadas e no fim desta assinados, do que dou fé, perante as quais pelos outorgantes vendedores foi dito que são senhores e legítimos possuidores do sítio denominado "Saco dos Correias deste termo, limitando-se ao Norte e Nascente, com terreno, digo, com terras do Sítio Loanda" pertencente a José Alves de Figueirêdo; ao Poente, com terras do mesmo Sítio Loanda, pertencentes aos Lopes e ao Sul com a Serra do Araripe; contendo o mesmo água regadia, cafeeiros e fruteiras e mais benfeitorias; cujo Sítio foi havido pelos outorgantes vendedores na partilha dos bens do espólio de sua falecida avó Inácia Maria de Figueirêdo, conforme escritura de partilha amigável registrada sob números dois mil e quarenta e dois mil e quarenta e um (2.040 e 2401 às folhas cento e cinquenta verso (150v) do livro três D(3D) no Registro de Imóveis deste termo. Assim estando o referido Sítio livre e desembaraçado de quaisquer onus para com as exatarias Federal, Estadual e Municipal desta cidade conforme certidões que vão adiante transcritas, resolveram os outorgantes vendê-lo ao outorgado comprador Município do Crato, com todas as benfeitorias nele existentes, ficando o comprador com o direito de servidão das águas do aludido Sítio, para o fim de diariamente, das dezoito (18) as vinte e quatro (24) horas soltar as aludidas águas do açude encravado no referido Sítio "Saco dos Correias" para acionar a Usina Hidroelétrica de propriedade da Prefeitura Municipal, desta cidade, ficando pertencendo ao vendedor Doutor Elisio Gomes de Figueirêdo, as mencionadas águas as quais serão por ele realizadas logo abaixo da casa de força da aludida

Hidroelétrica. Dita venda fazem pelo preço e quantia certa de doze contos e quinhentos mil reis (12\$500) que receberam nesta data e ocasião em moeda corrente e legal do Paiz, pelo que dão plena ao comprador plena e geral quitação de paga da referida quantia e lhe transferem todo direito, dominio, ação e posse que têm sobre o dito Sitio, afim de que o comprador o goze como sua propriedade de que fica sendo de hoje por diante, por força desta escritura independente de tradição material ou ato judicial se obrigando, eles vendedores, em todo tempo por se, seus herdeiros ou sucessores, fazerem esta venda boa, firme e valiosa, em juizo ou fora dele, apresentando-se a autoria e respondendo pela evicção de direito, pondo o comprador a par e a salvo de quaique, digo, quaisquer duvidas presentes ou futuras derivadas desta venda. Quitações: "Certifico em virtude do despacho supra que o Sitio S. Correias, deste termo presen digo, pertencente ao Doutor Elisio Gomes de Figueirêdo e outros, nada deve nesta repartição. E para constar, eu, Aloisio Barbosa de Carvalho, escrivão, datilografei a presente certidão, que dato e assino, aos seis de dezembro de mil e novecentos e trinta e nove". Estadual". — Certifico em cumprimento ao despacho supra, que revendo o livro de Cadastro de Executivos nenhuma dívida encontrei do Sitio Saco dos Correias, pertencente ao Dr. Elisio Gomes de Figueirêdo e outros, pelo que eu, José Gonçalves da Costa, amanuense lavrei a presente certidão aos seis dias do mês de dezembro de 1939". Municipal: Certifico em virtude da petição e respectivo despacho supra que revendo o arquivo desta Prefeitura, verifiquei que o Sitio Saco dos Correias, deste municipio, pertencente ao Dr. Elisio Gomes de Figueirêdo e outros, acha-se quites com os cofres da Fazenda Municipal nesta Repartição. O referido é verdade. Dou fé. Prefeitura Municipal do Crato, em 6 de dezembro de 1939. Marieta L. Verde. Contadora" a presente escritura de transmissão é izenta do pagamento dos impostos Estaduais e Municipal ou virtude do disposto no artigo dezessete (17) Letra A da lei estadual numero dois mil setecentos e sessenta e nove (2.769 de dezoito de novembro de mil novecentos e vinte e nove. Pelo cidadão Alexandre Arraes de Alencar, foi dito que em nome do Municipio do Crato, o qual é representante legal, aceita esta escritura em todos os termos nela declarados. Assim se achando contratados, me pediram esta escritura que lhes li, acharam conforme, aceitaram e assinam comigo e as testemunhas presentes João Alves da Silva Bacurau e José Julio de Brito, ambos desta cidade, do que dou fé. Eu, Plinio Bezerra de Norões, Terceiro Tabelião interino escrevi e assino. O 3º Tabelião intº (aa) Plinio Bezerra de Norões. Dr. Elisio Gomes de Figueirêdo. Maria de Jesus Belem de Figueirêdo. "Está conforme ao original. Dou fé. Trasladei datilograficamente, subscrevo dato assino em público e raso.

Crato, 06 de março de 1974

Em Testº da verdade

José Figueiredo
Terceiro Tabelião Público

Pedroso fez nova Exposição

O renomado pintor JOAQUIM PEDROSO, natural do CRATO, recebeu entusiásticos elogios na sua nova Exposição individual, realizada na cidade de SALVADOR, Bahia.

na Bahia

O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI recebeu convite especial, vasado nos seguintes termos :

A Prefeitura do Salvador, através da Fundação Museu da Cidade — FUMCISA, tem a honra de convidar V. Exa. e Exma. Família para a exposição de pintura do artista Pedroso que se realizará, às 20 horas do dia 22-4-83, no Museu da Cidade, ao Pelourinho, 3.

Elyette Guimarães de Magalhães
Diretora Executiva

APRESENTAÇÃO

A exposição de Pedroso no Museu da Cidade, ali no Pelourinho, realiza-se no local mais apropriado e feliz para um pintor, cuja motivação maior é a Cidade do Salvador, nos seus aspectos mais característicos.

Fiel à sua temática baiana: o casario, marinha, as festas populares, os vendedores ambulantes, Pedroso enriquece agora a sua pintura com elementos inusitados em termos de matéria. Sem perder o carácter da ingenuidade, que é o melhor na sua obra, desde a primeira exposição que apresentei na Galeria Bazarte, a pintura de Pedroso está muito mais valorizada com a aplicação de novos materiais, além das suas tintas sempre muito bem utilizadas.

Cada vez mais preocupado com a sua veracidade, como todo artista ITAYTERA

primitivo, Pedroso, à maneira de Rousseau, Djanira, e outros maiores, pinta com fidelidade os menores detalhes veristas.

Para uma melhor execução dos seus propósitos, essa preocupação leva-o a construir com madeira, pedras, areia, tecidos e vegetais as suas composições. Essa matéria nova, para o pintor, apresenta-se também como uma nova expressão, pois está plena de vibrações, luminosidade, brilho e principalmente com volumes mais dimensionados.

Nas marinhas, a água está pintada como sempre, em azul ou verde, mas as pedras e areia são de verdade.

Também a vegetação é legítima, porque constituída de encantadoras folhas e ervas verdejantes, em colagens requintadas.

As caixas, malas e baús carregados na cabeça, pelas ladeiras acima e abaixo, são também de madeira natural, aplicadas em finas lâminas sobre o suporte pictórico.

Como os antigos artistas da China que fabricavam os seus fabulosos leques tão preciosos, com sêda, marfim, charão e laca, as figurinhas que compõem a sua multidão baiana (uma constante na pintura de Pedroso), estão vestidas de cores tão vibrantes, e com tecidos verdadeiros.

A pintura de Pedroso, a despeito das pesquisas e dos novos procedimentos, continua bela, pura e simples como as coisas do povo que ele tanto ama e não se cansa nunca de fixar em seus quadros tão bonitos.

Carlos Eduardo da Rocha

DADOS BIOGRÁFICOS

Conhecido no meio artístico como PEDROSO, nasci a 6 de dezembro de 1935 na cidade de Crato-Ce.

Em fevereiro de 1955 cheguei a Salvador, atendendo convite do meu irmão mais velho. Aqui conclui o curso ginásial e o de contabilidade, profissão que não cheguei a exercer.

Comecei a pintar autodidaticamente, por volta de 1960. Em 1962 assisti algumas aulas do curso livre, orientadas pelo artista plástico e professor Réscala.

Em novembro de 1963, fiz a minha primeira exposição, uma coletiva denominada Civilização do Nordeste, no Museu de Arte Popular da Bahia — MAP.

Trabalhei no comércio de moda masculina, eletrodomésticos, decorações, além de ter sido bancário.

Em outubro de 1970 iniciava com minha esposa a firma Comercial de Materiais para Decoração Ltda. "DECOR" na qual mantinhamos local reservado para a exposição permanente de quadros.

A partir de 1978, deixei outros negócios para me dedicar à arte centralizando o meu trabalho em meu atelier residência, localizado na Ladeira Cruz da Redenção, 69 — Brotas — Tel.: 233-2358 — Salvador-Bahia.

CURRÍCULO

Até agora realizei as seguintes exposições:

INDIVIDUAIS — Salvador e Rio de Janeiro 05.

COLETIVAS — Bahia, Ceará, Estados Unidos, Porto Alegre e São Paulo 58.

POSSUO QUADROS NOS SEGUINTE MUSEUS:

Museu de Arte e Tecnologia — Itapetinga-Ba.

Museu da Cidade — Salvador-Ba.

Museu Nac. de Belas Artes — Rio de Janeiro-RJ.

Musée D'Art Naif de L'Ile France na cidade de Vicq.

Museu Regional de Feira de Santana-Ba.

Museu Vicente Leite — Crato-Ce.

ALÉM DE ACERVOS COMO:

Instituto Cultural do Cariri — Crato-Ce.

Reitoria da Universidade Federal da Bahia — Salvador-Ba.

Através vários compradores, possuo quadros nos seguintes estados brasileiros: Bahia, Brasília, Ceará, Minas Gerais, Pernambuco, Paraná, Rio de Janeiro, Rio G. do Sul, e São Paulo. Bem assim nos seguintes países: França, Itália, Estados Unidos, Peru, Venezuela, Formosa, Saigon, Holanda e Suíça.

CITAÇÕES

Arte Nordeste Hoje — 1ª edição Franmarques

Bahia Boa Terra, 1ª edição pags. 60 e 73.

Jorge Amado, Flávio Damm e Carybé.

Dicionário das Artes Plásticas no Brasil

Roberto Pontual.

Guia Internacional das Ares 1976/1977.

Léo Chistiano Editorial Ltda.

Revista Itaytera — nº 22 ano 1978.

Instituto Cultural do Cariri — Crato-Ce.

SAN PEDRO HOTEL DE SERRA

Estamos construindo, agora, o
Hotel do futuro!

Estamos concretizando o sonho maior
de toda a região!

Venha conhecer-nos e participar do
ousado empreendimento
hoteleiro-turístico do interior cearense.

SAN PEDRO HOTEL DE SERRA

no GRANGEIRO, em CRATO.

O FUTURO ESTÁ PRESENTE



ESTADO DO CEARÁ

Prefeitura Municipal de Altaneira

Nossa calorosa mensagem de parabéns e
incentivo á intelectualidade do Cariri, ao ensejo da
circulação de mais um número da vitoriosa

Revista ITAYTERA

É uma demonstração cabal do esforço e
da capacidade realizadora do
povo cariense.

Francisco Fenelon Pereira

PREFEITO MUNICIPAL

No Centenário de

D. José Tupinambá

PALESTRA
PROFERIDA NO
"INSTITUTO DO CEARÁ",
PELO SÓCIO EFETIVO

RAIMUNDO
ARISTIDES
RIBEIRO

INTRODUÇÃO — Há vinte e três anos, ou seja, precisamente a 25 de setembro de 1959, deixava de pulsar o coração generoso de dom José Tubyambá da Frota. Àquela data, cerrados seus olhos para a vida terrena, abriram-lhe para aquél'outras, que é eterna e constitui a meta final de todos os que vêm a este mundo. Nascido em 10 de setembro de 1882, falecia no mesmo mês de setembro, aos 77 anos de propecta e extraordinária existência.

NASCIMENTO PARA A VIDA E PARA A ETERNIDADE

Portanto, nesse mês de setembro, comemoram-se os dois nascimentos de dom José: um, para a vida terrena, onde ele permaneceu por quase oito décadas, deixando a marca indelével de sua personalidade, o outro, o nascimento para a Eternidade, porquanto a morte terrena do Justo significa o começo de sua Verdadeira vida, da qual a terrena é apenas o Limiar. E como, somente após alcançar esse estágio da Imortalidade, é possível chegar ao Supremo Bem, que é a Visão Beatífica de Deus, torna-se evidente que essas homenagens, tanto as prestadas no mesmo mês do nascimento e da morte de dom José, quanto as que foram e serão dedica-

das à sua venerável memória durante este ano centenário de 1982, adquiram profundo sentido de espiritualidade cristã. Na verdade, somente o Justo renasce para a Vida Eterna, e é por essa razão que a Igreja Católica comemora, até com maior sentido de Fé, as festas de seus santos, dando maior destaque ao dia de sua morte do que, propriamente, ao dia de seu nascimento.

A PERSONALIDADE DE DOM JOSÉ — Tamanhas e tão variadas são as nuances da personalidade de d. José, que se torna difícil e temerária a pretensão de abrangê-la em sua totalidade, em razão dos riscos e falhas de quem se aventurasse nesse esforço de apreciação global. Não se sabe o que mais admirar na vida

desse homem extraordinário; se sua ação social, se seu desvelo pastoral, se sua fulgurante expressão cultural, como homem de pensamento. Em qualquer setor que pretender aprofundar-se, o pesquisador encontrará vastíssimo material para bateamento, porquanto qualquer deles se desdobra em outros tantos filões de imensa riqueza. Face a essa realidade, e não me sendo possível abrange todo esse complexo de grandeza que enfeixa a personalidade de dom José, é que eu me restrinjo apenas ao setor que aponta e consagra o grande Antistite como o intelectual de projeção nacional.

DOM JOSÉ, O HOMEM DE PENSAMENTO — É certo que todos os cearenses contemporâneos destas últimas décadas sabem, e muitos brasileiros de outras regiões também reconhecem o quanto no decurso desse meio século, dom José significou para Sobral e para a Zona Norte do Estado. O grande Antistite é facilmente indigitado como o inesquecível Mecenas, diligente empreendedor de inúmeras obras sociais e assistenciais; reconhecido como o apóstolo caridoso e desprendido, que doou tudo o que possuía como próprio e por herança familiar: objetivando o melhor e mais oportuno atendimento aos menos favorecidos da fortuna. Entretanto, apenas reduzido número de pessoas tem conhecimento de que dom José Tupinambá era, sem favor, uma das mais robustas organizações intelectuais nos domínios da Linguística (falava corretamente várias línguas, inclusive o Latim), da Sociologia, da Economia, da Filosofia, das Ciências Naturais, das Artes e da Música, além de possuir abalizados conhecimentos sobre Medicina, Direito, Agronomia e Engenharia, sem falar, como é óbvio, — nas Ciências Eclesiásticas — Teologia, Direito Canônico, Sagrada Escritura e Liturgia, nas quais muito cedo se graduou. Mas não anteci-

OS PRIMEIROS ESTUDOS — Nascido aos 10 de setembro de 1882 — conforme foi salientado — o segundo filho do casal coronel Manoel Artur da Frota e dona Raimundinha Artemizia da Frota, de tradicional e abastada família de Sobral, permaneceu em sua cidade natal até a idade de 14 anos, quando ingressou para o Seminário da Bahia, de cuja Arquidiocese era Arcebispo-Primaz o eminente dom Jerônimo Tomé da Silva, seu parente próximo e também natural de Sobral. Aquela época (1897), já possuía o jovem Tupinambá conhecimentos tão abalizados em línguas, matemática e demais disciplinas secundárias, que lhe permitiram matricular-se no último ano de preparatórios naquele tradicional Seminário, considerado estabelecimento padrão na formação eclesiástica do Brasil. É de admirar — e mais do que isso — de assombrar e de maravilhar (!!) que, aos 14 anos de idade, dom José já fosse profundo conhecedor da língua e da literatura latina e houvesse acumulado tão grande cabedal de conhecimentos com tão pouca idade. Conta-se que, logo foi recebido o moço sobralense no Seminário de Salvador, Padre Gomes (o futuro Arcebispo de Fortaleza, dom Manoel da Silva Gomes), então professor daquela tradicional Casa de formação, foi incumbido, pelo próprio dom Jerônimo, de submetê-lo a exame, a fim de saber se o novo seminarista poderia seguir logo para Roma. O resultado foi o mais auspicioso, ficando firmado de logo o conceito sobre a inteligência e a capacidade intelectual daquele que viria a ser depois "a maior organização metafísica do Brasil", segundo o conceito do ilustre padre João Gualberto do Amaral, de saudosa memória, conhecido no Rio como um dos expoentes da cultura do Clero brasileiro.

NA UNIVERSIDADE GREGORIANA — Em 1899, o seminarista Tupinambá chegava a Roma, matriculava-se no Seminário Pio-Latino-Ame-

ricano e passava a cursar a Universidade Gregoriana, dando início a uma das mais extraordinárias carreiras estudantis, repleta de êxitos, de sucessos e de vitórias no setor da inteligência. Aos dezenove anos de idade, o jovem Tupinambá (ou "Tupy", como passou a ser carinhosamente chamado pelos colegas) se doutorava em Filosofia por aquela Universidade romana, uma das mais conceituadas do velho mundo. Três anos depois, tinham lugar as formaturas em Teologia e Direito Canonico, sendo o único aluno de sua turma, dentre inúmeros estudantes de toda a América Latina, a ser laureado com a distinção sumamente honrosa de Magna Cum Laude, façanha aquela que, graças a raridade da ocorrência, chegou a mover as chancelarias do então Reino Italiano e da República Brasileira, tomando o Ministério dos Estrangeiros da Itália a iniciativa de encaminhar felicitações ao nosso Ministro das Relações Exteriores, porque um brasileiro havia conquistado um destaque universitário, que há muitos anos nenhum outro conseguira obter.

Enquanto foi aluno do Seminário Pio Latino Americano jamais o brilhante seminarista deixou de fazer a visita trimestral ao Sumo Pontífice, na qual tomavam parte tão-somente os estudantes classificados em primeiro lugar nas respectivas turmas. Tal assiduidade às audiências-prêmio junto ao Papa, notada, como não poderia deixar de ser, pelas altas esferas educacionais da própria Universidade, já acentuava característica altamente dignificante para o jovem estudante brasileiro.

ABRE-SE-LHE A CARREIRA DIPLOMÁTICA... Falando e escrevendo corretamente em latim, francês, italiano, castelhano, além de dirigir-se em inglês e alemão, o jovem sobralense de tal forma se projetou no Seminário Pio-Latino e se firmou no conceito de seus superiores, que passou a servir de cicerone a alguns

ITAYTERA

bispos brasileiros em viagem pela Europa, passando a acompanhá-los como intérprete, até em viagens pela Suíça, França e Alemanha.

Não se apercebia o genial estudante de que aquelas viagens, permitidas por seus superiores, tinham objetivo muito mais relevante do que proporcionar-lhe simples turismo. Tanto é assim que, depois de ordenado em 1905, aos 23 anos de idade, cogitaram de interessar o néo-sacerdote brasileiro no ingresso para a Diplomacia do Vaticano. Culto, poliglota, profundamente versado nas Ciências Eclesiásticas, em Litúrgia, em Música profana e mui especialmente em Canto Gregoriano, (canto-chão), conhecedor e cultor das normas da etiqueta e do bom-tom, dom José teria feito carreira brilhante na diplomacia. No entanto, sua humildade, o desprendimento que adotava como norma de vida, fizeram-no despresar a carreira brilhante, que se lhe abria diante dos olhos. E ei-lo de volta a sua gente, onde o esperava um campo de trabalho árduo e extenuante, onde tudo se encontrava por fazer.

PROFESSOR EM SÃO PAULO — Mas o padre Tupinambá, de volta à pátria, não veio logo para Sobral. O Arcebispo de São Paulo solicitou a cooperação do novo Padre como Professor de Seminário Central da capital paulistana. É que ali também já chegara seu nome nas asas da fama. A seu respeito, diria depois dom Sebastião Leme, Cardeal-Arcebispo do Rio de Janeiro, e seu antigo colega em Roma, que "o Tupy ensinava melhor a Teologia Dogmática do que o cardeal Billot, na Universidade Gregoriana". Tal referência altamente elogiosa ora feita alguns anos após o seu afastamento do magistério do Seminário de São Paulo, onde deixara, de maneira indelével, o traço luminoso de sua privilegiada cultura. Dois anos depois de sua permanência em São Paulo, dom Joa-

quim José Vieira o nomeou Vigário da Paróquia de Sobral, onde, oito anos depois, o encontraria a Bula Pontificia que o elegia Bispo de sua terra natal.

AS VIRTUDES INTELECTUAIS

— Dotado de inteligência invulgar, como o demonstram as conquistas intellectuais a que fiz menção, desde sua juventude, dom José possuía memória privilegiada: sabia de cor todos os Evangelhos, grande parte das Epistolas de São Paulo, além de trechos extensos da Eneida e das orações de Cicero. Cultor do vernáculo, na sua mais elevada expressão, aí estão suas Pastorais diocesanas, a correspondência particular, colaboração em jornais, os artigos e polêmicas em defesa da Fé, todos, vasadas em linguagem castiça e em estilo primoroso e conciso, sobressaindo o perfeito encadeamento das idéias ao lado da propriedade e precisão do termo, como ocorre áquelles que possuem, ao mesmo tempo, o domínio do pensamento e a facilidade de sua comunicação. Como orador, era dotado de extraordinária facilidade de expressão, ajudado, naturalmente, por sua invulgar cultura humanística e religiosa, confirmando o justo conceito em que era tido, no púlpito da Catedral de São Paulo, depois em sua própria Paróquia e Diocese, ou onde quer que se fizesse ouvir sua palavra fluente, autorizada e cheia daquela unção, que prende, atrai e convence o auditório.

EM DIA COM A EVOLUÇÃO DA CIÊNCIA

— Além disto, faz-se necessário ressaltar ou aprofundar um pouco mais: dom José não era versado somente em assuntos eclesiásticos ou religiosos. Permanecia constantemente atualizado com a evolução do pensamento moderno, não somente no setor da Filosofia ou da Sociologia, que eram sua especialidade, mas, surpreendentemente, no das Ciências Matemáticas, na Físico-química, na Medicina. Dom José recebia, constante-

mente, revistas, jornais, publicações especializadas dos maiores centros culturais do sul do País e da Europa, notadamente da França e da Itália, as quais o punham em dia com a Ciência Moderna, de sorte que se tornava difícil alguém abordar qualquer assunto relevante, de cunho científico, que ele não dispusesse de noções exatas a respeito do mesmo.

Tudo isso não seria de admirar se ocorresse a um homem do gabinete, que vivesse somente para o prazer intellectual e para as lucubrações do espirito. No entanto, para quem se preocupava com múltiplos afazeres, de ordem religiosa, ligados ao munus pastoral, além dos de natureza social, educacional e assistencial, e extraordinário que conseguisse ainda dispor de tempo para tão acentuada atividade intellectual.

DETALHES INTERESSANTES

— No entanto, meus senhores, mesmo nesse setor, a personalidade de dom José é tão vasta que não é possível abordá-la de maneira completa, porquanto, se pretendesse tentá-lo, estaria exorbitando dos limites deste modesto trabalho. Assim, tive de dispensar detalhes diversos, que se prestariam para ilustrar a exposição que ora faço sobre esse extraordinário homem de pensamento, o que não me impede de focalizar, sumariamente, um episódio, no qual se verifica certa e brilhante intervenção de dom José em assunto especializado e para o qual seus interlocutores jamais supunham que ele dispusesse de conhecimentos técnicos para fazê-lo.

Conta-se que, em certa ocasião viajando dom José para o Rio em navio do Loide, ocorreu estranha oscilação no barco, com características anormais, de maneira a causar apreensões aos passageiros e à própria tripulação superior. Estabeleceu-se logo a natural discussão sobre as prováveis causas do fenômeno, entre alguns engenheiros, também passageiros, e o pessoal náutico. Presente dom José

à palestra em que se faziam aquelas indagações, emitiu também sua opinião, ouvida, de início, com benevolência, pela turma que se julgava mais entendida na matéria. Mas, à medida que ia sendo formulada a explicação, calcada em termos técnicos, acentuava-se a curiosidade em torno daquela surpreendente e extraordinária demonstração, tão bem explanada, como se a fizesse um perito em hidráulica ou em ciência náutica. E, passando da palavra ao cálculo matemático, o Bispo desenvolvia fórmulas algébricas e equações, e armava croquis explicativos, para defesa de seu ponto de vista.

Como era natural, correu uma espécie de frisson de admiração entre os circunstantes, porque ali jamais alguém poderia supor que um Bispo sertanejo, preocupado com afazeres de ordem e natureza tão diversa, dispusesse de tempo para entregar-se a estudos em matéria tão especializada. Comenta-se até que alguém, em tom de blague, a indagar se o Bispo não adivinhara o que iria acontecer, e se preparara para dar aquele show de sapiência.

De outra feita, realizou-se em Sobral uma espécie de simpósio médico, para tratar de determinado assunto, ao qual compareceram vários facultativos. Havia necessidade de uma consulta a certa obra sobre medicina, editada recentemente. Dr. Ossian Aguiar, um dos participantes da reunião, lembrou que havia possibilidade de conseguí-la na Biblioteca de dom José, que recebia constantemente novidades sobre medicina. E para estarrecimento dos demais colegas, de fato, das mãos do Bispo receberam o livro raro, já lido em parte, e com anotações marginais.

OPINIÃO DO CARDEAL ARGENTINO — E a propósito desse episódio, graças a uma associação de idéias, entre o ilustre Antistite e os cultores da Medicina, lembro-me de

ITAYTERA

que o Cardeal Copelo, Arcebispo de Buenos Aires, ex-colega de dom José na Universidade Gregoriana e grande admirador de suas virtudes, ao receber uma comissão de médicos patrióticos nossos na capital portenha, por ocasião de um Congresso Médico ali realizado, proferiu estas palavras, que bem demonstraram o apreço que dedicava ao prelado sobralense: "Quero saudar a grande nação católica, que é o Brasil, e seu episcopado, do qual destaco dom José Tupinambá da Fresta, Bispo de Sobral, um dos maiores Bispos do mundo". Com essa referência espontânea ao antigo companheiro de estudos universitários, o Cardeal argentino rebuscou nos refulhos de suas reminiscências as conquistas intelectuais do colega que a todos eles sobrepujara, afirmando-se, desde os bancos universitários, como a mais robusta organização filosófica do Brasil, como dissera o já referido padre Dr. João Gualberto do Amaral.

TÍTULOS HONORÍFICOS — Antes de concluir a exposição a que me propus dar maior realce nestas comemorações, não posso deixar, sem referência especial, os títulos honoríficos que exornaram a personalidade de dom José Tupinambá, e por ele acolhidos com modéstia e sem ostentação. Dom José, já tendo sido agraciado com o título de Prelado Doméstico, conferido pela Santa Sé, geralmente, aos Monsenhores, recebeu também o de Assistente ao Sólido Pontifício, distinção atribuída aos senhores bispos e que lhes assegura preeminência junto ao Soberano Pontífice, por ocasião das grandes solenidades da Igreja Católica. E, em 1941, por ocasião do memorável Congresso Eucarístico de Sobral, encerrado solenemente sob a presidência do então Núncio Apostólico no Brasil na qualidade de Legado Papal já falecido, cardeal Aloysio Masella, dom José era agraciado, por SS. Pio XII, com o título de Conde Romano, o que lhe valeu certa distorção interpretativa corrente para

"Bispo-Conde de Sobral", com a qual, obviamente, o Antistite não concordava. Relembrados, como registro especial, esses títulos honoríficos, voltamos ao curso desta explanação.

FALTA UM BIÓGRAFO — Nada foi dito aqui sobre os estabelecimentos de educação que fundou, nem sobre sua biblioteca particular, o Museu Diocesano, as instituições de assistência social, porque esses outros aspectos da personalidade do grande sobralense ficarão aos cuidados de outros historiadores mais credenciados. E todas estas informações, que trago ao conhecimento do grande público, foram auridas na tradição, colhidas junto aos familiares, amigos e sacerdotes colaboradores de dom José, pois até hoje ainda não surgiu o seu biógrafo, que reunindo tantos elementos esparsos, tão ricos em ensinamentos, escrevesse um trabalho para a posteridade, sobre a vida e a obra de dom José.

DEDICAÇÃO A TERRA NATAL — De toda essa multiforme atividade do eminente Antistite, uma característica sua se faz denominador comum — o seu amor à terra natal. Deixando-se ficar no sertão cearense, ele que possuía todas as possibilidades para galgar com imensa facilidade os mais altos degraus da hierarquia eclesiástica, graças às virtudes pessoais e ao seu descortino intelectual e operosidade incansável, preferiu cultivar a humildade cristã, como autêntico representante d'Aquele que, sendo Todo Poderoso, se aniquilou, como "o mais infimo verme da terra", na expressão da Escritura Sagrada.

POBREZA VOLUNTÁRIA — E, ao fazer esta revelação, não emprego nenhuma figura de retórica, para promover a exaltação da memória de um homem a quem muito devo. Não! Todos quantos privaram com dom José sabem que ele vivia no desconforto total, esquecido de seu bem-

estar pessoal; ele, que doara todos os seus bens, suas economias, as heranças paterna e materna às obras sociais de sua Diocese. Havendo cedido o Palácio Episcopal para a instalação do Colégio Sant'Ana, para moças, passou a residir em um prédio, que, a sua vez, foi transformado em Escola Profissional, transferindo-se, então, para um antigo sobrado, onde passou a residir, e onde conseguiu acomodar os serviços da Secretaria do Bispoado.

Quantas vezes não chegou ao conhecimento dos seminaristas de meu tempo a versão de que dom José se transferia durante vários dias para o Seminário, porque não dispunha de meios para prover sua mesa, já de si muitíssimo frugal? Esse fato é conhecido, àquela época — 1930 — de todo o clero sobralense e das famílias que lhe eram mais íntimas.

HUMILDADE E RENÚNCIA EVANGÉLICAS — Assim viveu e assim morreu um homem extraordinário, que desdenhou honrarias, para praticar a virtude da humildade; um homem que, sendo filho de família abastada, se fez pobre por amor ao próximo, porque deu tudo o que possuía aos mais necessitados; um homem que, tendo as oportunidades de se cobrir de glórias, mesmo as permitidas por sua condição de Príncipe da Igreja Católica, preferiu ficar no quase anonimato; um homem, enfim, que cumpriu na sua pessoa a palavra evangélica do Abjiciat se metipsum: "Aquele que quiser vir comigo, renuncie-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me". E dom José Tupinambá da Frota cumpriu esse mandamento ao pé da letra. O Santo Bispo de Sobral praticou essa renúncia evangélica em grau heróico, porquanto, podendo obter muito, nada quis para si mesmo, e deu tudo o que possuía a seu povo.

Assim se escreve o epitáfio de um justo que, morrendo para o mundo dos vivos, nasceu para a vida eterna.

CURRICULUM VITÆ DE: JOSÉ ALENCAR BEZERRA

Nascimento: 22 de agosto de 1916,
na então Vila de Patrocínio, atual cidade
de PIO NONO.

Pais: Vitalino Pereira e Maria Bezerra
de Almeida de Alencar Pereira.

Começou pela prática, acompanhando as aulas de alfabetização de sua sobrinha Almerinda Sabóia de Alencar Bezerra. Acompanhou todo curso primário de Almerinda que lia para ele o que aprendia nas aulas. Este curso foi acompanhado por leituras que lhe faziam suas irmãs: Joelina, Zumira e Lídia, de maneira que quando terminou o primário já conhecia os autores românticos brasileiro como; José de Alencar, Gonçalves Dias, Joaquim Manoel de Macedo etc.

Ouvia também a leitura de romances traduzidos do inglês e do francês. Acompanhou o curso secundário e normal de Saboinha do colégio Santa Tereza, que como no primário transmitia para ele no período de férias o que aprendia durante o ano letivo.

Fez estudos apologéticos com o vigário de Pio IX, Padre Godofredo Cândido Santos, os cunhados Elói Bezerra e Antonio Bezerra e o irmão Izídio Bezerra liam para ele os jornais ITAYTERA

do Ceará e do Piauí. Também o primo Heli Bezerra lhe emprestava bons livros e D. Carlota Simões lhe emprestava jornais e revistas católicas.

Complementando o que havia aprendido com Saboinha, frequentou as aulas da professora Tereza Rosado Simões, onde estudou gramática normativa. Começou fazer hinos para os times esportivos das escolas e também canções para as barracas de quermesse de partido, nos municípios de Pio IX Fronteiras no Piauí, e Campos Sales no Ceará.

Em 1944, matriculou-se como aluno no instituto de Cegos do Ceará onde aprendeu o sistema braille, colaborou com os diretores daquela entidade para consolidação daquela obra benemérita, escrevia para imprensa de Fortaleza combatendo idéias errônicas sobre o cego e a cegueira.

Compoz para esta campanha trovas e canções e também usava a tribuna do instituto dos cegos do qual era

orador oficial. Em 1956, matriculou-se como aluno do instituto Benjamim Constant do Rio de Janeiro, fez o curso de professor especializado na área dos cegos na fundação Getúlio Vargas. Fez o curso de religião da Faculdade de Santa Úrsula do Rio de Janeiro, fez estágio no Instituto Benjamim Constant com estudos sobre a assistência aos cegos e prevenção da cegueira.

Em 1947, fundou no Correio da Noite do Rio de Janeiro a secção especializada; O Consultório dos Cegos, fundou também no mesmo jornal outra secção intitulada Folclore do Nordeste.

Em 1948, foi trabalhar na Associação Promotora de Instrução e Trabalho para cegos de São Paulo, tendo sido eleito diretor da sua comissão técnica, transferindo-se depois para a comissão de sindicância. Organizou o serviço social daquela entidade e fundou no jornal dos padres Paulinos de São Paulo, A Imprensa, uma secção intitulada; A Igreja no Folclore do Nordeste.

Em 1951, voltou para o Rio de Janeiro tendo ingressado no serviço público pela Verba 33, foi nomeado auxiliar de ensino do Instituto Benjamim Constant. Trabalhou no pré-primário como Home Father, e no primário dirigindo estudos e orientando a recreação.

Quando morava em São Paulo mandava para a campanha da luz, secção dirigida pelo jornalista Humberto Tabosa, em vários jornais do Rio de Janeiro, sobre problemas de invisuais. Enviava ao jornalista Tabosa reportagens sobre as atividades dos cegos paulistas. Foi enquadrado como agente social em 1953, cuidou da adaptação de pessoas adultas que perdiam a vista. Em 1956 foi requisitado pelo serviço de informações agrícolas do Ministério da Agricultura e fez canções de extensão rural para a primeira semana ruralista de Tere-

zina e para a quarta semana ruralista em Pedreiras no Maranhão.

Em 1957 foi novamente requisitado pelo serviço informações agrícola para tomar parte na segunda semana ruralista do Piauí realizada em Campo Maior e para a quinta e sexta semana ruralista do Maranhão realizadas em Itapecurumirim e em Caxias. Fazia coros populares e suas canções eram ensaiadas por corais locais.

Em 1958, foi designado Assistente do delegado da campanha nacional de educação de Cegos no Ceará. Em 1962 foi designado por portaria do diretor do IBC publicado no diário oficial do Ministério da Educação e Cultura para fazer pesquisas científicas sobre a conjuntura dos cegos nos estados: Ceará e Piauí.

Em 1963, foi posto a disposição da Universidade Federal do Ceará por portaria do Excelentíssimo Sr. Presidente da República Dr. João Goulart.

Em 1974, fez prova do DASP no Rio de Janeiro para reclassificação, foi promovido agente administrativo e transferido para a Universidade Federal do Ceará. De 1962 a 1981 deu aulas de Moral e Cívica, OSPB, e religião no Instituto de Cegos do Ceará.

Atualmente faz pesquisas sobre folclore, problemas de excepcionais e história das regiões Oeste do Ceará e Leste do Piauí.

Livros publicados:

Campanha de Educação Popular — Imprensa Oficial do Piauí 1956, Hânãrio de Educação Popular 1958 Imprensa Oficial do Ceará, No mundo do Folclore Editora Henriqueta Galeno, Fortaleza-Ceará, 1979.

Endereço atual:

Rua Leiria de Andrade, 570
Monte Castelo
60.000 Fortaleza-Ce.

1 - Alves de Figueiredo

José Alves de Figueiredo nasceu no Crato, em 28 de abril de 1878 e faleceu na mesma cidade, em 6 de fevereiro de 1961, segundo o escritor Joaryvar Macedo, em **Autores Cari-rienses** (1981). Autodidata, depois de freqüentar a escola primária, em-pregou-se numa farmácia, da qual seria mais tarde proprietário. Foi dono de um grande sítio de lavoura no sopé da Serra do Araripe. Foi vereador em mais de uma legislatura, chegando a exercer mandato de pre-feito municipal do Crato na década de 20. Ainda em 1901 fundou e dirigiu o jornal **Sul do Ceará** e, em 1904, redatoriou o **Correio do Cariri**; fundou ainda o **Araripe** em 1919, tendo colaborado em outros periódicos de sua terra, como **A Liça**, o **Crato-Jornal e Cidade do Crato**, bem como jornais de Fortaleza. v. g. **A República**. Publicou: **O Beato José Laureço** (1935) e **Ana Mulata** (1958), sendo postumamente editados, pelo Instituto Cultural do Cariri, seus **Versos Diversos** (1978), com prefá-cio de J. Lindemberg de Aquino. Não chegou a publicar o livro **Ancenúbios** que havia anunciado. Usava às vezes o pseudônimo de Gastão de Lorena. "No Crato", que não está no livro póstumo, figura nos **Sonetos Cearenses** (1938) de Hugo Vitor: soneto des-critivo, mas de notas românticas, os-tenta singular esquema rimático nos tercetos, em CCD DDC. "Indiferente", dos **Versos Diversos** (1978), tem acentuado ainda mais seu caráter ro-mântico por se tratar de um poema de amor. Por fim, "A Voz do Gran-jeiro", de temática telúrica, à maneira do primeiro, difere deste, porém, pela linguagem, não tão romântica, onde se misturam traços coloquiais e acen-ITAYTERA

tos clássicos. Pelos poucos sonetos aqui reproduzidos, podemos afirmar que Alves de Figueiredo é um sonetista de mérito. O retrato que ilustra estas notas, devemo-lo ainda à gentileza de Joaryvar Macedo, que, no citado livro, ainda informa, falando do poeta: "Figurou como um dos fundadores da notável agremiação Clube Romeiros do Porvir, de mar-cada atuação em Crato, criada que foi em 1901".

NO CRATO

Acorda o sol e envia do Levante
Beijos de luz ao cálice das flores.
Há cantares de alados trovadores
No coração da selva verdejante.

Pairam nos ares místicos rumores,
Como se andasse alguma ninfa errante
Pela floresta... e o sedutor amante
Lábios colados, segredando amores...

Abre em flor o lilás, abre a jurema,
E o Batateira no seu leito um poema.
Fluido cristal rolando, preludia.

Ó, quanto é doce contemplar o dia
A despontar em hinos de alegria
Neste jardim da terra de Iracema!

INDIFERENTE

Essa que tem no olhar a luz da estrela,
Que brilha lá na cúpula infinita,
Essa mulher franzina e tão bonita
Que de verbenas toda se constela;

Essa que quando canta a voz imita
De um rouxinol a cantilena bela,
Que faz minh'alma estremecer ao vê-la.
Como o galerno à frágil margarita,

Sem ter ouvidos para o meu tormento,
Passa sorrindo, fria, indiferente,
Esquecida de um velho juramento...

Tento evitá-la — finjo aborrecê-la,
Porém mais sinto esta paixão fremente,
Mais sinto procurá-la e mais querê-la!

A VOZ DO GRANJEIRO

Este rio que passa aqui gemendo,
É vem da serra envolto em cipós,
Anda plangente desde que me entendo,
Desde que se entenderam meus avós.

É um rio de amor que vem trazendo
O cristal que regala a todos nós.
Seu gemido é segredo que eu desvendo,
Pois nele fala o Crato em terna voz.

Cantem outros o encanto de outros rios,
Como fez com o Tejo o vate luso,
Que eu cantarei em doces murmúrios

Do Granjeiro esta voz que sempre
[acusou]
Como um lamento, um canto de
[amavios,
Um lamento de deusa que eu traduzo!

Prefaciando o livro póstumo de Alves de Figueiredo, escreveu J. Lindenberg de Aquino: "O jornalista nato e o poeta cintilante brotaram dele como as águas brotam em mananciais do Araripe, que ele tanto decantou. Seus conhecimentos valeram-lhe cultura geral apreciável, que o fizeram, também, charadista famoso, a ponto de colaborar em almanaques portugueses e publicações cariocas".

Adiante, transcreve palavras de José Newton Alves de Sousa: "Foi uma inteligência lúcida e um poeta nato. (...) Se da pena lhe saem cantos de rouxinol, notas mais imaginadas que vividas, frutos de leituras e influências do tempo, José Alves de Figueiredo adentrou-se nos temas universais, explorando-os, aformoseando-os em poemas de vario feitio, ao jeito costumeiro, sem se prender, rigidamente, a esta ou àquela escola".

2 - Faustino Nascimento

Antônio Faustino Nascimento nasceu em Missão Velha, em 13 de dezembro de 1901 e faleceu no Rio de Janeiro, no dia 20 de maio de 1980. Formado em Direito no Ceará, em 1925, foi durante 10 anos professor no Liceu, ao mesmo tempo que advogava. Em 1934 transferiu-se para o Rio, ingressando na magistratura do Distrito Federal. Foi desembargador do Tribunal de Justiça. Publicou: *Juvenília* (1927), *Paisagens Sonoras* (1937), *Ritmos do Novo Continente* (1939), *Elogio do Amor e da Ilusão* (1941), *Cantos da Paz e da Guerra* (1943), *O Refúgio Sublime*, (1945), *O Sonho do Fauno* (1950), *Cântico ao Nordeste* (1954), *Caminhos do Infinito* (1956), *A Fonte de Afrodite* (1958), e *Cântico a Brasília* (1958), além de vários livros de prosa. Não obstante, a certa altura de sua trajetória de poeta, haja Faustino Nascimento povoado sua poesia de ritmos amplos, na verdade ele sempre foi fiel à forma clássica e à emoção romântica que presidiram à sua estréia nas letras: do primeiro livro, *Juvenília* (1927), prefaciado por Antônio Sales, livro onde há versos falando dos Argonautas e de Golconda, é o soneto "Excelsior", onde há uma descrição e também um símbolo. *Dos Ritmos do Novo Continente* (1939) é "A América", um soneto em versos de 17 sílabas, de ritmo iâmbico-anapéstico; é feliz a expressividade desse verso longo a serviço de temas de caráter épico; dir-se-ia que o poeta estava rompendo definitivamente com os metros clássicos, na ânsia de renovar sua poética; isso pareceu a alguns críticos. Entretanto, ele, um

amante da velha Hélade, nos Caminhos do Infinito (1956), depois de cantar o Partenon e Orfeu, burila os alexandrinos de "O Egeu", um soneto que, pelo metro e sobretudo pelo tema, nos soa como uma revivência das esculturas parnasianas, apenas sem a rigidez marmórea da estatuária de um Herédia.

EXCELSIOR

Era, a princípio, apenas a palmeira,
A dominar o topo da colina,
Erguendo aos céus a coma
esmeraldina,
Dando às aves pousada hospitaleira.

Mas, certa vez na copa alvissareira,
Trazida por uma ave peregrina,
Uma semente singular germina.
Envolve o caule e desce... É a
gameleira,

A terra dá-lhe a seiva; o sol, a vida.
E a gameleira cresce e empreende
a lida
Contra a nobre palmeira secular.

Com o tronco, cinge o caule; a
galharia
Tenta roubar à fronde a luz do dia;
Mas a fronde se eleva e fulge no ar...

A AMÉRICA

Vencendo maroiços, talando florestas,
transpondo montanhas,
Três raças se fundem no amplexo
fecundo
da mesma ansiedade.
Todo um continente desperta,
surgindo
das vastas entranhas
Dos mares e selvas, a fim de abrigar a
nova humanidade...

América, teatro de feitos heróicos, de
imortais façanhas
Dos navegadores, dos desbravadores
da gentildade!
Varando o futuro, levantas, dos topos
das mais altas peçanhas,
Faróis que difundem, da face da terra,
a luz da liberdade.

ITAYTERA

Teus rios sem conta semeiam
caminhos nas selvas mais densas.
As tuas cascatas semelham cigarras
enormes suspensas
No abismo das águas, cantando as
cantigas dos povos libertos!

Teu seio fecundo acalenta a tesouros
jamais pressentidos!...
E as tuas flores apontam aos astros,
com os braços erguidos,
O imenso destino traçado aos teus
filhos, nos céus descobertos!

O EGEU

Nos confins deste mar, sob estes céus
amenos,
Como se sente vivo e presente o
passado!
Parece que ainda ecoa o cântico
sagrado
Das ninfas, celebrando a aparição de
Vênus.

Semideuses e reróis vão passando,
serenos
Em sua nau, buscando o Tosão
encantado,
De onde possam trazer a este mundo
aviltado
O sonho de beleza imortal dos
helenos.

Do espaço azul, à lua argêntea
aclara
A senda que conduz os peregrinos
à era
Do templo, onde se encontra a ventura
suprema.

Doce brisa murmura os mistérios de
Elêusis,
Enquanto as musas vão pelos templos
dos deuses
Dando a cada coluna as vibrações
de um poema.

Prefaciando o livro de estréia de
Faustino Nascimento, escreveu Antô-
nio Sales:... "esta sua **Juvenília**, tão
cheia de sentimento, de espontaneidade
e de graça, é como a história da pal-

Banco do Brasil em MAURITI

(DISCURSO DE NARCÉLIO OLIVEIRA,
Gerente do Banco do Brasil S/A, na
inauguração da Agência, da cidade de
Mauriti Ce, em 07-01-1983).

Exmo. Sr. Prefeito Municipal
Demais autoridades,
Minhas senhoras, meus senhores:

Com profunda emoção, estamos aqui assistindo a inauguração da Agência do BANCO DO BRASIL na cidade de Mauriti.

Era velha aspiração do seu povo, sofrido e idealista, vivendo do amanho do campo, muitas vezes esquecido das autoridades, mas sempre lutador e viril, na defesa dos interesses da comunidade.

meira de sua terra natal, história que você me contou verbalmente e gravou no soneto "Excelsior"... A gameleira assediou-a, envolveu-a na sua trama, cingiu-lhe o tronco, subiu por ele acima, e estranhou em torno a sua galharia vigorosa e dominadora. Mas a palmeira não morreu. (...) E assim também a Poesia, asoberbada pelas preocupações positivas de seu espírito, não morrerá, e há de sempre achar uma saída para comunicar-se com o ar livre e com o espaço luminoso por onde se propaga a "harmonia das esferas".

Com efeito, por mais que o aso-berbassem os trabalhos jurídicos, sempre o poeta encontrou meio de continuar fazendo versos, não se importando muito com as novas tendências da poesia brasileira, mas fiel à sua própria concepção do Belo, e, no **Anuário Brasileiro de Literatura**, de 1940, dizia Carlos Chiacchio, a propósito do terceiro livro do poeta: "Faustino Nascimento afasta-se, superando, do roldão atual dos poetas afetistas. Não chapinha o veio freudiano, nem a falsa poesia dos ritmos malucos".

Para a sua realização, muitos foram os esforços e o trabalho se desenvolveu em todos os setores. Mas um nome deve ser ressaltado, para que esta festa se fizesse realidade: o do DOUTOR EDIZIO MARTINS DE MORAIS, eminente filho desta gleba, hoje elevado à assessoria do Diretor de Crédito Rural, junto à Direção Geral do nosso Banco.

Mauriti haverá de guardar-lhe eternamente o nome, emoldurado pela sua mais sincera gratidão. Foi seu pertinaz esforço que conseguiu, finalmente, a criação da Agência, abrindo, com ela, um leque de oportunidades para o desenvolvimento social e econômico do Município.

Devo acrescentar que, como cearense, também desta região, sempre nutri pelo Mauriti a maior admiração e apreço.

Terra de famílias ilustres, de troncos genealógicos notáveis, daqui se irradiaram pelo Brasil os LEITE, MORAIS, LUCENA, FURTADO, FIGUEIREDO, CARTAXO, ARRUDA, DANTAS, FERNANDES, SOUSA e MARTINS, além de outros tronco familiares de expressivo valor, que povoam células em todo o território nacional, onde se destacam pela sua bravura, seu civismo e sua capacidade de luta.

Mauriti é terra ilustre.

Ilustre desde seus primeiros povoadores, que lhe deram o nome de Buriti, a mais nobre e altiva palmeira cultivada pelos índios. Mais tarde mudado o nome para Buriti Grande, subdividiu-se em glebas harmoniosas, onde sempre viveu uma população ordeira e fecunda.

O nome atual, MAURITI, foi dado

REVISTA

em homenagem ao ilustre brasileiro, ALMIRANTE DE ESQUADRA JOAQUIM CORDOVIL MAURITI, figura tutelar da marinha brasileira, por sugestão do Juiz de Direito da terra, o nobre paraibano ANTONIO JOAQUIM DO COUTO CARTAXO, fundador da família que aqui ainda vive.

MAURITI está inscrito na história cearense desde a sua criação oficial como Município, pelo Decreto-Lei nº 51, de 27 de Agosto de 1890.

O Município foi extinto pela Lei 257, de 20 de Setembro de 1895, mas restaurado pela Lei 2.211, de 28 de Outubro de 1928.

A Vila foi elevada à condição de Cidade, pelo Decreto-Lei 448, de 20 de Dezembro de 1938.

A Paróquia está sob a guarda de Nossa Senhora da Conceição.

Mauriti se situa na Quinta Região Administrativa do Estado e seus limites são: Ao NORTE — Paraiba e Município de Barro.

Ao SUL — Paraiba e Município de Brejo Santo

Ao LESTE — Estado da Paraiba

Ao OESTE — Brejo Santo e Milagres.

Os Distritos são Coité, Anauá, Maranguá, Mararupá e Umburanas, e tem, ainda, os povoados de Buritinho e Quixabinha.

Neste último, o AÇUDE PÚBLICO QUIXABINHA, do DNOCS, mantém vitoriosa experiência de PROJETO DE PERÍMETRO IRRIGADO, que causa admiração ao povo cearense, pelos seus magníficos resultados e vem sendo seguido por todo o Nordeste.

É esta terra dadivosa que recebe, neste instante, o BANCO DO BRASIL, o maior Banco oficial da América Latina.

Chegamos dispostos a injetar recursos, para desenvolver e aparelhar a agricultura, incentivar a pecuária, ajudar no surto industrial, amparar o comércio e as classes produtoras.

ITAYTERA

Banco criado em caráter de pioneirismo, ainda por dom João VI, ninguém pode duvidar de sua experiência, do seu tirocinio, de sua capacidade de ação, de sua mobilidade em espalhar o crédito e ser o instrumento mais eficaz do desenvolvimento econômico.

Traço a Mauriti a mensagem da Direção Geral do Banco do Brasil. Mensagem de melhores dias e de um amanhã com mais segurança. Mensagem e determinação de tudo fazer, pela grandeza desta comunidade e elevação dos padrões de vida do seu nobre povo.

O Banco do Brasil está consciente de sua missão nesta terra e haverá de executá-la com o máximo de entusiasmo.

Agradeço a presença, aqui, para mim muito honrosa, do Sr. Prefeito Municipal, José Arcílio Dantas, do Sr. Prefeito eleito, Expedito Leite, dos senhores vereadores, das demais autoridades, das classes empresariais, das lideranças comunitárias, e do Sr. Vigário da Paróquia.

Agradeço a presença do Dr. EDIZIO MARTINS DE MORAIS, em cuja lucidez e espírito público confio inteiramente, para ajudar ao meu trabalho.

Agradeço a presença dos nossos colegas gerentes e funcionários de outras Agências do Banco do Brasil, da região, e de outros Bancos, bem como dos distintos amigos de diversos Municípios, que para aqui se deslocaram, para prestigiar esta solenidade.

A semente está lançada.

Mauriti inicia este ano de 1983 com mais essa alavanca orte para promover o seu progresso e alicerçar o seu desenvolvimento, o BANCO DO BRASIL.

Com a ajuda de todos, e confiando na Divina Providência, espero ser o instrumento da realização dessa nova era de paz e prosperidade para tão nobre gente.

Muito obrigado!

Conselheiro

Tristão de
Alencar Araripe

* 1821

† 1908

Filho de Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o malfadado presidente da República do Equador no Ceará, e de D. Anna Triste Araripe, nasceu em Icó, a 7 de outubro de 1821, portanto, neto de José Gonçalves Pereira e de D. Bárbara de Alencar, cujo nome está para sempre vinculado como os dos filhos, à história das lutas da liberdade no país.

Formou-se pela Faculdade de Direito de S. Paulo, em 1845, tendo estudado o 1º e 2º anos na Faculdade do Recife. Foi juiz municipal de Fortaleza, em 1847, por Decreto de 20 de fevereiro; deputado provincial pelo Ceará no biênio de 1849 e 1850 (presidente da assembléia); juiz de direito de Bragança no Pará em 1854; chefe de policia do Espírito Santo em 1856; chefe de policia de Pernambuco em 1859 (desse tempo data seu abandono do partido liberal por questões com o chefe Nascimento Feitosa); juiz especial do comércio de Recife em 1861; desembargador da Relação da Bahia, por Decreto de 23 de março de 1870, com exercício na Corte no mesmo ano; presidente da Relação de S. Paulo, em 1874, com o título de Conselheiro; removido para a da Corte em 1875; Presidente do Rio Grande do Sul em 1876; deputado geral pelo Ceará nas legislaturas de 1869, 1872 e 1875; Presidente do Pará em 1885; ministro do Supremo Tribunal de Justiça em 1886; membro do Supremo Tribunal Federal em 1890; ministro da Fazenda e depois da Justiça e negócios interiores no governo de Deodoro da Fonseca.

Com esse ilustre magistrado deu-se uma notável ironia do destino: seu pai, Tristão Gonçalves, o morto de Santa Rosa, proclamou a República no Ceará, por haver o Imperador D. Pedro dissolvido a Constituinte; o filho, Conselheiro Araripe, assinou o decreto do Marechal Deodoro que dissolveu a 1ª assembléia geral da República que fora Constituinte, tendo feito e promulgado a Constituição de 24 de fevereiro de 1891, antes de converter-se em ordinária.

O Conselheiro Araripe entrou 2 vezes em lista para a escolha de Senadores pelo Ceará, sendo que na 1ª nonupla foram escolhidos os Drs. Paula Pessoa, Castro Carreira e Viriato de Medeiros, e na 2ª o Dr. Nogueira Acioly.

Com Frederico Pamplona, e mais tarde Pompeu, dirigiu o "Cearense", o notável jornal liberal aparecido em Fortaleza a 4 de outubro de 1846.

Faleceu na tarde de 3 de julho de 1908, na Capital Federal, vítima de arteriosclerose.

Era membro benemérito do Instituto Histórico Brasileiro, a que pertencia desde 21 de outubro de 1870, da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, correspondente da Academia Cearense, honorário do Instituto do Ceará e de inúmeras outras sociedades científicas e literárias, e tinha o Oficilato da Rosa.

— ELEIÇÃO DE 1863 EM PERNAMBUCO por Philopoemen (1863).

— MALES PRESENTES por Philopoemen, Pernambuco (1860).

"História da Província do Ceará, desde os tempos primeiros até 1850. (Tipografia Jornal do Recife, 1867)

"Este trabalho, disse com muita justiça escrevendo dele o Dr. Araripe Júnior, resultado das primeiras pesquisas por ele realizadas nos arquivos daquela ex-província, apesar dos que posteriormente apareceram de Theberge, Pompeu, João Brígido e Stuardart, ainda hoje prima pela concisão da forma e pela rigorosa exatidão dos fatos. A exegese dos documentos relativos à povoação da terra e a civilização dos índios constituiu um dos melhores e mais completos subsídios para a história definitiva da aludida região".

— **LIGEIRA ANALYSE** do folheto publicado na Corte sob o título "O Rei e o partido liberal", Recife (1869).

— **NEGÓCIOS DO CEARA**, Typ. Imp. e Const. de J. Villeneuve & Ca, Rio de Janeiro (1872). É a reunião dos artigos publicados no "Jornal do Comércio" sob a assinatura "O Tabajara", acerca da questão suscitada pelo ato da suspensão do presidente da Câmara Municipal de Sobral pelo vice-presidente da Província, Comendador Joaquim da Cunha Freire.

— **A QUESTÃO RELIGIOSA**, o beneplácito e a desobediência, 1873. É a publicação em livro dos artigos que estampou em jornais do Rio de Janeiro em 1872, por ocasião da luta travada contra os bispos pela maçonaria, associação de que fazia parte. Os artigos assinava-os com o pseudônimo de Verdadeiro crente.

— **DISCURSO** proferido na instalação da Relação de S. Paulo em 3 de fevereiro de 1874.

— **DISCURSO** em defesa ao parecer da Comissão Especial nomeada pela Câmara dos Deputados para examinar a denúncia apresentada contra dez ministros de Estado por crime de traição, proferido em sessão de 4 de setembro de 1874.

ITAYTERA

— **DISCURSO** proferido da Câmara Temporária em sessão de 22 de setembro de 1875, sobre os limites do Ceará e Piauí.

— **PROJETO** apresentado na Câmara dos Deputados sobre a liberdade de consciência com o discurso proferido em sessão de 17 de junho de 1875.

— **COMO CUMPRE ESCREVER A HISTÓRIA PÁTRIA**, conferência em 7 de fevereiro de 1876.

— **PATRIARCAS DA INDEPENDÊNCIA** Conferência de 12 de março de 1876, na Escola da Glória na Corte.

— **CONSOLIDAÇÃO DO PROCESSO CRIMINAL DO IMPÉRIO DO BRASIL**, 1876.

— **DISCURSO** sobre as providências relativas às secas no Ceará, proferido na sessão da Câmara dos Deputados em 27 de junho de 1877.

— **PRIMEIRAS LINHAS SOBRE O PROCESSO ORFANOLÓGICO**, por José Pereira de Carvalho, revistas de acordo com a nova legislação brasileira, 1879.

— **PATER-FAMILIAS NO BRASIL NOS TEMPOS COLONIAIS**, memória lida em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de 4 de setembro de 1880.

— **VISCONDE DO RIO BRANCO NA MAÇONARIA**. Alocução proferida por parte do Grande Oriente do Rio Branco no Cemitério do Caju, em 2 de novembro de 1880.

— **GUERRA CIVIL NO RIO GRANDE DO SUL**, memória acompanhada de documentos lida no Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro, 1881.

"A História da guerra civil do Rio Grande do Sul, disse seu filho, já citado, é um documento vibrante dos irresistíveis instintos do Conselheiro Araripe, para esse gênero de escritos. Foi preparada e em parte elaborada no tempo em que o autor exercia as funções de presidente da ex-província

do Rio Grande. E o que mais admira é que ele, em um período tormentoso, como foi o daquela presidência, tivesse tido tempo e calma para revolver arquivos e prestar atenção a assuntos tão antipáticos a quem se vê solicitado, a todo instante, pela necessidade de estar em vigília de políticos insôfregos e amotinados por ambições eleitorais”.

— NOTÍCIA SOBRE A MAIORIDADE, Typ Universal de H. Larmert & C^a, Rio de Janeiro, 1882.

— 25 DE MARÇO. O CEARÁ NO RIO DE JANEIRO. Discurso histórico na grande festa da Sociedade Cearense Abolicionista no Rio de Janeiro, 1884.

— CLASSIFICAÇÃO DAS LEIS do processo criminal e civil do Império do Brazil, Rio de Janeiro, 1884.

— CÓDIGO CIVIL BRASILEIRO ou leis civis do Brasil, Rio de Janeiro, 1885.

— EXPEDIÇÃO DO CEARÁ EM AUXÍLIO DO PIAUI E MARANHÃO, publicado na “Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1885.

— INDEPENDÊNCIA DO MARANHÃO, com o que o autor procurou demonstrar, e com todo fundamento e sucesso, penso, que a Independência foi devida mais à expedição cearense de Filgueiras do que aos esforços de Lord Cochrane.

— DISCURSO proferido na sessão solene de 11 de setembro de 1890, em comemoração ao aniversário da Associação promotora da instrução.

— RELATÓRIO apresentado ao Presidente da República pelo ministro de Estado dos Negócios da Fazenda, em junho de 1891.

— MOVIMENTO COLONIAL DA AMÉRICA, memória lida em sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1893.

— PRIMEIRO NAVIO FRANCÊS NO BRASIL.

— CIDADES PETRIFICADAS E INSCRIÇÕES LAPIDARES NO BRASIL.

— CARTA ao diretor da Revista do Instituto do Ceará (Dr. Guilherme Studart), acerca da mudança do nome FORTALEZA, combatendo a substituição por IRACEMA, preferindo a de MORENÓPOLIS, proposta por aquele diretor.

— AO MARECHAL DEODORO DA FONSECA. REMINISCÊNCIA. Soneto, 1897.

— PRIMAZIAS DO CEARÁ, livro comemorativo da vinda dos primeiros portugueses ao Ceará, 1903.

(Jornal Ceará em Brasília)

AMARÍLIO CARVALHO

QUADRA BI-CENTENÁRIO

A quadra bi-centenário do Crato há mais de um ano está completamente desativada em virtude de deficiências em sua estrutura.

Como sabemos, a Quadra Bi-Centenário foi ponto de reuniões de verdadeiras batalhas esportivas, de encontros musicais, de festejos folclóricos, etc. e não se justifica tanto descaso pela sua restauração.

O povo do Crato confia no espírito público do jovem prefeito Walter Peixoto em mandar providenciar os reparos necessários naquela Praça de Esportes para que a mesma volte aos seus gloriosos e inesquecíveis dias de entusiasmo e vibração.

Mas, que essa restauração seja feita a capricho, com vistas a uma ampliação em suas arquibancadas que já são pequenas para o grande público, e num futuro bem próximo sua cobertura, que é essencial, já que um Ginásio coberto (antigo sonho dos desportistas), achamos bastante difícil sua construção.

Contudo, continuamos esperando.



Lei Municipal N. 872 de 9 de Junho de 1970

EMENTA — Adota Oficialmente denominações para novas ruas da zona central e nos diversos bairros da cidade, conforme relação anexa e a Praça em frente ao Seminário Diocesano S. José e adota outras providências.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO

FAÇO SABER QUE A CAMARA MUNICIPAL DO CRATO DECRETOU E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º — Fica denominada de Praça D. Luis a Praça construída pela Prefeitura Municipal do Crato, em frente ao Seminário Diocesano S. José;

Art. 2º — Adotam-se as seguintes denominações para as novas ruas, cuja localização abaixo se especifica: **RUA DR. JOSIAS SISNANDO**, a rua que tem início junto à Caixa D'água, em direção ao Parque Grangeiro, paralela à Avenida S. Sebastião, à esquerda de quem sobe;

RUA MONSENHOR ALENCAR, a rua que tem início no loteamento do Sr. Únias Gonçalves de Norões, paralela à Av. São Sebastião, à direita de quem sobe;

RUA FENELON BOMILCAR, rua seguinte à anterior, também à direita;

RUA JOSÉ HONOR DE BRITO, primeira rua que cruza à Avenida S. Sebastião, para quem sobe, indo para o Leste, passando pelo Tiro de Guerra; **RUA MONSENHOR SILVANO DE SOUSA**, segunda rua cruzando a Av. S. Sebastião, paralela à anterior, à esquerda de quem sobe;

TRAVESSA ORLANDO MOURA, travessa que tem início na Carolino Sucupira, paralela à rua Major José ITAYTERA

e que, começando à esquerda de quem sobe, se dirige ao Colégio Estadual;

RUA BRUNO DE MENEZES, rua que sobe ao Alto da Penha, continuação da Pe. Sucupira, até hoje denominada extra-oficialmente de Rua S. Luis;

RUA CEGO ADERALDO, rua que tem início na rua anterior e termina na Rua Pe. Ibiapina;

RUA MANOEL MONTEIRO, que tem início na Av. Duque de Caxias, em direção à Rua Bruno de Menezes, próximo à residência do Sr. Pedro Bezerra Luna;

RUA MANOEL LUDGERO, rua que começa após o cruzamento da Rua Dom Melo com Rua Monsenhor Assis e a ladeira que desce para o Rio da Ponte e Horto Municipal;

RUA MONSENHOR LIMA, Rua que tem início na Cruz do Século e desce para o Rio da Ponte, paralela à anterior lado esquerdo;

RUA DR. ALVARO MADEIRA, rua que tem início nos trilhos da Refesa, rumo à perimetral, paralela à Travessa Orós.

RUA RAIMUNDO GOMES DE MATOS, rua que tem início nos trilhos da Refesa paralela à Rua Campos Sales;

RUA MONSENHOR TAVARES, rua em que se acha a Cadeia Pública do Crato;

TRAVESSA PADRE PITA, travessa por trás do Centro de Abastecimento do Crato;

RUA CURSINO BELÉM, rua que tem início na Almirante Alexandrino, próximo da SINBRA, e se dirige à Avenida Alves de Figueirêdo;

RUA DR. ANTÔNIO TELES, rua que começa na Rua Irineu Pinheiro, subindo para o bairro Ossian Araripe, iniciando-se ao lado da casa construída para residência do Dr. José Lacerda;

RUA DR. DÁRIO PEIXOTO, rua que tem início na Getúlio Vargas, passando por trás do Grupo Escolar José Alves de Figueirêdo, Vilalta;

RUA ELIAS SIQUEIRA, rua que passa ao sul do Grupo Escolar Virgílio Távora, Alto do Seminário;

RUA CELSO GOMES DE MATOS, rua que se inicia na Av. Joaquim Pinheiro, ao lado do Serviço Telefônico Rural e se dirige ao Brejo;

RUA FRANCISCO DE PAULA, rua paralela à Travessa Nova Olinda, primeira, para quem se dirige ao sítio Fundão;

RUA MACÁRIO VIEIRA DE BRITO, rua paralela à atual rua Antônio Xenofonte de Oliveira, logo após a mesma para quem avança em direção ao antigo Brejo do Dr. Rolim, subindo pela rua Getúlio Vargas;

Art. 3º — Fica o Sr. Prefeito Municipal autorizado a abrir, no vigente orçamento, crédito de Cr\$ 5.000,000 (CINCO MIL CRUZEIROS) para a confecção de placas para essas artérias;

Art. 4º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, EM 1 DE JULHO DE 1970.

Humberto Macário de Brito
Prefeito Municipal

Lei N. 924 de 11 de Maio de 1972

EMENTA: CRIA A NOMENCLATURA DAS RUAS DA VILA DE PONTA DA SERRA E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DO CRATO

FAÇO SABER QUE A CÂMARA MUNICIPAL DO CRATO DECRETA E EU SANCIONO E PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Art. 1º — As ruas de Ponta da Serra terão a seguinte denominação:

1º — Praça da Matriz, a que circula a Matriz de São José da Ponta da Serra;

2º — Rua Bernardo Vieira a rua que começa na estrada do Algodão BR-5 do nascente e segue rumo poente até ao seu termino.

3º — Rua Monsenhor Assis Feitosa, a que começa na esquina de José Raimundo e segue até o seu termino.

4º — Rua José Valdevino da Cruz, a que tem início, na esquina de José Amancio na rua José Bernardo Vieira

e segue rumo norte até a estrada do algodão.

5º — Rua Moisés Xenofonte de Oliveira, a rua que tem início no Ponto de José Taveira Chato na rua José Bernardo e segue rumo norte até a estrada do algodão.

6º — Rua Raimundo de Sousa Brasil, a rua que tem início na estrada do algodão proximo a residência de Raimundo Belisario e segue rumo poente até o poço profundo.

7º — Rua Antonio Correia Holanda, a que tem início na Rua Monsenhor Assis Feitosa no Ponto Comercial de José Bernardo Neto e segue rumo Norte até ao seu termino.

Art. 2º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO DA PREFEITURA MUNICIPAL DO CRATO, EM 11 DE MAIO DE 1972.

José Miguel Soares
Prefeito Municipal do Crato

QUADRAS ao Plenilúnio de BARBALHA

Lua clara, merencórea
O teu silêncio tristonho
Me parece uma história
De uma saudade ou de um sonho.

Tú és a estrela de agosto
Hostea das noites caladas
Que doira, ilumina o rosto
Das tranquilas madrugadas

Do Brejão, do Venha-Ver,
Da Estrela, da mucura
Que são a razão de ser
Da Festa da Rapadura.

No Riacho do Ouro os fornos
Das formosas olarias
Rezam pelos beijos mornos
Os salmos das calmarias.

Es um sonho, Lua Cheia,
Que os ventos suavisa e vence,
Um luar que serpenteia
No sonho de um barbalhense,

O sol duma noite inteira
Dos sítios do Lambedor,
Do Brito, da Bolandeira.
De Santana e Roncador.

Quando descês á fornalha,
Lá da Estiva, de onde eu venho,
Ficas c'o odor de Barbalha
Que cheiras a mel de engenho.

Eu não sei o que procuras
Nem que sentes. O que queres?
Mas tens humanas ternuras
Do coração das mulheres.

Lua Cheia, claridade,
Silenciosa e clemente
Pareces uma saudade
Das que não foge da gente...

ITAYTERA

CRATO, UM AMOR DE MUITOS ANOS

Minhas ligações afetivas com o Crato vêm de longe, do início da década de vinte, em plena juventude e se fizeram dentro da profissão que abracei — a Farmácia — e mais precisamente sob o teto e acolhedor da sempre muito amada Faculdade de Farmacia e Odontologia do Ceará. Efetivamente, ao matricular-me ali, naquele já distante ano de 1923, de logo me aproximei de três jovens cratenses — José Alves de Figueiredo Filho, Nilo Alves Rolim e João Batista de Siqueira Cavalcanti — iniciando um belo ciclo de amizade acadêmica que seria ampliado com a presença de Omar Bernardes da Silva, Antonio Felix de Carvalho (piauiense), Maria José Mendonça, Júlia Moésia Rolim, Julieta Cavalcanti, Maria Emilia Luiz de Castro Fraça e Francisco Roiz de Sena, decano da turma e todos da Farmácia, e mais Raimunda (Cotita) Bastos Genu, do Curso de Odontologia. José Figueiredo era o nosso líder e sempre foi primeiro da turma, composta de dezoito alunos, todos muito jovens, com exceção do Sena, então já em plena maturidade.

Com José Figueiredo Filho aprendi a querer bem ao Crato, a admirar o seu povo e a cultuar os seus heróis. Quando nos despedimos, à porta da Faculdade, já em sua sede própria, ali, à Rua Barão do Rio Branco, naquela noite de 19 de dezembro de 1925, após a solenidade de colação de grau, jamais me passou pela mente que aquele seria o nosso último encontro — o nosso adeus seria definitivo. E cada qual tomou o seu próprio rumo, seguindo o seu próprio destino. Apenas Maria José e eu estivemos próximos, no desempenho da profissão em Sobral, enquanto a li-

gação com Figueiredo Filho se man-
tinha estreita, pelo cultivo das belas
letras, num intercâmbio cultural que
perdurou até a sua chorada morte.

Foi-se o amigo preclaro e o colega
dileto, mas o amor pelo Crato per-
manece vivo em meu velho coração,
do mesmo modo que é sempre cres-
cente a minha admiração por cratenses
da estirpe de um Martins Filho, de
um Denizard Macedo, de um Lin-
denberg de Aquino, de um Cláudio
Martins, de um Martinz D'Alvarez.
A lista é muito grande e não pode
caber em espaço estreito...

E agora, voltando a fixar-me nesta
sempre muito querida Fortaleza de
Nossa Senhora D'Assunção, depois
de longos anos de ausência, reato
velhas amizades e faço novas, sob o
teto acolhedor da Academia Cearense
de Letras e do Instituto do Ceará,
nas festas do espirito. Na Academia,
onde se encontram expoentes máxi-
mos das nossas letras tenho a grata
ventura de conhecer em pessoa o
Mestre F. S. Nascimento e no Ins-
tituto a satisfação de me aproximar
do ilustre General Raimundo Teles
Pinheiro ambos meus antigos conhe-
cidos das páginas de Itaytera e da
imprensa de Fortaleza. Enquanto
isso, a Academia de Farmácia me
proporciona nova e grande alegria:
conhecer Paulo Nertand Cartaxo Es-
meraldo, excelente colega, culto, in-
teligente, bom e bela pessoa humana.
É isso aí: os cratenses moram no meu
coração, em altar que erigi há muitos
anos, com carinho, com amor, sempre
voltado para um cearensismo dos mais
puros.

Há poucos dias tive uma agradável
e grata surpresa ao receber das mãos
generosas de meu eminente amigo
General Raimundo Teles Pinheiro,
com delicada oferta, um exemplar de
seu livro **Estudos Histórico-Militares
e Outros Temas**, e cuja leitura me
causou indizível prazer espiritual.
Muito adequado o título desse excel-
ente livro e que deve ser colocado

nas mãos da sadia juventude de nosso
País, especialmente dos estudantes,
pois, nessas páginas, o ilustre militar
narra episódios marcantes da História
do Brasil, destacando fatos e acon-
tecimentos extraordinários da vida da
Nação, pondo sempre em relevo os
grandes vultos, os pro-homens que
construíram este País, com muito amor
e muita coragem, fazendo-o forte,
culto, livre, belo e respeitado. Vale
a pena acompanhar o General e o
Historiador — toda uma bela vida
dedicada ao serviço da Pátria — e
agora voltada para a Cultura e as
Letras. Quem tiver este prazer sairá
dessa leitura como eu próprio amando
o Brasil cada vez mais, e certo de
que é este o maior e o mais belo
País do mundo. Sem ufanismo, mas
tão somente com muita brasilidade.
Somos realmente um grande povo. É
preciso que todos nos conscientizemos
dessa verdade. E ela aí, bem à vista,
nas páginas fortes e encantadoras de
um General do nosso Exército e das
nossas Letras, cratense de boa cepa.

Segundo meu velho costume iniciei
minha aproximação de F. S. Nasci-
mento através de correspondência,
encorajado pela admiração que sempre
tive pelo escritor, cujos trabalhos, em
por outra me caíam diante dos olhos,
em revista e jornais. Um dia, na
ACL a admirável Conceição Sousa
nos apresentou. Foi um grato mo-
mento para mim. Falamos sobre vá-
rios temas: Literatura, Poesia, e muito
especialmente sobre o Crato — terra
e gente do Crato, a magnífica Prin-
cesa do Cariri. Da conversa saí le-
vando uma convicção: ali estava um
Mestre. Agora, que tenho comigo e
por ele atenciosamente oferecido, **Três
Momentos da Ficção Menor** a certeza
se evidencia: F. S. Nascimento, um
Mestre, um Ensaísta. Em cada pá-
gina. Em cada Momento. E espe-
cialmente na página e meia da Con-
clusão: coragem, firmeza, decisão. Em
tudo o Mestre douto, o ensaísta culto,
o escritor primoroso.

D. Luis Antonio dos Santos — O Apóstolo do Ceará

A História Eclesiástica do Ceará registra no corrente mês o centenário da transferência de nosso primeiro Bispo, dom Luís Antônio dos Santos, para a Sé Primacial da Bahia, através do Decreto Imperial de 13 de maio de 1881. Posteriormente, o Imperador Pedro II o agraciou com o título de Marquês de Monte Paschoal, em face do conceito desfrutado pelo nosso virtuoso Pastor junto ao monarca brasileiro.

A nova designação, por demais honrosa e merecida, traduzia o reconhecimento do Governo pela dinâmica ação do digno antistite nas terras do Ceará, durante o longo e profícuo episcopado, com início em 1861, sete anos após a criação do nosso Bispado, ocorrida em 1854. A Bahia era, na oportunidade, sede da única Província Eclesiástica do País, tendo os demais bispados brasileiros como sufragâneos.

Somente a 27 de abril de 1892, mediante a Bula "Ad Universitas Orbis Ecclesis", do imortal pontífice Leão XIII, foi a Igreja do Brasil dividida em duas Províncias, a do Norte, com sede na Bahia, e do Sul, estabelecida no Rio de Janeiro. Eram sufragâneos da primeira os Bispados do Amazonas, Pará, Maranhão, Goiás, Ceará, Paraíba e Pernambuco. As Dioceses de São Paulo, Mariana, Diamantina, Cuiabá, Rio Grande do Sul, Niterói e Curitiba integravam a Província do Rio de Janeiro, que teve como primeiro Arcebispo o espanhol dom João Fernando Tiago Esberard, antigo Bispo de Pernambuco.

Dom Luís Antônio dos Santos foi,
ITAYTERA

até hoje, o único ocupante do sólio cearense a ser transferido para outra Arquidiocese. Todos os seus sucessores encerraram o episcopado como resignatários da Mitra de Fortaleza.

O Instituto do Ceará, tendo como uma das principais metas cultivar a memória de ilustres personagens e celebrar importantes acontecimentos não poderia olvidar esta significativa data. Como palestrante de hoje, gostaria de evocar a figura do grande Bispo, tão relegado ao esquecimento, ele que deu tudo de si para o bem da Igreja e do povo cearense. Só agora, após a decorrência de um século da sua transferência para a Bahia, veio o inclito Ministro de Deus ter o seu nome perpetuado em uma das avenidas de nossa Capital. O prefeito Lúcio Alcântara corrigiu então gritante injustiça de outro governante de Fortaleza, que mudara para dom Manuel, uma Avenida anteriormente denominada dom Luís. Dom Manuel da Silva Gomes era também digno da mesma honraria. Apenas condenamos o método utilizado. Descobriam-se um santo para cobrir outro.

x x x x

Retornemos agora aos idos de 1839, quando eclesiasticamente a Província do Ceará se encontrava ligada à de Pernambuco e figurava como Bispo de Olinda dom João da Purificação Marques Perdigão, de origem portuguesa e um dos seus mais abnegados pastores. Foi o único prelado do sólio pernambucano a visitar pastoralmente o território cearense, percorrendo nossos sertões com autêntica

mensagem de fé e tentando corrigir abusos ocorridos no clero.

As escassas crônicas existentes dessa missão pastoral lembram-nos as medidas punitivas aplicadas a sacerdotes por acintoso desrespeito a obediência do celibato. Este lamentável estado de coisas deve ter-lhe impressionado bastante, e acreditamos haja sido o ponto de partida para estudos da criação da Diocese do Ceará, onde a presença constante de um bispo pudesse sanar tão tristes ocorrências.

Entretanto, quinze anos passariam ainda para que fosse criado o nosso bispado (1854) ocupando a Mitra de Olinda o mesmo dom João da Purificação. Somente após sete anos da sua criação, em 1861, tomaria posse o nosso 1º Bispo, dom Luís Antônio dos Santos, o grande Pastor que a Providência Divina escolheu em boa hora para dirigir os destinos da Igreja cearense. Dele iremos nos ocupar em nossa palestra de hoje.

x x x x

Natural da cidade fluminense de Angra dos Reis, onde veio ao mundo no dia 17 de março de 1817, dom Luís Antônio dos Santos era filho do piedoso casal, Salvador dos Santos Reis e Maria Antônia dos Santos Reis. Sob a orientação dos pais, teve os primeiros estudos. Depois, cursou latinidade com frei Manuel do Monte Carmelo. Ao atingir a idade de quinze anos, foi admitido na Casa Pia da Santíssima Trindade, da Ilha Grande, exemplar estabelecimento de ensino destinado a jovens pobres e fundado pelo virtuoso servo de Deus, irmão Joaquim do Livramento. Encontrava-se na direção da Casa Pia o lazarista padre Antônio Ferreira Viçoso, mais tarde Bispo de Mariana, que se tornou guia espiritual e responsável pela vocação eclesiástica do nosso primeiro Bispo.

Algum tempo depois, foi este sacerdote nomeado Reitor do Seminário do Caraça, tradicional estabelecimento

de formação religiosa, fundado pelo misterioso e discutido irmão Lourenço. Após a morte deste, o Seminário foi doado por dom João VI à Congregação dos Filhos de São Vicente de Paulo.

Acompanhando o seu mestre, para lá seguiu também o jovem Luís Antônio dos Santos, decidido a tornar-se padre lazarista. Chegou mesmo a ingressar no noviciado, mas teve de abandoná-lo, por falta de saúde. Quando retornou ao Seminário, foi para ser mesmo sacerdote do hábito de São Pedro, vindo a se ordenar no dia 21 de setembro de 1841.

A imponente solenidade litúrgica verificou-se na Capela do Paço Episcopal do Rio de Janeiro, oficiando a cerimônia o Bispo Diocesano, dom Manuel do Monte Rodrigues de Araújo — Conde de Irajá. O jovem sacerdote veio a cantar sua primeira missa no primeiro domingo de outubro, na Igreja Matriz da Ilha Grande.

Depois de rever os familiares e gozar merecidas férias, o padre Luís Antônio dos Santos retornou ao Seminário do Caraça, passando a colaborar no seu magistério e em missões das Paróquias da Diocese. Ocorrida a vacância da Mitra de Mariana, o padre Antônio Ferreira Viçoso foi nomeado seu Bispo Diocesano. Uma das primeiras providências do novo Pastor foi nomear o padre Luís Antônio dos Santos Reitor e Professor de Teologia do Seminário de Mariana (1843). E, mais tarde, Cônego da sua Catedral (1846).

Sentindo a necessidade de aprimorar os conhecimentos, viajou com destino à cidade de Roma, onde se doutorou em Direito Canônico (1848-1850). Teve como companheiros de viagem dois ilustres sacerdotes, futuros colegas de episcopado, os padres Pedro Maria de Lacerda e João Antônio dos Santos, o primeiro tornou-se Bispo do Rio de Janeiro e, o segundo, de Diamantina. Estes três sacerdotes foram os primeiros brasileiros a se

doutorar na Cidade Eterna. Concluídos os estudos, o cônego Luís Antônio dos Santos retornou a Mariana, permanecendo ali como um dos mais eficientes colaboradores de dom Antônio Viçoso.

ABNEGAÇÃO E DINAMISMO

Tendo o padre João Querino Gomes, professor do Seminário da Bahia, recusado a mitra do novo Bispado do Ceará, para o qual fora indicado, o Imperador Pedro II tratou de escolher outro candidato. Apresentou à Santa Sé, em 31 de janeiro de 1859, o nome do cônego Luís Antônio dos Santos para a Diocese do Ceará, merecendo confirmação do Pontífice Pio IX, no Consistório de 28 de setembro de 1860.

Conforme já tivemos oportunidade de manifestar nesta Casa da História, não se pode negar o empenho do nosso monarca na indicação escrupulosa de dignos sacerdotes para o desempenho do múnus episcopal na Igreja do Brasil. Haja vista os grandes vultos que integraram o Episcopado Imperial no século passado, responsáveis, em sua maioria, pela reforma do clero e consolidação da fé católica do povo brasileiro.

Coube a dom Antônio Ferreira Viçoso a satisfação de sagrar o seu discípulo na Catedral de Marina, em solenidade imponente, realizada no dia 14 de abril de 1861. Por procuração concedida ao cônego Antônio Pinto de Mendonça, vigário de Quixeramobim e último Visitador do Bispo de Pernambuco para o Ceará, dom Luís tomou posse da sua Diocese em 16 de julho daquele mesmo ano. Desembarcou em Fortaleza no dia 26 de setembro, fazendo a entrada festiva na velha Catedral a 29, data consagrada a São Miguel Arcanjo.

Assumindo o Governo da Diocese cearense, seu primeiro cuidado foi reformar a Igreja Matriz da antiga Paróquia de São José, a velha Sé, templo este demolido depois no episcopado de dom Manuel da Silva Gomes, para dar lugar à atual catedral.

Encontrando também clero escasso e decaído, por falta de formação espiritual, como assinala monsenhor Bruno Figueiredo em seu trabalho, "Os Primeiros Bispos do Ceará", tratou logo da fundação do Seminário da Prainha, exercendo a sua reitoria até a chegada dos padres lazaristas, seus antigos mestres no Caraça.

Para a formação da mãe cearense, futuro celeiro das vocações religiosas, dom Luís obteve a vinda das Irmãs de Caridade, e por meio delas foi criado o Colégio da Imaculada Conceição, bem como o Orfanato para jovens desamparadas. Além das incontáveis visitas pastorais realizadas ao sertão, promoveu missões em todas as Paróquias, comandadas por notáveis pregadores, como frei Serafim de Catânia e Padre Ibiapina, cuja fama de missionários ainda hoje repercute em todo o Nordeste. Desejando incrementar as vocações sacerdotais, criou na cidade do Crato outro Seminário, cuja construção o levou repetidas vezes ao Cariri.

Com tanta abnegação e dinamismo na chefia do nosso Bispado, muito cedo dom Luís Antônio dos Santos começou a colher os frutos de tão brilhante episcopado: no dia 30 de novembro de 1867, festa do Apóstolo Santo André, confere com muita emoção o presbiterato a doze alunos do Seminário da Prainha. Mais tarde, em 9 de março de 1873, teve a alegria de sagrar bispo o padre Lino Deodato Rodrigues de Carvalho, nomeado para a Diocese de S. Paulo.

No dia 8 de dezembro de 1869, vamos encontrá-lo na Cidade Eterna, em companhia de outros bispos brasileiros, participando ativamente do Concílio Vaticano I, promovido pelo Papa Pio IX. Acompanhou-o nessa viagem ao Velho Mundo o Reitor do Seminário, padre Pedro Augusto Chevalier.

Mas, é nas terríveis secas de 1877

a 1879, quando milhares de cearenses sucumbiam dizimados pela fome e a varíola, que o abnegado bispo deu o testemunho de seu grande amor ao próximo, excedendo-se em verdadeiros atos de heroísmo, pondo em perigo a própria existência.

Sobre tão edificante comportamento, demos a palavra ao saudoso monsenhor José Quinderé, figura por demais lembrada de muitos dos presentes, o qual, em seu trabalho "História Eclesiástica do Ceará", relata a atuação de dom Luís no flagelo cearense daqueles anos:

"E foi na calamitosa época de 1877 a 1879 que a caridade do inclito Pastor se tornou mais ativa e vigilante, quando a fome e a peste, em pacto de morte, juravam exterminar de Fortaleza a vida humana, pois num só dia 1.008 óbitos se verificaram, provocados pela varíola. Por muitos anos ficaram na lembrança do povo os atos de heroísmo do grande Bispo, cuja dedicação aos pobres atingiu as raias da temeridade, quando corria a visitar os doentes nos lazaretos e baracões que os acolhiam, socorrendo-os, animando-os, chegando, às vezes, a deitar-se, a fio comprido, nas esteiras que forravam os pestosos, para falar-lhes, ao ouvido, das promessas do céu.

Diante desse espetáculo de ruínas, dom Luís fez o voto solene de consagrar a sua Diocese ao Sagrado Coração de Jesus, dedicando-Lhe um templo, o que realizou, edificando ali, defronte do "Parque da Liberdade", hoje "Cidade da Criança", a bela igreja, agora renovada, que teve por primeiro capelão monsenhor Antônio Xisto Albano, de saudosa memória, e agora é dirigida pelos incansáveis capuchinhos, que tantos benefícios de ordem espiritual e moral vêm prestando à nossa cidade".

A realização dos seus grandes feitos repercutiu além das fronteiras cearenses chegando mesmo ao conhecimento do Imperador Pedro II, que tinha pelo mesmo primeiro bispo mui-

ta estima e admiração.

Durante o seu longo e profícuo episcopado, a nossa Diocese tornou-se uma das mais florescentes do Brasil, com o clero renovado, novas paróquias, tendo dom Luís conferido o presbiterato a nada menos de 208 sacerdotes.

ARCEBISPO DA BAHIA

Quando em 6 de novembro de 1880 faleceu dom Joaquim Gonçalves Azevedo, 17º Arcebispo da Bahia, após ocupar, dois anos apenas, a Mitra da Boa Terra, o nosso diocesano é apresentado para seu sucessor.

Apesar de recusar formalmente em carta dirigida ao Governo Imperial, foi porém, a indicação confirmada pelo Pontífice Leão XIII, através da Bula Papal de 13 de maio de 1881.

É comovente a carta pastoral de despedida ao povo cearense, onde ao sentir profundamente esta separação "da esposa de seus primeiros amores" expressão com que traduzia o grande amor à sua querida diocese, na qual desejava dormir o derradeiro sono.

A seu convite, coube ao Bispo do Maranhão, dom Antônio Alvarenga presidir, na velha catedral de Fortaleza a cerimônia de imposição do pálio, símbolo da sua nova dignidade arquiépiscopal como Arcebispo Primaz da Bahia.

Partindo para Salvador, fez a entrada festiva na catedral baiana no dia 7 de agosto de 1882. Oficialmente, já havia tomado posse, desde 20 de outubro do ano anterior, por procuração outorgada a monsenhor Manuel dos Santos Pereira futuro Bispo de Pernambuco.

Tal como aconteceu no Ceará, e não obstante sexagenário, o seu episcopado se destacou por notáveis realizações nos setores apostólico e social. Condoendo-se da lamentável situação em que se encontrava a velha Sé, solicitou e obteve ajuda imperial para restaurá-la.

Reformou o plano de estudos do

Seminário, entregando a administração daquela casa de formação religiosa a antigos mestres do Caraça, os padres lazaristas, que assumiram a sua direção em 1888, através do padre Clavelin. Amigo do clero, fundou um abrigo destinado aos padres, para quando estes não pudessem mais exercer o ministério sacerdotal. Enquanto dirigiu a Igreja baiana escreveu nada menos de dez cartas pastorais ao seu rebanho. Surgindo o episódio de Canudos, não faltou com o seu grito de alerta contra a pregação de Antônio Conselheiro.

Ainda prometia dom Luís ao episcopado. Mas, atacado de paralisia, que o imobilizou todo o lado direito do corpo até o rosto, não pôde realizar todos os seus planos. Mesmo assim, com espírito superior aos sofrimentos do corpo, continua no desempenho do cargo, agora acolitado por um Bispo Auxiliar, que a Santa Sé lhe concedeu em 7 de março de 1888, na pessoa de dom Joaquim Arcoverde Cavalcanti, mais tarde, nosso primeiro Cardeal.

Hemiplégico, mas vigilante, dom Luís foi um dos primeiros bispos brasileiros a se preocupar com a situação da Igreja Católica em nosso País, após a ascensão do regime republicano. Amigo de Pedro II, não deixou porém de enviar esta mensagem ao Presidente da República, implorando as bênçãos divinas para o seu Governo:

"O Arcebispo da Bahia, com o seu clero, saúdam na pessoa do General Deodoro, o novo regime estabelecido e imploram as bênçãos do Céu sobre os esforços dos filhos da terra de Santa Cruz pela prosperidade e felicidade da mesma".

Depois, tomando conhecimento de que o regime republicano se preparava para separar a Igreja do Estado, escreveu afluente correspondência ao primeiro Chefe do Executivo, manifestando-lhe preocupação diante de tão delicado assunto. Deodoro, ins-

ITAYTERA

pirado talvez neste dramático apelo, recomendou a Rui Barbosa "serena reflexão" no desate do rumoroso caso, resolvido mais tarde, da melhor maneira possível para a Igreja, agora sob o comando de dom Antônio Macedo Costa, novo Arcebispo da Bahia.

Agravando-se o seu estado de saúde, dom Luís apresentou o pedido de renúncia da chefia da Igreja baiana, sendo-lhe concedido no Consistório de 26 de junho de 1890. Retirou-se então para o Palácio da Penha, onde veio a falecer alguns meses depois, ou seja, no dia 11 de março de 1891. Teve sepultura na Capela do Santíssimo Sacramento, na Catedral de Salvador. Tanto a Bahia como o Ceará sentiram a morte deste abnegado Pastor, que dera tudo de si para o bem da Igreja de Cristo e dos rebanhos que lhe foram confiados.

Como dissemos no início desta palestra, somente agora, depois de um século da sua partida para a Boa Terra, teve dom Luís Antonio dos Santos o seu nome perpetuado em uma das avenidas de nossa Capital. Isto graças à iniciativa de um poder civil: o prefeito Lúcio Alcântara.

O Instituto do Ceará jamais o esqueceu. Presta-lhe, com estas palavras, homenagem de gratidão e reconhecimento ao grande apóstolo do Ceará do século passado.

BIBLIOGRAFIA

Album Histórico do Seminário Episcopal do Ceará (1864-1914). Os Primeiros Bispos do Ceará (Mons. Bruno Figueiredo); História Eclesiástica do Ceará (Mons. José Quinderé); Influência da Religião no Ceará (Padre Aloísio Furtado S. J.) História da Igreja no Brasil (Pedro Calmon). Os Bispos de Fortaleza (Fernando Câmara); Os Pastores da Bahia (Boletim da Arquidiocese de São Salvador).

(Palestra proferida no Instituto do Ceará, na reunião do dia 20 de maio de 1981).

Exortação aos Moços

Acabámos de festejar a Independência do Brasil!

Quais seriam nossas melhores palavras a respeito da homenagem festiva?

Esse dia tem um sentido altamente significativo para os brasileiros cônscios das suas responsabilidades...

Os construtores da Nacionalidade permanecem vivos em nossas mentes, como legítima inspiração.

Já meditastes por um instante a expressão: "DEFENDE-LA COM SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA"?

Há uma forma de heroísmo que passa silenciosamente e não conhece os assentos da retumbância com que se vestem as ações heróicas. É o heroísmo da probidade traduzido no

empenho íntimo sem ruídos pelo esforço honesto que se mostra entretanto e frutifica à vista de todos.

Este heroísmo deve ser o vosso...

As gerações se sucedem, algumas parecem sucumbir às ruínas do seu tempo, mas é certo que há um fio que não se rompe e eterno atravessa os séculos e os vincula: é a tradição do gênio de cada povo, com que a história escreve as suas páginas imortais, porque é a única fisionomia que a idade não altera.

Diante do cataclismo que o mundo atravessa, estejamos unidos e glorifiquemos nossa Pátria e seus heróis que tudo fizeram em prol da Emancipação Política.

Uma parte de mim, quer e faz;
outra parte de mim, fica só no pensar e voltar.

Já outra parte, se sente irônica,
mesmo assim, a outra é pura, sozadamente pura.

Uma parte de mim, é grande e gloriosa;
outra parte de mim é pequenina e humilde...
não mais que humilde.

Uma parte de mim, tem olhos de água
já outra parte é como o assum preto.

Uma parte de mim, é como a vida há uma barreira
mas a outra parte é infinitamente maior,
é como a morte... quer renascer.

Uma parte de mim é trêmula e insegura
outra parte é firme como uma pedra
e forte como uma tigreza.

Uma parte de mim tem sangue frio,
porém a outra parte, que é quase o todo
é piedosa e por tudo chora.

Uma parte de mim é azeda como o limão
e a outra parte foi feita a capricho, por abelhas.

Uma parte de mim, é obediência
(raramente. Só quando provo a mim mesma que estou errada)
outra parte é teimosa como um jumento

Uma parte de mim, em consequência da outra parte (sincera) é agressiva.
Outra parte é meiga.

Uma parte de mim, é puro desejo...
outra parte é desejada.

Uma parte de mim, é carne e acaba,
outra parte... ah, essa parte É ESPIRITO ETERNO !

EU...

sulamita grangeiro teles

Faleceu General Pinheiro Monteiro

A 31 de Maio de 1982, na cidade do Crato, faleceu o General e Médico Dr. Joaquim Pinheiro Monteiro, um dos luminares da cultura regional e figura de real destaque da comunidade cratense. Era sócio titular do Instituto Cultural do Cariri, tendo ocupado a Cadeira nº 15, cujo Patrono era o Dr. Leandro Chaves de Melo Ratisbona, cuja vida e obra defendeu com brilhantismo, para em-

possar-se naquela Cadeira.

O General Pinheiro Monteiro era Médico Militar, tendo exercido a Direção do Hospital Militar de Fortaleza. Era casado com D. Olga de Lacerda Pinheiro Monteiro, escritora e poetisa mineira, também falecida.

O ICC declarou vaga a Cadeira nº 15, do eminente conterrâneo.

Ele era natural de Crato, onde nascera a 27 de Setembro de 1904.

Leitor de "A Ferragista" Empolga-se com Escrito de J. LINDBERG DE AQUINO

Fortaleza (Ce), 22 de Setembro de 1982.

Ao
Informativo A Ferragista
Nesta
Sr. Diretor,

Ao receber o exemplar Nº 71 deste já tão conceituado informativo, fiquei duplamente privilegiado, não apenas por ser um dos leitores distinguido mensalmente desde os primeiros números deste jornal mais porque neste de Nº 71, na coluna destaque de

Lutemos por uma Pátria unida e forte; que essa luta seja baseada nos princípios democráticos e que nosso Pendão verde e amarelo nos conclame á Ordem.

Não foi sem razão que nosso Ruy Barbosa definiu o homem como o espírito fecundado pela íntima fusão da fé com a liberdade. Realmente, são estes vocábulos que simbolizam o Ideal dos povos.

A vontade de um bravo não se acovarda diante do infortúnio. Foi o que aconteceu com nosso Tiradentes e muitos outros. Eles sentiram o Ideal como o mais elevado dos sentimentos humanos, não o de conquistista nem de ambição política, mas o de Liberdade Pátria. Era preciso restituir o Brasil a si mesmo.

ITAYTERA

J. Lindemberg de Aquino, tive a satisfação de ler uma mensagem cujo conteúdo me deixou deveras impressionado com o conhecimento de um cratense para com a história de Sobral. Sobral Abençoada por Deus, este foi o título da matéria de J. Lindemberg, profundo conhecedor da história da Princesa do Norte, relata em suas linhas o porquê do título. Realmente, se formos estudar profundamente a história do povo sobralense, descobriremos que este povo dotado de uma grande inteligência e espírito lutador tem sido em todos os tempos destaque não só no Ceará, mas em todo território nacional. Mas o que me levou a escrever também estas linhas foi o desejo de agradecer a J. Lindemberg, as palavras com que ele se referiu àquele que foi o maior benfeitor do povo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, em cujas veias de meu filho Bergson, corre o seu sangue, uma vez que, sua avó materna Sra. Raimunda Parente Girão é sobrinha do ilustre Bispo — Conde de Sobral. Fica, portanto, o meu agradecimento a J. Lindemberg por seu artigo que só veio ilustrar ainda mais este já tão destacado informativo.

Atenciosamente,

R. Ferrer Marques

"A Ferragista", Ano 7, Outubro 82

EDITORIAL — Mais um número de ITAYTERA	Pág. 3
Instituto Cultural do Cariri	Pág. 4
Cariri	Pág. 6
O Crime de Cariús	Pág. 9
O Passado em Revista	Pág. 18
Turismo Internacional	Pág. 25
Gen. Dr. Carlos Studart Filho	Pág. 37
Um Episódio da Revolução de 14	Pág. 39
A Devoção Luso-brasileira a São Gonçalo	Pág. 43
Se Deus é por nós, quem será contra nós?	Pág. 44
A Estética da Recepção	Pág. 46
Patativa do Assaré Amigo da Cultura	Pág. 49
Iate Clube Canto da Barra	Pág. 53
Movimento Sanguessuga	Pág. 57
Mosaicos da Independência — A primeira Mãe dos Brasileiros	Pág. 61
Faustino de Albuquerque: um centenário	Pág. 67
Relembrações de Faustino	Pág. 71
Faustino de Albuquerque, o homem	Pág. 75
Dona Fideralina Augusto Lima	Pág. 78
Discurso	Pág. 83
Saudando a Diretoria da A. C. C.	Pág. 86
Analogia entre o Homem e os Irracionais	Pág. 89
Ao Deixar o Governo Municipal	Pág. 93
Os Alencar/Antão de Carvalho	Pág. 97
O Novo Governador do Ceará	Pág. 101
A Epopéia de Santa Rosa	Pág. 105
Literatura de Cordel — O Problema de Identificação de Autoria	Pág. 111
Apanhado Folclórico	Pág. 116
Agradecimento Irreprimível	Pág. 118
Cem Anos de Benemerencias!	Pág. 119
Epopéia de Heróis que sonharam com a Republica	Pág. 121
Mais um Poeta no Cariri	Pág. 125
100 Anos de Morte	Pág. 129
Freud e a Mitologia	Pág. 131
Ordens de Penitentes	Pág. 135
Cratense em Destaque	Pág. 149
A difícil arte de retratar	Pág. 150
Sargento Getúlio	Pág. 152
Cratense em Destaque	Pág. 157
No Centenário de D. José Tupinambá	Pág. 173
1 — Alves de Figueiredo	Pág. 181
Banco do Brasil em Mauriti	Pág. 184
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe	Pág. 186
Lei Municipal Nº 872 de 9 de Junho de 1970	Pág. 189
Lei Nº 924 de 11 de Maio de 1972	Pág. 190
Crato, um amor de muitos anos	Pág. 191
D. Luis Antonio dos Santos — O Apóstolo do Ceará	Pág. 193
Exortação aos Moços	Pág. 198
Faleceu General Pinheiro Monteiro	Pág. 199



SULCEPA

Cia. Sul Cearense de Papéis

*Regozija-se pelo lançamento
do 27º número de*

Itaytera

*Sinal do vigoroso esforço
dos intelectuais conterrâneos*

a ferragista

uma organização
tão cratense
quanto esta revista

Em 1950 começava no Crato a história de uma grande organização comercial.

Inicialmente com o nome de Casa Vitória, tempos depois (1966) mudado para A FERRAGISTA.

Essa firma cresceu e logo conquistou Fortaleza (1970), abrindo uma grande loja onde sediou a Matriz, conservando no entanto a loja do Crato e depois (1974) inaugurou a terceira loja, também na capital.

Da antiga Casa Vitória, fundada por Cícero Alves de Sousa, à organização de hoje, A FERRAGISTA, capitaniada desde 1962 por Edmilson Alves de Sousa, muito progrediu e muito orgulho deu ao povo cearense. Mas o nosso maior orgulho é ser tão cratense quanto a ITAYTERA.

a ferragista

A ÚNICA FIEL A ORIGEM DO SEU NOME

Matriz : Sena Madureira - Tel. : 231-0655 - Fortaleza
Filiais : Rua Dr. João Pessoa - Fone : 521-0058 - Crato
Av. Gomes de Matos, 505/513 - Fortaleza